

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

**Adriana de Araújo Guzzi
(Drica Guzzi)**

**O CUIDADO DE SI E O MUNDO DISTRIBUÍDO
A apropriação dos meios de comunicação e as novas práticas
políticas em rede**

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**SÃO PAULO
2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

**Adriana de Araújo Guzzi
(Drica Guzzi)**

**O CUIDADO DE SI E O MUNDO DISTRIBUÍDO
A apropriação dos meios de comunicação e as novas práticas
políticas em rede**

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica e Signo e Significação nas Mídias sob orientação do Prof. Dr. Rogério da Costa

**SÃO PAULO
2013**

Banca Examinadora

“Quando alguns corpos, de mesma ou diversa grandeza, são forçados pelos restantes a se juntarem uns aos outros, ou se eles se movem, com igual ou diferente velocidade, de tal maneira que comunicam reciprocamente os movimentos segundo uma determinada proporção, dizemos que esses corpos todos juntos compõem um só e mesmo indivíduo”

Espinosa

*Ao hacker e ativista Aaron Swartz e à
liberdade da informação na rede.
(1986 - 2013)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Rogério da Costa, pelas aulas, indicações de textos que abordamos juntos, conversas e projetos compartilhados, além de sua afetividade, leveza e calma na orientação de meu projeto de pesquisa

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Fredric M. Litto, fundador da Escola do Futuro da USP, que sempre me inspirou e incentivou no desenvolvimento de pesquisas e projetos transformadores e me abriu as portas e oportunidades para o mundo digital.

Agradeço à Profa. Dra. Brasilina Passareli, Coordenadora Científica da Escola do Futuro da USP por seu apoio e incentivo na condução de meus estudos com vistas à elaboração desta tese.

A todos da Escola do Futuro da USP, e, em especial, a toda minha equipe do LAB, por compartilharem dessa jornada e segurarem todas as ondas possíveis com muita sabedoria, preservando-me, enquanto me dedicava ao doutorado.

A todos do Programa ACESSA São Paulo, pela confiança e parceria que se recria a cada ano.

Agradeço à minha filha Nina pela compreensão da dedicação que a tese exigiu e por toda a alegria que ela sempre produz em minha vida.

À minha mãe, por sua generosidade e acolhimento, atendendo minhas demandas em relação aos estudos de linguagem, ampliando minhas referências pragmatistas e incentivando-me a encarar a ponte entre o cuidado de si e o mundo distribuído.

Agradeço ao Nando, meu irmão querido, por trazer à minha vida, leveza, alegria e segurança.

À toda minha família pela paciência, força e solidariedade.

Agradeço a minha querida avó Lydia, que partiu este ano, por compartilhar comigo toda sua sabedoria e afeto tecidos ao longo de uma vida.

Ao Gu pela compreensão e solidariedade.

À Têra, Bel, Josy e Lourdes, pelo carinho e suporte durante todo o percurso.

Ao Adilson Virno e Robson Silva, os quais, com muito comprometimento e dedicação, mantiveram com muita qualidade a direção dos projetos do LAB.

Ao Ricardo Kobashi, por sua clareza que sempre me é tão necessária.

A todos os meus amigos, companheir@s de trabalho, ativistas da cultura digital, pela inspiração, inteligência e aprendizado constante.

Ao Hernani Dimantas, o HD, por seu humor perspicaz e por sempre me lembrar que isso é só uma tese.

Ao meu querido amigo Ichiro Takahashi e a todos os *ko-evolutioners* pela inspiração, amor e reiterada vontade de transformar o mundo.

Agradeço a Luciane Albuquerque e Renata Ribeiro pela dedicação, lealdade e comprometimento. Sem elas, muitas coisas deixariam de acontecer.

Agradeço à sintonia, o esforço, a solidariedade, o humor inteligente, a participação e à ajuda decisiva neste trabalho das minhas queridas Angela Tijiwa – que partilha comigo desta jornada desde seu início – Cacau Freire, Luciana Keiko, Marina Thomé e o querido Julio Boaro. Time dos Sonhos.

Agradeço por ter olhos que fazem ver a surpreendente escala de cores que me é oferecida para puro prazer.

Agradeço também por poder ver no rosto das pessoas que conheço, conheci ou conhecerei, que cada um traz uma incrível história não apenas de si mesmas, mas também a de seus antepassados.

Que essa gratidão que sinto seja como um incenso queimando de modo que todos ao redor possam sentir o seu perfume.

Vuela. Vuela!

RESUMO

O tema desta pesquisa é a apropriação dos meios de comunicação e as novas práticas políticas em rede, do compartilhamento da informação à ação coletiva. Parte-se da hipótese de que a emergência de descrições, termos, vocabulários, campos que pautam reconfigurações de domínios nos saberes possíveis dessa época de acesso massivo à internet, revelam condições inéditas de um futuro sendo produzido no presente, diminuindo distâncias entre as redes e os dispositivos que atravessam as relações institucionais governo-sociedade. O objetivo é investigar o acesso à internet e a invenção de novas formas de fazer política. Como objetivo específico foi realizado o mapeamento de deslocamentos nos campos do conhecimento, articulando o conceito de distribuído à multiplicidade de usos e apropriações dos meios de comunicação. Como metodologia, analisou-se de início o eixo da formação dos saberes científicos, a partir das articulações de Michel Foucault sobre o foco da experiência, dos conceitos de governamentalidade e governo de si e de conceitos de práticas discursivas, procedimentos e processos de subjetivação desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, enquanto pensadores da singularidade, multiplicidade e diferença. Em seguida, desenvolveram-se pontes entre esses conceitos e os de alguns analistas sociais contemporâneos, como Shirky, Chris Anderson, Manuel Castells, Miller e Rose, autores que ajudam a entender como algumas formas de pensar o mundo começam a surgir nesse espaço público híbrido como oportunidades para as pessoas serem mais atuantes e colaborativas nas práticas de governo de si e dos outros. É também da natureza do objeto de estudo a existência do *big data*, poder computacional e de interfaces de leitura atualmente disponíveis. A imensa quantidade de dados (e metadados) produzidos nas redes, a existência de *hardware* e *software* estatísticos e de visualização inovadores, com baixo custo e capacidade de processamento, constituem *per se* uma mudança. Procedeu-se à análise de acontecimentos como as *Manifestações de Junho* de 2013 no Brasil entre outras no mundo, por meio de mapeamentos das redes sociais e da caracterização desses casos e seus desdobramentos no campo de experiências em rede como práticas políticas inovadoras. Foi possível demonstrar que, mais do que criar motivações, é o uso das ferramentas pelas pessoas que faz a internet amplificar suas potencialidades, sem passar por mediações de governo ou canais de comunicação oficiais. Este é o caráter inovador das apropriações dos meios de comunicação, o compartilhamento da informação à ação coletiva: as novas práticas políticas em rede.

Palavras-chave: Comunicação. Participação distribuída. Ativismo. Cartografia. Dados abertos.

ABSTRACT

This research subject is the appropriation of communication media and the new political practices in the network, from information sharing to collective action. The starting point is from the hypothesis that the emergence of descriptions, terms, vocabularies, fields that guide's reconfigurations of domains in possible knowledge in this time of massive access to internet, reveals new conditions of a future being produced in the present, decreasing distances between the networks and the devices that cross the govern-society institutional relations. Our aim is to investigate the internet access and invention of new ways of making politic. As specific aim a mapping of displacement of knowledge field was carried out, articulating the distributed concept to multiplicity of communication media's uses and appropriations. Methodologically, the axis of the formation of scientific knowledge was analized from the articulation of Michel Foucault 's focus on experience, the concepts of governmentality and itself government, and concepts of discursive practices, procedures and subjectivity processes developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, as references for uniqueness, multiplicity and difference. The bridges between these concepts and some contemporary social analysts were developed, as Shirky, Chris Anderson, Manuel Castells, Miller and Rose, authors that collaborateto understand how some ways of thinking about the world begin to emerge in the public space as a hybrid opportunities to be more active and collaborative in practices of itself and others' government. It is also the nature of the study object the existence of big data, computing power and reading interfaces currently available. The immense amount of data (and metadata) produced in the networks, the existence of statistical hardware and software and innovative visualization, with low cost and processing capacity, constitute a change. Events as manifestations of June in Brazil among others in the world were analyzed through mappings of social networks and the characterization of these cases and their consequences in the field of networking experience and practical innovative policies. It was possible to demonstrate that more than creating motivations is the use of tools by people that make internet amplify its potential without going through mediation of government or official communication channels. This is the innovative character of the appropriation of the communication media, information sharing to collective action: the new political practices in the new network.

Keywords:Communication.Distributed participation.Activism.Cartography.Open data.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de Pessoas com e sem Acesso à Internet no Mundo.....	102
Gráfico 2. Número de Pessoas com e sem Acesso à Internet x País.....	103
Gráfico 3. Número de Pessoas com e sem Acesso à Internet x Regiões Brasileiras.....	107
Gráfico 4. Histórico Global de Adoção de Tecnologias de Comunicação x Habitantes. Período 2001 a 2012.....	109
Gráfico 5. <i>Hype-cycle</i> das Tecnologias em 2013.....	111
Gráfico 6. Histórico de Teses e Dissertações – Resumos com o Termo Internet. Período: 1991 a 2011.....	114
Gráfico 7. Série Histórica de Pesquisas Desenvolvidas no Brasil Relacionadas à Internet. Período: 1991 a 2011.....	115
Gráfico 8. Nível dos Trabalhos em Pós-Graduação com Presença do Termo Internet.....	116
Gráfico 9. Dez Instituições de Ensino que mais Apresentaram Teses e Dissertações sobre Internet no Brasil.....	117
Gráfico 10. Áreas do Conhecimento com Predominância de Pesquisas em Internet no Brasil.....	118
Gráfico 11. Série Histórica de Pesquisas em Internet nas Principais Áreas do Conhecimento no Brasil: Período: 1991 a 2011.....	119
Gráfico 12. Teses e Dissertações com os Termos Internet – Redes – Política nas Palavras-chave. Período: 1991 a 2011.....	123
Gráfico 13. Recorte de Termos Internet – Política x Nível de Trabalho na Pós-Graduação.....	123
Gráfico 14. Recorte de Termos Internet – Rede x Nível de Trabalho na Pós-Graduação.....	123
Gráfico 15. Frequência de Notícias no Acervo do Jornal O Estado de S. Paulo com o Termo Internet x Ano. Período: 1990 a 2012.....	131
Gráfico 16. Frequência de Notícias de Capa no Jornal O Estado de S. Paulo com o Termo Internet x Ano. Período: 1990 a 2012.....	132
Gráfico 17. Classificação de Notícias com o Termo Internet no Jornal O Estado de S. Paulo. Período: 1990 a 2012.....	133
Gráfico 18. Hashtags mais tuitadas na Primavera Árabe.....	178
Gráfico 19. Hashtags mais retuitadas na Tunisia durante a Primavera Árabe.....	181
Gráfico 20. Frequência de Tweets no Egito #jan25 e #egypt.....	202
Gráfico 21. Frequência de Tweets no Iémen durante a Primavera Árabe #yemen.....	216
Gráfico 22. Frequência de Tweets na Líbia durante a Manifestação Árabe #feb17 e #libya.....	230
Gráfico 23. Frequência de Tweets na Síria - #sirya.....	242
Gráfico 24. Frequência de Tweets no Bahrein - #bahrein e #14feb.....	257
Gráfico 25. Evolução do ranking de autoridade – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	277

Gráfico 26. Evolução do ranking de Hubs no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	322
Gráfico 27. Frequência de Tweets no Brasil – Período: 12 a 25 de Junho de 2013.....	350
Gráfico 28. Exemplo: número de Tweets x hora – dia 20/06/2013.....	351
Gráfico 29. Hashtags mais frequentes no Brasil – Período: 12 a 25/06/2013.....	355
Gráfico 30. Perfil – Sexo. Ponline/2013.....	362
Gráfico 31. Estuda atualmente? Ponline/2013.....	362
Gráfico 32. Perfil – Escolaridade. Ponline/2013.....	363
Gráfico 33. Perfil – Emprego. Ponline/2013.....	363
Gráfico 34. Perfil – Renda Familiar. Ponline/2013.....	364
Gráfico 35. Soube desses protestos? Ponline/2013.....	364
Gráfico 36. Quais meios de comunicação o mantiveram mais informado a respeito das manifestações? Ponline/2013.....	365
Gráfico 37. Você foi favorável aos protestos?.....	365
Gráfico 38. Grau de Concordância.....	366
Gráfico 39. Você foi para a rua protestar?.....	367
Gráfico 40. Você postou fotos, ou vídeo das manifestações nas redes sociais?.....	367
Gráfico 41. Você usou alguma # para comentar algo dos protestos na internet?.....	367

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. <i>Top Ten</i> Sites no Mundo.....	43
Figura 2. Diagrama de Baran.....	82
Figura 3. Mapa da Distribuição da Internet - Sites mais Visitados no Mundo x País.....	105
Figura 4. Nuvem de <i>Tags</i> de Palavras-chave em Teses e Dissertações sobre Internet no Brasil. Período 1991 a 2011.....	120
Figura 5. Nuvem de <i>Tags</i> de Palavras-chave em Teses e Dissertações sobre Internet no Brasil. Ano: 1993 e 2011.....	121
Figura 6. Nuvem de <i>Tags</i> de Palavras-chave em Teses e Dissertações no Brasil em 2011.....	122
Figura 7. Primeira Notícia com o Termo Internet – Jornal O Estado de S. Paulo. Ano: 1990.....	126
Figura 8. Notícia sobre a Morte de Aaron Swartz – Jornal O Estado de S. Paulo. Ano 2013.....	127
Figura 9. Internet sofre uma outra invasão de pirata nos EUA. Ano 1990.....	134
Figura 10. Novo intruso penetra na internet nos EUA. Ano 1990.....	135
Figura 11. A conexão com a internet está sendo implantada pelo núcleo de computação eletrônica da UFRJ. Ano 1990.....	135
Figura 12. Segurança de computadores preocupa os EUA. Ano 1991.....	136
Figura 13. A rede internacional de comunicação de dados Infonet anunciou que a partir deste mês está conectada à Internet. Ano 1991.....	137
Figura 14. ... para toda a linha de placas Internet. Ano 1992.....	137
Figura 15. Escolas trocam experiências pelo micro. Ano 1992.....	138
Figura 16. Agentes do FBI vão patrulhar estrada virtual. Ano 1995.....	139
Figura 17. Agência Estado integra agora a rede internet. Ano 1995.....	140
Figura 18. Comunicação no século XXI: o Brasil entra na Internet. Ano 1995.....	140
Figura 19. Escocês preso ao usar rede internet contra o governo. Ano 1995.....	141
Figura 20. Internet escapa do monopólio Embratel. Ano 1995.....	141
Figura 21. Empresas adotam tecnologia para defender... Ano 1995.....	142
Figura 22. Embratel inaugura oficialmente, dia 1º de maio, o acesso do Brasil à internet. Ano 1995.....	143
Figura 23. Embratel contesta direção da internet. Ano 1995.....	144

Figura 24. Ministro se nega a ouvir Embratel. Ano 1995.....	144
Figura 25. ...uma obra coletiva sobre Sistemas Especialistas, via Internet. Ano 1995.....	145
Figura 26. Gibson é o inventor da expressão <i>cyberspace</i> . Ano 1995.....	146
Figura 27. Internet passará ao setor privado. Ano 1995.....	147
Figura 28. Brasileiro que defende tortura sai da Internet. Ano 1995.....	148
Figura 29. Preso o primeiro usuário obsceno da rede Internet. Ano 1995.....	149
Figura 30. Fenasoft abre para vender US\$ 3 bilhões. Ano 1995.....	150
Figura 31. Rede Internet será patrulhada por anjos. Ano 1995.....	151
Figura 32. Empresas pioneiras resolvem dar a seus funcionários condições de acesso à Internet. Ano 1995.....	151
Figura 33. Telenovela e filme na onda da Internet. Ano 1995.....	152
Figura 34. TIM, Claro e Oi já podem vender chips. Ano 2012.....	153
Figura 35. Como você é rastreado por empresas na Internet. Ano 2012.....	153
Figura 36. Internet cria torcedor online. Ano 2012.....	154
Figura 37. Economia lenta não freia avanço social. Ano 2012.....	154
Figura 38. Eleitor na internet. Ano 2012.....	155
Figura 39. Livre expressão. Ano 2012.....	155
Figura 40. Google e os jornais europeus. Ano 2012.....	156
Figura 41. Mandar vírus pela internet pode dar prisão. Ano 2012.....	156
Figura 42. Censura digital. Ano 2012.....	157
Figura 43. Marco Civil da Internet: princípios ameaçados? Ano 2012.....	157
Figura 44. Lutando e postando no Tweetr. Ano 2012.....	158
Figura 45. A internet ameaçada. Ano 2012.....	158
Figura 46. O futuro da internet. Ano 2012.....	159
Figura 47. Uma oportunidade perdida. Ano 2012.....	159
Figura 48. Guerra fria digital. Ano 2012.....	160
Figura 49. Produções da Wikipédia x Idiomas.....	163
Figura 50. Resultado da busca – tópico <i>Governamentalidade</i> na Wikipédia.....	174
Figura 51. Importação: dados da Wikipédia para o NodeXL.....	176

Figura 52. Lista de editores do tópico <i>Governmentality</i> na Wikipédia e IP de usuários não-registrados.....	166
Figura 53. Usuários-robôs que atuam na Wikipédia.....	167
Figura 54. Colaboradores do tópico <i>Governmentality</i> na Wikipédia.....	168
Figura 55. Colaboradores do tópico <i>Gouvernementalitäts</i> na Wikipédia.....	170
Figura 56. Interface da ferramenta Topsy Pro.....	175
Figura 57. Tweet inicial com a #sidibouid.....	182
Figura 58. Desdobramento do twitte inicial com a # sidibouid.....	183
Figura 59. Tweet inicial com a #tunisie.....	184
Figura 60. Tweet inicial com a #tunisia.....	184
Figura 61. Top five Tweets mais retuitados na Tunisia com a hashtag #sidibouid.....	185
Figura 62. Tweet com o hiperlink mais retuitado – Janeiro/2010 - #sidibouid.....	186
Figura 63. Denúncia no site da EFF sobre invasões de privacidade do governo tunisiano a perfis de ativistas e blogueiros.....	187
Figura 64. Top five – Tweets mais retuitados com a hashtag #tunisia.....	188
Figura 65. Link mais retuitado - #tunisia – Janeiro/2010.....	189
Figura 66. Top five – Tweets mais retuitados com a hashtag #tunisie.....	190
Figura 67. Link mais retuitado com a # tunisie – Janeiro/2010.....	191
Figura 68. Tweet mais retuitado em Maio/2011 com # tunisie.....	192
Figura 69. Tweet com link mais retuitado – Maio/2011 #tunisie.....	192
Figura 70. Link mais disseminado – Maio/2011 - #tunisie.....	193
Figura 71. Tweet mais retuitado – Outubro/2011 - #tunisia.....	194
Figura 72. Link mais retuitado – Outubro/2011 - #tunisia.....	195
Figura 73. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #tunisia.....	196
Figura 74. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #tunisie.....	197
Figura 75. Tweet mais retuitado – Julho/2013 - #tunisia.....	198
Figura 76. Tweet com link mais disseminado – Julho/2013 - #tunisia.....	198
Figura 77. Link mais disseminado – Julho/2013 - #tunisia.....	199
Figura 78. Tweet mais retuitado – Julho/2013 - #tunisie.....	200
Figura 79. Tweet inicial – Dezembro/2010 - #egypt.....	203

Figura 80. Primeiro link veiculado no twitter - #egypt.....	203
Figura 81. Primeiro twitte com a #jan25.....	204
Figura 82. Tweets mais disseminados em Fevereiro/2011 - #jan25.....	205
Figura 83. Link mais retuitado – Fevereiro/ 2011 - #jan25.....	206
Figura 84. Tweets mais disseminados em Fevereiro/2011 - #egypt.....	206
Figura 85. Link mais retuitado em Fevereiro/2011 - #egypt.....	207
Figura 86. Hiperlink mais retuitado – Fevereiro/2011 - #egypt.....	207
Figura 87. Tweet mais retuitado – Dezembro/2011 - #jan25.....	208
Figura 88. Tweet com hiperlink mais retuitado – Dezembro/2011 - #jan25.....	208
Figura 89. Tweet mais retuitado – Dezembro/2011 - #egypt.....	210
Figura 90. Link mais retuitado – Dezembro/2011 - #egypt.....	210
Figura 91. Tweet mais retuitado – Dezembro/2012 - #egypt.....	211
Figura 92. Tweet com hiperlink mais retuitado – Dezembro/2012 - #egypt.....	211
Figura 93. Tweet com hyperlink mais retuitado – Dezembro/ 2012 - #egypt.....	212
Figura 94. Tweet mais retuitado – Julho/2013 - #egypt.....	212
Figura 95. Tweet com link mais retuitado – Julho/2013 - #egypt.....	213
Figura 96. Link mais retuitado – Julho/2013 - #egypt.....	214
Figura 97. Tweet mais replicado – Janeiro/2011 - #yemen.....	217
Figura 98. Tweet mais retuitado – Março/2011 - #yemen.....	217
Figura 99. Rede de perfis seguidores de @Ghonim.....	218
Figura 100. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #yemen.....	219
Figura 101. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #yemen.....	220
Figura 102. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #yemen.....	220
Figura 103. Hiperlink mais retuitado – Março/2011 - #yemen.....	221
Figura 104. Tweet mais retuitado – Maio/2011 - #yemen.....	222
Figura 105. Tweet com hiperlink mais retuitado – Maio/2011 - #yemen.....	222
Figura 106. Link mais retuitado – Maio/2011 - #yemen.....	223
Figura 107. Link mais retuitado – Maio/2011 - #yemen.....	223

Figura 108. Link mais retuitado – Maio/2011 - #yemen.....	224
Figura 109. Twitter mais retuitado – Setembro/2011 - #yemen.....	225
Figura 110. Twitte mais retuitado – Setembro/2011 - #yemen.....	225
Figura 111. Hiperlink mais retuitado – Setembro/2011 - #yemen.....	226
Figura 112. Tweet mais retuitado – Setembro/2012 - #yemen.....	226
Figura 113. Tweet com link mais retuitado – Setembro/2012 - #yemen.....	227
Figura 114. Tweet mais retuitado – Agosto/2013 - #yemen.....	228
Figura 115. Primeiro twitte – Janeiro/2011 - #libya.....	231
Figura 116. Primeiro twitte – Janeiro/2011 - #feb17.....	231
Figura 117. Tweets mais retuitados – Fevereiro/2011 - #feb17.....	232
Figura 118. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2011 - #feb17.....	232
Figura 119. Link mais retuitado – Fevereiro/2011 - #feb17.....	233
Figura 120. Tweets mais retuitados – Fevereiro/2011 - #libya.....	234
Figura 121. Tweet com hiperlink mais retuitado - #libya.....	235
Figura 122. Link mais disseminado – Fevereiro/2011 - #libya.....	235
Figura 123. Tweet mais retuitado – Agosto/2011 - #libya.....	236
Figura 124. Tweet com link mais retuitado – Agosto/2011 - #libya.....	237
Figura 125. Tweet mais retuitado – Agosto/2011 - #feb17.....	238
Figura 126. Tweet com link mais retuitado – Agosto/2011 - #feb17.....	238
Figura 127. Link mais retuitado – Agosto/2011 - #feb17.....	239
Figura 128. Tweet mais retuitado – Outubro/2011 - #libya.....	240
Figura 129. Link mais retuitado – Outubro/2011 - #libya.....	240
Figura 130. Tweet mais retuitado – Setembro/2012 - #libya.....	241
Figura 131. Link mais retuitado – Setembro/2012 - #libya.....	241
Figura 132. Tweet inicial – Janeiro/2011 - #sirya.....	243
Figura 133. Tweet mais retuitado – Abril/2011 - #sirya.....	244
Figura 134. Tweet com link mais retuitado – Abril/2011 - #sirya.....	244
Figura 135. Link mais retuitado – Abril/2011 - #sirya – link inativo.....	245

Figura 136. Tweet com link mais retuitado – Abril/2014 - #sirya – com hiperlink ativo.....	245
Figura 137. Hiperlink ativo mais retuitado – Abril/2011 - #sirya.....	246
Figura 138. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya.....	247
Figura 139. Tweet com link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya.....	247
Figura 140. Link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya – link inativo.....	248
Figura 141. Tweet com hiperlink mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya – link ativo.....	248
Figura 142. Link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #syria.....	249
Figura 143. Link mais retuitado (2º lugar) – Fevereiro/2012 - #sirya.....	250
Figura 144. Tweet mais retuitado – Julho/2012 - #sirya.....	251
Figura 145. Tweet com hiperlink mais retuitado – Julho/2012 - #sirya.....	251
Figura 146. Link mais retuitado – Julho/2012 - #syria.....	252
Figura 147. Top five Tweets mais retuitados – Setembro/2013 #sirya.....	253
Figura 148. Tweet com link mais retuitado – Setembro/2013 - #sirya.....	254
Figura 149. Tweet com link mais retuitado – Setembro/2013 - #sirya.....	255
Figura 150. Tweet mais retuitado – Março/2011 - #bahrain.....	258
Figura 151. Tweet com link mais retuitado - Março/2011 - #baharin.....	258
Figura 152. Link mais replicado – Março/2011 - #baharin.....	259
Figura 153. Tweet com link mais replicado – Março/2011 - #baharin.....	259
Figura 154. Link ativo mais retuitado em Março/2011 - #baharin – link ativo.....	260
Figura 155. Tweet mais retuitado – Setembro/2011 - #bahrain.....	260
Figura 156. Tweet com hiperlink mais retuitado – Setembro/2011 - #bahrain.....	261
Figura 157. Top five Tweets mais retuitados – Fevereiro/2012 - #bahrain.....	262
Figura 158. Tweet com link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #bahrain.....	263
Figura 159. Tweet mais retuitado – Abril/2012 - #bahrain.....	264
Figura 160. Tweet com link mais retuitado – Abril/2012 - #bahrain.....	265
Figura 161. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #bahrain.....	266
Figura 162. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #bharain.....	266
Figura 163. Tweet com hiperlink mais retuitado – Fevereiro/2013 - #bharain.....	267
Figura 164. Protestos no Bahrein - #bahrain.....	268

Figura 165. Autoridade – Movimento Passe Livre SP no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	280
Figura. 166. Autoridade – Movimento Passe Livre SP no Facebook (07/06/2013) – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	281
Figura 167. Autoridade – Movimento POA no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	282
Figura 168. Autoridade – Página de Ossostortos no Facebook – Charge de Tiago Cruz – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	283
Figura 169. Autoridade – Movimento Passe Livre SP no Facebook (11/06/2013) – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	284
Figura 170. Autoridade – NINJA no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	285
Figura 171. Autoridade – Acorda meu povo no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	286
Figura 172. Autoridade – Bueiro Aberno no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i> ...	287
Figura 173. Autoridade – Maquiavélico é a mãe no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	288
Figura 174. Autoridade – Geração Invencível no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	289
Figura 175. Autoridade – A Verdade Nua & Crua no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	290
Figura 176. Autoridade – Anonymous Rio no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	291
Figura 177. Autoridade – Protestaí no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	292
Figura 178. Autoridade – Mães de Maio no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i> ...	293
Figura 179. Autoridade – Ocupa a Rede Globo no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	294
Figura 180. Autoridade – Uma outra Opinião no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	295
Figura 181. Autoridade – Passe Livre São Paulo no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	295
Figura 182. Autoridade – Catraca Livre no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	296
Figura 183. Autoridade – Clóvis Cranchi Sob no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	297
Figura 184. Autoridade – NINJA no Facebook (13/06/2013) – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	298

Figura 185. Autoridade – Rafael Bruno Lopes Salgado no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	298
Figura 186. Autoridade – Movimento Contra a Corrupção no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	299
Figura 187. Autoridade – AnonymousBrasil no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	300
Figura 188. Autoridade – Tico Santa Cruz no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	301
Figura 189. Autoridade – NINJA no Facebook (17/06/2013) – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	302
Figura 190. Autoridade – Luizinho no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	303
Figura 191. Autoridade – Resposta de um dos Anonymous ao vídeo de Arnaldo Jabor no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	304
Figura 192. Autoridade – Folha de S. Paulo no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	305
Figura 193. Autoridade – Daniel no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	306
Figura 194. Autoridade – Brasil Contra a Corrupção no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	307
Figura 195. Autoridade – Pedro Bial no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	308
Figura 196. Autoridade – Arquitêta no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	310
Figura 197. Autoridade – Movimento Contra a Corrupção no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	311
Figura 198. Autoridade – Isso é Brasil no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	312
Figura 199. Autoridade – A Verdade Nua & Crua no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	313
Figura 200. Autoridade – A Educação é a Arma para mudar o Mundo no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	314
Figura 201. Autoridade – Página do estadão no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	315
Figura 202. Autoridade – Página de Viktor Rotgarius no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	316
Figura 203. Autoridade – TodoNatalense no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	317
Figura 204. Autoridade – Desce a Letra no Facebook – <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	318

Figura 205. Autoridade – Turbay Júnior no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013....	319
Figura 206. Autoridade – europeans against the political system no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	320
Figura 207. Autoridade – Compartilhem, curtam e espalhem para o mundo... Acorda Brasil no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	321
Figura 208. Hub – Luccas Baldissera no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	323
Figura 209. Hub – João Paulo Teixeira Pires no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	324
Figura 210. Hub – André Dias Mannrich no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	325
Figura 211. Hub – Juliano Fuda Padilla no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	326
Figura 212. Hub – Anderson E. S. Güeba no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	327
Figura 213. Hub – A Verdade Nua & Crua no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	328
Figura 214. Hub – Passe Livre São Paulo no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	329
Figura 215. Hub – Andrea Matarazzo no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	330
Figura 216. Hub – Mate Trotamundo no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	331
Figura 217. Hub – Juliano Maltoso no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	332
Figura 218. Hub – Cristian Fedrizzi no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	333
Figura 219. Hub - AnonymousBrasil no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	334
Figura 220. Hub – Mães de Maio no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	335
Figura 221. Hub – AnonymousBrasil no Facebook (14/06/2013) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	336
Figura 222. Hub – Bueiro Aberto no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	337
Figura 223. Hub – João Mattar no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	338
Figura 224. Hub – Plano Anonymous Brasil – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	338
Figura 225. Hub – AnonymousBrasil no Facebook (17/06/2013) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	339
Figura 226. Hub – A Verdade Nua & Crua no Facebook (17/06/2013) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	340

Figura 227. Hub – Anonymous Rio no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	341
Figura 228. Hub – Uol no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	342
Figura 229. Hub - Geração Invencível no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	343
Figura 230. Hub – Dia do Basta no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	343
Figura 231. Hub – Anonymous Brasil no Facebook (20/06/2013) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	344
Figura 232. Hub – A Verdade Nua & Crua no Facebook (20/06/2013) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	345
Figura 233. Hub – Isso é Brasil no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	346
Figura 234. Hub – Anonymous Brasil no Facebook (20/06/2013) – 17:44h – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	347
Figura 235. Hub - A Educação é a Arma para mudar o Mundo no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	348
Figura 236. Hub – Geração Invencível no Facebook – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	349
Figura 237. Exemplo – Ranking das 9 hashtags com maior número de twitter em 20/06/2013.....	351
Figura 238. Nuvem de #hashtags utilizadas para comentar as manifestações. Ponline/2013.....	368
Figura 239. Nuvem de tags: opinião/observação a respeito das manifestações. Ponline/2013.....	368

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de Pessoas que Acessaram a Internet no Brasil – 2012.....	106
Tabela 2. Lista de tópicos presentes na visualização nos idiomas inglês e alemão traduzidos para o português.....	171
Tabela 3. Número de tweets x hashtag coletados para a pesquisa sobre a Primavera Árabe.....	179
Tabela 4. Seleção de Tweets mais disseminados na Tunísia x hashtag.....	181
Tabela 5. Seleção de Tweets do gráfico Egito x hashtag.....	202
Tabela 6. Seleção de Tweets do gráfico Iêmen.....	216
Tabela 7. Seleção de Tweets no gráfico Líbia x hashtag.....	230
Tabela 8. Seleção de Tweets do gráfico Síria - #sirya.....	243
Tabela 9. Seleção de Tweets do gráfico Bahrein - #bahrain.....	257
Tabela 10. Autoridade e Hub x Ato (Dia) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	274
Tabela 11. Ranking de autoridade no Facebook x Ato (Dia) – <i>Manifestações de Junho</i> – Brasil/2013.....	276
Tabela 12. Hashtags mais frequentes no Brasil – Período: 12 a 25/06/2013.....	352

SUMÁRIO

POSIÇÃO DO PROBLEMA	34
- Hipótese e objetivos	38
- Objetivo geral e específico	38
- Etapas e procedimentos do percurso metodológico.....	44
CAPÍTULO 1 - COMO NOSSO PRESENTE É FABRICADO E COMO PODE SER IMPLICADO.....	46
1.1 Condições para a criação da governamentalidade	46
1.2 Passagem do governo da cidade para o governo sobre homens que devem ser governados.....	49
1.3 O cientificismo do discurso e seus desdobramentos nas práticas de poder	51
1.4 Foco na experiência e na acontecimentalização	55
1.5 Poder distribuído, lateralizado e descentralizado	56
1.6 A relação de si consigo mesmo (tecnologias de si) e práticas de liberdade	58
1.7 Vontade de saber e vontade de verdade	60
CAPÍTULO 2 - OS EFEITOS DA LINGUAGEM NOS ACONTECIMENTOS.....	64
2.1 A <i>expertise</i> e as tecnologias discursivas de conduzir a conduta	64
2.2 O sentido como dimensão de apropriação da linguagem	67
2.3 O implícito discursivo e o não discursivo: eu=eu, eu=nós.....	70
2.4 Imitação e formação de opinião.....	74
CAPÍTULO 3 - DO ACESSO À INTERNET À INVENÇÃO DE NOVAS FORMAS DE FAZER POLÍTICA	76
3.1 Corpo, singularidade e multiplicidade.....	76
3.2 Rizoma, multiplicidade e devir	78
3.3 Laços fortes e laços fracos nas redes sociais	80
3.4 Contágio complexo e os efeitos do distribuído	82
3.5 Micropolíticas por afecções – os encontros em rede e a variação do nosso grau de potência	83
3.6 O compartilhar dados e informações	87
3.7 Generosidade e interesse são noções que não se opõem – a Ética Hacker	88
3.8 Imparcialidade e neutralidade nos meios de comunicação	90
3.9 A questão dos dados abertos – transparência de informações.....	91

3.10 Múltiplas demandas e ilimitadas motivações	93
3.11 O meio internet e a inteligência distribuída.....	94
3.12 Da economia da escassez para a economia da abundância	96
3.13 O efeito pós-filtro	98
CAPÍTULO 4 - PESQUISA: ALGUNS RECORTES PARA A VISIBILIDADE DE AGENCIAMENTOS COLETIVOS EM REDE – DADOS E RESULTADOS	101
4.1 Da bomba demográfica à potência conectada	103
4.2 Contexto Brasil	106
4.3 Acesso móvel: passaporte para a participação no mundo distribuído	108
4.4 Emergência de descrições, termos e vocabulário	113
4.5 A produção-ocupação do termo internet no âmbito acadêmico: caso CAPES.....	113
4.6 As relações entre o termo internet e o jornal O Estado de S. Paulo	125
4.6.1 Acervo: notícias de 1990 a 2012	130
4.6.2 Notícias de capa – 1995	139
4.6.3 Notícias de capa – 2012	153
4.7 Governamentalidade na Wikipédia.....	161
4.8 Primavera Árabe expandida e a partir das pessoas em rede	174
4.8.1 Tunísia	180
4.8.2 Egito.....	201
4.8.3 Iémen	215
4.8.4 Líbia.....	230
4.8.5 Síria	242
4.8.6 Bahrein	256
4.9 <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	269
4.9.1 <i>Manifestações de Junho - Ocupação no Facebook</i>	272
4.9.2 <i>Manifestações de Junho - Ocupação no Twitter</i>	349
4.10 PONLINE – Inclusão digital e as <i>Manifestações de Junho</i>	359
6. REFERÊNCIAS	379
7. ANEXOS	386
ANEXO I – Microcases.....	386
ANEXO II – Wikipédia	425
ANEXO III – Gráficos Autoridade, Hub e Ocupação #hashtags– <i>Manifestações de Junho – Brasil/2013</i>	428
ANEXO IV – Mapa Conceitual	439

INTRODUÇÃO

*O que é, precisamente,
este presente a que
pertencço?
(M.Foucault)*

A rapidez com que hoje o mundo todo pode tomar conhecimento de um fato que ocorre em um pequeno lugarejo não é decorrente apenas das facilidades/disponibilidades das redes tecnológicas, mas da capacidade de os usuários se apropriarem das tecnologias como meio privilegiado de comunicação e as aplicarem em rede.

Em outras palavras, mais do que criar motivações, é o uso das ferramentas pelas pessoas que faz a Internet amplificar suas potencialidades de ação sem passar por mediações de governos ou canais de comunicação oficiais.

Para a elaboração desta pesquisa, nossos estudos se basearam primeiramente na vivência cotidiana de pesquisadora de redes, seja por meio de toda a complexidade que envolve o acervo midiático digital, seja participando presencialmente ou a distância de cursos, seminários e palestras ou mesmo de meras conversas com todo tipo de usuário da internet e de tecnologias móveis, no nível informal.

Esse processo auxiliou a organizaçãodo conteúdo teórico relevante a fim de observar práticas e apropriações daInternet, compreendendo-as também como novas práticas políticas, porém, apresentando características distintas dos movimentos sociais e políticos que permearam o século passado. Essas práticas movimentam milhares de pessoas por meio dos dispositivos de comunicação em performances paradoxais: múltiplas e singulares, contemplando inúmeras demandas, sendo exercidas pelos cidadãos no cotidiano de suas vidas, a partir daquilo que se sabe e do que se produz com esses saberes.

Portanto, uma das escolhas principais da pesquisa quanto à posição do objeto foi privilegiá-lo em um espaço que favorecesse lidar com a impermanência e a emergência de várias ocorrências, justamente a partir desse lugar, lugar do entendimento e da ampliação das relações de poder e como elas se efetuam. A questão deveria ter como base as relações entre discurso e práticas de liberdade na rede, composições nacionais, locais e transnacionais em rede, das quais fazem parte histórias singulares e determinantes na vida política.

O desafio e a tentativa de abordar esse tema em um mundo distribuído não faltoso de conectividade, em que a permanência e a impermanência coexistiam, levaram-nos à seguinte questão: estar em rede tem influenciado a invenção de novas práticas políticas ou de agir politicamente? O caráter inovador das apropriações dos meios de comunicação, principalmente dos dispositivos móveis, o compartilhamento da informação à ação coletiva pareciam

configurar novas práticas sociais e, portanto, políticas. Na hipótese, estabeleceu-se que a emergência de descrições, termos, vocabulários, campos que pautam reconfigurações de domínio nos saberes possíveis dessa época de acesso massivo à Internet revelavam condições inéditas de um futuro sendo produzido no presente, diminuindo distâncias entre as redes e os dispositivos que atravessavam as relações institucionais governo-sociedade. O objetivo geral desta pesquisa foi investigar o acesso à Internet e a invenção de novas formas de fazer política, mapeando deslocamentos nos campos do conhecimento e articulando o conceito de distribuído à multiplicidade de usos e apropriações dos meios de comunicação.

No **Capítulo 1—*Como nosso presente é fabricado e como pode ser implicado***, as investigações iniciais se focaram na leitura de várias publicações, tais como livros, artigos, entrevistas, textos e material transcrito de cursos, seminários e as últimas aulas de Michel Foucault, no Collège de France (1970-1982). Isso porque a característica mais marcante de toda a produção deste pensador é a de ter se voltado para uma análise do ponto de vista ético e político da filosofia, desde a antiguidade grega até a atualidade, esclarecendo como foram sendo construídos os dispositivos dos saberes e práticas de poder que permeiam a modernidade.

Criamos um solo que nos permitiu aprofundar a questão da ingerência dos saberes em nossas vidas, ou o que Foucault chamou de vontade de verdade, a partir do qual desenvolve os conceitos de governamentalidade e governo de si —cuidado de si—, uma condição que consideramos essencial para pensarmos o conectivismo em rede do ponto de vista da aprendizagem, da comunicação e do modo de estar no mundo contemporâneo, afastando-se de linhas discursivas de uma perspectiva cientificista ou política meramente pragmática ou ideológica tradicionais.

Esses estudos preliminares presentes no capítulo inicial nos auxiliaram a cartografar teoricamente como a emergência de novos modos de comunicação e formas narrativas mais distribuídas — ou seja, menos centralizadas e concentradas — podem ser consideradas mais democráticas desde que nascidas de misturas e composições parciais em zonas mais desterritorializadas, em outras palavras, sem que haja necessidade de relações ou referências institucionais rígidas e pré-estabelecidas que as formalizem.

No **Capítulo 2—*Os efeitos da linguagem nos acontecimentos***, procuramos analisar até que ponto produzimos ou somos meros reprodutores de determinados termos/jargões em certas zonas discursivas de saber que habitualmente frequentamos e interagimos com as pessoas, presencialmente ou *on-line*.

Nossa abordagem baseou-se nas observações de Richard Rorty, em que afirma que “é preciso abandonar a noção de correspondência, tanto para as frases como para os pensamentos, e ver as frases como estando mais ligadas às outras frases do que ao mundo”(1984, p. 288).

Desse ponto de vista de Rorty, Veiga-Neto (2005, p.80) afirma que é esse “estar ligado a outras frases” que “nos obriga”, ao escrever e ao ler, a “mantermos ressoando outras frases, de outros discursos, que se conectam com o que estamos lendo ou escrevendo”, com tendência a uma profusão de termos de retórica e nomenclatura próprias de um determinado campo de saber.

Com Peter Miller e Nikolas Rose (2012), passamos a verificar que há um determinado número de condições dentro de um processo de saber no qual a *expertise*, na personagem de um perito – o *expert* ou especialista em determinado assunto –, pode dizer que expressa neutralidade, autoridade e habilidade e, portanto, legitimidade suficiente para que se atinja o efeito de verdade objetiva, “para além do bem e do mal”.

Assim, apresentamos sinteticamente como os mecanismos de aprisionamento de conceitos nos discursos algumas vezes são notórios, mas em alguns casos são sutis, já que dependem das formas de enunciação (*quem* fala) e o sentido dos discursos, como desenvolve Gilles Deleuze (1983), em seus estudos sobre a filosofia da linguagem, em *A lógica do sentido* e em várias partes da obra *Mil Platôs*.

Para apoiar nossos estudos sobre a adoção de inovações e a adaptação a elas por multiplicação, tomamos por base as noções de invenção, imitação e formação de opinião das massas de Gabriel Tarde, sob as quais as teorias de diferença e repetição de Gilles Deleuze serão atravessadas.

Com isso, buscamos explicitar como a produção de verdade na linguagem produz efeitos nas normas de comportamentos e a constituição dos modos de ser dos sujeitos possíveis de uma época, definindo melhor o “estar em rede” como foco de experiência de uma forma inventiva e contemporânea de fazer política, a partir da oportunidade e facilidade de comunicação de todos sobre tudo. Trata-se de um método ou sistema criado por Foucault (2010, p.5) em que:

Esses três elementos – formas de um saber possível, matrizes normativas de comportamento, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis – são essas três coisas, ou antes, é a articulação dessas três coisas que podemos chamar, creio, de “foco de experiência”. (FOUCAULT, 2010, p. 5).

No **Capítulo 3 –Do acesso à internet à invenção de novas formas de fazer política,**

buscamos situar o que consideramos estar em rede hoje. Nossa proposta para iniciar este tema foi a de nos remetermos a alguns aspectos conceituais que permeiam o saber contemporâneo, sobretudo das quatro últimas décadas, e nos determos um pouco mais nas análises de Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca das singularidades, multiplicidades e potências que se atualizam nos acontecimentos da vida, nos encontros de corpos. Em seguida, situamos como potencialidades individuais efetuam-se ou atualizam-se em produções coletivas ou, usando uma noção cara aos dois autores, criam, com suas micropolíticas e afecções – já introduzindo Espinosa –, inovações na maneira de pensar, agir, ou seja, buscar encontros em rede e a variação dos graus de potência.

Também abordamos e agrupamos importantes aspectos da cultura digital, como os princípios da Ética Hacker, que compreendem: compartilhamento, abertura, livre acesso aos computadores (ou qualquer outro meio que seja capaz de ensinar como o mundo funciona, deve ser ilimitado e total) e, enfim, a melhoria do mundo. Entre a emergência de novos valores de nossa época, articulamos a crença de que toda a informação deve ser livre –para quem quer pensar e criar– como condição de produção de conhecimento e de distribuição– e visibilidade – da multiplicidade de interesses das pessoas em rede.

Se então até pouco tempo, discutia-se a eficiência da Internet apenas em disseminar conteúdos baseada mais na velocidade de transmissão de informações hoje é visível que o próprio *design* que redes sociais como, por exemplo, o Facebook desenvolveram¹, faz uma enorme diferença na facilidade de milhões de pessoas poderem não só compartilhar conteúdo de interesses, mas fazer atuar uma inteligência coletiva mais distribuída, mais colaborativa e, talvez, por isso mesmo, mais ativa e propensa a pensar novas formas de fazer política, com menos possibilidades de controle proprietário devido ao número de usuários que até começam a aprender como burlar este controle em seus perfis e *timelines*.

Nesse contexto, confrontamo-nos com desafios do cenário contemporâneo em que o aumento da complexidade, a partir da imensa quantidade de dados (e metadados) produzidos nas redes, amplia espaços para o desenvolvimento de novas estratégias de pesquisa. A existência do *big data*, poder computacional e de interfaces de leitura atualmente disponíveis, constitui uma inédita oportunidade para a produção de descrições e análise de acontecimentos e ações, a

¹Segundo dados de 12/09/2013, o Brasil está em 3º. lugar em números de usuários cadastrados no Facebook no mundo, atrás dos Estados Unidos e da Índia, com 76 milhões de usuários cadastrados e em 2º. lugar no número de usuários (46 milhões) que entram diariamente nessa rede social. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html> Acesso em 15 out 2013.

partir de mapeamentos das redes. Como menciona Rieder (2013), o estudo do SNS (*social networking services*) de conteúdos gerados pelos usuários nas redes sociais, como Facebook, Twitter, introduz inúmeros desafios e considerações que fazem com que as investigações acadêmicas na Internet, sobre seus usuários e as várias formas de conteúdo nelas publicado diariamente, sejam diferentes das pesquisas anteriormente conduzidas *off-line* ou em espaços abertos da *web*.

Por meio de uma combinatória de técnicas de monitoramento das redes sociais, utilizando-se APIs (*Application Programming Interfaces*), foi possível alcançar a síntese de milhares de dados e, simultaneamente, observar a nitidez das singularidades. A existência de *hardware* e *softwares* estatísticos e de visualização inovadores, com baixo custo e capacidade de processar esses dados constituem *per si* uma mudança. Nesse sentido, a discussão sobre a metodologia de pesquisa presente nesse relatório envolve reflexões sobre o uso de ferramentas que permitam aos demais pesquisadores a apropriação de tais instrumentos.

No **Capítulo 4 – Pesquisa: alguns recortes para a visibilidade de agenciamentos coltivos em rede - dados e resultados**, investigamos três tipos de deslocamentos (ocupações) que ocorreram em campos distintos do conhecimento. Os casos apresentados – CAPES, as relações entre o termo *Internet* e o jornal *O Estado de S. Paulo* e o tópico *Governamentalidade* na Wikipédia – visam cumprir os objetivos de pesquisa e contemplar a hipótese da investigação remetendo a alguns aspectos que permeiam o saber contemporâneo ao identificar o aparecimento de termos, a gravidez de sentidos e seus desdobramentos em ocupações (e produção) de novos territórios e usos. Contemplando os objetivos específicos a partir da hipótese, desenvolvemos a investigação da ocupação ou emergência de descrições do termo *Internet* e *Governamentalidade* em três geografias distintas do saber: acadêmico/científico, na mídia tradicional; na Wikipédia.

Procedemos a coleta de dados e análise histórica do período de três anos (novembro 2010 a outubro 2013), dos movimentos sociais que culminaram na *Primavera Árabe* e, no Brasil, abordamos as *Manifestações de Junho*. Diante de tais movimentos, foi possível identificar traços de práticas que caracterizaram zonas de ocupação na rede, acompanhadas das manifestações de rua. Múltiplas demandas e as ilimitadas motivações. Identificaram-se autoridades, *hubs* e principais *hashtags* desses movimentos a partir dos discursos das pessoas atuantes em rede; de maneira que a linguagem foi efetivamente a performance da ocupação, por meio da apropriação dos dispositivos de comunicação e uso da Internet para práticas políticas.

Realizou-se a cartografia dos principais conceitos/noções-chave presentes que, ao longo da tese, resultaram em um Mapa Conceitual. O objetivo dessa proposta foi produzir a visibilidade e conexões entre conceitos e processos do trabalho de pesquisa, suas tessituras, distribuições e inter-relações. Este também foi um resultado significativo que auxiliou no desenvolvimento de atividades práticas como unir o corpo referencial teórico contemplado aos resultados da tese.

Outra característica desta pesquisa foi o mapeamento e a utilização dos dados que outros pesquisadores do Brasil e do exterior compartilharam na rede. Tal recurso permitiu dar prosseguimento a pesquisas iniciais e esboços sobre os movimentos sociais no mundo. A utilização recombinável de dados sob outros pontos de vista – no caso, sob a diretiva dos objetivos de pesquisa – contribuiu para a emergência de uma teia de composição de inteligência coletiva da qual não se desperdiça nada, mas se reaproveita para outros achados de investigação em diferentes campos do conhecimento. Assim, o desenvolvimento do objeto de estudo proposto também pode ser compreendido como uma investigação distribuída de dados.

Em síntese, os três primeiros capítulos constituem a base de referência teórica e o último, o Capítulo 4, apresenta a pesquisa e os resultados do levantamento e processamento dos dados e as análises e reflexões acerca dos indicadores da pesquisa. Nas Considerações Finais, há a síntese como processo e produto desse percurso em que tínhamos uma hipótese central e alguns objetivos a desenvolver. Mais do que conclusões definitivas, fizemos considerações e destacamos aspectos emergentes das investigações, apontamos caminhos e sistematizamos ideias. A proposta dessa divisão, aparentemente mais linearizada, foi produzirmos, ao longo dos três capítulos, a condição e o lugar, um território provisório e de passagem, para a análise de dados, *cases*, notícias e nas redes sociais. Estamos, assim, também afirmando nossa condição, sabemos que estamos imersos num processo em curso, cujos parâmetros não são precisamente definidos e que não atuam de modo unidirecional. A pesquisa, tomada como um processo de conversação desenvolve-se mais na forma de serpente: movemo-nos em um vaivém entre os relatos que ouvimos e contamos, criamos e desenvolvemos, ou seja, como entendemos os processos mentais, cognitivos, verbais e textuais nos espaços que percorremos, redes e ruas, na vida pessoal, profissional e acadêmica.

Caso/Conto Isadora

Querido diário,

terça-feira 10 de julho de 2012

Que frio! Sim, hoje está fazendo muito frio aqui em Floripa...

agora são oito horas da noite e resolvi escrever no blog. Logo as férias vão começar. Não vejo a hora disso acontecer! Minha mãe me garantiu que a gente vai para a praia nesse final de semana e vamos ficar lá até o final do mês. Minha irmã começou a fazer as malas, eu ainda não.

Ufa! ;) as minhas notas em matemática estão boas nesse semestre! O boletim foi pra internet essa semana. Minha mãe gostou! Tem gente na minha classe que acho que vai ser reprovado. Eu não gosto muito do professor de matemática... A nossa professora de português é legal! Nas férias quero andar de patins no calçadão, divertir com meus amigos. A Aninha e o Marquinhos vão estar lá também com os pais deles. Quero ir na feirinha, passear na balsa, ir no cinema. Estou doida para assistir o filme novo do...

(som de mensagem no celular)

☺ Oiii! Tenho novidds!!

(som de mensagem enviada)

Q novidds??? Conta vai!

(toca o celular – música *What makes you beautiful* - One Direction)

- Alô
- Alô! (Voz de menina)
- Oi Gi!
- Oi Isa! Você não sabe o que acabou de acontecer!
- O q?
- Agora já sou mulher!...
- É mesmooooo! Nossaa! E como é que é?
- Dói... e incomoda um pouco usar o absorvente...

Aquilo não era novidade para mim. Várias meninas da minha sala estavam ficando menstruadas naquele ano. Das minhas colegas mais próximas, duas, a Manu e a Flavinha. Como eu ainda não, a gente ia para o banheiro da escola juntas para ver como era. Minha mãe me disse que ela tinha ficado com 15 anos. Só na oitava série então?...

Sabe que aquilo era ao mesmo tempo uma diferença entre a gente, aquelas que já eram e as que não eram. Os meninos também zoavam e tentavam adivinhar quem estava e quem não estava. Olhavam para o bumbum da gente no recreio e nas aulas de educação física. Primeiro foi usar sutiã e agora mais essa! De qualquer forma, fiquei muito feliz com a novidade da Isa.

- Então, você sabe o que vou ter que fazer amanhã na escola, né?

- Sim, vc vai ter que levar o papel higiênico.

Muitas meninas faziam assim no Santinho. Tinham tanto nojo do banheiro da escola que traziam papel higiênico de casa. O banheiro era sujo, às vezes a descarga não funcionava direito e a faxineira Dona Jô usava um balde com água na hora da merenda para fazer descer o xixi e o cocô. Quando tinha papel higiênico era daquele ruim. Não tinha sabonete para lavar as mãos. Os espelhos estavam manchados e com os cantos quebrados. As portas, descascadas e pixadas, não fechavam direito. Algumas tinham a fechadura arrancada. As meninas da turma da noite deixavam muitos recados nas portas, desenhos e

letras de música do Justin Bieber, One Direction, da Rhianna ou funk de ostentação. E ninguém podia suportar o cheiro do banheiro na escola quando fazia calor.

- E vc, vai na festa de aniversário da Manu no sábado?

- Eu não, vou viajar de férias!

- Ah, eu só vou depois do dia 15.

A Gi desligou, tinha que fazer lição. Só de lembrar que amanhã a minha amiga e um monte de meninas que ficaram menstruadas iam ter que se virar para usar aquele banheiro me deixou mal. Por que que as coisas eram assim? Eu nunca tinha ido no banheiro dos professores ou da diretora do colégio, mas acho que deviam ser diferentes, ou pelo menos um pouco melhor que o nosso.

Eu estava separando o material na mochila para a aula do dia seguinte, qdo lembrei de um vídeo que o Marquinhos tinha me passado pelo Face. Uma garota de 9 anos que filmou a merenda da escola dela. O Marquinhos zuava a menina porque a comida era boa, muuuito diferente da nossa. Mas o que a menina mostrava era que tinha muita fritura e ela queria falar sobre isso, sobre a necessidade de uma alimentação saudável. Então ela filmou e deixou no blog dela e também passou para os colegas. Tinha dado certo, porque todo mundo ficou sabendo lá no país dela, acho que era na Inglaterra, que a comida estava fazendo mal para as crianças. Tive uma ideia! Eu podia fazer a mesma coisa! Filmar o banheiro da escola e colocar no YouTube, ou passar pras minhas amigas no Face! E se eu fizesse isso? E se todo mundo ficasse sabendo que esse banheiro era ruim?

Querido diário,

quarta-feira 11 de julho de 2012

Hoje foi uma aventura! Logo que cheguei na escola de manhã eu contei pra Gi a minha ideia de filmar o banheiro pelo celular. Ela riu e me perguntou se eu estava ficando maluca.

- Pra q colocar essa coisa horrível na sua página do Face?

- Para o pessoal ver que está mesmo uma coisa horrível o banheiro daqui! Talvez em outras escolas o banheiro possa ser igual também?

- Você tah ficando louca Isa! E se a diretora descobrir?

- É... Gi...acho que a gente vai ter que fazer isso meio escondido. Na hora do recreio não dá porque tem muita gente e alguém pode contar...

- A Dona Jô não pode perceber e ela fica andando por aí, pelos corredores na hora das aulas.

- Só se a gente pedir para ir ao banheiro na aula da Prof. Léa. Você vem comigo pra gente fazer isso?

- O q? Filmar o banheiro?

- É, ela sempre deixa a gente ir ao banheiro durante as aulas. Além disso, vai ser melhor mesmo a gente fazer isso quando ninguém estiver lá.

- Tah bom... mas olha, tem que ser rápido, senão eles pegam a gente.

Conseguimos sair para o banheiro na hora da aula. Eu liguei o cel assim que saí da sala e começamos a andar rápido pelos corredores da escola. A Gi falava o tempo todo anda.. anda.. No banheiro ela dizia baixinho mostra isso aqui... ali...Eu também já tinha ideia do que filmar, principalmente as portas e os vasos. Voltamos pra sala de aula como se nada tivesse acontecido.

Quando cheguei em casa, lembrei do que a Gi falou sobre colocar o vídeo na minha página. Então eu resolvi abrir uma página no Face só para o vídeo que chamei de "Corredores hora de aula..." e passei o link para os meus colegas. Fiquei com um pouco de medo mas no final, não precisava pedir permissão de ninguém para fazer isso, porque fui eu mesma quem fiz o vídeo, a página e tudo o mais. Tomara q eles vejam, comentem e compartilhem o que acharam. Talvez isso possa mudar alguma coisa na minha escola.

Querido diário,

sexta-feira 15 de julho de 2012

Está difícil... mas não tenho vontade de mudar a minha decisão de ter colocado o vídeo na internet e nem de ter criado a página Diário de Classe. Muitas pessoas comentaram e compartilharam. O vídeo espalhou para um tanto de gente. E agora tem aquelas pessoas que falam bem, que me dão os parabéns, mas tem também muita gente que me critica. Os professores do Santinho comentaram e teve até uma professora que fez um vídeo me apoiando.

Tem muita gente que fala mal de mim. Tem ameaça do tipo que você não deveria ter feito isso, se continuar com essa página vai ver...

Foi por isso que ontem fiz outro vídeo e postei no Face pra falar pq fiz o que fiz. “Eu sou Isadora Faber, tenho treze anos e estudo aqui nesse escola do Santinho no Maria Tomasi desde a primeira série. Hoje eu estou na sétima série e é por isso que e eu estou fazendo o diário de classe”.

Minha mãe e meu pai e a minha irmã estão me apoiando. Eu queria que as pessoas, que os meus amigos e outros estudantes do Brasil vissem a situação da minha escola e me ajudassem a mudar.

Querido diário,

quarta-feira 11 de julho de 2013

A minha página na internet completa um ano em julho. Eu não imaginava que tanta coisa iria acontecer por causa dela. Foi bom para a minha escola, as coisas melhoraram, mesmo havendo falta de interesse por parte de algumas pessoas. Na educação ideal, todos os alunos e professores fazem um esforço em mudar a situação para melhor..

A repercussão² das imagens que Isadora fez em sua escola alcançou várias regiões brasileiras antes mesmo de completar um mês na internet. Além de Isadora ter ampliado o conhecimento de um espaço tradicionalmente de controle - a escola - rompendo e modificando suas fronteiras ao disponibilizar imagens dos corredores e do banheiro por meio de seu olhar adolescente através de uma câmera de celular, a estudante trouxe para o debate em rede uma situação semelhante vivida por outros alunos nas escolas públicas no Brasil. Foi assim, por meio dessa experiência em comum, que ela conquistou o apoio e novas repercussões advieram através da potência da internet. A coragem de se expor em seu segundo vídeo (vídeo em que fala de si) marca o seu lugar, demonstra legitimidade em seu discurso e o seu lugar de fala, elaborado por uma aluna que já frequentava a escola pública do Santinho há mais de seis anos. Em todo o tempo Isadora mostrou coragem, sendo clara e firme em suas intenções. Ela abriu a página e o espaço efetivo para a discussão, depoimento e debate tanto de professores como de alunos e de pessoas que participavam da rede social. Para o bem (ou para o mal), em fevereiro de 2013, a estudante foi apontada pelo jornal britânico *Financial Times* como uma das vinte e cinco personalidades brasileiras mais importantes do País. No Brasil ela foi homenageada com o prêmio *Trip Transformadores*. Um ano após ter veiculado o vídeo na internet, Isadora ainda continuava a receber ameaças.

² Em dezembro de 2013, a página Diário de Classe recebera mais de 600.000 “curtir” e aproximadamente 2.000 pessoas comentavam. As informações estão disponíveis no Anexo I – Microcases.

POSIÇÃO DO PROBLEMA

Essas investigações [...] são destinadas a atacar o poder opressivo lá onde ele se exerce sob outro nome – o da justiça, da técnica, do saber, da objetividade. Cada uma delas deverá, então, ser um ato político.
(M. Foucault)

A internet e o uso dos dispositivos móveis trazem consigo o potencial de transformar a rede em um campo político privilegiado em termos de intervenções sociais, pessoais e de forças econômicas contemporâneas. Até então, este parece ser um aspecto óbvio presente nas redes que nos afetam e com as quais compartilhamos discursos e ideias. Mas até que ponto nós somos capazes de afirmar que estar em rede tem influenciado na invenção de novas práticas políticas ou de agir politicamente?

É possível dizer que a criação de conceitos decorre a partir da experiência e da reflexão que se adquire por meio de encontros, afetos, enfim percursos e escolhas. Dessa maneira, consideramos necessária a explicitação do contexto que instigou o objeto dessa investigação, sua principal questão. Trata-se de posicionar o problema em uma configuração que irá privilegiar questões enquanto participante de redes e estudiosa das teorias e tecnologias da comunicação.

Ao elaborar inicialmente a proposta de tese, partimos da premissa de que era preciso aprofundar os estudos que já realizados na época de mestrado, concluído em 2006, dos quais resultou a publicação, em 2010, do livro *Web e participação: a democracia no século XXI*³. As discussões apresentadas no livro ampliavam o entendimento de que as práticas e participações sociopolíticas atuais estavam intrinsecamente relacionadas com o modo de viver o cotidiano, em espaços de circulação com zonas mais delimitadas como o espaço acadêmico, profissional e doméstico e em zonas de passagem ou transitórias, como a rua, o meio de transporte, a ida ao cinema, ao supermercado, entre outros fluxos. A proposta passou, então, a avançar para a análise e descrição de dispositivos que permitiam fazer convergir essas ‘ocupações temporárias de zonas’ com algumas produções coletivas que se expressam na rede, não só a partir da posição de observadora, enquanto pesquisadora-participante e coordenadora de pesquisa e

³ *Web participação: a democracia no século XXI*, publicado pela Editora Senac-Escola do Futuro USP, obtendo o 3º lugar no Prêmio Jabuti 2011 na categoria Tecnologia e Informação.

políticas públicas em programas de inclusão e cultura digital, no Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação da Escola do Futuro da USP (NAP-EF/USP), mas também como usuária ativa da rede.

Partimos de certa localização e perspectiva afirmando que os acontecimentos na vida ocorrem por composição de relações, por totalidades que se relacionam, e não por partes separadas ou que se excluem. É essa condição que confere a cada sistema vivo uma percepção do mundo que lhe é peculiar. Não pode haver dados externos válidos ou verdades absolutas, uma vez que estímulos externos determinam reações diferentes em corpos diferentes. Da mesma forma, a realidade é percebida de modos distintos por observadores distintos. Embora cada participante da rede tenha seus propósitos e ocupe um lugar diferente do outro, é possível que, em determinada oportunidade, várias pessoas possam fazer confluír esforços para ações coletivas em um espaço comum.

Outro conceito que está sendo desenvolvido é o de autonomia ampliada em rede ao abordar a capacidade positiva com que os indivíduos atuam em comum, mediados pelos usos e apropriações dos meios. Nesse sentido, as considerações de Benkler (2006) auxiliaram na compreensão dos efeitos dessa autonomia que pode ser observada, essencialmente, no paradoxo, em múltiplos domínios de ocupação. O autor descreve a capacidade prática dos indivíduos de atuar em rede em três dimensões: os indivíduos fazem mais para e por eles próprios; eles podem realizar mais atividades em comum com outros, sem a limitação de organizarem suas relações apenas por um sistema de preços ou por sistemas hierárquicos tradicionais de organizações sociais e econômicas; e ocorre melhoria da capacidade de os indivíduos fazerem mais em organizações formais que operam fora da esfera do mercado. Apesar do aspecto econômico que o autor desenvolve sua linha de raciocínio, é preciso considerar ao mesmo tempo os engajamentos, as iniciativas e os relacionamentos entre pessoas, termos (*tags*) e expressões que mobilizam a sociedade em suas formas de ocupação em rede. Tais conexões realçam afetos e produzem efeitos tanto econômicos quanto por meio da criação e das apropriações de sentido em determinados domínios do conhecimento.

O projeto inicial apresentado à Área de Concentração Signo e Significação nas Mídias, que compreende o desenvolvimento de atividades, ensino e orientação sobre sistemas de signos e processos de significação no campo dos fenômenos comunicacionais, em especial no contexto das diversas mídias, tinha como problemática principal o tema – *Redes digitais e Enlaces sociais* –, a influência das redes sociais na aprendizagem por meio do comportamento de alunos da rede pública do Estado de São Paulo, participantes do projeto Acessa Escola. O foco era o público jovem, com idade entre 15 e 19 anos, morador da periferia da capital. Nessa

época, procurávamos investigar como o uso da internet e as apropriações das redes sociais se refletiam na aprendizagem e na estilização de modos de vida desses jovens. Uma vez na Linha de Pesquisa Processos de Criação nas Mídias, o objeto transformou-se, agregando novos focos e contornos, pelos quais ganharam relevância as novas práticas participativas por meio do uso da internet e das tecnologias móveis. A #aprendizagem foi uma #hashtag que sucumbiu à de #práticaspolíticas.

A linha de pesquisa em que se insere esse projeto de doutorado, uma vez que se ocupa diretamente em acolher as teorias e processos de criação nas diferentes mídias, permitiu esse novo movimento, o acompanhamento crítico dos processos criativos e, por outro lado, a produção dessa crítica por meio da expressividade midiática (ou hipermidiática) em questão. Temáticas como a produção do conhecimento na área de Comunicação, a interlocução com o conceito de experiência estética e reflexões sobre autoria contextualizaram o objeto de pesquisa ainda em construção.

Visando ao exame de qualificação, elencamos uma gama de movimentos sociais ocorridos a partir de 2010 no mundo e que apresentavam características nitidamente políticas de ocupação. Observar os aspectos em que procedeu essa ocupação nas redes sociais, nos canais de notícias por meio de seus discursos, palavras-chaves e #hashtags tornara-se fundamental. A convergência de casos internacionais, tais como: O Suicídio de Bouazizi na Tunísia e a Primavera Árabe, Aaron Swartz e os Direitos Autorais; Occupy e Anonymous, 15M, Democracia Real Ya, Constituição na Islândia, via Facebook; Campanhas e Petições Online: Avaaz e Greenpeace; Inteligência Coletiva e Aberta: Rede TedTalks; Salman Khan, Edex. No Brasil, tomamos a iniciativa de buscar dados distribuídos em rede sobre os movimentos Consulta Pública: Marco Civil da internet; Diário de Classe de Isadora Faber. Havia ainda movimentos específicos dos quais fazíamos parte, cujos dados foram indexados na pesquisa, entre eles: Blog lixoeletronico.org.br, Monitor Virtual do Edil, Ônibus Hacker e Transparência Hacker. Esses *microcases* foram selecionados e estão expostos no Anexo I deste trabalho de pesquisa, com o propósito de exposição do cenário contemporâneo de movimentos sociais.

A observação desses casos como multiplicidades e paradoxos de um mundo mais conectado, com novos valores e comportamentos, justificavam a temática de investigação e sua importância diante do contexto brasileiro das novas práticas políticas no mundo distribuído. Munidos de uma série de dados, submetemos a qualificação ao programa em abril de 2013. Contudo, a data para as considerações finais da banca foi estabelecida para o dia 24 de junho, uma semana após as maiores manifestações de ruas terem ocorrido no Brasil, nomeadas *Manifestações de Junho*. A política voltara a ocupar espaços consideráveis nos meios e nas

conversas cotidianas. Diante da qualificação realizada no mesmo período dos movimentos, a sugestão da banca era que o problema de pesquisa passasse a adquirir novo posicionamento, por meio de contornos fruto das características cruciais das manifestações que alcançaram repercussão internacional. Mas como falar de tantas mobilizações e ainda incorporar dados de uma manifestação em andamento? As manifestações brasileiras ocupariam por completo o objeto de estudo e seriam o foco desta tese? Seria muita pretensão acreditar que teríamos condições de proceder a uma análise idônea e desapaixonada, em tão curto período de tempo e nos limites de uma tese de doutorado, de um processo que apenas se inicia. Como coletar dados de algo em plena vigência de sua impermanência? Foi preciso desenvolver, inicialmente, e não sem esforço, a capacidade de lidar com o distribuído, no momento do levante, da euforia. Pois não era preciso apenas coletar dados e medir, mas saber que relações esses dados apresentavam a fim de que fornecessem *insights* preciosos para a pesquisa.

O exercício de nos distanciarmos do objeto e de toda a produção em rede que acontecia simultaneamente à escritura da tese (no último ano de doutorado) auxiliaram-nos a #reocupar a pesquisa. Afinal, as *Manifestações de Junho* já estavam em seu estado latente enquanto expressão de um fenômeno massivo em nossa primeira temática – sob a ótica de tendência em novas práticas políticas mundiais – ao reunir no relatório de qualificação os *cases* e *microcases*. O Brasil certamente passaria por uma experimentação política semelhante, com características heterogêneas, impermanentes, mas ninguém sabia quando. Portanto, ele não deveria se constituir como o objeto principal, mas em uma das diversas ocorrências e emergências que o mundo em rede vem produzindo. Dados das demais ocupações apontavam para experiências coletivas muito intensas.

Portanto, uma das escolhas principais da pesquisa quanto à posição do objeto foi privilegiá-lo em um espaço que nos favorecesse lidar com a impermanência e a emergência de várias ocorrências, justamente a partir desse lugar– lugar do entendimento e da ampliação das relações de poder e como elas se efetuem, essencialmente como uma pesquisa no Campo da Comunicação e não como um estudo nem a partir das Ciências Políticas ou a partir de uma abordagem técnica de infraestrutura e *softwares*, mesmo sabendo que, ao longo do percurso, vários aspectos desses campos atravessariam e ampliariam a compreensão dos fenômenos. A questão devia basear-se nas relações entre discurso e liberdade de práticas na rede. Foi desse modo que nos reapropriamos do objeto de estudo, percebendo essas composições nacionais, locais e transnacionais, comuns dos quais fazem parte histórias singulares e determinantes na vida política. O desafio e a tentativa de abordar aspectos da totalidade, em um mundo distribuído não faltoso de conectividade, em que a permanência e a impermanência coexistiam,

levaram-nos a tratar **as novas práticas políticas em rede como objeto de estudo**, por meio da seguinte questão: **estar em rede tem influenciado na invenção de novas práticas políticas ou de agir politicamente?**

- Hipótese e objetivos

O aumento da complexidade atual, a partir da imensa quantidade de dados (e metadados) produzidos nas redes e a existência de *hardware* e *softwares* estatísticos e de visualização inovadores, com baixo custo e capacidade de processar esses dados, constituem por si só uma mudança. A existência do *big data*, do poder computacional e de interfaces de leitura atualmente disponíveis constitui uma inédita oportunidade para produzirmos novos conhecimentos, descrições e análises dos acontecimentos a partir de mapeamentos das redes. Ao mesmo tempo que conseguimos a síntese de milhares de dados, conseguimos também a nitidez das singularidades. Nesse contexto, nosso problema de pesquisa é o caráter inovador das apropriações dos meios de comunicação, do compartilhamento da informação à ação coletiva: as novas práticas políticas em rede.

Partimos da **hipótese** de que a emergência de descrições, termos, vocabulários, campos que pautam reconfigurações de domínio nos saberes possíveis dessa época de acesso massivo à internet, revelam condições inéditas de um futuro sendo produzido no presente, diminuindo distâncias entre as redes e os dispositivos que atravessam as relações insitucionais governo-sociedade.

- Objetivo geral e específico

- O objetivo geral desta pesquisa é investigar o acesso à internet e a invenção de novas formas de fazer política.
- Objetivo específico: mapear os deslocamentos nos campos do conhecimento, articulando o conceito de distribuído à multiplicidade de usos e apropriações dos meios de comunicação.

Percurso metodológico

Realizou-se um levantamento significativo de fontes para apoio teórico, que além de livros, consta de artigos em revistas científicas especializadas, anotações de aulas – algumas datadas de quinze anos atrás – e também a revisão de *e-mails* trocados em listas de discussão, pesquisas em *sites* e *blogs*, mídia em geral, filmes e outras instâncias que, de alguma maneira, corroborassem para a visualização de como formas singulares de produção na rede se expressaram e/ou tornaram-se movimentos coletivos passíveis de serem analisados como inovações na vida das pessoas, seja na área educacional, cultural e na vida política cotidiana.

A busca pela bibliografia mais específica da área de Comunicação e Semiótica também se deu por pesquisas na internet, principalmente em *sites* de programas de pós-graduação, de revistas científicas e de outros núcleos de pesquisa relacionados a instituições de ensino superior.

Analisamos de início o eixo de formação dos saberes científicos, a partir das articulações de Michel Foucault sobre foco da experiência, dos conceitos de governamentalidade e cuidado de si, e de conceitos de práticas discursivas, procedimentos e processos de subjetivação desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guatarri, enquanto pensadores da multiplicidade, singularidade e diferença.

O contato com a bibliografia específica de filosofia da linguagem, principalmente a indicada por Deleuze (1983) em *A lógica do sentido* (1988– como Oswaldo Ducrot e Bakhtin –, a obra de Foucault sobre os dispositivos da sociedade disciplinar e Rorty (1988) sobre a construção da subjetividade por meio da linguagem foram essenciais para o estabelecimento do marco teórico e abordagens sobre a composição do homem de consciência inaugurado pelas ciências humanas. Este estudo foi essencial para discorrermos sobre o poder do discurso na sociedade contemporânea.

Em seguida, desenvolvemos pontes entre esses conceitos e os de alguns analistas sociais contemporâneos, como Clay Shirky (2012), Chris Anderson (2009), Manuel Castells (2009), (2013), Miller e Rose (2012), autores que nos ajudaram a entender como algumas formas de pensar o mundo começam a surgir nesse novo espaço público híbrido, como oportunidades para sermos mais colaborativos e atuantes nas práticas de governo de si e dos outros

Procedemos a análise de acontecimentos com as *Manifestações de Junho* no Brasil e outros movimentos sociais em rede no mundo pelo mapeamento das redes sociais e metodologias de análise de dados e metadados, identificação das autoridades, *hubs* e principais

hashtags, critério utilizado para procedermos a caracterização dos movimentos a partir dos discursos das próprias pessoas atuantes em rede.

Nossa proposta foi a de *redescrever*⁴ os movimentos a partir dos processos e mecanismos de participação pública que se distribuem na rede e que poderiam estar na base de *designs* criativos de mediação para algumas instâncias de manifestação da opinião pública, revelada na mídia e nas redes sociais.

Ao trilharmos esse caminho, ficou claro que metodologias como estudo de caso ou pesquisa-participante contemplariam apenas um dos incontáveis recortes possíveis em meio a esse mar de informações, neblina de dados e múltiplas dobras que a área de Comunicação e Semiótica permitiria enfocar em relação a nossa compreensão do que seriam formas de viver e agir afetiva e politicamente nos encontros que a rede vem nos instigando a participar cada vez mais ao longo dos últimos vinte anos.

É muito mais do que mera probabilidade que, durante esse percurso, caminhemos por algumas trilhas que apenas poucos tenham conhecimento, ou melhor, possam ser compreendidas como lugares de importantes acontecimentos em meio à transbordância da produção de vida *on-line*. Por isso, cabe ressaltar aqui que nossa opção foi acompanhar mais de perto alguns olhares voltados para “uma maneira de fazer o suporte das coisas girar pelo deslocamento de quem as observa”, como descrito em Margarittes; Sperotto (2011).

Nesse contexto, utilizamos os procedimentos da cartografia de Deleuze e Guattari (1995) que, como eles definem, não se trata de método propriamente dito de pesquisa com procedimentos prontos a serem seguidos passo a passo, mas que se detêm em acontecimentos que se tornam visíveis e que possibilitam aberturas para a produção de pensamentos e sentidos para o cartógrafo pesquisador.

De que maneira poderíamos detectar e coletar a catálise dessas existências impermanentes em que se constituem os movimentos de ocupação em rede? Como apreender afetos, relações e ocupações de domínios em meio a dados que se apresentavam em constante movimento? Essas foram preocupações que nos acompanharam desde o início da pesquisa:

Se esses agenciamentos não são detectáveis em relação a sistemas de referência extrínsecos tais como as coordenadas energético-espácio-temporais, ou coordenadas semânticas bem catalogadas, não são menos apreensíveis a partir de tomadas de consistência ontológicas, transitivistas, transversalistas e práticas. Não os conhecemos através de representações mas por contaminação afetiva. Eles se põem a existir em você, apesar de você. E não apenas como afetos rudes, indiferenciados mas como composição hipercomplexa. [...] O paradoxo ao qual nos conduz constantemente a experiência estética consiste no fato de que esses afetos, como modo de apreensão existencial, se dão de uma vez só, apesar de – ou paralelamente ao fato de – que traços indicativos, ritornelos sinaléticos sejam necessários para catalisar sua existência nos

⁴Utilizamos o termo *redescricao* como parte desse percurso metodológico, tomado de Richard Rorty, por parecer mais apropriado do que termos como ‘*descricao* ou *revisão* de processos’.

campos de representação. [...] o bloco de percepto e de afeto, através da composição estética, aglomera em uma mesma apreensão transversal, o sujeito e o objeto, o eu e o outro, o aterial e o incorporal, o antes e o depois... em suma, o afeto não é questão de representação de discursividade, mas de existência. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.117-118).

Desse ponto de vista, um acontecimento não está “representando” um momento da história ou um grande movimento “homogêneo” cultural, social e político, como prescrevem alguns dos modelos dominantes dos saberes contemporâneos, mas, sim, um processo de mudança nos modos de produção dos corpos em sua relação com as experiências na vida. Ou seja, tal escolha pode ser feita quando se percebe que “a cartografia permite aproximações diferenciadas do campo e por estar aberta aos movimentos, aos desvios, às desconstruções, à diversidade, ao novo e à percepção de aspectos que não seriam apreendidos de modo satisfatório por um olhar formalista” (ROLNIK, 2007, p.66).

Consideramos que os procedimentos cartográficos não levam a um fim pré-determinado por um caminho linear, mas ele vai sendo construindo de acordo com as demandas que vão se apresentando ao longo das trilhas que aceitamos percorrer. Como bem define Virginia Kastrup (2007), cabe ao cartógrafo captar as forças que se exercem neste campo e dar-lhes visibilidade e sentido.

Além disso, o trabalho cartográfico é definido por Suely Rolnik (2007, p.65) como sendo o de “dar língua para afetos que pedem passagem”. O cartógrafo mergulha nas intensidades do tempo em que vive e se atenta para “as linguagens que encontra”, não cabendo a esse tipo de pesquisador ter “o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo” (*ibidem*, p.66) em relação às fontes que possam servir como aportes teóricos: *posts* em *blogs*, *tweets*, filmes, conversas informais.

“E por que, ao cartógrafo, interessam tais movimentos?” Porque, ao “participar, embarcar na constituição de territórios existenciais” (*ibidem*, p.66), ele está constituindo realidade. Esses efeitos de superfície se tornam visíveis e, portanto, ‘cartografáveis’, através da seleção de afetos que nos atravessam e que se expressam em nossas relações com o mundo sempre em autoprodução.

Pode-se dizer que a busca do cartógrafo-pesquisador em campo está em colocar-se à espreita por meio do olhar, do fazer, do narrar, na busca de sentidos e expressão de singularidades a cada momento, a cada manifestação, a cada nova experimentação. O que define o cartógrafo é tão somente um tipo de sensibilidade, sempre procurando inventar procedimentos adequados ao contexto em que se encontra. A cartografia impele o investigador na busca de elementos para a composição dos seus mapas, levando-o a percorrer paisagens em formação e a utilizar fontes de várias origens. A compreensão se dá no atravessamento das intensidades e na invenção de pontes. O cartógrafo está sempre em busca de quaisquer elementos que possam fornecer pistas, rastros que possam vir a compor suas cartografias. (MARGARITTES; e SPEROTTO, 2011, p.1)

Foi necessário aplicar instrumentos de mapeamento e coleta de dados, isto é, utilizar tecnologias *softwares*, assim como programas de indexação para que os dados coletados se tornassem conteúdos relevantes em meio ao mar de informações produzidas, que nomeamos de “periscópios digitais”. Periscópio é um instrumento fundamental dos submarinos, usados para captar imagens acima da água. Também teve uso estratégico em guerras, para observar movimento inimigo de dentro de trincheiras. É uma tecnologia de navegação no oceano. Ele estende o olhar preciso para aquilo que o nosso olho natural não consegue alcançar.

Desse modo, o periscópio auxilia, enquanto técnica e instrumento, em grandes navegações oceânicas ampliando a potência de ação e entendimento. É a partir dessa metáfora que introduzimos a sua necessidade para o desenvolvimento da pesquisa, da apropriação e combinatória de técnicas, permitindo-nos observar e mapear os movimentos de ocupação em redes distribuídas.

Visando tal objetivo, foi necessário o uso de sistemas inteligentes de síntese e coleta de dados. Aqui, ressalta-se a apropriação necessária de novas técnicas desenvolvidas em outras áreas do conhecimento, uma vez que se tornou útil rastrear as conversações em rede e a emergência de termos em bancos de dados. Saber utilizar e conhecer a instrumentalização dessas técnicas passou a fazer parte também do domínio dos pesquisadores em comunicação. Conhecer as métricas e indicadores que as ferramentas apresentavam para a análise do *big data* em que nos encontramos submersos funcionou como o instrumento do periscópio, múltiplos periscópios digitais. O percurso metodológico, portanto, apresentou um duplo sentido, tanto o de apropriação e combinatória de diferentes ferramentas quanto o de extração de indicadores rigorosos que favorecem a produção de sentido para a pesquisa. Entre essas técnicas citamos a utilização do Topsy⁵, Libre Office e Alexa⁶.

O Alexa foi útil para definirmos o locus da pesquisa no sentido de responder à seguinte questão: quais redes sociais ou *sites* iríamos privilegiar para a coleta de dados de movimentos sociais? Buscou-se observar o *ranking* dos *sites* mais utilizados pelos usuários no mundo, conforme a figura abaixo:

⁵ Disponível em <<http://topsy.com/analytics>>. Acesso em jan 2013.

⁶ Disponível em <<http://www.alexa.com/>>. Acesso em ago 2012.

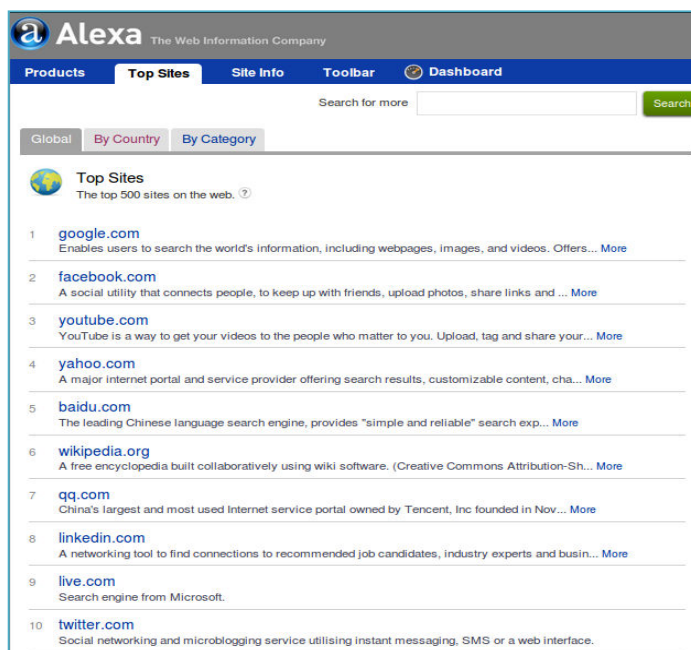


Figura 1: *Top Ten Sites no Mundo*

Fonte: <http://www.alexa.com>

A partir da pesquisa no Alexa, foi possível determinar as redes sociais para a pesquisa e coleta de dados sobre os movimentos, entre elas: Facebook (em 2º lugar), Twitter (em 10º lugar). Ressalte-se que o conteúdo veiculado em ambas as redes sociais também podem incluir vídeos publicados pelos usuários no YouTube, assim como transpondo as redes sociais, serem publicados em ambos os espaços de comunicação. A Wikipédia (em 6º lugar) foi selecionada para como locus de pesquisa sobre o tópico *Governamentalidade* a partir da edição de colaboradores para com o descritivo do tópico.

Outra característica desta pesquisa foi a localização dos dados disponíveis na rede sobre as manifestações. Essa técnica permitiu a utilização de dados recombinaáveis e a emergência de uma teia de composição de inteligência em que não se desperdiça nada, mas se reaproveita para diferentes pesquisas. Assim, o desenvolvimento do objeto também caracteriza essa pesquisa como uma investigação distribuída de dados que já se encontravam disponíveis em rede.

Paralelamente, servimo-nos de experiências pessoais vivenciadas no dia a dia das atividades na Coordenação de Projetos e Pesquisas da Escola do Futuro da USP, além da presença ativa em listas de discussões, congressos, redes de compartilhamento, entre outros fóruns para conversação e de atuação como docente no curso de extensão “Comunicação em Mídias Sociais: Estratégias e Tendências – Teoria das Redes”, na FAAP, em 2011. Essas atividades permitiram verificar de perto que todos os processos cognitivos podem ser redescritos a partir do momento em que são distribuídos, compartilhados, reconversados e, portanto, muitas vezes recriados.

- Etapas e procedimentos do percurso metodológico

1. Levantamento dos principais indicadores da evolução do acesso à internet no Brasil e no mundo, nos últimos cinco anos, por celulares e uso de redes sociais.
2. Busca no banco de teses e dissertações da CAPES⁷, através dos resumos⁸ com as *tags*: internet + redes para o mapeamento de teses, dissertações, artigos e pesquisas científicos no âmbito acadêmico que reflitam acontecimentos dentro do contexto proposto – últimos 20 anos – para a verificação de novas realidades discursivas emergentes do ponto de vista da cultura digital no âmbito acadêmico.
3. Busca no acervo digitalizado de notícias do jornal *O Estado de S. Paulo* por matérias que, a partir de 1993, tenham interesse para nossas descrições e, ao mesmo tempo, configurem temas do nosso mapeamento por meio do termo internet.
4. Pesquisa na Wikipédia sobre a construção do termo *Governamentalidade* e a relação entre esse termo e as produções dos indivíduos (editores) que o produziram. A pesquisa foi realizada em novembro de 2013 e foram selecionados os 100 últimos editores do tópico *Governamentalidade*. Para a importação dos dados a partir da base aberta da Wikipédia, foi utilizado o NodeXL⁹ para Microsoft Excel e o *plugin* WikiImporter¹⁰. Foram excluídos do banco de dados usuários não cadastrados na Wikipédia (anônimos) e usuários-robos. Para as visualizações dos resultados utilizou-se o *software* Gephi¹¹.
5. Identificação e descrição de *cases* e *microcases* a partir da própria vivência como pesquisadora-participante da rede, ao longo dos últimos 13 anos.
6. Pesquisa de diversas fontes tanto de mídias tradicionais quanto de mídias eletrônicas; assim como páginas específicas de redes sociais e suas fontes de referências (perfis e *timelines*), para contextualizar nossas versões e subversões dos estudos dos *microcases* e *cases*. Nossa investigação considerou o campo imagético como elemento de fundamental importância para essas narrativas.
7. Primavera Árabe: o *locus* de pesquisa se deu fundamentalmente na rede social Twitter. Utilizou-se a ferramenta Topsy para identificação das principais *hashtags* dos movimentos, possibilitando a coleta de dados do conteúdo publicado na rede social por *hashtag*. O período de investigação foi definido pelo recorte dos últimos três anos (novembro 2010 a outubro 2013). A análise dos dados foi construída tendo como

⁷ Disponível em <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em maio 2012.

⁸ Disponível em <<http://www.capes.gov.br/cadastrodediscentes/2164>>. Acesso em maio 2012.

⁹ Disponível em <<http://nodexl.codeplex.com/>>. Acesso em ago 2013.

¹⁰ Disponível em <<http://wikiimporter.codeplex.com/>>. Acesso em ago 2013.

¹¹ Disponível em <<https://gephi.org/>>. Acesso em set 2013.

prioridade: (I) *tweet* inicial da manifestação, ou movimento social, (II) picos de tweets nos gráficos, (III) mês de maior intensidade de publicação de tweets.

8. *Manifestações de Junho*: a pesquisa foi feita nas redes sociais Twitter e Facebook durante o período das manifestações em junho de 2013. No Facebook foi elaborado um gráfico de autoridades e *hubs* em que são caracterizados *posts* mais compartilhados e usuários que mais compartilharam conteúdos veiculados na rede social sobre as manifestações. No Twitter, elaborou-se um gráfico para mostrar o fenômeno da ocupação por meio das principais *hashtags* das manifestações durante o período de 12 a 25 de junho de 2013. Neste período, a base de tweets coletados foi de 278.137 milhões de Tweets.
9. PONLINE 2013: integramos resultados apresentados na PONLINE por fazer parte de um dos projetos coordenados pela pesquisadora. Em 2013, os frequentadores dos postos do Programa ACESSA-SP – programa de inclusão digital do Estado de São Paulo, responderam a um bloco específico de questões sobre as *Manifestações de Junho* fornecendo opiniões sobre o tema e a maneira como acompanharam ou seguiram informações sobre os protestos, e ainda, as formas de participação. Esses dados foram coletados diretamente dos usuários, por meio de questionário online, aplicado na semana de 02 a 07 de dezembro. Mais de 2.000 respondentes participaram da pesquisa, o que possibilitou apresentar dados relevantes sobre os fatos ocorridos após o período dos manifestos.
10. Cartografia dos principais conceitos/noções-chave presentes ao longo da tese para produzir a visibilidade de suas tessituras, distribuições e inter-relações: mapa conceitual.
11. *Opendata* – reapropriação e releitura de dados abertos disponíveis sobre os movimentos sociais no mundo e as *Manifestações de Junho*, tendo em vista a hipótese e os objetivos de pesquisa.

CAPÍTULO 1 - COMO NOSSO PRESENTE É FABRICADO E COMO PODE SER IMPLICADO

*Em nome da segurança pública e privada,
tem sido concedido à vida uma dimensão “social”
através de uma híbrida série de dispositivos
para a administração da insegurança.
(MILLER e ROSE)*

1.1 Condições para a criação da governamentalidade

Para tratar o tema deste capítulo, as investigações iniciais se focaram na leitura de várias publicações, abrangendo livros, artigos, entrevistas, textos e material transcrito de cursos, seminários e aulas de Michel Foucault. Isso porque a característica mais marcante de toda a produção deste pensador é a de ter se voltado para uma análise do ponto de vista ético e político da filosofia, desde a antiguidade grega até a atualidade, esclarecendo como foram sendo construídos os dispositivos dos saberes e práticas de poder que permeiam a modernidade.

Nesse sentido, o conceito de governamentalidade, neologismo criado, desenvolvido e apresentado por ele, no final da década de 1970, explica as diferentes racionalidades que a palavra *governar* foi adquirindo ao longo dos tempos, até se tornar a referência mais usual de hoje, a de um governo cuja característica principal é a de “governar os outros”.

Pretendemos, então, inicialmente, a partir das questões abordadas pelos estudos de governamentalidade, criar um solo que nos permita aprofundar a questão da ingerência dos saberes em nossas vidas, ou o que Foucault chamou de vontade de verdade e, em seu percurso, a organização discursiva estruturadora dos saberes constituídos. O que torna possível um conhecimento verdadeiro? Quais as implicações e transformações éticas no sujeito, na medida em que faz depender sua relação consigo mesmo e com os outros de que é certo dizer a verdade? Foucault caminha no conceito de verdade de maneira muito original e encontra na filosofia antiga um marca maior, que foi praticamente eclipsada pelo regime moderno dos discursos e dos saberes.

Nesse sentido, faremos, com Foucault, um percurso através da análise genealógica¹² da palavra governo, que se relaciona com seu projeto mais geral de estudo de Estado e população,

¹² A análise genealógica se contrapõe à análise histórica ou genética do poder no mundo ocidental, reconstituindo toda uma série de alianças, de comunicação, de pontos de apoio.

para, em seguida, desenvolver um pouco mais a relevância da questão ética inerente às tecnologias do governo de si e dos outros.

Embora tenha utilizado a palavra governamentalidade em algumas aulas precedentes no Collège de France, foi na aula de 8 de fevereiro de 1978, que se encontra no livro *Segurança, território e população* (1989), que Foucault especifica de modo mais detalhado porque se deteve nesse conceito, argumentando que fazia parte de seu projeto geral analisar o problema Estado e população, após ter desenvolvido suas análises precedentes de poder relacionadas com o que chamou de um deslocamento em relação à instituição, à função e ao objeto.

Em primeiro lugar, Foucault estabelece como três as principais tecnologias de poder: a primeira é o poder da soberania, encarnada no rei ou no soberano, a segunda é o poder disciplinar, em que disciplinar uma pessoa é constituí-la como indivíduo pela ação do poder sobre o seu corpo, algo que vem de fora e se internaliza. Para tanto, é preciso uma instituição disciplinar, como diz o filósofo, de “sequestro”, em que os indivíduos são confinados; e a terceira tecnologia de poder é o biopoder, complementar ao poder disciplinar, mas que não age sobre um indivíduo, mas sobre a população. Diz Foucault (1989, p.183):

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte e consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (FOUCAULT, 1989, p. 183).

Com isso, pretende explicar como uma especificidade do que seja a arte de governar se transforma em Governo – que começa a surgir no início do século XVI e se consolida no final do século XVII –, com o que ele chama de a razão do Estado, a partir de suas práticas mercantilistas. Até então, a arte de governar ou governo estavam relacionados a vários aspectos como o governo de si (do estoicismo), o governo das almas (pastoral), o governo das crianças (pedagogia) e o governo de estados pelos príncipes. Nesse sentido, para começar a responder à formulação “por que estudar a governamentalidade”, Foucault descreve o deslocamento do poder em relação ao termo governar:

Supondo-se que “governar” não seja a mesma coisa que “reinar”, não seja a mesma coisa que “comandar” ou “fazer a lei”, supondo-se que governar não seja a mesma coisa que ser soberano, ser suserano, ser senhor, ser juiz, ser general, ser proprietário, ser mestre-escola, ser professor; supondo-se portanto que haja uma especificidade do que é governar, seria preciso saber agora qual é o tipo de poder que essa noção abarca. Ou seja, analisar as relações de poder que são visadas no século XVI nessas artes de governar de que lhes falei, que são igualmente visadas na teoria e na prática mercantilistas do século XVII; enfim, que são visadas – e que chegam então a certo

limiar como disse da última vez, se bem me lembro, de ciência, creio que a palavra é totalmente inadequada e catastrófica, digamos a um certo nível de competência política [...] na doutrina fisiocrática do “governo econômico”. (*idem*, 2008, p.155).

Seguindo por essa linha, Foucault sugere uma nova questão: por que estudar esse domínio, no final das contas inconsistente, nebuloso, cingido por uma noção tão problemática e artificial quanto a de governamentalidade? A resposta, segundo ele, é clara: “para abordar o problema do Estado e da população.”(*ibidem*, p. 156)

Até certo ponto, todo mundo poderia entender o que é Estado e o que é população, já que ambos têm suas histórias e definições. Por isso, para Foucault é preciso responder a uma segunda questão: por que então estudar Estado e população, um assunto que pode ser tão denso, a partir da noção de governamentalidade, que pode ser fraca, difusa e lacunar?

Como Foucault explica nesta sequência, nos anos precedentes, ele havia se dedicado ao estudo das disciplinas, tais como as dos exércitos, hospitais, escolas, prisões. Esse estudo procurava, então, destacar as relações de poder das instituições, da perspectiva de sua formação, cuja origem era exterior tanto do governo quanto do indivíduo, o que hoje é o chamado cidadão ou usuário dos serviços, baseando-se nas tecnologias de poder.

Ou seja, esse método de estudo, em linhas gerais, tentava identificar, por detrás das instituições, suas práticas, regimes de signos, condutas e o que seriam essas tecnologias de poder aplicadas aos corpos, ao governo da sociedade.

Dessa perspectiva, diz ele:

[...] o ponto de vista adotado em todos esses estudos consistia em procurar destacar as relações de poder da instituição, a fim de analisá-las [sob o prisma] das tecnologias, destacá-las também da função, para retomá-las numa análise estratégica e destacá-las do privilégio do objeto, a fim de procurar ressitua-las do ponto de vista da constituição dos campos, domínios e objetos do saber (*ibidem*, p.159).

A partir dessa possibilidade, Foucault investe em nova questão para entrar no tema proposto de estudar a genealogia do Estado: será que se pode passar para o exterior do Estado, como se pôde passar para o exterior das diferentes instituições disciplinares?

[...] essas tecnologias gerais de poder que procuramos reconstituir passando fora da instituição, será que afinal elas não estão na dependência de uma instituição global, de uma instituição totalizante que é, precisamente, o Estado? [...] Será que, saindo dessas instituições locais, regionais, pontuais que são os hospitais, as prisões, as famílias, não somos simplesmente remetidos a outra instituição, de sorte que só sairíamos da análise institucional para sermos intimados a entrar num outro tipo de análise institucional, precisamente aquele em que estaria em pauta o Estado? (*ibidem*, p.159).

Nesse ponto, voltamos a fazer uma breve referência ao significado da palavra “governar” antes de ter adquirido seu significado propriamente político, a partir do século XVI.

Até então, de acordo com Foucault, a palavra governar abrangia um amplo domínio semântico que podia se referir ao deslocamento no espaço, à subsistência material, à alimentação, aos cuidados com a saúde, ao exercício de um comando, prestativa, “benévola”. Também poderia se referir tanto sobre si mesmo quanto sobre os outros, sobre seu corpo, sua alma ou sua maneira de agir e, ainda, se referir a um comércio, a uma troca que passava de um indivíduo a outro.

Mas há um sentido dentre todos que aparece claramente:

[...] nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre pessoas, são homens, indivíduos ou coletividades. Quando se fala da cidade que se governa com base nos tecidos, quer dizer que as pessoas tiram sua subsistência, seu alimento, seus recursos, sua riqueza, dos tecidos. Não é portanto uma cidade como estrutura política, mas as pessoas, indivíduos ou coletividade. Os homens é que são governados. (*ibidem*, p. 164).

1.2 Passagem do governo da cidade para o governo sobre homens que devem ser governados

A tragédia grega *Édipo rei* pode servir um exemplo de metáfora a ser utilizada para dizer que como o rei tinha em seu encargo a função de conduzir bem sua cidade. Nela, o papel do rei equivale à função de um bom timoneiro que conduz devidamente seu navio ao porto, evitando os escolhos. Ou seja, metaforicamente, o rei é o timoneiro e a cidade é o navio, o objeto a ser governado, a ser conduzido de modo seguro, evitando desastres, intempéries, invasões e saques de inimigos perigosos, até ancorar com segurança. Enfim, o capitão ou timoneiro tem como objeto do governo o navio e não os marujos. Os homens só são governados indiretamente, na medida em que também estão embarcados no mesmo navio.

Com esse exemplo, Foucault acredita que a ideia de que homens possam ser governados não foi uma ideia grega. Pelo seu método de genealogia, ele analisa que a ideia e a organização de um poder central advém de um poder pastoral. Assim, o tipo de governo dos homens deve ser buscado no Oriente, primeiramente no período pré-cristão e, posteriormente, no período cristão.

O título de pastor em relação aos homens, seu rebanho, fazia parte da titulação real dos babilônicos. É um tema que também é encontrado no Egito, na Assíria e na Mesopotâmia. Era igualmente a relação dos deuses ou de um deus com os homens., sendo este deus o pastor dos

homens. Na medida em que a relação de pastorado designa certo tipo de relação entre o soberano e deus, na medida em que Deus é o pastor dos homens, o rei também é:

[...] o rei é de certo modo o pastor subalterno a que Deus confiou o rebanho dos homens e que deve, ao fim do dia e ao fim de seu reinado, restituir a Deus o rebanho que lhe foi confiado. (*ibidem*, p.167).

Foucault observa ter sido, sobretudo entre os hebreus, que o tema do pastorado se desenvolveu e se intensificou. Certos profetas, como consta do Antigo Testamento, “simplesmente são vistos como tendo recebido das mãos de Deus o rebanho dos homens e que a ele devem devolver; e, por outro lado, os maus reis, os que são denunciados como tendo traído sua missão, são designados como maus pastores” (*ibidem*, p. 167)

Maus reis seriam, então, os que não representariam bem a Deus. Teriam traído a sua missão, dilapidado o rebanho, enfim, foram incapazes de lhe dar alimento e de levá-lo de volta à sua terra.

Quais os traços específicos desse poder do pastor – tão alheio ao pensamento grego – e tão intenso no Oriente, sobretudo entre os hebreus?

Em primeiro lugar, o poder do pastor não se exerce sobre um território, é um poder que, por definição, se exerce sobre um rebanho:

[...] mais exatamente sobre o rebanho em seu deslocamento, no movimento que o faz ir de um ponto a outro. O poder do pastor se exerce essencialmente sobre uma multiplicidade em movimento. O deus grego é um deus territorial, um deus *intramuros*, tem seu lugar privilegiado, seja sua cidade, seja seu templo. O Deus hebraico, ao contrário, é o Deus que caminha, o Deus que se desloca, o Deus que erra. Nunca a presença desse Deus é mais intensa, mais visível, do que precisamente, quando seu povo se desloca e quando, na errância desse povo, em seu deslocamento, nesse movimento que o leva a deixar a cidade, as campinas e os pastos, ele toma a frente do seu povo e mostra a direção que este deve seguir (*ibidem*, p.168).

Assim, ao contrário de um deus grego que aparece nas muralhas para defender sua cidade, o Deus hebraico aparece quando os hebreus deixam a cidade.

Em segundo lugar, o poder pastoral é fundamentalmente um “poder de fazer o bem”, enquanto para o pensamento grego e o romano, fazer o bem é um dos componentes que caracterizam o poder. Ali, o poder se caracteriza tanto pelo bem-fazer quanto por sua capacidade de derrotar, escravizar os inimigos, conquistar territórios, riquezas etc., ao passo que, para o poder pastoral, o objetivo principal é “salvar o rebanho” (*ibidem*, p.170).

O poder do pastor se manifesta, então, por um dever, por uma tarefa de sustentar o rebanho; a forma que o poder pastoral adquire não é, *inicialmente*, a manifestação de uma superioridade. Está aí a diferença entre o bom e o mau pastor. O bom pastor só pensa no seu rebanho e em nada em proveito próprio. Ele está a serviço do rebanho, serve de intermediário entre ele e a alimentação, a salvação, ou seja, implica sempre o bem. Além disso, o pastor é aquele que se dedica a *zelar* pelo rebanho, diz Foucault, a afastar a desgraça que possa ameaçar

qualquer animal do rebanho. Esta seria a última especificidade do poder pastoral: ter um poder individualizante. Ele dirige todo o rebanho, mas só o faz bem se não deixar escapar uma só ovelha. Este seria o paradoxo do pastor: tem de estar de olho em todos e em cada um (*omnes et singulatim*). Isso significa também o sacrifício do pastor: como ele deve tudo ao rebanho, precisa aceitar sacrificar-se por sua salvação.

Nesse contexto, Foucault observa que este é o ponto central da moral nas tecnologias de poder modernas. Ou seja: “a ideia de um poder pastoral se exerce mais sobre uma multiplicidade do que sobre um território” (*ibidem*, p.173). É um guia para um objetivo, um caminho para um poder finalizado sobre os quais ele é exercido, um poder que visa, ao mesmo tempo, todos e cada um em sua paradoxal equivalência e não a unidade superior formada pelo todo.

Tal como em Moisés, que sacrificou o rebanho para ir atrás da ovelha desgarrada, essa moral do pastorado se manteve no cerne da prática cristã, tendo influenciado a história das civilizações e servido de inspiração para um modelo político, embora devesse ser considerado um assunto de pastoreio. Desse ponto de vista, Foucault afirma que sem violência, o cristianismo acabou por organizar e implantar seus dispositivos de poder do pastorado no coração do Império Romano, um tipo de poder que nenhuma civilização havia concebido. Foucault afirma, por fim, que, sem dúvida, o homem aprendeu durante milênios o que nenhum grego da Antiguidade jamais teria aceitado admitir, ou seja, que poderia ser considerado uma ovelha entre ovelhas.

1.3 O cientificismo do discurso e seus desdobramentos nas práticas de poder

Escolhendo como uma das dobras o que um estudo como a governamentalidade permite, nossa proposta foi a de desvendar possíveis condições para a emergência de discursos instituídos provenientes de saberes científicos, que pudessem ter moldado e organizado os poderes representativos da modernidade.

A partir desse viés, consideramos importante voltar nossa atenção para alguns estudos que tivessem relação com o surgimento da sociedade disciplinar, das ciências humanas e consequente discurso dos saberes. Acreditamos que o estudo dessas implicações permitiria tornar mais visível a relação do governo e a governamentalidade do ponto de vista do indivíduo (singular) e população (coletivo), na sociedade civil.

Nessa mesma linha, encontramos Miller e Rose, de certa forma, compartilhando de nossa proposta, o que muito nos auxiliou na formulação de indagações que nos parecem bem relevantes para a condução de nossa pesquisa.

Como – e com que fins – tantas autoridades socialmente legitimadas procuraram interferir nas vidas dos indivíduos em esferas tão diversas quanto a escola, o lar, o ambiente de trabalho, a sala do tribunal e a fila do seguro-desemprego? Como foram expressos tais desejos, se em contextos relativamente locais, tais como companhias e organizações individuais, sob a forma de estratégias políticas ou de programas políticos mais sistematizados e formulados, seja nas esferas mais abstratas da teoria política. Que tipo de banco de dados e de pretensões de conhecimento fundamentaram tais esquemas de intervenção? [...] Que tipos de dispositivos tornaram possíveis tais intervenções, em que medida eles aplicaram os instrumentos existentes e até que ponto foram inventados? (MILLER; ROSE, 2012, p.11)

Estes autores afirmam que, de fato, essas questões decorrem naturalmente de desdobramentos iniciados a partir de seus estudos sobre o conceito de governamentalidade de Foucault e suas inter-relações entre conhecimento e competência do indivíduo e a administração de populações.

Com efeito, em certo momento, Foucault sinaliza que o problema dele não é saber se os discursos sobre o saber científico são verdadeiros ou não, se eles têm relação com uma objetividade ou não, se é preciso considerá-los como coerentes ou somente cômodos, mas entender a história da maneira pela qual as coisas produzem problemas.

Pudemos averiguar ainda, com Peter Miller e Nikolas Rose, em *Governando o Presente* (2012), que na obra *O nascimento da clínica* (1963), Foucault mostra precisamente como novas maneiras de pensar, agir e relacionar-se consigo mesmo surgem em dado momento histórico particular, ligadas, por algumas maneiras constitutivas de relações de poder, “à emergência de uma nova política e valorização”, como, por exemplo, na área da saúde, “à qual, por sua vez, estava conectada a novas formas de produção em fábricas, a novos estilos de vida nas cidades e a novos modos de administrar populações e epidemias”. (*ibidem*, p.13).

Ao sermos reconduzidos às análises de Foucault sobre o poder, observamos que este pensador define, em algumas obras, *poder* como um conjunto de ações sobre ações possíveis, ou seja, que se inscrevem no campo das possibilidades. Mais adiante, porém, passa a usar a expressão *relações de poder* para precisar a especificidade do termo “conduta”. Ou seja, quando o exercício do poder passa a ser o de conduzir condutas e ordenar possibilidades, de modo a estruturar o campo de ação dos sujeitos de direito.

Também é possível perceber que Foucault demonstra, em vários pronunciamentos, a dimensão das tecnologias da governamentalidade, como uma maneira de ajuntar pessoas,

técnicas, instituições, Governo¹³, mercado e consumidores como instrumentos eficazes, como discursos de poder, do ponto de vista da racionalidade, relacionados com a “maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes, de si” (FOUCAULT, 1995, p.244). A esse respeito, dizem Miller e Rose (2012, p.11):

Com efeito, a fim de tornar-se operáveis, as racionalidades precisavam encontrar algum jeito de compreender a si mesmas, tornar a si mesmas instrumentais, e designamos essas “tecnologias” de tecnologias humanas. [...] todos os dispositivos, instrumentos, técnicas, pessoas, materiais e aparatos que possibilitavam as autoridades imaginar e agir sobre a conduta de pessoas individual e coletivamente, e em ambientes que se achavam frequentemente bem distantes. (MILLER;ROSE, 2012).

Confluindo essas observações com esta proposta de pesquisa, alinhamos parte de nossas investigações na tentativa de preencher uma lacuna que recaía sobre os conhecimentos reconhecidos como verdades científicas que poderiam ser “comprováveis”, desde que orientados por normas pré-estabelecidas e desde que fossem descritas sob alguns rótulos ditos científicos. Verificamos, então, que a partir de 1981 até sua morte (1984), Foucault demonstra uma preocupação maior em escrever uma história sobre a produção de verdade, o que expressa brilhantemente em algumas de suas aulas no Collège de France.

Conforme um estudo de Alfredo Veiga-Neto (2009)¹⁴, com essas aulas, Foucault se afasta da tradição de que é preciso reconhecer que é “próprio da modernidade (e principalmente do Iluminismo) o entendimento de que existe uma perspectiva privilegiada, áurea, perspectiva das perspectivas”, a partir do qual se compreenda:

[...] o que é mesmo o mundo e se explique como ele funciona; em outras palavras, uma posição a partir da qual se chegue às “últimas verdades” ou – numa versão probabilística – se chegue cada vez mais perto das “verdades verdadeiramente verdadeiras”. Decorre desse unitarismo epistemológico – um dos pilares das Ciências modernas – a defesa que cada um faz de sua própria perspectiva como a perspectiva, na medida em que acredita na possibilidade de uma “perspectiva de todas as perspectivas”; decorre, também, o unitarismo metodológico, de modo que cada um que acredite na existência de um “método de todos os métodos”; e o unitarismo teórico, que pode se manifestar tanto como a busca de teorias que se apliquem a todos e quaisquer fenômenos quanto como a busca de uma teoria que unifique todas as outras que lhe seriam subordinadas. (*ibidem*, p.88)

Em vez desse reconhecimento, Veiga-Neto, utilizando-se das palavras de Richard Rorty, diz que Foucault problematiza a ideia de um método imutável, sistemático e universalmente aplicável, utilizando-se de um método próprio para redescrever o passado:

É por isso que, criticando a tentativa que faz Hacking de encontrar uma epistemologia que sustente uma metodologia foucaultiana, Rorty diz que “tudo o que ele [Foucault] tem a oferecer são redescrições brilhantes do passado, complementadas por sugestões

¹³ O termo Governo, aqui, com inicial em letra maiúscula, é essa instituição do Estado que centraliza, ou toma para si, o encargo da ação de governar.

¹⁴ Alfredo Veiga-Neto in Teoria e Método em Michel Foucault (im) possibilidades. Disponível em <<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n34/06.pdf>>, p. 88. Acesso em 30 mar 2013.

que auxiliam sobre como evitar cair nas armadilhas das antigas suposições historiográficas”. Essas sugestões, [continua Rorty] são uma série de máximas negativas que nem se originam de uma teoria nem se constituem num método (*ibidem*, p.88).

Essa mesma linha de abordagem de Veiga-Neto, sobre o método do conhecimento cientificista na modernidade baseado em estudos de Richard Rorty, pode ser complementada pelas considerações de Jurandir Freire Costa¹⁵(1996):

Concretamente, do lado da epistemologia e da metodologia, assiste-se a uma revisão da tradição filosófica ocidental e, de forma mais geral, da inteira cultura moderna. Esta revisão passa por uma série de questionamentos relativos a: 1) os problemas tidos até então como relevantes, como é o caso dos fundamentos pertinentes e legítimos do saber, chegando à conclusão que tais fundamentos não existem mais ou, quando existirem ainda, eles só podem ser de tipo débil (ou “enfraquecido”). Ou seja, os fundamentos seriam, de certa forma, evolutivos, e nunca estabelecidos de uma vez por todas, sempre renegociáveis, situáveis nos casos concretos, razão pela qual deveríamos falar mais concretamente em procedimentos; 2) os caminhos (e descaminhos), ou métodos, da análise e compreensão da realidade, que faz sentido para os indivíduos e para as coletividades humanas concretas, já não podem mais pretender “espelhar” o real, pois este (para fazer sentido) deveria sempre já ser “construído” pelos próprios atores/autores sociais que têm, sobre ele, pontos de vista diferentes e poucas vezes conciliáveis; 3) as metodologias, ou reflexão crítica sobre os métodos adotados, sobre sua “eficiência”, precisam de vários procedimentos, diferentes entre si e, muitas vezes, situáveis a níveis hierárquicos diferentes, razão pela qual se fala cada vez mais em metodologias complexas entendendo com isso, um leque de procedimentos que vão da multi e pluridisciplinaridade, passando pela inter e transdisciplinaridade, até às posições do assim chamado “anarquismo epistemológico” de Feyerabend sintetizável na fórmula de “tudo vale” (*anything goes*). (COSTA, 1996).

Este autor conclui afirmando que está claro que, nesta situação, o conselho de Descartes de que é “preciso proceder com ideias claras e distintas” , no sentido de verdade universal, deixa muito a desejar.

Já nos adiantando ao que será abordado mais adiante e, na tentativa de fazer uma ponte com o presente, vale destacarmos o que Nikolas Rose denomina de “surgimento de democracias liberais avançadas”, e que, neste contexto, a emergência desse campo se diferencia tanto das mentalidades liberais clássicas quanto daquelas que buscam governar pelo social. Esse novo tipo de governo usa a diversidade espalhada de *experts* desvinculando o aparato político à autoridade legitimada da *expertise*, transferindo os peritos para um mercado governado pelas racionalidades de competição, de credibilidade e demanda do consumidor. Em outras palavras, busca-se governar a partir das escolhas individualizadas, controladas pelos cidadãos individualmente, descrito agora como agentes de escolhas e de aspirações à autorrealização e à autossatisfação. Isso não é a mesma coisa que os cidadãos da sociedade na economia política clássica nem cidadão na sociedade, mas como membros de distintas

¹⁵ Anotações do Seminário do Departamento de Ciências Sociais. Salão Internacional da ENSP – Fiocruz, em 29 de maio de 1996.

comunidades filiativas, particulares. E, provocam os autores Miller e Rose: “É possível governar sem governar a sociedade ? Governar não mais sobre as pessoas, agentes autônomos, mas a partir delas?” (2012, p.27).

1.4 Foco na experiência e na acontecimentalização

Antes de investir nos estudos sobre discursos políticos como práticas sociais de governo, procuraremos nos ater ao termo “liberdade” configurada ou reconfigurada pelas práticas discursivas de poder.

Para isso, iremos nos servir de uma crítica à teoria do conhecimento que Richard Rorty faz em seu livro *A filosofia e o espelho da natureza* (1994), no qual apresenta uma divergência com a tradição fundadora de Descartes e Kant (das quais a filosofia analítica é uma das derivações mais recentes). A questão não é mais querer saber qual é a verdade, mas sim que descrição é mais útil aos propósitos de quem pensa um problema.

Essa perspectiva nos parece importante para que possamos começar a ampliar e deslocar nossas questões para além do binômio público/privado e compreendermos os vários modos pelos quais as autoridades sociais até hoje buscam modelar e “conduzir a conduta” das pessoas. Precisamos examinar como a ideia de esfera privada foi formada concomitantemente às noções de espaço público, de moralidade pública, interesse público e assim por diante. Ou, como diz Rose (1997), a genealogia da governamentalidade chama a atenção para um ponto muito relevante: a questão da coprodução de espaços públicos.

Uma coprodução, que complementamos, é sempre realizada por indivíduos.

Mas como ser coprodutores ou cocriadores de espaços públicos? Com que fins?

Nesse ponto, podemos formular uma nova questão: que tipo de pesquisa empírica e que tipos de instrumentos conceituais nos capacitariam a compreender problemas de forma a ampliar nossa capacidade de avaliar suas consequências e talvez até mesmo intervir nelas?

A produção social traz grandes desafios, seja por parte do poder público, dos movimentos sociais ou de empresas privadas. Mesmo o mais simples esforço grupal ou participação voluntária pode ser marcado por tensões entre os indivíduos participantes, e entre esses indivíduos e os outros que não participam. Esse dilema, diz Clay Shirky (2012, p.118), pode ser contornado por meio de várias concessões, mas nenhuma delas será inteiramente

satisfatória para todos. Não obstante, a maneira de ajudar um grupo a aumentar sua potência de funcionar ainda é a criação e a manutenção de uma cultura de compartilhamento de esforços.

Mas, talvez, a questão pudesse começar a ser respondida com outra que Veyne (1977) certa vez se fez: por que não estudar acontecimentos e práticas em termos de sua singularidade, as inter-relações que as definem e as condições que as tornam possíveis?

Como expressou Foucault, é preciso focar na experiência ou focalizar acontecimentos, as condições que constituem um acontecimento. Mostrar uma *acontecimentalização*, ou seja, tornar visível uma singularidade em lugares onde existe a tentação de invocar uma constante histórica, um traço antropológico imediato, ou uma obviedade que se impõe uniformemente a tudo. Analisar um acontecimento de acordo com os múltiplos processos que o constituem. Fazer a crítica da relação de conhecimento, autoridade e subjetividade.

Com isso, conforme já apontamos, pretendemos demonstrar, no decorrer do próximo capítulo, como certas formas de governo dependem também de uma relação particular entre os agentes políticos e a *expertise*, na qual as formulações dos peritos misturam-se com os nossos próprios projetos de autodomínio e incremento de nossas vidas. Desse modo, partimos da investigação das relações dos indivíduos consigo mesmos e com os outros, das práticas e condições de possibilidades que as pessoas pensam que são e que querem ser, das linguagens e as normas segundo as quais julgam a si mesmas e são julgadas pelos outros, das ações que perfazem a si mesmas e que os outros podem empreender à luz de tais compreensões.

Queremos deixar claro que não é nossa intenção fazer uma crítica para “esmagar” um tipo de sujeito realizador autêntico do “humanismo”, pois a questão nunca é pessoal, mas uma abordagem que perceba a própria ideia de sujeito humano como individuado, capaz de escolhas, com aptidões para autogovernar-se e que busque a autonomia como um resultado de processos de subjetivação (práticas de subjetificação) e não como base histórica para uma crítica de tais práticas.

1.5 Poder distribuído, lateralizado e descentralizado

Como usar o poder – que é produtor de significados, vocabulário, intervenções, de entidades, de processos, de objetos – como vestígio para a redescritção (produção) da vida ativa, singular e de liberdade que atravessam certos movimentos individuais? As discussões sobre práticas de liberdade (*que liberdades são essas?*) são centrais nessa forma de poder e, então, torna-se necessário apontar caminhos nos quais as formas de poder contemporâneas foram e/ou são construídas sobre uma premissa de liberdade, um tipo de liberdade controlada que encoraja

ou exige que os indivíduos comparem o que eles fazem, o que conquistaram , o que eles eram com o que eles podem ou devem ser (ROSE, 1991).

Nesse ponto, gostaríamos de introduzir em linhas gerais uma noção de liberdade que nos parece pertinente para caracterizarmos desde já nosso entendimento acerca de liberdade. Em seu livro *A Ética* Espinosa(2013) diz que a liberdade é sempre relativa e parcial. A liberdade está relacionada com a necessidade, que é da natureza dos corpos, de efetuação qualitativa de seu grau de potência, associada à ética, um sistema de avaliação e compreensão (bom e mau), ao passo que o sistema de julgamento (bem e mal) sempre estará relacionado a uma ordem moral estabelecida. Bom é quando um corpo entra em relação com o nosso, ou parte dele, e gera uma composição, um aumento de potência; por outro lado, mau é quando um corpo encontra o nosso, ou parte do nosso, e gera uma decomposição, uma diminuição de potência. Nesse sentido, a questão é sempre relativa e parcial e, como consequência, dois modos de existência surgem: será caracterizado como bom (livre ou forte) aquele que se esforça na medida de sua potência, por organizar esforços, compor relações livres e fortes que aumentem a potência de agir e não de subjugar-la.

Dessa perspectiva de liberdade, ou seja, do ponto de vista da ética espinosista, consideramos importante relacionar a potência da sociedade em rede efetuando-se na produção colaborativa livre, descentralizada, distribuída, ressaltando, porém, que é preciso ter presente um certo cuidado para saber discernir que a sedução da colaboração, da autonomia e do empreendedorismo das produções coletivas pode encaminhar uma produção e seus efeitos para outro lugar, ou seja, pode ser capturada. São duas faces da mesma moeda. A partir de um discurso de liberdade e colaboração, indivíduos podem ser cooptados de maneira cada vez mais sofisticada por empresas, instituições e discursos. Por isso, vimos a necessidade (enquanto prática de liberdade) de uma articulação que se efetua nessa pesquisa, relacionando a ética do cuidado de si como produção de liberdade e a da sociedade em rede ou mundo distribuído.

Trata-se também de um esforço para caracterizar as condições de possibilidades que nos permitam cartografar como a emergência de novos modos de comunicação e formas narrativas/discursivas mais distribuídas – menos centralizadas e concentradas – pode ser considerada mais democrática, ou em produção da ampliação democrática, já que esses novos modos nascem também de misturas e composições parciais – agenciamentos coletivos – em zonas desterritorializadas ou zonas autônomas temporárias (TAZ), ou seja, sem precisarem de instituições, relações formais ou objetivos pré-fixados.

Se as análises de Foucault em relação às relações de poder ou de dominação partem em primeiro lugar das relações humanas, isso não significa que o poder político esteja em toda

parte, mas que, nas relações humanas, há todo um conjunto de poder dominante que se exerce entre os indivíduos, seja no meio familiar, na escola, nas instituições políticas-públicas.

Segundo Foucault (1989, p.266-267)

Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação. É lógico que, em tal estado as práticas de liberdade não existem, existem apenas unilateralmente ou são extremamente restritas. [...] a liberação é as vezes a condição política ou histórica para uma prática de liberdade.

Se tomarmos o exemplo da sexualidade, é verdade que foi necessário um certo número de liberações em relação ao poder do macho, que foi preciso se liberar de uma moral opressiva relativa tanto à heterossexualidade quanto à homossexualidade; mas essa liberação não faz surgir o ser feliz e pleno de uma sexualidade na qual o sujeito tivesse atingido uma relação completa e satisfatória. (FOUCAULT, 1989, P. 266-267).

Ou seja, a liberação abre um campo para novas relações de poder, mas estas devem ser controladas por práticas de liberdade.

1.6 A relação de si consigo mesmo (tecnologias de si) e práticas de liberdade

A partir das práticas das tecnologias de si, iniciaremos nossa abordagem das práticas tecnológicas/informacionais e como elas modelam as formas pelas quais emolduramos escolhas abertas a indivíduos, negócios e outras organizações, o que, em contrapartida, influencia os modos como administramos a vida dos outros e as nossas próprias.

Dessa perspectiva, como chegamos a compreender a nós mesmos e com que consequências? Tentaremos descrever os discursos como tecnologias de subjetivação – dominação ou sujeição – que nos atravessam na vida pessoal, social e econômica.

Um trabalho sobre si mesmo pode ser compreendido como certa liberação ou um processo de liberação? Esta pergunta, feita a Foucault, durante uma entrevista (Foucault, 2004, p.1), recebeu a seguinte resposta:

Sobre isso, eu seria um pouco mais prudente. Sempre desconfiei um pouco do tema geral da liberação [...] se não o tratarmos com um certo número de precauções [...] corre-se o risco de remeter à ideia de que existe uma natureza ou uma essência humana, que após um certo número de processos históricos, econômicos e sociais, foi mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos, e por mecanismos de repressão. (*ibidem*, p.2).

Com esta hipótese, bastaria romper com os ferrolhos repressivos, diz Foucault, para que o homem reconciliasse consigo mesmo, reencontrasse sua natureza, retomasse contato com sua origem e restaurasse uma relação plena e positiva consigo mesmo. O que é uma ideia

inadequada, por ser fruto de pura imaginação. Portanto, diz ele, é preciso introduzir no conceito de exercício de práticas de liberdade a noção de dominação ou um estado de dominação.

A esse respeito Foucault toma como exemplo a pedagogia tradicional, para explicar o efeito de dominação na constituição dos sujeitos:

Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite - - he um saber, comunica-lhe técnicas: o problema é de preferência saber como será possível evitar, nessas práticas, nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário (*idem*, 1984, p.284)

Este é um dos inúmeros exemplos para se entender como, desde cedo, se pode incutir a submissão a uma autoridade arbitrária, seja sob a forma de uma ciência ou de um modelo de discurso de saber “de modo que o sujeito humano vá se definindo como indivíduo falante, vivo, trabalhador” (*idem*, 2004, p.1).

Desse ponto de vista, tentamos problematizar e elaborar até que ponto práticas de si e de liberdade podem ser potencializadoras da vida e não o contrário, o que tentaremos demonstrar com a abordagem dos acontecimentos que se relacionam com algumas experiências na rede e que nos referimos como novas formas de se fazer política.

O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual foi pensada como ética. Diz Foucault que se “se considerar toda uma série de textos desde os primeiros diálogos platônicos [...] ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral”, pois

Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo. (*ibidem*, p.3)

Para os gregos, segundo Foucault, na esteira do pensamento de Espinosa, liberdade significava nãoescravidão, uma definição de liberdade bem diferente da modernidade, e, portanto, um problema inteiramente político. Mas, em seu modelo político, ser livre significava não ser escravo de si mesmo (um escravo não tinha ética), nem de seus apetites, o que implicava estabelecer consigo mesmo uma certa relação de si, de controle, chamada de *arché*, poder, comando. Para os gregos, apenas o cuidado dos outros não implicava uma ética. Mas o cuidado de si, por ser ético em si mesmo, implicava o cuidado dos outros, uma vez que esse *ethos* implicava uma relação com os outros.

A escravidão era o grande risco contra o qual se opunha a liberdade grega. Assim como o abuso do poder do tirano que, ao contrário do bom soberano, exercendo ao mesmo tempo seu poder sobre si mesmo, podia regular o poder adequadamente o poder sobre o outro.

É nesse ponto que o problema das relações entre poder e saber irá refletir diretamente nas relações entre sujeito e verdade ou como o sujeito entra em um determinado jogo de verdade, dependendo das diferentes formas que um mesmo sujeito pode assumir na vida, já que ele não é uma substância imutável.

1.7 Vontade de saber e vontade de verdade

O cuidado de si certamente implica o conhecimento de si. Não é possível cuidar de si sem se conhecer. Este é um lado socrático-platônico, diz Foucault, mas é também o conhecimento de certo número de condutas ou princípios que são simultaneamente verdades e prescrições que vigoram em determinados discursos até hoje.

Conforme menciona Foucault, para descrever um sujeito do conhecimento ou sujeito político, talvez fosse preciso retroceder a Rousseau e a Hobbes, para entender o pensamento político do século XIX, em que o sujeito político foi pensado essencialmente como sujeito de direito quer em termos naturalistas, quer em termos do direito positivo, o que, diz ele, não gostava de comentar, pois não havia ainda examinado a fundo e, portanto, tampouco teríamos como fazê-lo nos limites desta tese de doutorado. O que nos interessa mais precisamente aqui é mencionar, com Foucault, que esta forma de “sujeito constituído” acabou substituindo o homem ético greco-romano que passou a não ter muito espaço no pensamento político contemporâneo (*ibidem*, p.10).

Mas no mundo dos problemas contemporâneos, o cuidado de si poderia ser o cerne de um novo pensamento político, de uma política diferente da que vingou com mais intensidade nos regimes políticos do século XX e início do século XXI?

Sem termos a pretensão de responder a esta questão que um entrevistador fez a Foucault, no início do ano de sua morte (1984), na qual ele afirma não ter avançado nesta direção, gostaríamos de caminhar por algumas vias que nos apresentam indícios para pensarmos por que em determinado momento ele afirma que nos preocupamos mais com a verdade do que conosco. Ou:

Por que somente cuidamos de nós mesmos através da preocupação com a verdade? [...] tocamos aí numa questão fundamental e que eu diria é a questão do Ocidente: o que fez com que toda a cultura ocidental passasse a girar em torno dessa obrigação de verdade; que assumiu várias formas diferentes? (*ibidem*, p. 10)

Embora a maior parte dos estudiosos da obra de Foucault tenha se concentrado nas relações de poder e saber, em suas últimas obras publicadas, ele reafirma que o seu problema sempre foi o das relações entre sujeito e verdade, ou mais precisamente, como o sujeito entra

em certo jogo de verdade (*ibidem*, p.7). O conhecimento de si é parte, ainda que seja também uma totalidade, da noção do cuidado de si, que compreendida em sua potência torna-se o cultivo de si, em que o conhecimento de si é parte do todo, mas não o todo.

Toda produção discursiva, em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita, implica uma inquietação diante de sua existência transitória, destinada a se apagar, diz Foucault, mas conforme uma duração que não nos pertence. A impermanência é outro sentido importante para compreendermos os acontecimentos da sociedade em rede, conectada, e seus desdobramentos nas práticas políticas. Num paralelismo à articulação de Deleuze a respeito de superfície e profundidade, atrevemo-nos a entender a impermanência não como uma falta de consistência de algo que não consegue garantir sua permanência. Esse sentido da impermanência será abordado ao longo dos casos do mundo distribuído, no Capítulo 4, em especial no entendimento das *Manifestações de Junho* de 2013, no Brasil. Neste momento, seguiremos com os efeitos da linguagem nos acontecimentos.

Também toda produção discursiva implica a vontade de verdade, uma vontade de verdade que, desde sua trajetória histórica socrático-platônica, não é a das verdades como a história das funções e posições do sujeito cognoscente, história dos investimentos materiais, técnicos, instrumentais, a serviço do conhecimento.

Mas, em vez disso, essa vontade de verdade, como outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional. E, assim, é reforçada e reconduzida a um conjunto de práticas segmentadas de conhecimento, como a pedagogia, o sistema de livros, de teses, das edições, das bibliotecas das sociedades de sábios de outrora e dos laboratórios de hoje (*idem*, 2008, p.17).

Porém, ela é também reconduzida, mais profundamente, “pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (*ibidem*, p.17). Foucault nos faz recordar e, segundo suas palavras, “apenas a título simbólico”, do velho princípio grego: “que a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas somente a geometria deve ser ensinada nas oligarquias, pois demonstra as proporções da desigualdade” (*ibidem*, p.18). Vontade de saber e vontade de verdade.

Segundo Foucault, há uma divisão histórica que marca nossa vontade de saber. Entretanto, ela não cessou de se deslocar. Embora tenha surgido no século XVI, é no século XVII que aparece, sobretudo na Inglaterra, uma vontade de saber que “antecipando-se a seus conceitos atuais, desenhava planos de objetos possíveis, observáveis, mensuráveis, classificáveis” e conforme analisa ele:

[...] que impunha ao sujeito cognoscente (e de certa forma antes de qualquer experiência), certa posição, certo olhar e certa função (ver, verificar, em vez de comentar); uma vontade de saber que prescrevia (e de um modo mais geral do que qualquer instrumento determinado) o nível técnico do qual deveriam investir-se os conhecimentos para serem verificáveis e úteis (*ibidem*, p.17).

Em relação à vontade de saber, em *História da Loucura* (2004), ele também nos esclarece que é no século XVII, com Descartes, que se vê o advento da *ratio* (razão). Com e para a *ratio*, o século XVII criou diversas casas de internação como os hospitais para os loucos, consolidando a ideia de que o louco deveria ser excluído da sociedade. “A não razão do século XVI constituía uma espécie de ameaça aberta cujos perigos podiam sempre, pelo menos de direito, comprometer as relações da subjetividade e da verdade” (*ibidem*, p.47).

Diz ele ainda que o ‘inevitável cortejo da razão’ precisava da loucura como sua alteridade, como sua régua de medição. “Sob controle, a loucura mantém todas as aparências do seu império”, pois, desde então, “ela faz parte das medidas da razão e do trabalho da verdade”. (*ibidem*, p. 43).

Com a análise do nascimento da prisão, como aparece na obra *Vigiar e Punir* (1977), Foucault expande sua investigação a respeito da autonomia ou administração do eu, a partir da demonstração de como a individuação era “um caminho de exercício de poder”. (MILLER; ROSE, (2012, p. 13).

Foi primeiramente por meio da análise desses “dispositivos de segurança”, do ponto de vista do poder, que Foucault procurou entender, como ele mesmo diz em entrevista em 1984¹⁶, “como o sujeito humano entrava nos jogos de verdade”, se tivessem estes a forma de uma ciência ou se referissem a um modelo científico, ou fossem como os encontrados nas instituições ou nas práticas de controle. Segundo explica, em *As palavras e as coisas* (originalmente publicado em 1966), ele já havia formulado essa reflexão, em que procurou verificar de que modo, nos discursos científicos, o sujeito humano vai se definir como indivíduo falante, vivo, trabalhador.

Porém, mais adiante, principalmente nos cursos do Collège de France (1970-1982), Foucault fará um deslocamento do problema das relações nos jogos de verdade:

É possível haver, por exemplo, um jogo de verdade que consiste em descrever as coisas dessa ou daquela maneira; aquele que faz uma descrição antropológica de uma sociedade não faz uma construção, mas uma descrição. Isso não significa que não se está diante de nada e que tudo é fruto da cabeça de alguém. A partir do que se pode dizer, por exemplo, a respeito dessa transformação dos jogos de verdade, alguns concluem que se disse que nada existia – acharam que eu dizia que a loucura não existia, quando problema era totalmente inverso: tratava-se de saber como a loucura,

¹⁶“A ética do cuidado de si como prática de liberdade”. Entrevista a H. Becker, R. Fomet-Betancourt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984. *Revista internacional de Filosofia*, n. 6, julho-dezembro de 1994 p. 99-116. Para esta tese, nossa referência está sendo o artigo com o mesmo nome, mas que foi publicado em Ditos & Escritos, da Forense Universitária, 2004 [mimeo].

nas diferentes definições que lhe foram dadas, em um certo momento, pôde ser integrada em um campo institucional que a constituía como doença mental, ocupando um certo lugar, ao lado das outras doenças (*idem*, 2004, p.12)

Antes disso, o próprio Foucault diz que examinava os jogos da verdade, seja a partir das práticas coercitivas – como no caso da psiquiatria e do sistema penitenciário –, seja nas formas de jogos teóricos ou científicos – como a análise das riquezas, da linguagem e do ser vivo –, passando a considerá-los pelo que se pode chamar de uma prática ou exercício de si, que ele acredita ser um fenômeno bastante importante em nossas sociedades desde a era greco-romana, embora não tenha sido muito estudado, através do qual se procura elaborar-se, transformar-se e atingir certo modo de ser.

Em relação às teorias tradicionais do conhecimento, também nos parece importante mencionar a pergunta de Foucault: de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (*idem*, 1998, p.13).

Foucault (2008, p.6) , em *A Ordem do Discurso*¹⁷ (1970/1996), considera que existe em muita gente um desejo de “não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso”, sem ter a necessidade de um reconhecimento exterior “do que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico”.

Articulando os conceitos trazidos por Gabriel Tarde (2005), como as semelhanças sociais e as lógicas da imitação, seguiremos em nossa proposta de explicitar como as condutas individuais se desenvolvem e se propagam nas relações sociais.

¹⁷ Esta obra consiste na transcrição da aula inaugural do Collège de France, ministrada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CAPÍTULO 2 - OS EFEITOS DA LINGUAGEM NOS ACONTECIMENTOS

*Até que ponto somos senhores
de nossas palavras?*

2.1 A *expertise* e as tecnologias discursivas de conduzir a conduta

Seguindo por essa linha e procurando entender como produzimos, repetimos e reproduzimos determinados termos/jargões em certas zonas discursivas de saber que habitualmente frequentamos e interagimos com as pessoas – presencialmente ou *on-line* – podemos formular alguns questionamentos importantes para avançarmos em nossas investigações deste capítulo.

- Quem em nós fala quando defendemos algumas posições ideológicas, partidárias, comunitárias, alguns argumentos da torcida organizada do nosso time de futebol, da nossa equipe de trabalho, dos amigos do Facebook?
- Governamos a nós mesmos? Quando isso se traduz em nossos discursos?
- Até que ponto os jargões ajudam ou atrapalham? Por que a crescente profusão de expressões na maioria dos complôs do conhecimento?”, perguntamos com Veiga-Neto¹⁸.

Nascemos nos contextos de narrativas comuns, como diz Dora Fried Schnitman, no livro *Novos Paradigmas da Mediação* (1999, p.105). O entendimento dessa noção de narrativa é bastante útil para nos apropriarmos da maneira como vamos construindo o sentido dos discursos, uma perspectiva fundamental como veremos mais adiante com a lógica do sentido de Gilles Deleuze. Por ora, ficaremos com a ideia de que compreendemos e ordenamos nossas vidas como histórias que estamos vivendo. Narramo-nos, narramos outros e somos narrados.

Para abordar essas questões, foram bastante proveitosas tanto as análises sobre a governamentalidade que avançamos no capítulo anterior quanto as observações de Rorty (1988, p.288), em que afirma que “é preciso abandonar a noção de correspondência, tanto para as

¹⁸Veiga-Neto. A. “Governo ou Governamento”. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.5, n.2, p.79-85, jul/dez 2005.

frases como para os pensamentos, e ver as frases como estando mais ligadas às outras frases do que ao mundo”.

Baseando-se nesse ponto de vista de Rorty, Veiga-Neto (2005, p.80) afirma que é esse “estar ligado a outras frases” que “nos obriga”, ao escrever e ao ler, a “mantermos ressoando outras frases, de outros discursos, que se conectam com o que estamos lendo ou escrevendo”, com tendência a uma profusão de termos de retórica e nomenclatura próprias de um determinado campo de saber. Diz ele:

Para ser mais específico, trago o problema do vocabulário técnico. Se, num determinado enunciado, um termo técnico pode ser necessário – na medida em que serve de elo com outros enunciados de uma mesma série discursiva –, ele pode, por outro lado, ser um complicador, um estorvo, um a mais que só dificultará a fluência e até a compreensão dos enunciados. É na demarcação do limite entre o necessário e o supérfluo de uma palavra técnica que está a dificuldade a que me refiro. (*ibidem*, p.80)

Com Miller e Rose (2012), passamos a verificar que há determinado número de condições dentro de um processo de saber no qual a *expertise*, na personagem de um perito – o *expert*, o especialista em determinado assunto – pode dizer que expressa neutralidade, autoridade e habilidade, e, portanto, legitimidade suficiente para que se atinja o efeito de verdade necessário, como uma figura sábia, ao agir de acordo com um código ético específico para além do bem e do mal.

Mas que neutralidade está por trás disso? Nesta resposta não estaria o cerne das relações de poder do discurso da *expertise*, que se refere como elemento de poder de um governo sobre uma série de dispositivos que formam e modelam esperanças, aspirações e aptidões dos indivíduos e das coletividades? (MILLER; ROSE, 2012, p.87).

Não seria por isso que o surgimento da *expertise* estaria ligado a uma transformação nas racionalidades e tecnologias de governar os outros?

De acordo com uma análise de Foucault, toda sociedade – e, portanto, também esta nossa sociedade contemporânea – se habitua a conhecer procedimentos de exclusão, de não aceitação do que possa ser considerado perigoso à ordem, muitas vezes de modo imperceptível.

Segundo essa análise, os mecanismos de aprisionamento de conceitos nos discursos muitas vezes são notórios e muitas vezes não o são, são sutis.

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2008a, p.9)

Ou seja, é evidente que não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância e que qualquer um não pode falar qualquer coisa. A isso, Foucault interpreta como “tabu de objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do

sujeito que fala” em que se criam “três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa” (2008a, p. 9 que não cessa de se modificar.

Salienta o filósofo que é preciso notar que onde “a grade é mais cerrada é onde os buracos negros se multiplicam”, que, a seu ver, são as regiões da sexualidade e da política (*ibidem*, p.9).

Mas existe outro princípio de exclusão, não mais uma interdição, mas uma separação e uma rejeição. Na alta Idade Média, como já dissemos anteriormente, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros. A palavra de verdade do louco, durante séculos, não era ouvida, ela não existia, ou então, quando escutada, era para reconhecer a loucura do louco, para fazer a separação. Ainda que no final do século XVIII, um médico tenha tido a ideia de saber o que o era dito (como e por que era dito), todo o imenso discurso do louco não era senão um ruído e a palavra só lhe era dada simbolicamente, como num teatro em que se representava aí o papel de verdade mascarada. (*ibidem*, p.12).

Mas como se poderia razoavelmente comparar a força da verdade com separações como essas, separações que, de saída, são arbitrárias, ou que, ao menos, se organizam em torno de contingências históricas que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência. (*ibidem*, p.13-14)

É na teia de contingências históricas que, segundo Miller e Rose (2012 p. 16), se começa a discernir as relações que resultam em modos específicos de governar, modos particulares de buscar modelar a conduta de indivíduos e de grupos.

Em torno de problemas de anormalidade, diferença e divergência é que as disciplinas da psique assumiram forma, ganharam credibilidade social, em razão de suas atestadas capacidades técnicas de administrar racionalmente pessoas à luz do conhecimento do que as motiva. Todavia, isso não queria dizer que elas “estariam maduras para ser criticadas a partir de um humanismo ou de uma aspiração a liberar uma verdadeira e autêntica subjetividade” (*idem*, p.19).

Nesse contexto, dizem Miller e Rose que críticas ao campo da psique como individualista ou individualizante haviam desempenhado um claro papel explicitando a criação de uma forma de *expertise* capaz de administrar legitimamente as pessoas – terapêutica, individual ou coletivamente – seja “em termos de ideia do grupo, da administração democrática do lugar do trabalho, da autorrealização, seja do que quer que fosse”.

2.2 O sentido como dimensão de apropriação da linguagem

Longe da pretensão de desenvolvermos ou nos alongarmos nas teorias da linguagem, que não é nosso foco de concentração, procuraremos desenvolver e explicitar algumas dimensões da proposição que nos ajudem a perceber as relações da linguagem e alguns dispositivos da linguagem que podem liberar ou capturar concepções de saber/poder no discurso no nível da governamentalidade e da *expertise* contemporânea (crenças e condições para se produzir verdades).

Gilles Deleuze, em *A lógica do sentido*¹⁹, serve-se de obras de autores da literatura moderna, como *Alice no País das Maravilhas* e *Sílvia e Bruno*, de Lewis Carroll, para liberar conceitos que nos parecem essenciais para melhor entendimento e união de conceitos como superfície e profundidade e concepções como as de laços fortes e laços fracos (Mark Granovetter) que emergem dos encontros e acontecimentos nas relações sociais.

Acreditamos que, ao abordarmos alguns efeitos desses encontros e acontecimentos, estamos produzindo ao longo do Capítulo 3, um solo adequado que nos permitirão desenvolver melhor no Capítulo 4 deste estudo, quando abordaremos as relações de produções individuais e coletivas em zonas de conversação na rede tornadas visíveis a partir das noções de singularidades e de afecções manifestos na rede e sua potência de ocupação na disputa dos sentidos e discursos que o contexto das redes distribuídas apresenta.

Para isso, introduzimos aqui o pensamento deleuziano que apresenta conceitos de superfície, falsa profundidade, falsa sabedoria e animalidade, que podem servir de base para liberarmos a sua noção de sentido nos acontecimentos e a noção de devir ou mudanças incorporais que se dão a partir do discurso.

Em *Sílvia e Bruno*, um exemplo citado por Deleuze, “a técnica da passagem do real para o sonho, e dos corpos para o incorporeal, é multiplicada, completamente renovada, levada à sua perfeição”. Mas esta passagem só pode ser realizada contornando a superfície, a fronteira, “que passamos de um lado para o outro” – superfície e profundidade e vice-versa.

A continuidade do avesso e do direito substitui todos os níveis de profundidade; e os efeitos e superfície em um só e mesmo acontecimento, que vale para todos os acontecimentos, fazem elevar-se ao nível da linguagem todo o devir e seus paradoxos. (DELEUZE, 1983, p.17)

Conforme Deleuze (1983, p.12), este tipo de análise da superfície para fazer a crítica à profundidade – o eu profundo – se apresentava como uma constante da literatura moderna. Segundo Deleuze, Michel Tournier, por exemplo, em *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, diz:

¹⁹ DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Terceira Série: Da Proposição (p.13-23) e Quinta Série (p.32-39), 1983.

Estranho preconceito, contudo, que valoriza cegamente a profundidade em detrimento da superfície e que pretende que *superficial* significa não de *vasta dimensão*, mas de *pouca profundidade*, enquanto que *profundo* ao contrário significa de grande *profundidade* e não de *fraca superfície*. E, entretanto, um sentimento como o amor mede-se bem melhor, ao que me parece, se é que se pode ser medido, pela importância de sua superfície do que pelo grau de profundidade...[Cf. Apêndices III e IV] (Deleuze, 1983, p.12).

Na mesma obra, Deleuze (p.14) irá afirmar que muitos autores que estudam a linguagem reconhecem as três relações distintas na proposição como seguem:

- a) Designação ou indicação: indica um *estado* individual de coisas exteriores. A designação associa as palavras com imagens particulares que devem “representar” o estado das coisas. Ou seja: entre todas as palavras é preciso escolher as que correspondem a um dado objeto ou dada situação: “é isto”, “não é isto”. Não está em questão ainda se a indicação é primitiva ou derivada, necessária ou arbitrária. Segundo Deleuze, o que conta é que certas palavras, “certas partículas linguísticas servem como formas vazias para a seleção das imagens em todo e qualquer caso”. No sentido lógico, a designação tem como critério e como elemento o verdadeiro e o falso. “Verdadeiro em todos os casos” significa que o preenchimento se faz para a infinidade das imagens particulares associáveis às palavras, sem que haja necessidade de seleção. “Falso significa que a designação não está preenchida, seja por deficiência das imagens selecionadas, seja por impossibilidade radical de produzir uma imagem associável às palavras”.
- b) Manifestação como segunda dimensão da proposição em linguagem. Trata-se da relação da proposição ao sujeito que fala e que se exprime. A manifestação se apresenta como o enunciado dos desejos e das crenças. Desejos e crenças são inferências causais e não associações. Da mesma forma que o nome próprio é um indicador privilegiado (designação), o “Eu” é o manifestante de base. Mas, como fala Deleuze, desenvolvendo uma tese de Emile Benveniste, “mas não são somente os outros manifestantes que dependem do Eu, é o conjunto dos indicadores que se referem a ele”.
- c) Significação refere-se com a relação da palavra com conceitos *universais* ou *gerais*, e das ligações sintáticas com implicações de conceito. Do ponto de vista da significação, segundo Deleuze, os elementos da proposição são considerados “significantes” das implicações de conceitos que podem remeter a outras proposições, capazes de servir de premissas à primeira. A significação se define, por esta ordem de implicação conceitual, em que a proposição considerada não intervém senão como elemento de uma “demonstração”, no sentido mais geral da palavra, seja como premissa, seja como conclusão. Os significantes linguísticos são essencialmente “implica” e “logo”. O valor lógico da significação (ou demonstração), não é a verdade, mas a *condição de verdade*, o conjunto das condições sob as quais uma proposição “seria” verdadeira. A significação não fundamenta a verdade, sem tornar ao mesmo tempo possível. Eis por que a condição de verdade não se opõe ao falso, mas ao absurdo: o que é sem significação, o que não pode ser verdadeiro e nem falso.

Pela análise discursiva proposta por Deleuze, o primado da manifestação, não somente em relação à designação, mas também com relação à significação, deve ser entendido em uma ordem de atos da fala em que as significações permanecem naturalmente implícitas.

Esse brevíssimo resumo que destacamos se refere basicamente às explicações de Deleuze para liberar uma quarta proposição ou dimensão da linguagem que, concordando com ele, é a mais importante: o sentido. Segundo Deleuze, o sentido não existe fora da proposição que o exprime, assim como o expresso não existe fora de sua expressão.

Mas “o sentido não pode ser dito existir, mas somente insistir e subsistir”; não se confunde com a proposição com uma ‘objetividade’; não se parece com a expressão do sujeito e predicado gramatical enquanto atributo a um estado de coisas. Por exemplo: a árvore é verde (designação), mas a árvore verdeja. Verde designa uma qualidade, uma mistura de coisas, uma mistura de árvore e de ar em que uma clorofila coexiste em todas as partes da folha; verdejar, ao contrário, não é uma qualidade na coisa, mas um atributo que se diz da coisa e, conforme Espinosa, sua causa adequada. Ou seja, a árvore em devir. A árvore se expressa verde; expressa a mistura do ar, com a luz, a clorofila, mas o verdejar é o exprimível, devir verdejando. O sentido é o exprimível ou o expresso da e na mesma proposição.

Sob a ótica do sentido – ou das condições expressas por trás da opacidade dos discursos dos saberes instituídos –, podemos observar como algumas descrições estão impregnadas do fato e do direito; do *a priori* e *a posteriori*, em vez de estarem focadas ou a serviço da singularidade de um acontecimento e seus efeitos que tornam possíveis que novas práticas – sejam da área do conhecimento, da arte, ou políticas – possam ser inventadas, coexistindo pelas bordas ou nas fronteiras das proposições e das coisas, e que criem a possibilidade de serem referidos pela linguagem sem formatação pré-determinada.

Ou, nas palavras de Deleuze (1974, p.14): “que seja próprio dos acontecimentos o fato de serem expressos ou exprimíveis, enunciados ou enunciáveis por meio de proposições pelo menos possíveis”.

Nesse ponto, podemos unir a descrição, em linhas gerais, de Richard Rorty do campo da linguagem relacionado ao campo do poder, nos processos de subjetivação.

De acordo com Jurandir Freire da Costa²⁰, Rorty, em suas análises sobre a construção dos referentes das palavras e expressões na teoria semântica da verdade, tentou incluir no mesmo debate as relações mente/corpo. Segundo Costa, para Rorty, referente é um termo típico da gramática ou jargão da semântica, entendendo-se a semântica como parte da filosofia da linguagem cuja proposta é entender como o sentido das frases ou palavras são construídos ou como podemos explicar o sentido “do sentido”. Pela semântica, as palavras adquirem a *significação* partilhada por uma determinada comunidade de falantes competentes de uma língua.

Rorty toma como exemplo o termo sujeito. Para ele, não há como vê-lo em sua nudez ontológica nem pode ser pesado e medido em sua materialidade. Nesse caso, o sujeito é apenas uma rede linguística de crenças e desejos. Segundo Rorty, narra Costa (2001):

²⁰ COSTA, Jurandir Freire. “Richard Rorty e a construção da subjetividade” in **Saúde Sexo e Educação**. Seminário. Rio de Janeiro, V. IX, Nº 23, p.27 - 33, 2001[Mimeo].

Eu sou, basicamente, um ser de linguagem. Sou, basicamente, um conjunto de crenças que eu tenho sobre mim; de definições que eu dou sobre mim; de interpretações, de versões, de imagens que crio sobre o que, supostamente, seria “a minha, a nossa natureza”. Só que todas estas versões são construtos linguísticos. O sujeito só existe e já existe, compulsoriamente, ‘sob descrição’. Ora, dizer que o sujeito é uma construção linguística é virar de ponta cabeça ideias tradicionais tais como: a idéia de que o sujeito tem dentro de si uma mente que funciona como uma espécie de olho interno e que é capaz de ver o que se passa nele, da mesma maneira como, fisicamente, posso olhar e observar os objetos físicos.

Sob esse ponto de vista, remetemo-nos a um dos problemas que trabalhamos em nossa dissertação de mestrado²¹, indicado por Pierre Lévy como um dos mais árduos da filosofia e das práticas políticas, pois se relaciona com a constituição dos agentes coletivos de enunciação. Ou seja, consiste em verificar em que condições se pode justificadamente dizer ‘nós’ e quem é esse ‘nós’ que pode se enunciar legitimamente enquanto coletivo e sem usurpação ou redução de variedade²².

2.3 O implícito discursivo e o não discursivo: eu=eu, eu=nós

Oswaldo Ducrot, com sua teoria da polifonia²³, diz que é preciso contestar e, se possível, substituir – um postulado que parece um pressuposto (geralmente implícito) de tudo o que se denomina atualmente linguística moderna, termo que recobre ao mesmo tempo o corporativismo, o estruturalismo e a gramática gerativa. Este discurso é o da unicidade do sujeito falante.

Parece-me, com efeito, que as pesquisas sobre a linguagem, há pelo menos dois séculos, consideram como óbvio – sem sequer cogitar em formular a ideia, de tal modo ela se mostra evidente – que cada enunciado possui um, e somente um autor. (DUCROT, 1987, p.161)

O termo *polifonia*, originariamente, se refere a uma classe de composição musical, caracterizada pela “sobreposição de muitas vozes ou muitos instrumentos, exprimindo cada qual suas ideias, quase sempre em ritmos diferentes” (BORBA; e GRAÇA, 1963, p.392)²⁴. Entretanto, Ducrot irá se apropriar desta palavra pelo conceito elaborado por Bakhtin, que foi o primeiro a abordar a polifonia no universo da enunciação em textos literários, para os quais é preciso reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sem que uma entre elas seja

²¹ “Possibilidades democráticas virtuais”, Capítulo 1. *Web e Participação – a democracia no século XXI*. 2010, p.67.

²² P. Lévy usa o termo “sujeitos coletivos de enunciação” no livro *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço* (São Paulo: Loyola, 1998). O conceito de agenciamento coletivo de enunciação foi criado por Félix Guattari e Gilles Deleuze a partir dos postulados linguísticos de Mikhail Bakhtin. Apareceu pela primeira vez em *O anti-Édipo* e foi desenvolvido nas obras: *Kafka: por uma literatura menor* e *Mil Platôs* (vol. 2).

²³ O cap. VIII, “A teoria da polifonia no discurso”, é a base do livro *O dizer e o dito*.

²⁴ BORBA, Tomás; GRAÇA, Fernando Lopes. *Dicionário de música ilustrado*. Lisboa: Cosmos, 1963.

preponderante e julgue as outras. Bakhtin estaria, então, opondo, segundo Ducrot, “à literatura clássica ou dogmática, a literatura popular, ou ainda carnavalesca, e que às vezes ele qualifica de mascarada, entendo por isso que o autor assume uma série de máscaras diferentes”, embora não tenha chegado a colocar em dúvida, “o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz”. (1987, p.161).

E foi a este postulado que Ducrot se dedicou a esboçar em sua Teoria Polifônica da Enunciação. De acordo com esta teoria, como agente de enunciação, o sujeito falante pode se comunicar, pode mentir, pode ironizar, pode comandar. O que parece importante aqui é a dissociação de um eu falante e de um eu que representa outro, por meio de discurso, o que implica alguém que não está comunicando seu próprio pensamento, mas um pensamento que pode ser seu ou pode não ser seu. Ducrot diz que o locutor, a pessoa à qual se atribui a *responsabilidade* por uma enunciação, nesse caso, põe em cena dois enunciadores, um eu falante e um eu que representa, e que, a despeito de um mesmo objeto, poderia reagir de modo diferente ou oposto.

Como consequência dessa análise de locutor-enunciador que falará a um ou mais destinatários, Ducrot afirma que é preciso saber distinguir um discurso que pode estar dentro do outro (ou por trás de outro, como já disse Foucault), de modo direto ou indireto.

De acordo com esta teoria, dizem Deleuze e Guattari (1995, p. 17) que não existe enunciação individual nem mesmo sujeito de enunciação. Entretanto, existem relativamente poucos linguistas que se debruçaram sobre o caráter necessariamente social da enunciação²⁵. Complementando essa observação, em *Lógica do Sentido* vimos com Deleuze que compreende-se que só há individuação do enunciado e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina.

Nesse contexto, consideramos que é possível fazer incidir também a noção de autoria e seus desdobramentos no campo do sujeito de direito e direito de propriedade, aspectos fundantes da sociedade atual ocidental cujas fronteiras a cultura digital vem implicando sua força de ocupação e recomposição, esculpindo novos espaços, hibridizando crenças, engravidando conceitos, tema que abordaremos no Capítulo 4.

Ainda segundo Ducrot (1987, p.163) ,

[...] esta incitação para agir ou esta obrigação de responder são *dadas como efeitos de enunciação*. [...] todo enunciado traz consigo uma qualificação de sua enunciação, qualificação que constitui para mim o sentido do enunciado.

²⁵[nota de Deleuze] Bakhtin e Labov insistiram, de duas maneiras diferentes, no caráter social da enunciação. Dessa forma, eles se opõem não apenas ao subjetivismo, mas ao estruturalismo, dado que este remete o sistema da língua à compreensão de um indivíduo de direito, e os fatores sociais, aos indivíduos de fato enquanto falantes (1987, p.163).

Por esta via, posicionamos nossas investigações destacando a oposição entre a teoria da linguagem como representação de uma realidade e a teoria da pragmática linguística que, segundo Ducrot, para dar conta do que é enunciado pela fala.

O problema fundamental para Ducrot, nesta ordem de estudos da pragmática linguística, é, então, entender porque é possível se servir de palavras para exercer uma influência, já que certas palavras, em certas circunstâncias, são dotadas de eficácia. Para ele é como o problema do centurião do Evangelho, que se espanta por dizer a seu criado ‘venha!’, e o criado vem. Assim,

Se se toma como objeto da pragmática a ação humana em geral, o termo pragmática da linguagem pode servir para designar, neste conjunto de investigações, as que dizem respeito à ação humana realizada pela linguagem, indicando suas condições e seu alcance. (*ibidem*, p.163).

Não se trata mais do que se fala quando se fala, mas do que se considera que a fala, segundo o próprio enunciado, produz como efeito. Nesse caso, a linguagem não é nem informativa nem comunicativa, não é a comunicação de uma informação, mas transmissão de palavras de ordem. Esta é uma noção precisa que será resgatada ao longo do percurso do Capítulo 4 quando adentrarmos no campo da apropriação dos meios de comunicação e a produção de novas práticas políticas.

Por meio da frequência e da ressonância, “duas formas de redundância”, segundo Deleuze e Guattari (1997, p.17), a primeira diz respeito à significância da informação e a segunda (eu=eu, eu=nós) diz respeito à subjetividade da comunicação. Do mesmo modo, no tipo de enunciado de um locutor “é preciso que apague o cigarro para entrar aqui”, há um sujeito indeterminado na frase, mas nesta frase está implícita a representação de uma autoridade no sujeito falante. “Coloque sua senha”, “Preencha o formulário”, “Dê o aceite ao termo de uso”, “Complete seu perfil”, “Seja livre”, “Seja empreendedor de você mesmo, abra sua *startup*”.

Isso ocorre do mesmo modo, tanto ao se recorrer ao uso do imperativo pretendendo-se incitar alguém a se conduzir de determinada maneira quanto ao se utilizar um enunciado interrogativo pretendendo-se obrigar, pela própria fala, a pessoa a quem se dirige a adotar um comportamento particular, o de responder.

A instantaneidade da palavra de ordem, sua *imediatidade*, lhe confere uma potência de variação em relação aos corpos aos quais se atribui a transformação real e, portanto, pragmática, sendo uma *política* da língua.

Nessa mesma linha, e com reforço complementar, lembramos aqui, em linhas gerais, da Teoria dos Atos da Fala, do filósofo da linguagem John L. Austin²⁶, um dos mais proeminentes filósofos da escola de Oxford. Segundo esta teoria, a linguagem não é apenas um instrumento de representação do mundo, mas, sim, um instrumento para “fazer coisas”. Como tal, a linguagem não só cria pensamentos como, imediatamente, “produz realidades”, por seus enunciados com efeitos performativos.

Austin, apoiado na crença do “fazer”, postula que os enunciados são “atos de fala, uma vez que criam um estado de coisas que não existiria fora do contexto de enunciação” (AUSTIN, 1962). Para ele, a ação de falar, por si própria, não representaria ou não informaria nada, assim como não poderia ser posta no lugar de nada. Ela é estritamente o ato de fala. A linguagem nesse sentido é um conjunto de atos de fala ou, como o autor dizia, é um “conjunto daquilo que fazemos quando falamos”.

Portanto, para Austin, a linguagem é compreendida como produtora de efeitos e não como meio de transporte de significados; como um complexo que envolve elementos do contexto, convenções de uso e intenções dos “falantes”, realizando-se não como uma teoria do significado, mas como uma teoria da ação. Em consequência disso, segundo o artigo de Araújo e Morgado (2012), busca-se conhecer em qual efeito o agente de um determinado enunciado está interessado ou aspira obter atenção de seu ouvinte²⁷. Ou seja, é preciso analisar não se um enunciado é verdadeiro ou não, mas se ele é eficaz ou ineficaz ao que foi proposto.

É importante marcarmos essas noções que nos serão complementares ao mapeamento e visualização de dados que realizaremos no Capítulo 4 ao tratarmos de nossa pesquisa de campo desenvolvida em sua totalidade a partir dos dados disponíveis na rede. Nesse sentido, as redes narrativas se constroem na conversação, nos diálogos e comentários, enlaçam opções e possibilidades. As descrições de “fatos”, experiências, ações e explicações podem dar lugar a novas tramas. Essas redes são locais e temporais e incluem os motivos e intenções que os atores têm para seus atos. Sua capacidade de relacionar-se e sua aptidão para ligar e ordenar eventos, circunstâncias e pontos de vista permitem organizar novos horizontes de sentido e ação. Algumas narrativas mais abertas do que outras permitem novos enlaces ou conexões como o interrogar o diferente no familiar, no hábito, no óbvio, e a habilidade (potência) para expandir, vincular, ou reformular uma ideia.

²⁶John L Austin (1911-1950) lecionou toda sua vida em Oxford. Tornou-se um dos principais nomes da chamada Filosofia Analítica e sua obra mais conhecida é *How to do Things with Words* (Como fazer coisas com as palavras)

²⁷ARAÚJO, Neyde B. e MORGADO, Naira. A escuta terapêutica na interlocução clínica. Uma contribuição ao Construcionismo Social pelo viés do Pragmatismo Linguístico. X Congresso Brasileiro de TF-2012, São Paulo, 2012).

2.4 Imitação e formação de opinião

Para apoiar nossos estudos sobre a adoção de inovações e a adaptação a elas por multiplicação, tomamos por base as noções de invenção e imitação de Gabriel Tarde, em um sentido mais amplo, sob as quais as teorias de diferença e repetição de Gilles Deleuze serão atravessadas, como veremos mais adiante.

A compreensão de Tarde sobre teorias sociais ultrapassa de longe a cadeia de estudos de sociologia de sua época, ao defender que foi graças aos arqueólogos que aprendemos quando surgiu uma descoberta nova e até onde e até que época ela irradiou. Ou seja: os estudos de Tarde enfocam os indivíduos nas relações de formações de subjetividades de processos sociais impermanentes, não fixos, não imutáveis, como quiseram determinar os pensadores das ciências sociais de sua época.

De acordo com as explicações de Gabriel Tarde, em *As Leis da Imitação* (1980) o fenômeno social de uns seguirem os outros em alguma invenção não pode ser um produto do acaso, mas parte de uma lógica de sentido “muito preciso e característico” ou, conforme suas palavras: “o de uma ação a distância de um espírito sobre um outro, e de uma ação que consiste numa reprodução quase fotográfica de um clichê cerebral pela placa sensível de outro cérebro” (TARDE, *idem*, p.6). Tarde atribui aos termos invenções e descobertas todas as iniciativas individuais,

[...] que se explicam pela aparição, acidental em certa medida, quanto ao seu lugar e ao seu momento, de algumas grandes ideias, ou antes, de um número considerável de ideias pequenas ou grandes, fáceis ou difíceis, o mais das vezes imperceptíveis à nascença, raramente gloriosas, em geral anônimas, mas ideias sempre novas, e que em razão desta novidade eu me permitirei batizar coletivamente de invenções e descobertas. (*ibidem*, p.22)

Ele argumenta que as causas de iniciativas renovadoras, ao mesmo tempo em que trazem ao mundo necessidades novas e satisfações novas, tendem a se propagar por imitação forçada ou espontânea, eletiva ou inconsciente, mais ou menos rapidamente, mas em passo regular, à maneira de uma onda luminosa ou de uma família de formigas.

Em *A opinião e as massas* (2005), cuja leitura foi essencial para nossas análises de redes sociais, Tarde indica, ao abordar sua teoria social, que ideias e opiniões não são as de um “autor”, pois nunca seriam propriamente inventadas, mas, sim, descobertas, trazidas à luz. Seria uma imagem da eclosão: as ideias estariam prontas precisando ser descobertas²⁸.

²⁸ A título de curiosidade, esta constatação de Tarde nos faz lembrar uma composição de Branco Mello, Sergio Britto e Paulo Miklos, do Grupo Titãs, *A melhor forma*, que participa da mesma concepção: “As ideias estão no chão, você tropeça e acha a solução”.

Também as crenças e necessidades que a invenção e a imitação especificam, neste sentido, criam, mas são preexistentes à ação, conforme Tarde (2005). Diz ele que esta é a ideia do “inventor”: ele não concebe uma ideia, mas tem a ilusão disso e toda invenção que brota é um possível realizado entre mil, em meio aos diferentes possíveis.

Essa descoberta, porém, não é exatamente um ato individual. A invenção da opinião efetua-se num cérebro inteligente, que faz um ‘cruzamento feliz’, remete a uma lógica social e de fluxo da vida, em que “a invenção é uma forma de simpatia, de comunhão entre o homem social e a Natureza” (*idem*).

Por isso, as novas opiniões, as novas atitudes, não são o puro produto de uma razão particular, mesmo quando admitida, razoavelmente, a influência exterior do meio, do passado, da formação, da discussão etc. Elas não são o produto de uma razão no sentido de que não provêm dessa razão, não encontram nela a origem de sua existência, mas simplesmente a origem de sua revelação.

Nesse mesmo sentido, para Tarde, a imitação é o princípio constitutivo das comunidades humanas. A imitação compulsória ou espontânea, eletiva ou inconsciente, transforma a descoberta individual num fato social. A opinião ou a ideia ou o desejo de um grande número. Tarde diz ainda que o futuro normal de uma inovação é sua propagação e o futuro “ideal” é a propagação universal.

Esses conceitos de Gabriel Tarde são relevantes para o entendimento de que a opinião está para o público nos tempos modernos assim como a alma está para o corpo, em que o estudo de um remete naturalmente ao outro.

Consideramos importante reunir neste capítulo a lógica do sentido do enunciado, a transformação de corpos que pode ser operada por atos da fala com as leis da imitação e a formação da opinião pública de Tarde, o que inclui a concepção de um público que vá além da concepção de multidão (2005, p. 9), para nos introduzirmos no Capítulo 3 da tese, quando falaremos mais especificamente do desenvolvimento do conceito de ocupação das redes sociais. Com essa disposição, pretendemos ainda que brevemente nos remeter à questão da objetividade e da propaganda imparcialidade ou neutralidade tanto de algumas versões institucionais quanto da grande mídia em contraposição ao que consideramos subversões nas descrições de acontecimentos que atravessam as composições nas redes e que são imperceptíveis se tomados isoladamente.

CAPÍTULO 3 - DO ACESSO À INTERNET À INVENÇÃO DE NOVAS FORMAS DE FAZER POLÍTICA

Qual a importância da internet na configuração da política mundial contemporânea? Como estamos em rede (e conversamos e produzimos e circulamos e permanecemos e saímos e retornamos e fazemos, enfim, micropolíticas?)

3.1 Corpo, singularidade e multiplicidade

A proposta nessa parte de nossa pesquisa é nos remetermos a alguns aspectos conceituais que permeiam o saber contemporâneo, sobretudo das quatro últimas décadas, e nos determos um pouco mais nas análises de Gilles Deleuze e Félix Guattari acerca das singularidades e potências que se atualizam nos acontecimentos da vida, nos encontros de corpos. Em seguida, pretendemos situar como potencialidades individuais efetuam-se ou atualizam-se em produções coletivas ou, já inserindo uma noção cara aos dois autores, criam, com suas micropolíticas, inovações na maneira de pensar e agir em rede.

Para isso, vamos nos ater primeiramente em alguns pontos que os levaram a se debruçar, em grande parte de suas obras²⁹, sobre a filosofia da diferença, em que utilizaram, para suas explicações, várias referências, tais como obras filosóficas, obras literárias e produções artísticas – cinema, pintura, teatro e música.

Segundo a lógica da diferença desenvolvida por Deleuze, na natureza não há um corpo, nem mesmo o de um átomo, igual a outro. Contudo, somos forçados a pensar, desde muito cedo, que é lógico nos centrarmos no único, na similitude, no idêntico, enfim, em uma essência única na produção do ser e do conhecimento objetivo.

O que, então, possibilita a Deleuze estabelecer uma dicotomia entre essa orientação do pensamento ocidental e a alternativa radicalmente oposta da diferença? Ou, como pergunta Machado (2010, p.33): “qual o critério que lhe permite isolar duas vertentes do pensamento e considerá-las como inspiradora de seu próprio pensamento filosófico?”.

²⁹ Singularidade, diferença e micropolítica são conceituações que se iniciam com *Diferença e Repetição* e *Lógica e Sentido* (Deleuze) e *Revolução Molecular* (Guattari) e que se desenvolvem com maior clareza ao longo de todas as obras posteriores dos dois autores.

Na realidade, a filosofia, para Deleuze como prática no modo de conduzir a vida – nos rastros de Espinosa e Nietzsche –, não é a contemplação ou a comunicação, mas a experiência na criação. E toda criação é singular, ou seja, o conceito enquanto criação no sentido propriamente filosófico é uma singularidade. Nesse ponto, surge também a oposição ao conceito de transcendência ao mundo, de origem platônica, e também ao princípio do cogito cartesiano, já que este pressupõe que um conceito nunca pode existir se não for objetivo, racional “penso, *logo* existo” ou “eu sou” ou que não esteja na dependência de um *a priori*, como já pontuamos no capítulo anterior, quando nos referimos ao sentido e à dimensão da apropriação da linguagem, e conforme diz Deleuze:

O *a priori* define-se como independente da experiência, mas precisamente porque a experiência jamais nos ‘dá’ algo que seja universal e necessário. As palavras ‘todos’, ‘sempre’, ‘necessariamente’ ou mesmo ‘amanhã’ não remetem a alguma coisa da experiência: não derivam desta, mesmo quando a ela se aplicam. Ora, quando nós conhecemos, empregamos essas palavras: dizemos mais do que aquilo que nos é dado, ultrapassamos os dados da experiência. (1986, p. 25)

[...] *A priori* designa representações que não derivam da experiência. Transcendental designa o princípio em virtude do qual a experiência é necessariamente submetida às nossas representações *a priori*. [...] ‘Transcendental’ qualifica o princípio de uma submissão necessária dos dados da experiência a nossas representações *a priori* e, correlativamente, de uma aplicação necessária das representações *a priori* à experiência. (*idem*, p.27)

Com essas observações preliminares, introduzimos outra linha para se pensar a experiência de ações na rede, através do que Deleuze (1997) chama de devir do conceito.

Para ele, diferentes conceitos de um mesmo sistema podem se conectar, se compor, se aliar, mesmo que tenham histórias diferentes. Em uma linguagem mais simples, podemos dizer que um conceito pode nascer por meio de composições a partir da preposição *e* [isto *e* isto *e* isto etc.], não precisando se afirmar pela negação ou exclusão [*é* isso, **não é** aquilo; isso **ou** aquilo]. Ou seja, ele pode ser uma criação coletiva a partir de múltiplos agenciamentos.

Com isso, podemos fazer a distinção entre devir e história de um conceito. Não se trata de dizer que um conceito é criado do nada, mas que ele pode vir por várias vias, de forma rizomatizada e distribuída, sem estar inserido em um contexto científico ou discursivo previamente estabelecido. Quando criado, não deixará de ser original, singular e, além disso, poderá se estabelecer com toda a multiplicidade que comporte. Este é o modo paradoxal do encontro ontológico e pragmático. Imaterialidade e materialidade. Superfície e profundidade. Potência de agir e efetuação em ato.

3.2 Rizoma, multiplicidade e devir

O conceito de rizoma foi um dos primeiros a serem desenvolvidos por Deleuze e Guattari para explicar a teoria das multiplicidades.

Na definição da botânica³⁰, rizoma é um tipo de caule que cresce horizontalmente, muitas vezes de forma subterrânea, mas podendo ter porções aéreas. Certos rizomas como as gramíneas desenvolvem raízes e caules aéreos, a partir de seus nós. Outros podem servir como reservas de energia, tornando-se tuberoso, mas com estrutura diferente de um tubérculo.

Deleuze e Guattari ampliam esta definição precisamente por ela não comportar o caráter singularidade e multiplicidade, pois esta definição de rizoma limita-se a definir apenas um tipo de caule, sob um conceito universal. Eles dirão que este caule em composição com a terra, o ar, a água e o sol vão dar condições para que ocorra o caráter rizomático na ocupação da superfície.

O que ambos propõem mais especificamente ao longo dos volumes de *Mil Platôs* é constituir um pensamento que se efetue através do múltiplo para sair da lógica binária, eu-ego, sujeito e objeto, um e dois, que se efetua ora por dicotomia, ora pela negação do outro, ora para justificar uma finalidade transcendente a nós.

A maneira rizomática de pensar o mundo nos libera não apenas do “espaço que somos prisioneiros, mas das maneiras de pensar um destino comum e universalizante para todos”, (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 18), pois cada nó do rizoma em que seguem as linhas segmentares implica também linhas de fuga que não param de se remeter a outras quando há a ruptura de um segmento: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?” (*idem*, p.18).

Esta é precisamente a lógica dos encadeamentos que são visíveis em incontáveis exemplos de narrativas de acontecimentos que experimentamos.

Do mesmo modo, a respeito do devir que se realiza na experiência, Deleuze e Guattari (1997, p. 18) dizem que,

[...] devir não é uma correspondência de relações, tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. [...] Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. [...] Devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são absolutamente reais.

³⁰ Conforme descrição na Wikipédia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rizoma>. Acesso 15 nov 2013.

Mas de que realidade se trata? Se o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna “realmente” animal nem o animal se torna “realmente” outra coisa. A explicação, segundo os pensadores, é que o devir não produz outra coisa senão ele próprio. Não é uma evolução; não é da ordem da dependência ou da filiação. Ele é da ordem da aliança, das *simbioses*. A passagem seguinte, pode esclarecer melhor essa ideia:

As matilhas, as multiplicidades não param, portanto, de se transformar umas nas outras, de passar umas pelas outras. Os lobisomens, uma vez mortos, transformam-se em vampiros. Não é de se espantar, a tal ponto o devir e a multiplicidade são uma só e mesma coisa. Uma multiplicidade não se define por seus elementos, nem por um centro de unificação ou de compreensão. Ela se define pelo número de suas dimensões; ela não se divide, não perde nem ganha dimensão alguma *sem mudar de natureza*. [...] Como as variações de suas dimensões lhe são imanentes, *dá no mesmo dizer que cada multiplicidade já é composta de termos heterogêneos em simbiose, ou que ela não para de se transformar em outras multiplicidades de enfiada, segundo seus limiares e suas portas.* (*ibidem*, p.33)

O devir animal é apenas um entre tantos. Vemo-nos sempre tomados por segmentos de devir como devir-mulher, devir-criança, devir-vegetal ou mineral; devires moleculares de toda espécie.

O devir é, portanto, da ordem da criação e do cotidiano, o que não se inscreve em regimes de signos ainda não registrados. E é nesse sentido que se associa a novas possibilidades de ações coletivas de se fazer política.

Não interessa, por essa linha do devir, assentar a experiência num *corpus* pré-estabelecido nem fazer enfrentamentos ou destruir conceitos, mas focar a experiência enquanto acontecimento e criação.

É esse sentido que queremos reforçar e afirmar nesta pesquisa que olhamos um indivíduo a partir dessa perspectiva, de que não existe, no âmbito desta proposta de pensamento da diferença de Deleuze, o qual se afina com o sistema de Foucault conforme descrevemos no capítulo 3, o conceito de identidade de um sujeito humano com uma essência unívoca.

Pensar a diferença implica não se fixar em princípios de analogia e semelhança entre os seres, pois excluiria de imediato a diferença inerente à potência de uma singularidade na natureza se efetuando por meio dos encontros e devires que atravessam os corpos em movimento.

Todavia, as condições necessárias para que os agenciamentos micropolíticos sejam possíveis em ações coletivas – o que chamaremos de coproduções coletivas – em que os indivíduos se conectam a partir de habilidades desenvolvidas em segmentos espaciais afetivos nos quais transitam e tenham o desejo de participar de mudanças, a partir de um potencial de criar alianças.

3.3 Laços fortes e laços fracos nas redes sociais

O termo redes sociais não é um conceito novo para a sociologia, embora tenha se tornado muito mais usual entre as pessoas desde seu aparecimento como rede de compartilhamento na internet. Mas, conforme Rogério da Costa³¹, esse conceito surge com a sociologia clássica dos anos de 1930, tendo um auge na década de 1950, abordagem em que a sociologia, contudo, tinha um foco mais dirigido às relações econômicas de produção e custo- benefício.

Na década de 1980, havia uma corrente neste campo que fundamentava essas redes através das interrelações entre as pessoas, como, por exemplo, relações de parentesco, de amizade, de colegas de trabalho. De acordo com os graus de relação, as pessoas eram influenciadas nas tomadas de decisões.

O sociólogo Mark Granovetter foi um dos que fizeram parte dessa corrente. Em 1974, ele propôs no artigo *The Strength of Weak Ties*, uma análise do padrão de graus de conexão existentes entre os indivíduos (grau de coesão das redes, fluxo de recursos entre os indivíduos como dinheiro, afeto, informação). Dizia ele que era preciso conhecer o grau de coesão dos indivíduos, pois quanto mais fortes fossem os vínculos, decisões mais consistentes poderiam ser tomadas. Em 1983, ele desenvolve por inteiro suas ideias de “laços fortes” e “laços fracos”. Observa ele que os chamados laços fracos são fundamentais para a disseminação da inovação, por serem redes constituídas de indivíduos com experiências e formações diversas. Nas redes de laços fortes, haveria uma espécie de identidade compartilhada em termos de preferências e dinâmicas geradas por suas interações, não se estendendo para além de um círculo de pessoas confiáveis ou que teriam certo nível de influência.

Todavia, os laços fracos funcionam como importantes relações de ponte. Elas constituem exatamente o diferencial nas relações mais próximas ou sólidas. Nas redes sociais, quanto mais pontes existirem, mais inovações, menos limite ao conhecimento e às informações. Ou seja, os laços fracos são fundamentais para a coerência das relações das redes sociais, pois, de outro modo, a tendência é o confinamento dos indivíduos em relações padronizadas.

Em *Linked. A nova ciência dos networks*, Albert-László Barabási, comungando dos argumentos de Granovetter, diz que, embora possa parecer paradoxal à primeira vista, os laços fracos “quando se trata de arranjar emprego, saber novidades, abrir um restaurante [...] são mais importantes que as sólidas amizades que cultivamos” (2002, p. 38). Os laços fracos se constituem de uma coleção de grafos completos, minúsculas clusterizações, nas quais cada nó

³¹ Rogério da Costa (2005). Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface. In: *Comunicação, saúde e educação*. Botucatu v. 9, n. 17, mar/ago. p.235-248.

está conectado a todos os demais dentro de um. Esses grafos completos estão ligados uns aos outros por algumas fracas ligações entre conhecidos que pertencem a diferentes círculos de amigos.

Na sociedade em rede contemporânea, é supostamente impensável não haver comunicação com esse tipo de agenciamento. Frequentemente, os amigos íntimos podem ter menos chance de nos oferecer um emprego, manter um restaurante nosso lotado ou suprir nossas necessidades de informações mais específicas.

Os laços fracos, constituídos por conhecidos sem relação de amizade e amigos ou conhecidos de nossos amigos, os “amigos dos amigos”, na rede são pontes com o mundo exterior exatamente por frequentarem lugares diferentes, terem hábitos diferentes, informações diferentes das nossas. Ou seja, são os laços fracos que mais colaboram para a difusão e contágio das inovações. Ainda na tentativa de ampliarmos nosso entendimento a respeito dos fenômenos de rede, Barabási cria um modelo (BA), um algoritmo para gerar redes de escala livres, ou sem escala. Esse tipo de rede, diferentemente do outro aleatório, obedece as leis de potência, diferentemente dos modelos gráficos aleatórios. Mas o que nos interessa aqui é que Barabási diz que, na internet, algumas redes sociais, os “formigueiros”, são redes de escala livre e, portanto, obedecem a lei da potência para se desenvolverem e, com isso, apresentam duas propriedades importantes: crescimento e ligação preferencial. Por um lado, crescimento significa que o número de nós da rede aumenta ao longo do tempo e ligação preferencial é que quanto maior o número de conexões de um nó, maior é a chance de ele receber uma nova ligação do que de outro que tenha menos conexões. Um exemplo: se um *site* na internet é muito linkado, a chance de continuar sendo linkado é maior do que um outro *site* que tenha poucos *links*. Em outras palavras, quanto maior você está, maior você fica, portanto, mais visível.

Ainda em *Linked*, Barabási trabalha uma propriedade das redes, seus graus de distribuição e, para isso, utiliza o diagrama de Baran (Paul Baran³²) fazendo uma descrição topológica de rede do centralizado ao distribuído. Esta pesquisa, em que nos apropriamos da noção de distribuído, ou a potência do distribuído, ou ainda, o distribuído como potência, é de grande importância para nos posicionarmos face à perspectiva de onde e como estamos abordando o “estar em rede”.

³²Paul Baran (1926-2011), cientista da computação nascido na Polônia, desenvolveu a maioria de seus estudos e pesquisas nos Estados Unidos. Foi um dos inventores da rede de comutação de pacotes, junto com Donald Davies e Leonard Kleinrock. Graduado pela Universidade Drexel, com mestrado em engenharia pela Universidade da Califórnia em Los Angeles, em 1959, iniciando no mesmo ano a trabalhar na RAND Corporation.

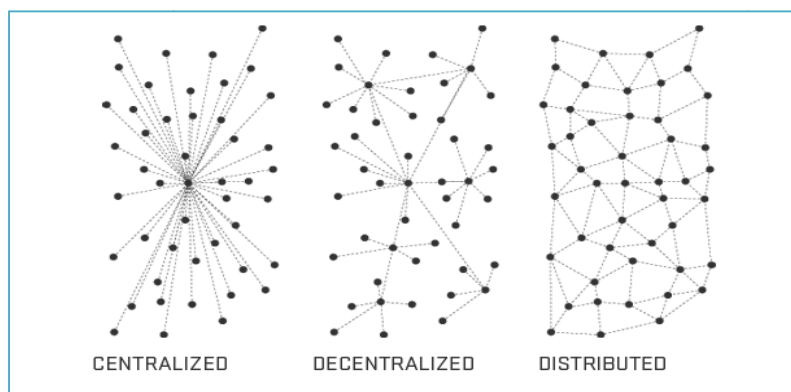


Figura 2: Diagrama de Baran
Fonte: BARAN, Paul. 1964.³³

O grau de distribuição de uma rede centralizada é menor do que o de uma descentralizada que, por sua vez, é menor que o de uma rede distribuída, conforme podemos aferir no diagrama de Baran, presente no relatório publicado por ele em 1964, intitulado “*On Distributed communications*”.

3.4 Contágio complexo e os efeitos do distribuído

Antes de tudo, o caráter social inovador da internet consiste na velocidade de fazer circular um movimento, uma ação, uma ideia, uma novidade e repercuti-los por um tipo de contágio complexo. Assim, uma notícia se difunde entre um grupo restrito de pessoas. Em seguida, algumas pessoas repassam a outros grupos maiores. Algum tempo depois, essas mesmas e mais outras pessoas podem receber novamente a notícia agora já com acréscimos selecionados; a notícia é então repensada e reconfigurada, traduzida e condensada, linkada com múltiplas fontes, criando-se novas notícias, novas versões e subversões.

A noção de contágio complexo, de acordo com as pesquisas dos analistas de comunicação em rede Damon Centola, da Universidade de Harvard, e Macy Michael, da Universidade Cornell, se refere a um fenômeno nas redes sociais em que são necessárias múltiplas fontes de exposição antes que alguém adote um novo comportamento, uma nova ideia, alguma inovação. O desenvolvimento de suas pesquisas sugere quatro propriedades que podem explicar a necessidade de várias exposições na propagação do contágio: complementaridade estratégica; credibilidade; legitimidade; contágio emocional.

³³ Disponível em http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_memoranda/2006/RM3420.pdf Acesso em 03 dez 2013.

1. *Complementaridade estratégica*. Muitas inovações são caras, especialmente para os que as adotam logo que surgem, tornando-se mais acessíveis os que esperam um pouco. O mesmo ocorre para a participação em ações coletivas.
2. *Credibilidade*. Inovações frequentemente não possuem credibilidade até serem adotadas por pessoas próximas a nós. Ouvir a mesma história de diferentes pessoas se tornam menos interessantes do que receber uma informação que nos surpreende acerca de informações sobre uma invenção vinda de fontes confiáveis.
3. *Legitimidade*. Saber que um movimento existe ou que uma ação coletiva irá ocorrer dificilmente é suficiente para induzir os espectadores a se juntar a eles. Ter vários amigos próximos participando de um evento frequentemente aumenta em muito a disposição individual de também se juntar a ele, especialmente em movimentos sociais de alto risco. As inovações de risco tendem a serem evitadas e consideradas desvios até que uma massa crítica daqueles que adotaram e daqueles que não as adotaram possam legitimar ou não tais inovações.
4. *Contágio emocional*. A maioria dos modelos teóricos do comportamento coletivo – desde a teoria da ação aos modelos cibernéticos – compartilham da aceção básica de que há impulsos expressivos e simbólicos no comportamento animal que podem ser espacial e socialmente comunicados e amplificados em reuniões concentradas de indivíduos. (CENTOLA; MICHAEL)³⁴

O contágio complexo difere de um contágio simples, como o de uma nova onda de gripe, que contagia um colega ou vizinho acidentalmente. A tendência no contágio simples é a de não avançar, ser cortado no início, pois a pessoa que foi contagiada não teve interesse algum ou não foi afetada para que participasse dessa rede de contagiados. A expansão do contágio complexo por uma rede de pessoas pode depender de muitos fatores sociais, econômicos e políticos, como quantos dos amigos de uma pessoa adotam a nova ideia assim como quantos deles não podem influenciar outros indivíduos ou não estão dispostos a apoiar mudanças de comportamentos.

Os amigos (ou *timelines* dos perfis) – que se constituem, na quase totalidade dos casos, de laços fracos – desempenham o papel de publicistas ou repórteres, propagadores de referências e experiências suas e de outros, acelerando os pontos de contato de forma rizomática. Com a inclusão gradativa de pessoas no mundo das tecnologias de comunicação, hoje vemos laços relacionais via internet na casa dos dois dígitos de bilhões de usuários, conforme veremos no Capítulo 4.

3.5 Micropolíticas por afecções – os encontros em rede e a variação do nosso grau de potência

Mas além do contágio complexo e das características das leis de imitação e de formação da opinião pública – como abordamos com Gabriel Tarde no Capítulo 2– é relevante pensar as

³⁴ In *ComplexContagion*. (TRADUÇÃO NOSSA). Disponível em <http://en.m.wikipedia.org/wiki/Complex_contagion>. Acesso em 12 jun 2013.

relações sociais e agenciamentos coletivos como micropolíticas afetivas, ou o que estaria na base da “ciência das afecções”, nos termos de Espinosa.

Segundo Deleuze (2002, p. 60-61), a concepção de afecção de Espinosa – potência de afetar e de ser afetado nos encontros – em que “tudo o que é mau mede-se pela diminuição da potência de agir (tristeza-ódio); tudo o que é bom, pelo aumento dessa mesma potência (alegria-amor)”, Espinosa empreende uma denúncia radical de todas as paixões tristes. Seria uma vergonha procurar “a essência interior do homem do lado de seus maus encontros extrínsecos. Tudo o que envolve a tristeza merece ser denunciado como mau, pois nos separa de nossa potência de agir: não só o remorso e a culpabilidade, mas o pensamento de morte (SPINOZA, 2012, IV, 67), esperança e a segurança relaciona-se com a impotência (*ibidem* IV, 47).

Ainda que em qualquer encontro haja relações que se compõem, e todas as relações se compõem infinitamente no modo infinito mediato, temos de evitar dizer que tudo é bom, que tudo é bem. Bom é o que aumenta nossa potência de agir, diz Espinosa.

Dessa perspectiva, de acordo com o plano de consistência de Deleuze (1996), um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito são determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce, ou seja:

No plano de consistência, *um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude*, isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afetos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afetos e movimentos locais, velocidades diferenciais. [...] Latitude e longitude são os dois elementos de uma cartografia. (1996, v.3, p.47).

Porém, ainda segundo Deleuze (2002), Espinosa destacou essas duas dimensões do corpo tal qual definiu em seu Tratado da Natureza, é bom notar que há um modo de individuação presente aqui muito diferente daquele que se refere a uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou substância, ao qual Deleuze e Guattari reservaram o nome de *hecceidade*, que não deve ser confundido com individualidade. A uma hecceidade não falta nada: uma estação do ano, uma data tem uma individuação perfeita, mas não deve ser confundida com a individualidade de uma pessoa. Hecceidades estão relacionadas com o movimento e o repouso entre moléculas ou partículas ou com o poder de afetar e ser afetado, conforme os termos de Espinosa.

Na parte II de *Ética* (2013), Espinosa propõe um conjunto de noções importantes para entendermos a gênese do indivíduo humano, essa abordagem dos modos singulares e de suas relações necessárias, a que chama de noções comuns:

Por coisas singulares entendo aquelas que são finitas e que têm a existência determinada. Se vários indivíduos concorrem para uma mesma ação, que tal maneira

que todos em conjunto sejam causa de um mesmo efeito, considero-os, todos juntos, como uma só coisa singular (*ibidem*, def.7)

Não sentimos nem percebemos outras coisas singulares além dos corpos e dos modos de pensar (*ibidem*, ax5). Em *Web e Participação*, a esse respeito, foi feita a seguinte referência:

Já no século XVIII, o filósofo holandês Baruch de Espinosa dizia que o espaço social é constituído pelo encontro de corpos misturados ao que os afeta e o que afeta outros corpos, de onde surgem novos registros e práticas sociais não codificadas, mas num modo de expressão comum, a partir de um plano comum de encontros de corpos e ideias. É, portanto, na confluência das várias reflexões a respeito de misturas de corpos potencialmente produtivos que a noção do comum retorna com vigor nas discussões sobre as redes sociais e a multidão. (GUZZI, 2010, p.65).

De acordo com Rogério da Costa, a questão de Espinosa não é definir o que é um corpo, mas o que *pode* um corpo³⁵.

Espinosa, quando pergunta “o que pode o corpo”, quer mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que temos dele, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos. Por isso, ele ressalta que é por um único movimento que chegaremos, se for possível, a captar a potência do corpo para além das condições dadas do nosso conhecimento, e captar a força do espírito para além das condições dadas de nossa consciência. Procuraremos conhecer e compreender as potências do corpo para descobrir paralelamente as potências do espírito, que escapam à consciência para, então, podermos distingui-las.

O modelo de corpo não implica numa desvalorização do pensamento e sua extensão, mas a descoberta do inconsciente do pensamento e, com isso, o do desconhecido do corpo; e, nesse sentido, para Espinosa, os afetos ativos, oriundos das ideias adequadas, são aqueles que nascem do exercício adequado de nossa potência do intelecto, conforme afirma no *Tratado da Correção do Intelecto* (2000). Portanto, a razão (ou o que chama de entendimento) também é dotada de afecções, que lhe são peculiares, específicas, não existindo, portanto, uma oposição real entre razão e afeto.

É por isso que, segundo Deleuze (2002), a consciência é naturalmente o lugar de uma ilusão. A sua natureza é tal que ela recolhe os efeitos, mas ignora as causas. Não basta dizer que a consciência gera ilusões: ela é inseparável da tripla ilusão que a constitui, ilusão de finalidade, ilusão de liberdade, ilusão teológica.

E porque a vida é, segundo Espinosa, justamente o esforço pelo qual cada coisa se encoraja a permanecer no seu ser, cada corpo na extensão, cada ideia no pensamento (*conatus*); e porque esse esforço nos motiva a agir diferentemente segundo os encontros que temos com objetos, devemos dizer que ele está, a cada instante, sendo determinado pelas afecções que vêm dos objetos.

³⁵ Conforme anotação de aula de 02/09/2013, em aula específica sobre a filosofia de Espinosa.

Em outras palavras, como essas afecções não são separáveis de um movimento que faz passar de uma perfeição maior ou menor (alegria e tristeza) conforme o encontro, que ou compõe conosco ou nos decompõe, é dessa passagem, desse sentimento contínuo, que surge a consciência, como causa adequada, testemunha das variações e determinações do *conatus*, em função de outros corpos ou outras ideias. A consciência, portanto, tem um valor informativo desse movimento, mesmo que muitas vezes seja uma informação confusa e fragmentada, mas ela não é uma propriedade do Todo, ou qualquer todo em particular. Eis porque a ética, como tipologia de modos de existência imanente, substitui a moral, a qual relaciona sempre a existência de valores transcendentais (bem e mal). Um modo de existência ético quer fazer bons encontros, seleciona e evita os maus encontros que enfraquecem as potências que querem se atualizar na vida.

Mas como não fazer mais encontros maus do que bons? Como evitar que destruamos a nós mesmos, à força de ressentimentos ou má consciência, disseminando nossa própria impotência? Como implicarmos nosso presente e nossa existência num mundo mais distribuído, em rede, selecionando nossos encontros, aumentando nossa potência de afetar e ser afetado em vez de usarmos nosso tempo com desejos faltosos, envenenando a potência de ação do outro na tentativa de nos sentirmos mais potentes.

Eis porque o encontro com a ética de Espinosa nos é tão importante nesta pesquisa e na rede e na vida. A ética afirma. A moral duvida. Na ética espinosista, os modos de existência são imanentes, emergem da mistura dos corpos, dos encontros, das relações, das multiplicidades em movimento, e, nesse sentido, a “justiça é imediata, pois não cabe um sistema de julgamento fora da natureza e efeito do encontro. O que existe, portanto, é uma permanente avaliação e tentativa de compreensão da natureza do encontro, das causas adequadas, para ampliação do que pode o corpo. Já a moral necessita de um sistema de julgamento transcendente, sempre se refere a um julgamento fora do corpo e de suas composições, refere-se a um comportamento ideal, um modelo, e, portanto, sempre, ou quase sempre, é faltoso, pois esse “homem do bem” jamais existiu.

A ilusão dos valores se confunde com a ilusão da consciência. A consciência é praticamente ignorante, porque ignora a ordem e a lei das coisas, das relações e composições, porque se contenta em recolher o efeito (como causa) desconhece toda a Natureza. Ou, como já nos disse Deleuze: basta não compreender para moralizar.

E, portanto, seguindo a teoria do *conatus*, nada que se explica apenas pela natureza de uma determinada coisa pode conduzir à diminuição ou destruição. Logo, não pode conduzir a tristeza, logo, toda afetividade ativa será caracterizada pela positividade e alegria. E os afetos

passionais, por dependerem do efeito dos efeitos de coisas exteriores a nós, poderão ser alegres ou tristes, em função da compatibilidade entre as coisas e nós.

3.6 O compartilhar dados e informações

Teorias a respeito da motivação humana podem impedir que se reexaminem crenças em relação às razões do comportamento das pessoas, diz Clay Shirky (2010, p.119). As gerações se diferenciam menos porque as pessoas se diferenciam e mais porque as oportunidades são outras, fazendo mais sentido quando inseridas em teorias de diferença ambiental e não de diferença psicológica. Segundo Shirky (2011, p.111), para entender “por que as pessoas gastam tanto tempo e energia explorando novas formas de conexão”, é preciso observar o nosso próprio comportamento: “você responde a novas oportunidades, e é isso que todo mundo faz, e essas mudanças se alimentam umas das outras, ampliando alguns tipos de comportamento e esvaziando outros”.

O *software* Napster, por exemplo, inventado em 1999, que permitia que as pessoas pudessem compartilhar listas de músicas em formato MP3, conseguiu dezenas de milhões de usuários em menos de dois anos. Os usuários podiam copiar músicas ou outros arquivos armazenados de outro computador gratuitamente. Este sucesso certamente marcou a cultura de uma época e uma corrente na década de 2000 se angustiaava com a questão das “sagradas convenções da propriedade intelectual” (*ibidem*, p. 110). Em contrapartida, os jovens haviam se tornado mais felizes, não se sentindo corrompidos.

Entretanto, as pessoas que apontaram o Napster como evidência de uma geração comunitária podem ter cometido um erro de atribuição fundamental, interpretando “um novo comportamento como uma mudança na natureza humana e não como consequência de uma nova oportunidade”. (*ibidem*, p. 110)

Ou seja, o Napster se consolidou entre os jovens não porque eles tivessem mente mais criminosa que os mais velhos nem por estarem imbuídos de um espírito mais elevado de compartilhamento, mas, segundo Shirky (2011, p.113):

O programa se difundiu por três razões muito mais simples. (1) o dado digital é perfeita e infinitamente copiável a custo marginal zero; (2) as pessoas vão compartilhar se o compartilhamento for simples o bastante, e nessas condições nós normalmente não somos mesquinhos; e (3) Shawn Fanning criou um sistema para conectar as ações (1) e (2) com os incentivos certos. [...] Isso foi o que virou a indústria fonográfica de cabeça para baixo. Tanto que o modelo original do Napster foi destruído quando os processos judiciais da indústria fonográfica aumentaram o custo de conectar o (1) e o (2) para um valor significativo de pessoas.

Novas ferramentas e tecnologias estão sempre sendo criadas e possibilitam uma oportunidade de criar novas culturas de compartilhamento e apenas nessas culturas nossas capacidades de compartilhar terão o valor que poderão ter. Ou seja, quanto mais pessoas numa comunidade podem compreender um determinado fato, um método, uma história, mais provável é que tais pessoas sejam capazes de trabalhar juntas com conhecimentos específicos em um projeto de participação distribuída. Iremos no Capítulo 4, por meio de um modelo desenvolvido para lidar com tendências de adoção de novas tecnologias, conhecido como *Hype-cycle*, abordar o efeito que novas tecnologias exercem na expectativa das pessoas.

3.7 Generosidade e interesse são noções que não se opõem – a Ética Hacker

Este será o caminho que escolhemos para identificar como estão surgindo no mundo atual várias ações em conexão com o que chamamos da nova política que se desvincula de um antigo modelo de “libertação” do ponto de vista econômico, mas que se passa nas relações que se estabelecem pelas conexões na rede.

Nesse contexto, destaca-se a ideia de produção colaborativa e compartilhada na rede, que se intensifica na década de 1990, a partir dos movimentos de *software* livre e código aberto. Entretanto, como diz Nelson Pretto (2010), é importante lembrar que quando surge a ciência da computação, em fins da década de 1950, ou seja, quando os programas e máquinas começam a ser desenhados e uma nova linguagem começa a ser escrita – linguagem binária – possibilitando o digital, “jovens estudantes começam a ocupar garagens, porões e laboratórios das universidades americanas”, particularmente o MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets), e, “com ou sem seus professores, começam a desenvolver os primeiros computadores pessoais e suas engenhocas”. (*idem*, 2010)

Este foi o embrião de boa parte de movimentos que tinha como princípio a lógica do compartilhamento inerente à própria cultura daqueles que passaram a ser conhecidos como *hackers*. No processo de produção dos equipamentos e programas, a metodologia usada por eles era fazer circular o seu problema imediatamente para os seus pares, dando início ao que até hoje é conhecido como RFC (*request for comments*) – solicitação de comentários acerca de

uma ideia aguardando a colaboração dos demais para se tornar uma solução. Diz Pretto (2010)³⁶:

Steven Levy (2001), analisando *os heróis da revolução dos computadores*, resgata o código de ética criado pelos primeiros *hackers*, reunidos em torno dos clubes juvenis no MIT, no final da década de 50 do século passado. Esses grupos articulavam-se nas universidades para ocupar espaços dos laboratórios e, com isso, trabalhar no desenvolvimento de protótipos tecnológicos, em paralelo ao seu processo de formação em nível superior. Essa juventude acreditava que, para o bom desenvolvimento desses clubes e de seus projetos, seis princípios deveriam presidir todo o trabalho desses apaixonados pela computação e pela criação. Primeiro, pensar que o acesso aos computadores deveria ser total e ilimitado [...]. Segundo, que toda informação deve ser livre (*free*), porque “se você não tem acesso à mesma, não terá como consertar as coisas” (p.40). O terceiro princípio indica que se deve sempre desconfiar da autoridade e, assim, estimulam-se procedimentos pouco burocráticos, com liberdade de circulação de informações e acesso a elas por qualquer um. A descentralização passa a ser a palavra de ordem. O julgamento dos *hackers* deve ser feito pela qualidade do que eles efetivamente fazem e realizam, afirmam em seu quarto princípio, e não por critérios falsos, como escolaridade, idade, raça ou posição. [...] o quinto princípio defende que “é possível criar arte e beleza num computador” (p.43). Por último, e não menos importante, acredita-se que os computadores podem fazer a vida melhor.

Também Pekka Himanen, em *A ética hacker* (2001), dedicou boa parte de suas pesquisas apresentando a importante contribuição do movimento *hacker* cuja postura ética pode abranger todos os campos das atividades humanas.

Para Himanen, são sete as características da ética *hacker*: paixão, liberdade, valor social (abertura), nética (ética da rede), atividade, participação responsável e criatividade, todas elas devendo estar presentes nos três principais aspectos da vida: trabalho, dinheiro e ética da rede (HIMANEN, 2001, p.125-127). As contribuições principais da política do *software* livre propiciou a emergência de novas práticas de produção do conhecimento e de linguagem, ou seja, da cultura digital.

São várias as contribuições desse tipo de agenciamento *hacker*, como o P2P (*peer-to-peer*), o GPL (*general public license*), o *copyleft* e o *Creative Commons*, além de outras redes distribuídas, não proprietárias, não hierárquicas. O conjunto de ações foi fortalecendo a cultura do compartilhamento na rede, transformando substancialmente a vida contemporânea, sobretudo na área da aprendizagem e das publicações colaborativas em rede como uma tendência de jornalismo.

³⁶ Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300015&script=sci_arttext>. Acesso em 28 jun 2013.

3.8 Imparcialidade e neutralidade nos meios de comunicação

Em um primeiro momento, tomamos os termos imparcialidade, neutralidade, objetividade em relação à transmissão de notícias e foco de reportagens. Estes são princípios ou guias de uma imagem de jornalismo tradicional, cuja pretensão seria a capacidade de expor aos leitores, ouvintes e espectadores “fatos como eles realmente são”. E, embora muitos jornalistas ainda acreditem que esses princípios devam vigorar como autoimagem de um referencial ético de sua classe profissional, quando se trata de um jornalismo especializado como o político ou o que trata do cotidiano das sociedades, como os vinculados na televisão, dificilmente podemos desvincular esses princípios fora de uma visão idealista e imparcial, esquecendo os aspectos políticos e econômicos envolvidos.

Sem entrar no mérito dos manuais de redação dos jornais, corporações de comunicação ou escolas de comunicação, nos quais uma “imparcialidade” é traduzida por uma objetividade asséptica e necessária para manter a ordem estabelecida, as redes sociais mostram que as coisas não podem ser sempre assim.

A foto na rua, um videoclipe do celular, a ocupação da multidão nas ruas e redes, mesmo sem autoria ou legenda, podem dizer legitimamente muito mais do que grandes manchetes de matérias ou editoriais estampados nos jornais, inclusive por causa da instantaneidade entre o acontecimento e a publicação.

Mas não seria esse o momento do embate entre formas de jornalismo, embora seja flagrante, sem que sejam necessárias longas teorizações, que se diferencia em muito da maneira de se considerar o que seja imparcialidade, objetividade e neutralidade nas publicações nas redes. Os próprios mecanismos de buscas, *links*, a escolha das fotos, a maneira de seguir notícias e retuitá-las, por exemplo, mostram os afetos parciais dos quais nos falam Espinosa. Nesse sentido, o tipo de jornalismo participativo das redes realizado de forma rizomática, configura-se como uma esfera com maior competência para a livre expressão de todos sobre tudo. As pessoas mostram a cara na sua rede de amigos e isso facilita mostrar a cara na rua, habitar um corpo coletivo. Nessa nova esfera pública híbrida, sem mediações ou restrições impostas pelo Estado, mas regulada segundo a ética própria exercitada individualmente e na multiplicidade dos encontros, faz-se um deslocamento em termos da representação política pelo voto (obrigatório), para uma apresentação de si com perspectivas e interesses diversos, estabelecendo limites razoáveis que permitam aproximações e debates.

Em um segundo momento de abordagem sobre imparcialidade, objetividade e neutralidade, gostaríamos de envolver esses mesmos termos em relação à questão da transparência das informações na internet.

É uma exigência da democracia que os cidadãos sejam informados das agendas e ações dos governos de modo a poderem participar e decidir sobre as políticas públicas, seja para compor com elas, seja para fazer oposições. Todavia, o acesso à informação não pode mais ser considerado apenas uma comunicação do governo à população, mas servir de base para a elaboração da agenda pública dos governos. Assim, não só os poderes constituídos dos governos, como a grande mídia, parafraseando a canção do Milton Nascimento, “deve ir aonde o povo está”. As ferramentas desenvolvidas pelas redes, como os mapeamentos e visualizações, possibilitam o início de um novo momento da democracia, como pretendemos demonstrar no Capítulo 4, mais integradora do que a chamada representação objetiva de diferentes vozes, fazendo-a a partir de uma perspectiva fixa, territorializada, como que produzindo um simulacro de pluralidade de vozes.

3.9 A questão dos dados abertos – transparência de informações

Consta do portal do Governo Federal (2013) que:

A Lei de Acesso a Informações estabelece que órgãos e entidades públicas devem divulgar, independentemente de solicitações, informações de interesse geral ou coletivo, salvo aquelas cuja confidencialidade esteja prevista no texto legal. Isto deverá ser feito através de todos os meios disponíveis e obrigatoriamente em sítios da internet (somente os municípios com população de até 10.000 habitantes ficam dispensados da divulgação obrigatória na internet). Entre as informações a serem disponibilizadas, deverão constar, no mínimo:

- registro das competências e estrutura organizacional, endereços e telefones das unidades e horários de atendimento ao público;
- registros de quaisquer repasses ou transferências de recursos financeiros;
- registros das despesas;
- informações concernentes a procedimentos licitatórios, inclusive os respectivos editais e resultados, bem como a todos os contratos celebrados;
- dados gerais para acompanhamento de programas, ações, projetos e obras;
- respostas a perguntas mais frequentes da sociedade.

Com o acesso prévio à informação, o cidadão não precisa acionar os órgãos e entidades públicas, gerando benefícios tanto para ele, quanto economia de tempo e recursos para a Administração.

Segundo a definição da Open Knowledge Foundation³⁷, dados são abertos quando qualquer pessoa pode livremente usá-los, reutilizá-los e redistribuí-los, estando, no máximo,

³⁷ OKF Brasil – Rede pelo Conhecimento livre. Disponível em <<http://br.okfn.org/>>

sujeito à exigência de creditar a sua autoria e compartilhar pela mesma licença. Isso geralmente é satisfeito pela publicação dos dados em formato aberto e sob uma licença aberta. Os dados abertos também são pautados por três leis e oito princípios.

As três leis são:

1. se o dado não pode ser encontrado e indexado na *web*, ele não existe;
2. se não estiver aberto e disponível em formato compreensível por máquina, ele não pode ser reaproveitado; e
3. se algum dispositivo legal não permitir sua replicação, ele não é útil.

Tais leis foram propostas para os Dados Abertos Governamentais, mas pode-se dizer que elas se aplicam aos Dados Abertos de forma geral.

Em 2007, um grupo de trabalho de 30 pessoas reuniu-se na Califórnia, Estados Unidos da América, para definir os princípios dos Dados Abertos Governamentais. Chegaram num consenso sobre os seguintes oito princípios:

1. Completos. Todos os dados públicos são disponibilizados. Dados são informações eletronicamente gravadas, incluindo, mas não se limitando a isso, documentos públicos são dados que não estão sujeitos a limitações válidas de privacidade, segurança ou controle de acesso, reguladas por estatutos.
2. Primários. Os dados são publicados na forma coletada na fonte, com a mais fina granularidade possível, e não de forma agregada ou transformada.
3. Atuais. Os dados são disponibilizados o quanto rapidamente seja necessário para preservar o seu valor.
4. Acessíveis. Os dados são disponibilizados para o público mais amplo possível e para os propósitos mais variados possíveis.
5. Processáveis por máquina. Os dados são razoavelmente estruturados para possibilitar o seu processamento automatizado.
6. Acesso não discriminatório. Os dados estão disponíveis a todos, sem que sejam necessários identificação ou registro.
7. Formatos não proprietários. Os dados estão disponíveis em um formato sobre o qual nenhum ente tenha controle exclusivo.
8. Livres de licenças. Os dados não estão sujeitos a regulações de direitos autorais, marcas, patentes ou segredo industrial. Restrições razoáveis de privacidade, segurança e controle de acesso podem ser permitidas na forma regulada por estatutos.

Além disso, o grupo afirmou que a conformidade com esses princípios precisa ser verificável e uma pessoa deve ser designada como contato responsável pelos dados.

Apesar dos princípios terem sido pensados para os Dados Abertos Governamentais, pode-se aplicá-los, também, a Dados Abertos de modo geral (com a possível exceção do primeiro, já que este trata de dados do poder público).

O uso inteligente dos dados sobre tudo é um grande desafio futuro. No próximo capítulo, abordaremos alguns aspectos da rede distribuída que dizem respeito à visualização de dados; metodologias de monitoramento; a construção social dos saberes; movimentos e ocupações.

3.10 Múltiplas demandas e ilimitadas motivações

Os movimentos atuais, nas redes e nas ruas, pretendem transformar o Estado, mas não se apoderarem dele. Mas são essencialmente políticos. Expressam sentimentos, estimulam debate, mas na sua maioria não criam partidos nem apoiam governo. Os movimentos raramente são programáticos, exceto quando se concentram claramente em algum ponto, como o “abaixo os 20 centavos” ou “abaixo a ditadura”.

Projetam sinais de uma democracia distribuída, fortalecida em comunidades locais e em interação na rede. Percebemos hoje mais concretamente a força material que elas exercem ao se incorporarem nas mentes das pessoas, ao ampliarem o repertório de possibilidades, sonhos e, a partir de então, exercerem não tão menor influência nas ações e reações das pessoas.

A noção de democracia distribuída passa por esse lugar de produção de autonomia do indivíduo/coletivo em relação às instituições da sociedade. O aprimoramento da inteligência coletiva (distribuída) é o produto e o sentido dessa mudança cultural na qual estamos inseridos. Nesse sentido, o modelo democrático, a democracia (distribuída), traduz a inteligência coletiva em política. Ressaltamos que esse desenvolvimento ou evolução da inteligência coletiva, distribuída, não significa ir em direção a algo melhor já existente e modelado numa eufórica e otimista visão do presente. Essa mudança é acompanhada do surgimento de novos conhecimentos, técnicas e crenças. Uma abertura do espaço do sentido.

Mesmo que o aumento de potência apareça em alguém como uma crença, esse aumento só pode ser produzido no movimento, se produzir em ato, dado que não é um plano diretor da humanidade e sim um processo de autocriação. Os caminhos são, em si mesmos, reflexo do que consideramos que possa se enlaçar, as pontes que podemos traçar, o que é similar e diferente; as

inovações não só se descobrem ou se pré-fabricam, mas podem também se construir ativamente.

3.11 O meio internet e a inteligência distribuída

Para avançar no termo distribuído na experiência coletiva, podemos pensar um pouco na internet, tal como sugere Thomas W. Malone³⁸, pela lógica da estrutura do mercado, cujo produto a ser fornecido, nesse caso, é a informação. Os “vendedores” decidem qual o tipo de dados que deve fornecer; se devem anunciar como outros produtos ou serviços, ou simplesmente ceder a quem quiser usá-los. Do outro lado, os “compradores” decidem se querem consumi-lo e pagar por isso. Tanto compradores quanto vendedores pagam um tipo de taxa para acessarem uns aos outros.

Como na maioria dos mercados, todos estão, em certo sentido, no centro dele. Mas a diferença aqui é que não há ninguém no comando; ninguém que possa fechar a conexão criada; ninguém que possa bloquear ou impedir que as conversas aconteçam entre os atores dessa rede, sejam eles os provedores de acesso, provedores de serviços ou simples usuários.

Embora existam padrões técnicos rígidos em um nível IP – *Internet Protocol* – e gerenciadores de domínios, há uma flexibilidade muito grande de ações na internet em outros níveis. As pessoas, adquirindo certas habilidades – o que ocorre sempre em graus diferentes –, podem fazer muitas coisas em diferentes níveis e todas podem funcionar juntas. É importante ressaltar que essa abordagem existe a partir de um princípio da rede chamado neutralidade, que tem sido o principal tema do atual Marco Civil da internet no Brasil. Este princípio da neutralidade diz que todas as informações que trafegam na rede devem ser tratadas da mesma forma, navegando na mesma velocidade. É esse princípio que garante o livre acesso a qualquer tipo de informação na rede. Essa filosofia garante a democracia na rede, permitindo assim acesso igualitário de informações a todos, sem quaisquer interferências no tráfego *online*. Tal princípio da internet permite a transferência de dados entre terminais (*end-to-end*), sem qualquer discriminação.

Esta é uma maneira simples, mas fundamental, para se entender como as pessoas são colocadas no centro da internet, sem que, para isso, precisem delegar o poder dentro de uma estrutura hierárquica nem tomar decisões por voto. As “decisões” surgem das interações entre os muitos compradores e vendedores distribuídos no mercado. O mercado decide, ou melhor,

³⁸ MALONE, T. W. *O Futuro dos Empregos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2006.

deixa que as grandes decisões surjam de várias decisões pequenas tomadas por compradores e vendedores individuais.

E esse tipo de mercado tem se mostrado totalmente competente, haja visto a maneira como a intensa comunicação na rede tem demonstrado eficiência e eficácia em termos de mercado, diminuindo distâncias, economizando tempo e energia e, com isso, tornando seu produto mais barato e melhor o tempo todo, ou seja, é um mercado inteligente compartilhado.

Assim, ainda que as pessoas, nesse século XXI, se preocupem tanto com seus interesses próprios, é inevitável não perceber que entramos na era da colaboração, devido à internet, pois graças à colaboração em serviços, informações, produtos, conhecimento, estes são distribuídos consideravelmente com baixo custo, portanto acessíveis à maioria. Entretanto, as pessoas colaboram não porque sejam muito altruístas, porque só pensam no bem comum acima de seus interesses, mas porque a colaboração faz parte de uma política inteligentemente distribuída, a inteligência coletiva que implica em benefícios consideráveis em todos os aspectos da vida, sejam financeiros, culturais, sociais, das políticas públicas etc.

Por outro lado, novos coletivos vão sendo formados a todo tempo, alguns notadamente locais e outros mais desterritorializados, que ultrapassam fronteiras nacionais e continentais, como as campanhas de grupos ecológicos ativistas, de portadores de doenças de origem genética, de opressão racial, mas também, como lembram Miller e Rose (2012, p.258), de pessoas envolvidas com o crime, o que envolve tráfico de pessoas, de órgãos e de bens e, naturalmente, de organizações terroristas.

Estes coletivos denominados, em geral, transnacionais, quando se encontram mais formalizados e ligados a aspirações reguladoras, colocam em xeque os padrões das tecnologias para a regulação e o controle historicamente divididos em territórios nacionais.

A preocupação com os incidentes de falta de segurança na rede é real e importante de ser encarada com seriedade, pois trata-se de crimes cometidos, por exemplo, pelo governo de um país democrático como os Estados Unidos da América, em nome de seu oposto: a segurança.

De um anônimo agente da National Security Agency (NSA), Edward Snowden passou a ser uma espécie de herói ao denunciar esta agência governamental norte-americana de coletar sistematicamente informações pessoais tanto de cidadãos comuns quanto de políticos governantes, como a presidente Dilma Rousseff entre outros políticos, na internet, em redes sociais, em sistemas de buscas, telefonia móvel etc.

À medida que o termo globalização se torna uma forma comum de codificar problemas comuns de governos, como a segurança e o combate ao terrorismo, criam-se novas

problematizações nas políticas liberais que precisam ser pensadas como decisões também tecnológicas, dado que

As próprias tecnologias de comunicação que ultrapassam as fronteiras nacionais chamam a atenção, nos termos mais fortes possíveis, para as injustiças nas formas de vida e nas capacidades para a individualidade que parecem reclamar a ação daqueles que governariam, legitimamente, ao mesmo tempo em que evitam as soluções que parecem criar. (*ibidem*, p.259)

Do ponto de vista democrático de governo – de si e dos outros –, seja da grande mídia, seja da multidão, seja de um indivíduo singular em composição com outro, o distribuído tem a ver com a ampliação da compreensão do que é estar no mundo, hoje, na era da colaboração, do volume exponencial de informações sendo produzidas e disponibilizadas e, mesmo assim, da expressão de singularidades. Experiências singulares, encontros singulares, vidas singulares.

O distribuído tem a ver com esse espaço híbrido³⁹ criado, em que todos compõem a multidão ou corpo coletivo de pessoas que, se expressando e ocupando redes e ruas, querem ser vistas e ouvidas, querem ser compositoras de seus próprios destinos. Isso é muito novo em termos da democracia representativa, que, até então, vivemos como modelo, em que teoricamente deveríamos votar em quem pudesse representar nossos anseios de vida.

O distribuído tem a ver também com a ampliação da compreensão, do monitoramento e da avaliação do que se faz, processando o que é preciso mudar, ampliando a capacidade de enxergar como extensão de nossos órgãos, desenvolvendo periscópios digitais, dispositivos que permitem recolher milhões de dados disponíveis, processá-los e criarmos sínteses e sentidos. É avaliando o imenso volume de dados (*big data*) – só possível nesse momento singular da história –, que a rede, a inteligência coletiva e as pessoas podem realizar a multiplicação do conhecimento, influir na formação da opinião e nas decisões que lhes dizem respeito. No Capítulo 4 iremos ampliar a descrição do que denominamos de “periscópios digitais” e seus usos nas diferentes dimensões da vida na sociedade atual e, conseqüentemente, nas novas práticas políticas em rede.

3.12 Da economia da escassez para a economia da abundância

Cauda longa é um termo criado pelo jornalista especializado em tecnologia, Chris Anderson, apresentado no livro homônimo, que trata da questão do efeito da abundância do universo das redes conectadas, a partir de sua imaterialidade, articulado aos múltiplos interesses

³⁹ Conf. Adriana de Souza e Silva (2004, p.282): um espaço híbrido é definido pela mistura, ou o desaparecimento das bordas, entre espaços físicos e digitais. Espaços híbridos são espaços nômades, criados pela constante mobilidade dos usuários que carregam aparelhos portáteis de comunicação, como os celulares, continuamente conectados à internet e outros usuários.

da humanidade.

Portanto, ressalta ele, é de causar estranheza as definições da palavra Economia encontradas na Wikipédia⁴⁰: “s.f. Ciência Social da escolha em condições de escassez [...] ou alocação de recursos escassos para atender a necessidades ilimitadas”. De qualquer maneira, o elemento comum é a escassez e como distribuir recursos escassos. A Economia, principalmente a neoclássica, não lida com insumos abundantes. Ela não nega o oxigênio, que é gratuito, quando se tenta acender uma fogueira, apenas não as considera em suas equações, deixando para outros campos do conhecimento versarem sobre o fenômeno, por exemplo, a partir de uma perspectiva da química. Na era da informação, dos *bytes*, a profusão ou a abundância, em muitos aspectos, é um novo contexto a ser considerado. Muitas pessoas, ideias, opiniões, imagens, muito de tudo, sobretudo na tecnologia. Esta é uma mudança de mentalidade que está apenas começando, e deve ser entendida com todas as ressalvas necessárias diante de profundas desigualdades sociais e desequilíbrio ambiental planetário.

Mas a profusão ou a abundância é e será cada vez mais um contexto de produção da multidão conectada. Quando o comportamento dessa multidão pode ser percebido como uma forma de inteligência distribuída. Exemplos como as legendas feitas coletivamente, os projetos financiados coletivamente, em rede etc. As pessoas que fazem parte do que chamamos de “multidão” talvez não se considerem fornecedoras de recomendações ou orientações. Mas todos os dias surgem cada vez mais sistemas que mapeiam as escolhas, os comportamentos e, daí, sugerem padrões e conclusões (mesmo que parciais). Fizemos um microdesvio nas investigações dessa pesquisa e fomos analisar brevemente os Prêmios Nobel de Economia na tentativa de encontramos algum sinal de tendências na produção de conhecimentos nesta direção. Apesar de não encontramos um padrão claro e distinto nas pesquisas, entre os 74 ganhadores de 1969 até 2013, destacamos o trabalho de Elinor Ostrom, vencedora do Nobel em 2009, única mulher vencedora desse tipo de Prêmio Nobel na história, pela sua análise da governança econômica, especialmente dos bens comuns em que ela incide uma crítica sobre o conhecido modelo intitulado “tragédia do bem comum”, que pressupõe a entrada de um terceiro, um mediador, em conflitos humanos em tempos de escassez. Ostrom observou em suas pesquisas de campo, que muitos grupos localizados, comunidades, em vez de competir entre si pelos mesmos recursos naturais, aprenderam a cooperar para sobreviver. São capazes de prosperar ao resolver coletivamente os conflitos de interesses e garantir a sustentabilidade dos grupos, sem depender do governo ou de autoridades institucionalizadas. Dentre os fatores implicados nesse processo de cooperação estão: o tamanho do grupo; o volume de recursos

⁴⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia> Acesso em 15 nov 2013.

disponíveis; os processos comunicativos e a confiança entre os indivíduos. A autora defende que é preciso compreender as normas locais, regras claras que vigoram na interação entre os indivíduos, capazes de gerar confiança e criar espaços possíveis para a solução dos problemas. Trata-se da “ética em sua última milha”, alcançando instâncias em que a lei não alcançaria, gerando soluções para os pequenos dilemas do dia a dia. Ostrom pondera que essas práticas não atuam contra as “leis de mercado”, mas coexistem, uma vez que não se pode explicar uma atividade econômica bem-sucedida sem que se desenvolvam regras adequadas aos problemas. Nesse contexto, o sistema econômico também se tornaria policêntrico e deveria levar em conta a produção do comum em pequenas localidades. Visando medir essa produção do comum, a autora levou em conta a complexidade das variáveis e afirmou que a média não explica como algo funciona em instâncias locais. É preciso buscar novas métricas, capazes de alcançar o singular no meio das multidões. (OSTROM, 2012).

A importância e o fenômeno dos algoritmos de busca e das redes sociais como força econômica no Vale do Silício são o reflexo do valor que agora começamos a reconhecer na mensuração, visualização e análise das ações de milhões de indivíduos. Daí decorre que os instrumentos de navegação de um contexto de escassez deixam de funcionar quando precisamos e queremos atuar na abundância, na mistura, na multipicidade, na polissemia do balé impermanente da multidão conectada.

Aqui é possível relacionar a crítica à maneira pela qual as pessoas usam o seu tempo livre e a questão do excedente cognitivo de Shirky. Em palestra no Ted X⁴¹, ele cita o exemplo do nascimento dos mapeamentos de visualização em decorrência da violência no Quênia, contada pela população, em 2008. Com este exemplo, ele defende a teoria de que o mundo conta hoje com cerca de um trilhão de horas por ano de trabalho que poderiam ser usadas em projetos pessoais ou coletivos.

3.13 O efeito pós-filtro

Como afirma Chris Andersen, em *Cauda Longa* (2009), o que muda de um contexto ao outro, da escassez à abundância, são os filtros. Na primeira situação, no mercado da escassez, dos bens materiais e tangíveis, os filtros acontecem antes de algo ser lançado, pois há condições finitas de espaço nas prateleiras, nos canais de distribuição, como espaço nas escolas. Intuitivamente temos esse entendimento. É fácil perceber que há uma mesa, um bem material, e

⁴¹ Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300015&script=sci_arttext>. Acesso em 28 jun 2013.

existem cinco pessoas querendo a mesma mesa, provalmente uma pessoa ficará com a mesa, por interesse e condição de aquisição, e quatro ficarão sem (e para regular os efeitos dessas disparidades as leis e o Estado atuam). Mas, por outro lado, se eu-informação, um bem imaterial, ao distribuir, ou deixar disponível para essas mesmas cinco pessoas, eu não fico sem. E, portanto, é um bem que cria uma condição de abundância na medida que é mais compartilhado e usado. Por isso, a abundância é tanto causa como efeito dessas condições. Nesse sentido, voltando ao campo da economia, “da escolha em condições de escassez [...] ou alocação de recursos escassos para atender a necessidades ilimitadas” (*idem*), estamos diante de novas possibilidades e de uma mudança da racionalidade econômica. Não nos deteremos muito mais na superfície do campo econômico, pois não é nosso propósito. Para nós, parece útil aqui identificar que novas metodologias, instrumentos e técnicas surgem a partir desse paradigma da abundância e não da escassez.

Criaram-se indústrias inteiras para a descoberta e promoção das “coisas boas”. São as previsões que definem como certos fluxos irão se comportar. Essas definições são feitas de maneira centralizada, concentrada. Em contraste, o pós-filtro, numa situação de abundância disponibiliza tudo, não faz a escolha *a priori*, deixa com que as pessoas tenham acesso a tudo e a partir, de então, começam a traçar suas preferências, estratégias e escolhas. Em vez de prever o comportamento ou mesmo direcioná-lo, o pós-filtro torna visível o comportamento e a escolha das pessoas e, portanto, em vez de prever, eles ampliam. Os filtros passam de “porteiros” para “conselheiros”. Em vez de preverem e pré-selecionarem, eles mapeiam as preferências, os comportamentos, as escolhas. Tornam visíveis a própria multidão, o corpo coletivo.

Quem fará essa visualização? Como fica o papel dos mediadores nessa distribuição filtrada em meio ao mar de informações disponíveis?

Na realidade, o tipo de rede rizomatizada abala totalmente a noção de intermediação que, como vimos no capítulo 2, viscejou com o nascimento das disciplinas na Modernidade e com o discurso cientificista na figura da *expertise*, ligados à teoria do universal.

Mas não há dúvida que, do ponto de vista dos filtros, é no presente que está sendo gerado, paralelamente, aos bilhões de novos usuários que acessam a internet, um novo tipo de intermediário que, ao pensar o *big data*, tenta cada vez mais tornar possível a leitura e a comunicação de informações, por meio de mapeamentos do excesso de informação que pode ocorrer em qualquer rede.

Pode-se dizer que o intermediário está em cada nó da rede. Ele é central em determinado momento, por conectar informações com filtros, mas imediatamente se distribui

em novos nós, desfazendo por completo a noção de centralismos, hierarquias e universos perfeitos.

A esse respeito, servimo-nos das palavras de Paulo Vaz (2004, p. 207), cientista da comunicação, quando diz o que filtram e facilitam encontros:

Se pensarmos que, na rede de informações, o que perturba o contato entre dois nós é o excesso, que implica o desconhecimento respectivo, percebemos que os portais e os mecanismos de busca ocuparão essa posição de intermediários entre dois nós quaisquer. [...] De modo genérico, o intermediário na rede será aquele que permite a alguém encontrar o que deseja e atesta a credibilidade do encontrado.

Hashtags também funcionam como filtros em discursos coletivos e de movimentos sociais que, com a inserção de determinados termos, como pauta de ocupação em rede, ideias e opiniões, identificam temas e movimentos que, ao mesmo tempo, reúnem e complementam o que está sendo divulgado e seguido. Elas tanto produzem o efeito de nomear fluxos individuais quanto produzem efeitos a partir do múltiplo. Essa característica paradoxal da *hashtag* indica que para participar – ou qualificar essa participação – das discussões em rede, é preciso conhecer o sentido que uma *hashtag* veicula e, ao mesmo tempo, conhecer coletivos a ela conectados de alguma maneira. Como descrevem os analistas de tecnologias da comunicação Malini e Antoun (2013, p.232):

Ao nomear os movimentos com uma *hashtag*, os ativistas reúnem uma quantidade enorme de relatos e informações sob uma única palavra (exemplo, #15M). Criam uma “tag de ordem” comum, pois vai ganhar significado a partir do aluvião de tweets, postagens e publicações feitos pela multidão conectada. Embora sejam todos singulares, eles levam uma assinatura única (a *hashtag*), permitindo ao acontecimento sair debaixo do espaço público das ruas para se colocar sobre o espaço público da atenção midiática. Assim, tal como o #15M de 2011, o movimento #12M em 2012 expressou, com esse nome, a identidade única daquilo que, na realidade, se revelava como uma multiplicidade de narrativas.

Ou seja, o acontecimento e suas múltiplas narrativas simultâneas e/ou subsequentes passam a conceber *tags* ou termos de ordem comum que facilitam a localização desde temas mais específicos até mais abrangentes, no mundo distribuído, por meio de disputas de inserções às vezes até opostas, dado que o lugar dessa linguagem ou filtro em rede é também lugar de ocupação, lugar de poderes.

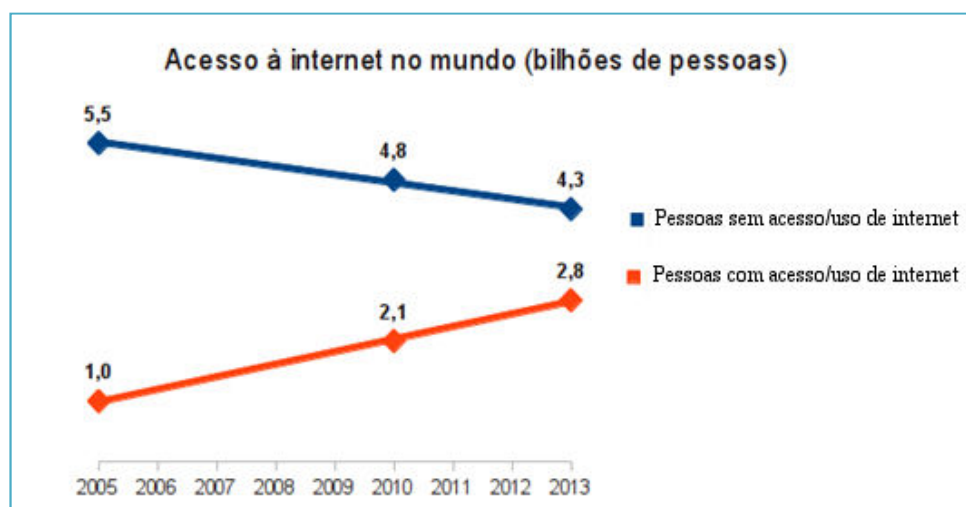
CAPÍTULO 4 - PESQUISA: ALGUNS RECORTES PARA A VISIBILIDADE DE AGENCIAMENTOS COLETIVOS EM REDE – DADOS E RESULTADOS

Em uma rede distribuída, o número de pessoas com acesso e uso à internet no mundo é um dos indicadores fundamentais para o desenvolvimento da noção de novas práticas políticas nesse trabalho de pesquisa. A série histórica de indicadores de acesso contribui para a análise do potencial da rede ao revelar a escala, ou seja, o volume de pessoas que têm efetivamente acesso e alcance de acesso à internet.

Partiu-se da idéia de que quanto maior o número de usuários de internet, maior a probabilidade de conexão, ampliação da participação e emergência de redes distribuídas, o que, a nosso ver, contribui para o desenvolvimento de práticas políticas. O número de pessoas “com” e “sem” acesso à internet remete a um campo de disputas pelo direito e domínio de novas práticas de discurso que podem alcançar, ou não, ambiências políticas. É o que pretendemos demonstrar inicialmente por meio da série histórica do número de pessoas “com” e “sem” acesso à internet no período de 2005 a 2013.

Os dados foram extraídos do segundo relatório *Total Midyear Population for the World: 1950-2050*, publicação do *International Programs Center for Demographic and Economic Studies, U.S. Census Bureau*, que disponibiliza os dados de forma aberta para serem trabalhados por outros pesquisadores. Nesse relatório, os indicadores de acesso à internet são calculados a partir de dados demográficos dos países e a porcentagem de usuários com acesso e uso de internet (ITU, 2012).

Gráfico 1. Série Histórica – Número de pessoas com e sem acesso à Internet no mundo
Período (2005-2013)⁴²



Fonte: ITU, 2012

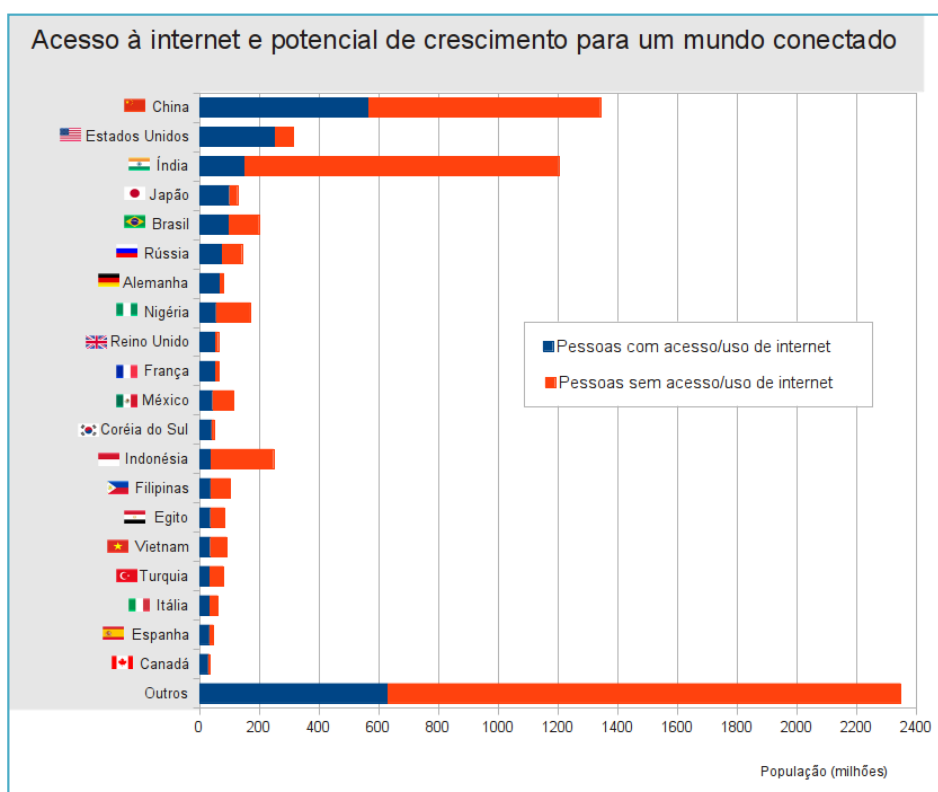
Por meio da série histórica, é perceptível como as linhas do Gráfico 1 deixaram de ser pontos paralelos e passaram a formar retas convergentes. Essas retas apontam a tendência de crescimento do acesso à internet no mundo e consequente efeito de queda na exclusão sociodigital. Essa tendência pode ser observada com maior intensidade a partir de 2010, o que pode indicar a diminuição de custos de dispositivos de acesso e conectividade, maior distribuição e capilaridade da infra-estrutura e intensificação da pauta de inclusão sociodigital em países em desenvolvimento, em que a escala demográfica é maior, acelerando, dessa forma, os indicadores de acesso. A própria questão do acesso à internet passou a ser entendida sobre outros pontos de vista, não mais como acessório na vida cotidiana das pessoas, mas como condição quase que essencial para a comunicação, expressão, e até sobrevivência pessoal e profissional. Em suma, o acesso à internet torna-se também um relevante indicador de desenvolvimento social e econômico.

⁴² Disponível em: <<http://www.census.gov/population/international/data/idb/worldpoptotal.php>> e <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/statistics/2012/ITU_Key_2006-2013_ICT_data.xls>. Acesso em 03 mar 2013.

4.1 Da bomba demográfica à potência conectada

A tendência de crescimento no número de acessos somada ao potencial de crescimento nos foi útil para a ampliação da noção de mundo distribuído. A escala apresentada pela população, ou seja, o número de habitantes de cada país, aliada aos dados de acesso é imprescindível para compor um indicador que denominaremos por potência de ação da rede distribuída. Por meio da visualização das pessoas com acesso à internet de cada país e respectivo potencial de crescimento (diferença entre o total geral da população e as pessoas com acesso), é possível verificar a influência da variável “escala” como dependente do indicador potencial em um comparativo entre países. É o que demonstra a imagem do Gráfico 2. Os dados foram extraídos do relatório *Countries and Areas Ranked by Population:2012 – Population Data, International Programs, U.S. Census Bureau*, que trata do número de usuários de internet calculado a partir da porcentagem de usuários por país (ITU 2012).

Gráfico 2. Número de pessoas com e sem acesso/uso de Internet x País



Fonte: <http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/statistics/2013/Individuals_Internet_2000-2012.xls> e <<http://www.census.gov/population/international/data/idb/rank.php>>.

Ao pensarmos o crescimento para um mundo conectado com a variável escala de população, o Gráfico 2 apresenta grande potencial em dois grandes blocos populacionais: China e Índia.

Considerando uma situação de total conectividade da população de um país, os dois blocos teriam maior potencialidade de ocupar a internet que nações como Estados Unidos da América, Alemanha, Reino Unido. Mais do que averiguar as condições de viabilidade desse cenário potencial e a complexidade de fatores que isso implica, o deslocamento pretendido foi o de proceder à visualização da ocupação hoje em termos de produção coletiva, que pode estar associada à capacidade de apreensão dos jovens como um “dividendo demográfico” que dê retorno a cada década, em vez de uma “bomba demográfica” que continue explodindo. Isso demonstra a tendência de inversão de uma situação de escassez de recursos para uma abundância de possibilidades, principalmente ao considerarmos países como a Nigéria e a Indonésia.

Esse cenário apresenta condições de participação que precisam de certo nível de capacitação paralelamente à educação dos jovens, de modo que governos e sociedade saibam usufruir de um mundo distribuído de maneira mais participativa, criativa. Uma sociedade implicada com o cuidado de si e dos outros. Olhar para essa inteligência conectada e distribuída, enquanto potência de agenciamentos, reconfigura também novas composições e relações de forças entre pessoas e entre países.

Qual o impacto de estar desconectado em um mundo conectado? As agendas públicas de inclusão sociodigital demonstram sua importância como a chave de entrada para o mundo distribuído. Na figura 3, apresenta-se o mapa da distribuição da visitação dos usuários em cada país.

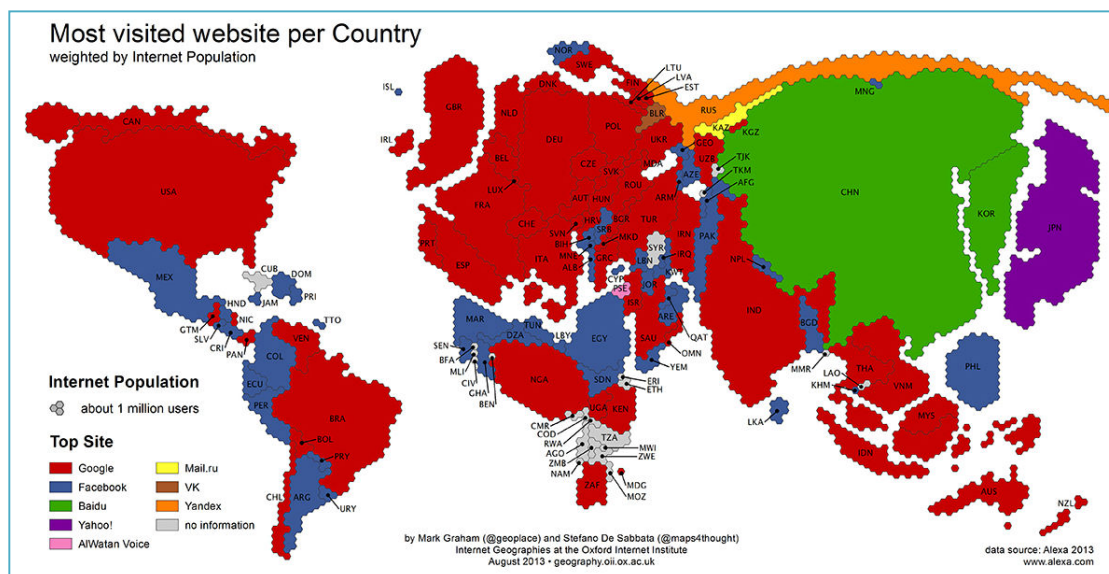


Figura 3. Mapa da distribuição da internet – *Sites* mais visitados no Mundo x País⁴³

A Figura 3 apresenta três resultados importantes a respeito dos *sites* mais visitados em 2013 por região demográfica. Google e Facebook ocupam grande parte do território mundial quando se trata de taxas de visitação. Outro fenômeno é a dimensão da ocupação do *site* Baidu.com, buscador dominante na China, que oferece serviços agregados como *downloads* de músicas e edição de artigos de forma semelhante à da Wikipédia.

O terceiro ponto a ser observado é a presença de múltiplas redes sociais e buscadores que atendem a demandas da população de países do Leste Europeu e Rússia, entre elas: Mail.Ru, VK ou VKontakte e Yandex. Mail.Ru Group é uma das maiores empresas operadoras de internet no universo da língua russa, oferecendo o serviço de *e-mail*, serviços de mensagens instantâneas e jogos *on-line*. VKontakte ou VK é o segundo maior serviço de rede social na Europa depois do Facebook, está disponível em muitas línguas, mas continua particularmente popular em falantes do idioma russo no mundo e em países como Ucrânia, Azerbaijão, Cazaquistão, Moldávia, Bielorrússia e Israel. Yandex é uma companhia de internet russa que opera o maior motor de busca da Rússia e desenvolve outros serviços e produtos para a *web*.

Entre os dez sites com maior taxa de visitação no mundo aparece também o Al-watan.com, rede de notícias independente de língua árabe que favoreceu a disseminação de informações sobre os levantes do mundo árabe também em 2013.

⁴³ Dados disponíveis em <<http://www.alexa.com>>. Acesso em 15 nov 2013.

4.2 Contexto Brasil

A proporção de indivíduos que já acessou a internet alguma vez no Brasil, tendo em vista uma população de aproximadamente 196 milhões, ultrapassou os 50% no ano de 2012, como demonstra a Tabela 1.

Tabela 1. Número de Pessoas que Acessaram a Internet no Brasil em 2012.

TIC DOMICÍLIOS e USUÁRIOS 2012			
outubro de 2012 / fevereiro 2013			
C - Uso da Internet			
◀ Anterior ▲ Início Próximo ▶			
C1 - PROPORÇÃO DE INDIVÍDUOS QUE JÁ ACESSARAM A INTERNET ¹			
Percentual sobre o total da população ²			
Percentual (%)	Sim	Não	Não sabe / Não respondeu
TOTAL	55	45	0

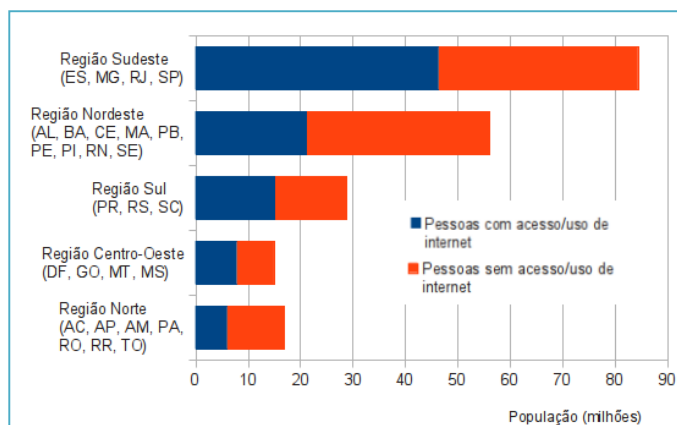
Fonte: CGI – Pesquisa TIC Domicílios e Usuários – 2012⁴⁴

O Brasil ainda apresenta potencial participativo em rede em abundância, já que 45% da população nunca acessaram a internet. Esse dado justifica o agendamento de políticas que venham corroborar com a inclusão sociodigital para que o governo saiba usufruir desse potencial com os benefícios da internet.

E está claro que investigações no âmbito acadêmico sobre o tema inclusão e cultura digital podem também funcionar como dispositivos de ações e intervenções em agendas políticas. Ou seja, ao ampliar o espaço para a realização de pesquisas nas áreas de educação, comunicação, economia e outras que tenham como objeto termos ou palavras-chave inclusão digital ou sociodigital favorecem a reflexão sobre o acesso no Brasil e, ao mesmo tempo, estimulam o surgimento de iniciativas locais.

As dimensões do território brasileiro sugerem que, ultrapassando o fato de ser uma política de âmbito nacional, aspectos locais podem colaborar e muito para resolver a questão do acesso e uso da internet, devido a demandas regionais e culturais da população, no que diz respeito ao potencial uso participativo da rede. Ou seja, parece haver uma demanda regional distinta de potencial acesso à internet, como demonstra o Gráfico 3.

⁴⁴ Disponível em <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/C2.html>>. Acesso em 15 nov 2013.

Gráfico 3. Número de pessoas com e sem acesso à Internet x Regiões Brasileiras

Base: 166,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais. Período: outubro de 2012 a fevereiro de 2013.

Fonte: <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/C2.html>>.

A região sudeste continua sendo a região com maior indicador potencial de rede no Brasil, já que é a de maior escala populacional no País. Em segundo lugar, a região nordeste apresenta também alto potencial de participação em rede. Pode-se dizer, entretanto, que entre essas duas regiões, a sudeste apresenta infraestrutura de recursos (é a região com maior PIB do País) e dimensões geográficas que podem viabilizar a expansão do acesso com maior velocidade que a região nordeste.

As regiões centro-oeste e norte são praticamente equivalentes quanto ao indicador de potência de rede ao observarmos o número de usuários, mas a questão da falta de acesso se destaca com maior intensidade na região norte.

Características peculiares, econômicas e culturais de cada região influenciam na questão da velocidade de expansão do acesso no Brasil. Essas características devem ser levadas em conta na agenda de políticas públicas de acesso à internet e constar como indicadores do potencial de ação em rede. Do mesmo modo, aspectos culturais locais podem ser importantes quando se levam em conta as apropriações tecnológicas. Por exemplo, é possível que pequenas comunidades da região norte apresentem experiências criativas de uso da rede com maior intensidade que pessoas que habitam a região sul. Contudo, por meio dos dados apresentados,

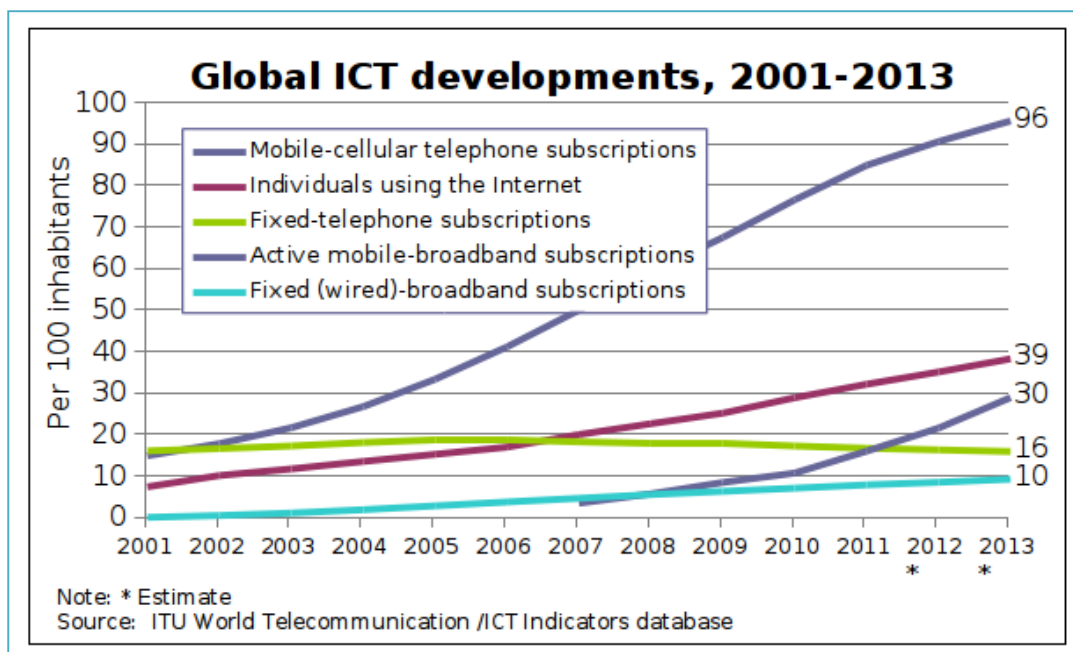
não é possível prever um tipo de ocorrência singular nesse sentido. Portanto, a escala populacional apresenta-se como métrica relevante quando aliada às probabilidades de apropriação e uso da internet, uma vez que é provável que o acesso em escala proporcione as condições básicas necessárias para a maior troca de informações entre os indivíduos, abrindo espaço para a participação em rede e, quando possível, para a emergência de apropriações criativas, manifestações e denúncias.

Desse modo, podemos dizer que não foi sem sentido que as ocupações de redes e ruas, conhecidas como *Manifestações de Junho*, ocorreram no Brasil, primeiramente na região sudeste, apesar do aumento de tarifas ter sido anunciado relativamente em todo o país. Da região sudeste, o movimento se espalhou, rapidamente, para as demais regiões. Se observarmos o fator escala de acesso, foi essa região que apresentou melhores condições para a participação no que chamamos de mundo distribuído.

4.3 Acesso móvel: passaporte para a participação no mundo distribuído

Outro aspecto que não pode estar dissociado da participação política no mundo distribuído é o uso expressivo do acesso móvel. No caso do Brasil, principalmente, devido à adoção popularizada do celular, com preços bem acessíveis à maioria da população. Para além da escala do número de usuários com acesso, deve-se pensar que a velocidade da informação que circula em meios móveis é maior e alcança um maior número de indivíduos em tempo menor. O conteúdo atinge de maneira muito mais rápida os indivíduos conectados, a qualquer hora e em qualquer lugar. Ressalte-se, aqui, também, o efeito filtro, em que as pessoas produzem e recebem essa informação já selecionada e divulgada por amigos, contatos, imprensa, pessoas que de alguma forma consideram importantes nas redes. O Gráfico 4 demonstra o histórico global da adoção de tecnologia e acesso no mundo.

Gráfico 4. Histórico Global de Adoção de Tecnologias de Comunicação x Habitantes
Período: 2001 a 2013



Fonte: ITU World Telecommunication/ICT⁴⁵

De acordo com o Gráfico 4, a adoção do celular enquanto meio de comunicação vem crescendo em índices surpreendentes desde meados da década de 2000. Esse dispositivo de comunicação foi a tecnologia mais adotada pelos indivíduos no mundo. Podemos observar também que, nos últimos quatro anos, o acesso à internet por meio do celular e o número de usuários ativos na rede cresceram acentuadamente. Isso demonstra que, quando falamos de acesso móvel, estamos, sobretudo, falando do uso da internet por meio do celular, tendo em vista o aumento, no mesmo período (quatro anos), do número de indivíduos com acesso à internet. Enquanto dispositivo potencial em uma rede distribuída, o celular é uma das principais tecnologias para a comunicação e, portanto, de proporcionar maiores condições de participação.

É possível dizer certas peculiaridades desse dispositivo que o tornam tão atraente e que vão além do baixo custo do aparelho, fazendo com que tenha sido incorporado no cotidiano de tantos brasileiros. Trata-se de uma tecnologia que personaliza um *self*. Nele, as pessoas levam fotos dos filhos, de animais de estimação, paisagens agradáveis, bons momentos. Ali estão os

⁴⁵ Disponível em <<http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx>>. Acesso em 16 nov 2013.

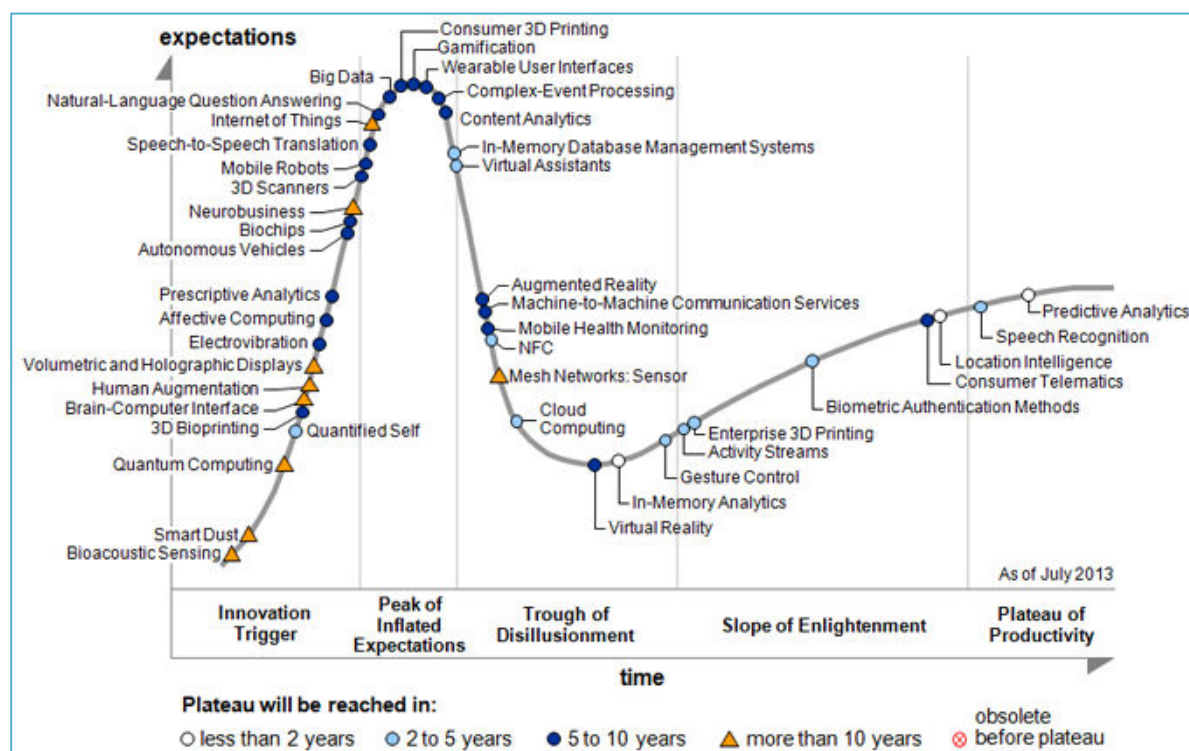
contatos mais próximos: a família, os amigos e colegas de trabalho. Em suma, esse aparelho se configura como o “nosso mundo próprio”. Mesmo alguns modelos bem simples já apresentam câmeras capazes para fazer um videoclipe. Em um país como o Brasil, em que há distâncias enormes e de difícil acesso, é fácil perceber o quanto o celular tem poder de penetração, desde que se tenha disponível o sinal de uma operadora. Além do acesso à internet, o celular permite o acesso a inúmeros outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão. A circulação de cartões de memória do celular entre amigos, em pequenas comunidades de bairro ou até em zonas rurais, possibilita o compartilhamento de músicas, foto, publicações de vídeos e outras informações, compondo redes até mesmo onde não há acesso à internet. Mas o que significa unir características tão pessoais e, ao mesmo tempo, com possibilidades de interação com outros veículos de comunicação e outras pessoas de maneira tão ampla? Ora, nem todos os indivíduos irão utilizar o celular de maneira criativa.

Há diferentes níveis de adoção da tecnologia entre os indivíduos. Há certas tecnologias ou invenções humanas que “dão certo”, outras não. Há ainda aquelas tecnologias que permanecem em uma linha de consumo estável, por gerações. Critérios subjetivos e a escala perpassam ambos: tanto o sucesso quanto o fracasso na adoção e consumo de tecnologia. De acordo com Gabriel Tarde (2005, p. XXXI), muitas tecnologias são recebidas com excesso de euforia, sendo adotadas por um grande número de usuários e acabam por “virar moda”. Contudo, depois de algum tempo, são capazes de trazer aos usuários certa decepção, que perceberão que a tecnologia por si só não será capaz de prover a solução para tudo ou resolver “todos os problemas”. Expectativas e a inclusão ou participação em um cenário tecnológico dizem respeito, do mesmo modo, à adoção ou não das inovações tecnológicas.

Nesse contexto, abordamos o *hype-cycle*, uma representação gráfica desenvolvida pela empresa de pesquisa Gartner Inc., em 1995, que traduz o ciclo de adoção ou não das tecnologias em três níveis: maturidade, adoção e aplicação social de tecnologias específicas. O propósito de trazer essa forma de representação para esta pesquisa é o de ampliar as

possibilidades de descrição e entendimento das múltiplas tecnologias e usos. O Gráfico 5 apresenta esse movimento de adoção ou não, o *hype-cycle* de tecnologias, em 2013.

Gráfico 5. *Hype-cycle* das Tecnologias em 2013



Fonte: <<http://na1.www.gartner.com/imagesrv/newsroom/images/hype-cycle-pr.png;pv4a3db6f9c029a4db>>.

A inovação tecnológica surge e dispara processos de expectativas por parte de usuários/consumidores. Logo após as expectativas, segue-se o período da experimentação e certa decepção. Passado o período de decepção, cada tecnologia alcança seu papel no espectro tecnológico, tendo uma finalidade específica. No momento de maturidade, a tecnologia alcança sua real importância no mercado e a fidelização de um grupo de consumidores.

De acordo com Gabriel (2005) as 5 fases de um *hype-cycle* são descritas como:

1. Gatilho da tecnologia – um fator se torna o gatilho, gerando interesse do mercado e da mídia.
2. Pico das expectativas infladas – o frenesi da publicidade gera entusiasmo e expectativas não reais.
3. Vale da desilusão – há uma falha em atender às expectativas e a tecnologia sai de moda.

4. Ladeira do esclarecimento – mesmo a imprensa tendo parado de abordar a tecnologia, alguns negócios continuam a usá-la e experimentá-la, compreendendo os benefícios e aplicações práticas.

5. Platô de produtividade – é alcançado conforme os benefícios forem demonstrados e aceitos. A tecnologia torna-se estável e evolui na 2ª ou 3ª geração. A altura final do platô varia, dependendo se a tecnologia é aplicável ou com benefícios apenas para um nicho de mercado.

Vale destacar que este modelo gráfico trabalha com diferentes projeções de velocidade para o alcance do platô de produtividade, dependendo da tecnologia analisada (menos de dois anos, de dois a cinco anos, de cinco a dez anos, mais de dez anos e obsoleto antes de atingir o platô).

Se observarmos o Gráfico 5, dentre as tecnologias que obtiveram um ciclo de adoção favorável em 2013, podemos citar a análise preditiva ou de tendências, *e-commerce*, o reconhecimento de voz ou idiomas e a biometria. É importante observar o *hype-cycle* como um modelo gráfico de indicador de tendências de consumo de tecnologia. Ao pensar em consumo, deve-se remeter ao acesso às tecnologias e, com elas, novas formas de compreensão do mundo. Como já foi dito, fatores culturais e econômicos influenciam em critérios de adoção. Até mesmo características da própria tecnologia apresentam barreiras. Mas, por meio do Gráfico 5, foi possível observar que nada é tão inovador ou “revolucionário” quando utilizado de maneira isolada. Em processos de adoção, há tecnologias que prescindem do uso de outras, ao mesmo tempo em que há tecnologias que levam à adoção de outras inovações.

Indiretamente, *hype-cycle* nos remonta à questão do hiperconsumo e à mercantilização de nossas experiências de vida, em debate desde o final da década de 1970. A “felicidade paradoxal” atrai soluções paradoxais. Ao mesmo tempo em que há necessidade de romper com o hábito de consumo exacerbado (principalmente de bens tecnológicos) quando “entendido como imaginário proliferante da satisfação, como esbanjamento da energia e como excrescência desregrada dos comportamentos individuais” (LIPOVETSKY, 2006, p.14), há o consumo de bens tecnológicos que passa também pela questão do direito ao acesso, da amplitude do repertório e do mundo em que se vive. Como o autor menciona, “precisamos igualmente, sob certos aspectos, de *mais consumo*: para combater a pobreza, para auxiliar os idosos e oferecer cuidados de saúde melhores às populações, para utilizar melhor o tempo e os recursos [...]” (*idem*, p. 14). Para o autor, essa felicidade paradoxal reflete formas de consumo que também nos permitem desfrutar de experiências novas, uma saída ao que se caracteriza

hoje como hiperconsumo por meio da expansão de possibilidades para a formação de novos imaginários da vida em sociedade e do bem-viver.

Em um mundo distribuído, o acesso móvel por meio da adoção de tecnologias de comunicação, principalmente o celular, e o uso em escala da internet sugerem o potencial – condições favoráveis – para a participação dos indivíduos em novas práticas políticas em rede.

4.4 Emergência de descrições, termos e vocabulário

Após a discussão inicial sobre critérios que geram condições e influenciam indicadores do potencial de desenvolvimento da participação em redes distribuídas, retomamos a nossa hipótese de pesquisa que afirma que a emergência de descrições, termos, vocabulários, campos que pautam reconfigurações de domínios nos saberes possíveis dessa época de acesso massivo à internet revelam condições inéditas de um futuro sendo produzido no presente, diminuindo distâncias entre as redes e os dispositivos que atravessam as relações institucionais, entre governos-sociedade. Nesse sentido, iremos analisar os resultados dos dados coletados no contexto da apropriação dos meios de comunicação e as novas práticas políticas em rede.

Nossa proposta nessa parte da pesquisa é nos remetermos a alguns aspectos que permeiam o saber contemporâneo, a partir do mapeamento da produção acadêmica das duas últimas décadas e ao aparecimento de termos próprios, o “engravidamento” de sentidos e seus desdobramentos em produção e ocupação de novos territórios e usos.

Os casos apresentados – CAPES, o jornal O Estado de S. Paulo e Wikipédia – visam cumprir os objetivos de pesquisa e contemplar a hipótese da investigação por meio da análise de termos, descrições, vocabulário e composições que demonstram campos que pautam reconfigurações de domínios nos saberes possíveis dessa época de acesso massivo à internet. Contemplando os objetivos específicos a partir da hipótese, desenvolvemos a investigação da ocupação ou emergência de descrições do termo **internet e Governamentalidade** em 3 geografias ou distintos do saber: (1) acadêmico/científico, (2) na mídia tradicional (o jornal O Estado de S. Paulo); (3) Wikipédia, sendo que tanto na CAPES quanto no Estadão pesquisou-se o termo internet e na Wikipédia o termo Governamentalidade.

4.5 A produção-ocupação do termo internet no âmbito acadêmico: caso CAPES

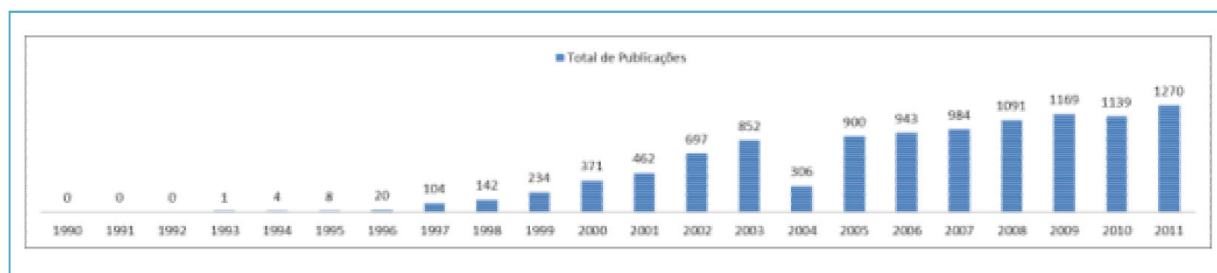
Conforme abordamos no Capítulo 1, alinhamos parte de nossas investigações na tentativa de preencher uma lacuna que recaía sobre os conhecimentos reconhecidos como

verdades científicas que poderiam ser “comprováveis”, desde que orientados por normas pré-estabelecidas e desde que fossem descritas sob alguns rótulos ditos científicos.

No campo acadêmico, a pesquisa foi realizada no banco de dados da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Foram observados, por meio de série histórica, o percurso e as alterações nos domínios do saber acadêmico/científico de termos que demonstram a importância da internet enquanto objeto de estudo no Brasil.

Os dados obtidos são também exemplos de como podemos proceder ao fazer nossa análise por meio de mapeamentos em bancos de dados disponíveis em rede. A investigação visou observar que tipo de linguagem surge na produção acadêmica de teses e dissertações, que áreas de produção do conhecimento foram sendo ativadas ao longo dos anos e quais áreas se fortaleceram, sobressaindo-se em termos do mero interesse da comunidade científica brasileira. O gráfico, abaixo, demonstra a distribuição dos trabalhos ao longo de 20 anos de pesquisa no Brasil.

Gráfico 6. Histórico de Teses e Dissertações - Resumos e *Abstracts* com o Termo Internet – Período: 1990 a 1991

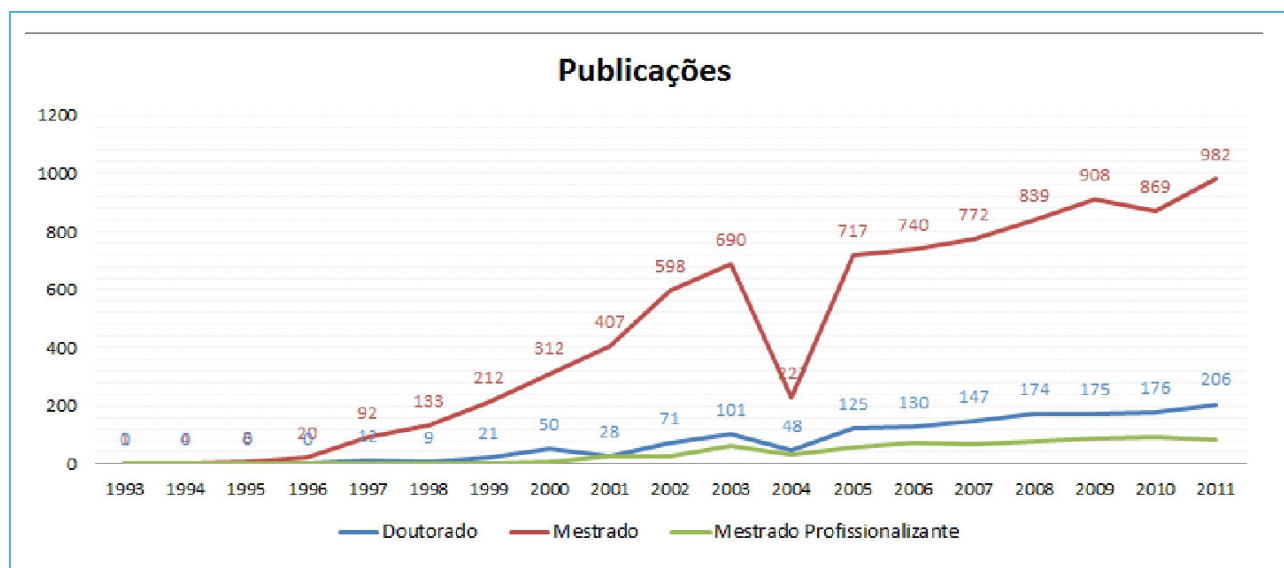


Fonte: Banco de teses e dissertações da CAPES.⁴⁶

Ao todo, foram encontrados, no banco de teses e dissertações da CAPES, **10.697** trabalhos entre dissertações em mestrado acadêmico e profissionalizante e teses em que constava a palavra *internet* no título e/ou no resumo do trabalho. O triênio inicial de 1990 a 1992 não apresentou nenhuma produção acadêmica dessa natureza com esta palavra.

⁴⁶ Todas a base para a elaboração dos Gráficos dessa tese foram obtidas no Banco de teses e dissertações do Portal da CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em 11/11/2012

Gráfico 7. Série Histórica de Pesquisas Desenvolvidas no Brasil Relacionadas à Internet – Período: 1993 a 2011

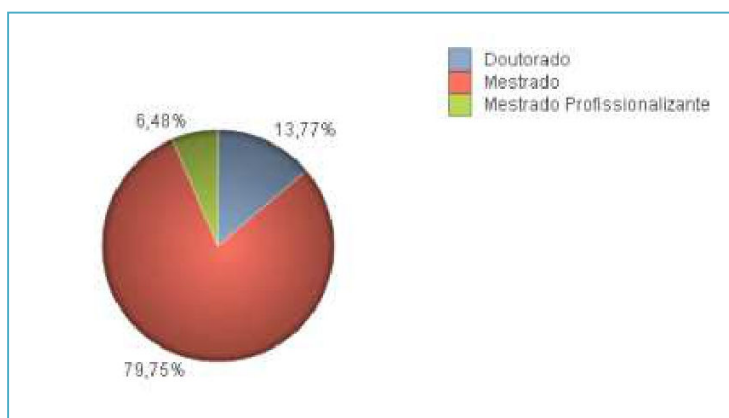


Base: 10.697 teses e dissertações.

Por meio da série histórica de pesquisas acadêmicas sobre internet, observamos o surgimento de pesquisas relacionadas à internet somente a partir de 1993, sendo que a partir de 1996 tem crescimento contínuo até o ano de 2003. Em 2004, a queda brusca nos números parece apontar para problemas técnicos na base de dados do sistema CAPES tendo em vista que a informação dos anos seguintes retoma a linha de crescimento. Em 2011, os números indicaram que a internet recebeu novo fôlego como objeto de pesquisa no âmbito acadêmico do País.

Quanto ao nível dos trabalhos acadêmicos nos cursos de pós-graduação, em 20 anos de produção, sobrepõe-se o mestrado ao tratarmos do termo internet, como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 8. Nível dos Trabalhos de Pós-graduação com Presença do Termo Internet
Período: 1991 a 2011



Base: 10.697 teses e dissertações

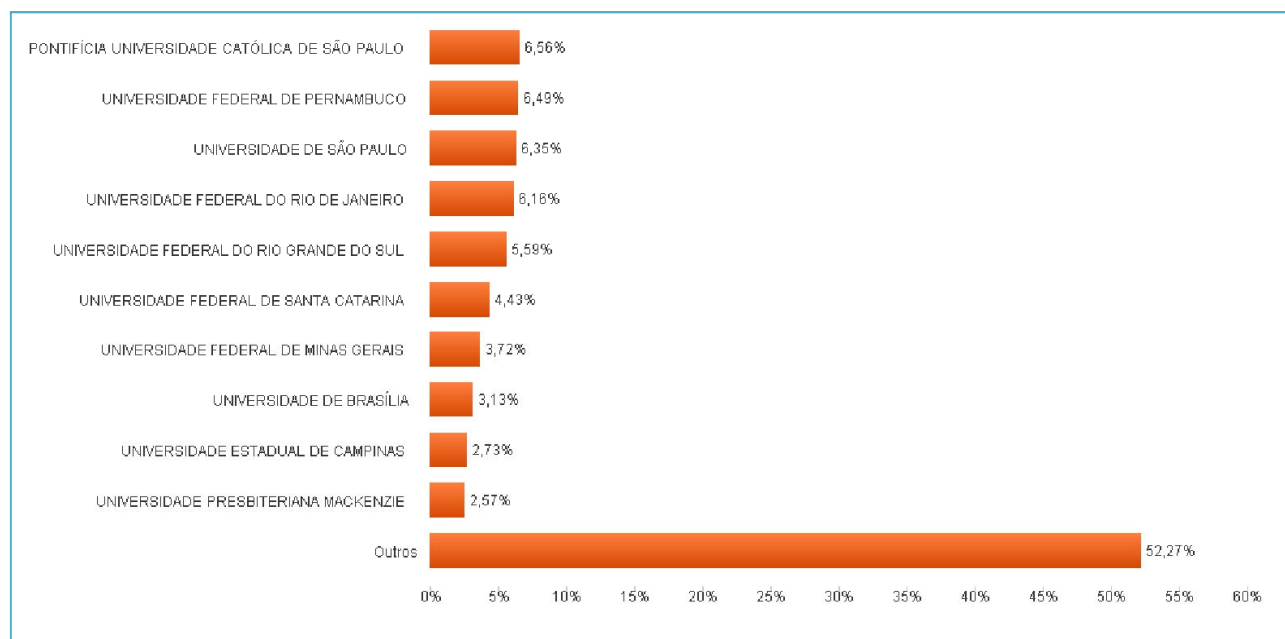
Quanto à proporção entre as pesquisas relacionadas à internet, observamos que a grande maioria, mais de 85%, é composta de trabalhos acadêmicos no nível de mestrado, incluindo o mestrado profissionalizante. Dentre as teses, houve 13% de ocorrências. Uma vez que a duração do mestrado é de dois a dois anos e meio no Brasil, o predomínio desse formato para abordar a internet pode indicar o acompanhamento acelerado da adoção e desenvolvimento de tecnologias, *software* e processos aplicados ao uso da internet.

As especificidades das pesquisas, contudo, não caberiam como objeto de estudo para um doutorado em que o período maior para a obtenção do título sugere a falta de fôlego de tais objetos. Outra ponderação necessária é a distribuição entre os trabalhos de dissertação de mestrado e teses de doutorado que, no Brasil, ficam na proporção de 80% para mestrados e 20% para teses de doutorado⁴⁷.

Dentre as instituições de ensino brasileiras que mais produziram trabalhos relacionados à internet ao longo de vinte anos de pesquisa, destacam-se entre as dez mais, conforme o gráfico:

⁴⁷ Série histórica de produção acadêmica, mestrados e doutorados defendidos no País por instituição. Fonte: <<http://bdtj.ibict.br/indicadores/graficoRS.jsp?cod1=&cod2=&cod3=>>. Acesso em out 2013.

Gráfico 9. Dez Instituições de Ensino que mais Apresentaram
Teses e Dissertações sobre a Internet no Brasil
Período: 1991 a 2011



Base: 10.697 teses e dissertações

Observe-se que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ocupa o primeiro lugar na produção acadêmica sobre internet no âmbito nacional, seguida de perto pela Universidade Federal de Pernambuco. Em terceiro lugar, encontra-se a Universidade de São Paulo, seguida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A diferença entre elas é muito pouca e mais as aproximam do que as distanciam. Tal distribuição das dez instituições de ensino que mais apresentaram trabalhos relacionados à internet pode demonstrar a existência de polos ou núcleos de pesquisa, nessas localidades, que abordam o tema internet ocupando espaços de produção e pesquisa no nível nacional, tornando-se referência para as demais instituições acadêmicas. Vale a ponderação de que algumas dessas universidades já possuem destaque de produção acadêmica independente de trabalhos relacionados à internet.

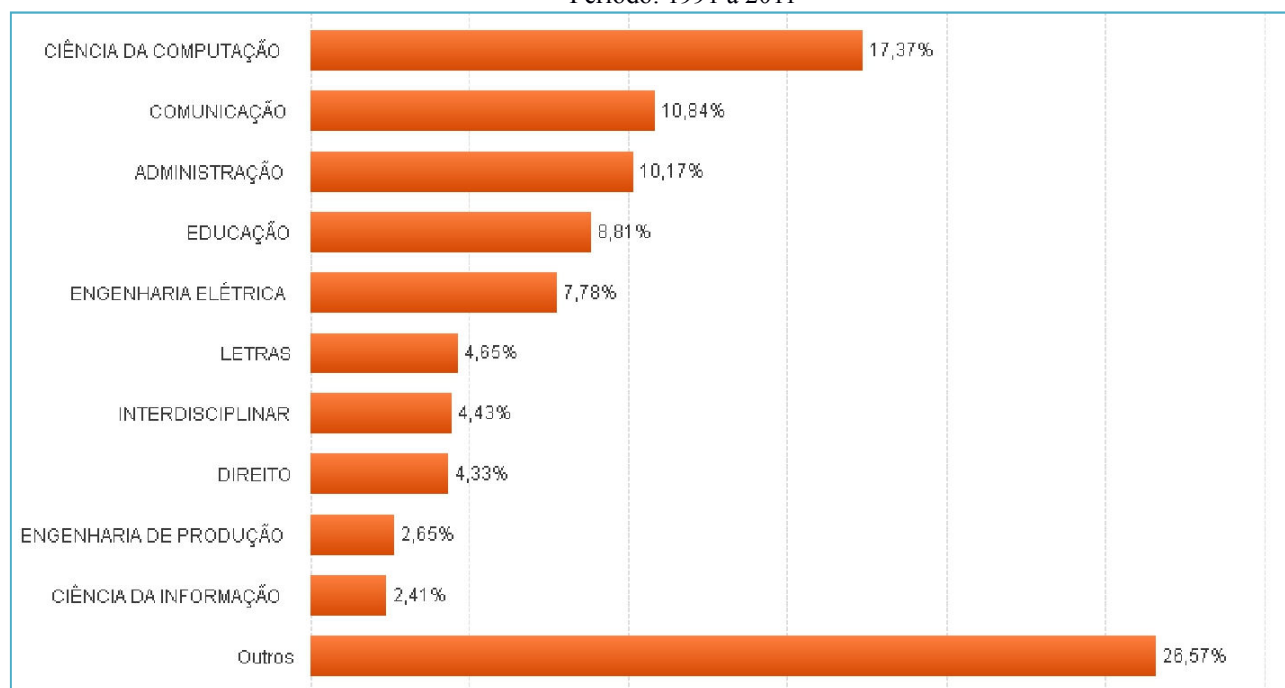
Outra observação pertinente a partir do gráfico é a predominância de outras instituições acadêmicas no País com 52% de produção sobre internet. Esse fato indica a pulverização de trabalhos sobre a temática, principalmente a partir de 1996, alcançando a extensão do território nacional em 235 diferentes instituições de ensino até 2011.

Vale mencionar que, em nossas pesquisas, foi possível averiguar as agências financiadoras que investiram em trabalhos sobre internet. Ao todo, 59% dos trabalhos (6.275)

não foram financiados por nenhuma agência. Para o restante, 41% (4.418), encontramos 493 distintas agências financiadoras, sendo que CAPES e CNPq se destacam: CAPES financiou aproximadamente 35% das pesquisas e CNPq financiou 20%.

As áreas de conhecimento em que teses e dissertações foram desenvolvidas também é um dos indicadores de ocupação na produção do conhecimento relacionados à internet. Entre o período de 1993 e 2011, ao todo, 131 áreas do conhecimento foram imbricadas no desenvolvimento de pesquisas que mencionavam o termo internet. É o que demonstra o gráfico:

Gráfico 10. Áreas do Conhecimento com Predominância de Pesquisas em Internet no Brasil
Período: 1991 a 2011



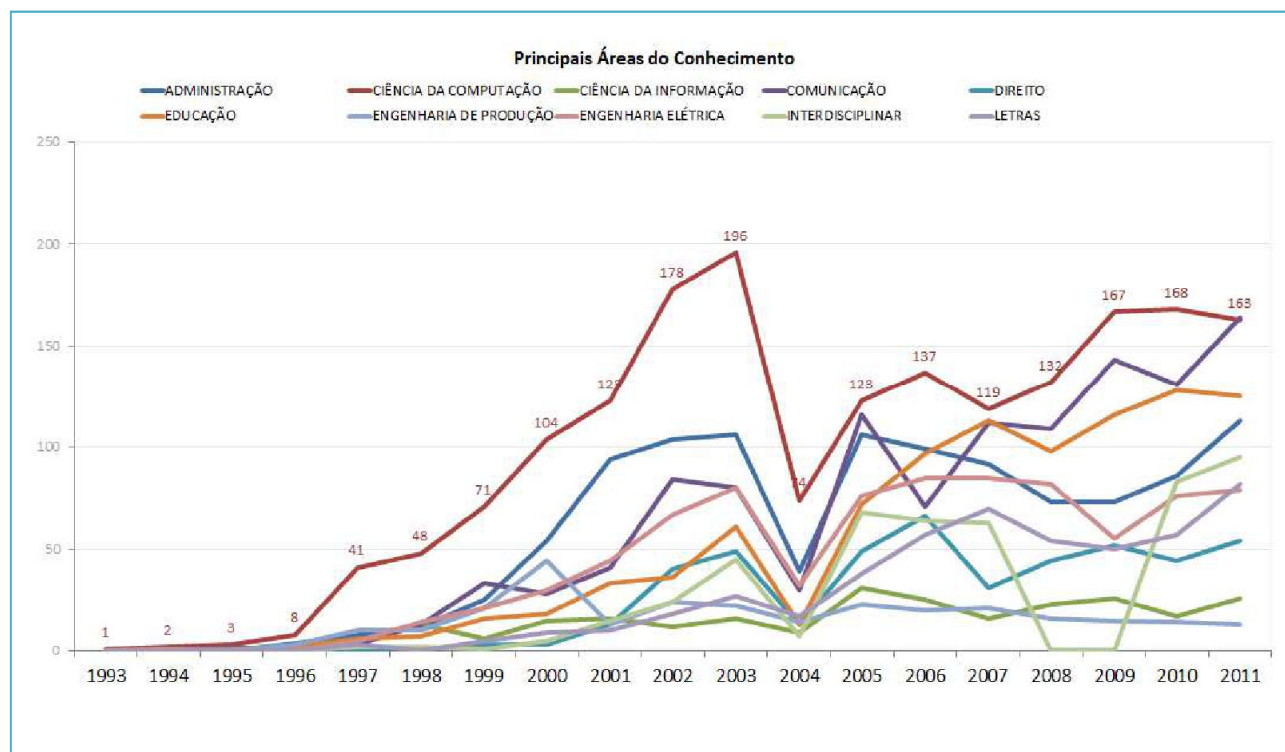
Base: 10.697 teses e dissertações

A Ciência da Computação continua exercendo o domínio no campo de estudos em internet no Brasil, com aproximadamente 18% da produção nacional. Contudo, a emergência de estudos nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, tais como a Comunicação e a Administração, demonstram o desenvolvimento de pesquisas que abordam outros aspectos sobre a internet, que tendem a contemplar o uso e os usuários da tecnologia, do que a técnica em si, assim como o aspecto comunicativo da internet, isto é, a internet como meio.

Outro indicador desse movimento de novas abordagens sobre a internet é a ocupação da área de conhecimento da Educação em quarto lugar. Esse fato pode demonstrar o deslocamento e a ampliação das pesquisas em internet para novas relações com a aprendizagem e os processos de uso.

A disputa por domínios nas áreas do conhecimento é apresentada por meio da série histórica no gráfico.

Gráfico 11. Série Histórica de Pesquisas em Internet nas Principais Áreas do Conhecimento no Brasil
Período: 1991 a 2011



Base: 10.697 teses e dissertações

Através da evolução da produção científica por meio de teses e dissertações, é possível observar que, no período entre 1993 e 2004, durante os onze primeiros anos de produção de pesquisas relacionadas à internet, a área da Ciência da Computação preponderou na produção de conhecimento científico relacionado à internet no Brasil.

Ao final da década de 1990, a área de Administração entrou para o rol de produção científica sobre internet, ocupando a segunda posição em 2003. Contudo, teses e dissertações desenvolvidas na área da Comunicação que abordavam o termo ocuparam espaço a partir de 2005. Ou seja, observa-se que, de 2005 em diante, a distribuição dos estudos sobre internet para as demais áreas do conhecimento, sendo que a Comunicação e a Educação desenvolveram ocupações em pesquisas sobre o termo principalmente a partir de 2008, sobrepunham a área de Administração – que inaugurara há mais de uma década –, em uma disputa nas áreas do conhecimento sobre a produção acadêmica em internet no Brasil.

verificarmos as relações entre os termos nas pesquisas ao longo dos anos. O Gráfico 12 ilustra o resultado dessa proposta.

Gráfico 12. Teses e Dissertações com os Termos Internet – Redes – Política nas Palavras-chave
Período: 1991 a 2011



Base: 10.697 teses e dissertações

O percurso de 20 anos de pesquisa aponta a crescente relação entre os termos internet e política em pesquisas acadêmicas no Brasil. Já o termo “redes” também parece seguir uma linha crescente, mas em menor velocidade desde 2007. Podemos, portanto, por meio do Gráfico 12 visualizar que, nas produções das pesquisas acadêmicas relacionadas à internet, existe uma crescente relação com o termo política, ao se constituírem como objetos de estudo em pesquisas brasileiras desde o final da década de 1990.

Gráfico 13. Recorte de Termos Internet
Política x Nível

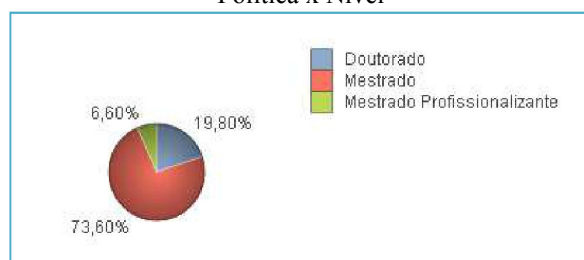
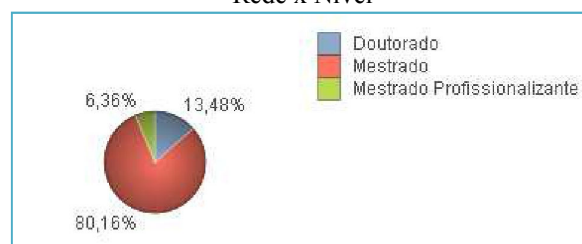


Gráfico 14. Recorte de Termos Internet
Rede x Nível



Base: 10.697 Teses e dissertações

O predomínio de dissertações na produção acadêmica de nível mestrado se dá em ambos os recortes de termos: Internet – Política e Internet – Redes. Contudo, observa-se que há maior produção de nível doutorado em pesquisas científicas quando se trata de temas relacionados a Internet – Política. Tal ocorrência pode indicar a complexidade dos objetos de estudo inseridos sob essa temática, necessitando de maior período de tempo para o desenvolvimento dos trabalhos científicos.

Em síntese, pode-se dizer que, no âmbito do discurso acadêmico, o discurso que vem sendo construído ao longo de 20 anos, realizado aqui pela análise dos termos Internet – Política – Rede, por meio de investigações na base de dados de produções científicas da CAPES, confirma a nossa hipótese inicial de que a emergência de descrições, termos e vocabulários pautam a reconfiguração de domínios nos saberes possíveis de nosso tempo. O mapeamento desse deslocamento e das conexões entre os termos ao longo dos anos nos campos de conhecimento demonstrou as apropriações que vem sendo construídas no campo do saber científico no Brasil. O termo internet demonstrou o seu percurso tendo, primeiramente, ocupado as áreas das Ciências da Computação e da Administração e, posteriormente, a internet também ocupou, com destaque, os campos da Comunicação e da Educação.

E é na necessidade de ampliarmos as descrições que retomamos o que disse Deleuze acerca da produção dos conceitos, de que não se trata de dizer que um conceito é criado do nada, mas que ele pode vir por várias vias, de forma rizomatizada e distribuída, podendo ou não estar inserido em um contexto científico ou discursivo previamente estabelecido. Quando criado, não deixará de ser original, singular e, além disso, poderá se estabelecer com toda a multiplicidade que comporte.

Ao abordarmos a complexidade das produções e dos movimentos na disputa e fertilização de sentidos nos campos do saber, as descrições, as metáforas utilizadas, os termos que se fortalecem e que se sobressaem e outros desaparecem ou vão diminuindo ao longo dos anos, estamos também reforçando e afirmando o sentido do efeito performativo da linguagem, como abordamos no Capítulo 2, e como disse Wittgenstein em sua conhecida frase: “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo”. Os resultados das produções acadêmicas ganham também contorno com o tempo a partir do sistema de avaliação da pós-graduação implantado pela própria CAPES, desde 1976, que estabelece parâmetros de qualidade para a produção científica nacional, fundamentando uma legislação comum, contribuindo para o aprimoramento de cada programa de pós-graduação e observando demandas regionais em pesquisa e desenvolvimento ao oferecer subsídios para as pesquisas. A avaliação dos programas de pós-graduação é realizada por meio do acompanhamento anual e da avaliação trienal do desempenho de todos os programas e cursos que integram o Sistema Nacional de Pós-graduação, SNPG. Neste trabalho de pesquisa, verificamos que também é por meio dos discursos e do uso de termos e vocabulários que se enlaçam e que se distanciam que podemos perceber as tendências dessa produção do conhecimento.

4.6 As relações entre o termo internet e o jornal O Estado de S. Paulo

Para prosseguirmos nossas investigações quanto ao aparecimento e uso do termo internet em outro contexto, elegemos um canal de comunicação tradicional, o jornal O Estado de S. Paulo.

A linguagem como produtora de ações e efeitos permeia os objetivos de investigação dessa pesquisa e, para tanto, foram mapeados o termo internet e o vocabulário ou descrições a ele relacionados na grande mídia tradicional. Foi realizada a pesquisa no banco de dados *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo, o Estadão. Assim como no caso CAPES, a pesquisa no acervo iniciou-se por meio de busca da palavra-chave ou termo internet. Interessava-nos observar quais descrições estavam relacionadas ao termo internet, desde as primeiras publicações em que termo apareceu no jornal. Quais vocabulários foram anexados ao termo ao longo do tempo e de que modo essas descrições colaboraram para a construção sobre a noção de internet no Brasil, como ampliaram o sentido e estabeleceram contornos por meio da linguagem das publicações encontradas neste jornal. Será que descrevemos e entendemos a internet hoje por meio dos mesmos termos ou discursos publicados na mídia há 20 anos? Que valores ou perspectivas a linguagem trouxe para a noção de internet? O Estadão foi escolhido para a pesquisa devido ao critério de acesso e disponibilização do acervo do jornal, da base de dados de notícias *on-line*. Desse modo, não poderemos generalizar os resultados obtidos nessa análise, uma vez que não retratam o espectro de publicações sobre a internet nesse formato de mídia no País. Todavia, em termos de demonstração de hipótese, a investigação também desse caso mostrou-se útil para a hipótese central de pesquisa.

O termo internet aparece pela primeira vez em O Estado de S. Paulo em 30/01/1990, no Caderno de Economia. O termo relacionava-se ao “processo criminal contra um criador de *software*”. Para percebermos a existência de uma transformação na apropriação do termo internet, como era definida, descrita e associada, selecionamos duas notícias – a primeira notícia em que aparece o termo internet, publicada no ano de 1990, e a segunda notícia publicada 23 anos depois, no ano de 2013. Ambas tratam de processos criminais e suas consequências movidas pelo Ministério Público contra jovens programadores hackers. O que percebemos é uma enorme distinção na forma como a internet é entendida e contextualizada, as diferentes descrições presentes nas notícias são muito distintas e remetem a outras relações ao termo internet.



Condenado nos EUA o estudante que criou software

Ele foi a primeira pessoa processada no mundo por violar a segurança de computadores

SYRACUSE, NOVA YORK— O estudante Robert Tappan Morris, de 24 anos, foi condenado por um tribunal de júri norte-americano, na semana passada, pelo crime de violar uma lei federal de segurança de computadores. Ele criou um vírus de computador em 1988, que causou sérios transtornos à rede **Internet**, que interliga os equipamentos de pesquisadores das universidades americanas, bem como de instituições militares e de empresas privadas.

A sentença de Morris, que é a primeira pessoa em todo o mundo a ser processada por um crime desse tipo, ainda não foi definida. A pena máxima prevista é de cinco anos de prisão, além de uma multa de US\$ 250 mil. "Foi um enorme fracasso, um engano e eu sinto muito", disse o estudante no depoimento prestado no tribunal.

Morris e seu advogado insistiram em argumentar que o vírus não prejudicou ou destruiu os arquivos armazenados nos seis mil computadores danificados, em todos os Estados Unidos. Alguns desses equipamentos chegaram a ficar vários dias inativos por causa do vírus. "Eu queria ver se era capaz de desenvolver um programa que se espalhasse o mais rápi-

do possível", explicou Morris. "Se ele tivesse se espalhado lentamente pela rede inteira, num período de vários dias, e se instalado na maioria dos computadores, teria sido um sucesso", acrescentou o estudante perante o júri, sem demonstrar arrependimento por ter invadido os sistemas.

Ele admitiu sua responsabilidade pela criação do vírus, que começou a se disseminar no dia 2 de novembro de 1988, a partir dos equipamentos da Universidade Cornell, onde estudava. Morris confirmou o relato de outras testemunhas, que afirmaram que ele ficou chocado ao ver o vírus reproduzir-se de forma descontrolada, emperrando os computadores. "Eu fiquei apavorado", resumiu. "Sabia que muitas pessoas ficariam irritadas com aquilo".

Isa não foi a primeira vez que Morris envolveu-se em problemas desse tipo. Aos 15 anos, ele conseguiu invadir o sistema do Bell Laboratories, da poderosa American Telephone & Telegraph Co., em Nova Jersey, onde seu pai trabalhava. Apesar disso, a empresa acabou contratando o estudante como programador de computadores, nos dois verões seguintes. Robert Morris também contou ao júri que chegou a entrar nos sistemas de computadores da Universidade de Harvard, antes de ingressar na Universidade Cornell, no outono de 1988.

Figura 7. Primeira Notícia com o Termo Internet.

Fonte: O Estado de S. Paulo. 30/01/1990. Caderno de Economia, p.9.
Ano: 1990



• Morte do hacker ativista Aaron Swartz, que defendia a liberdade da informação na rede, abre discussão sobre a lei de crimes eletrônicos nos Estados Unidos

O LEGADO DE AARON

MEMÓRIA

RSS | Aos 13 anos Aaron trabalhou com inventor da web, Tim Berners-Lee, e colaborou para criar a primeira versão do RSS. "Eu tinha mais tempo livre disse ao Link em 2012

Reddit | Em seu curto período em Stanford, ele fundou o Infogami, empresa que depois originou o fórum Reddit

Creative Commons | Depois de ler um artigo de jornal, Aaron contactou Lawrence Lessig e fez a arquitetura do projeto. Tinha 14 anos

Tatiana de Mello Dias
tatiana.dias@estadao.com

Dez dias após sua morte, o hacker e ativista Aaron Swartz movimentou o governo norte-americano. A comoção causada por sua atitude – Swartz cometeu suicídio em sua casa, em Nova York, na sexta-feira, 11, aos 26 anos – levou familiares, amigos, ativistas e políticos a se unirem para abraçar as causas pelas quais o hacker lutou. Ele enfrentava um processo na Justiça que poderia levá-lo a passar até 50 anos na prisão por baixar arquivos acadêmicos e publicá-los na internet.

Ação de seus familiares e amigos começou após o enterro. "Tristes, cansados, frustrados e furiosos com um sistema que permite o que aconteceu a Aaron", descreveram seus apoiadores em um abaixo-assinado que pede mudanças na lei de crimes online nos Estados Unidos.

O grupo é encabeçado por Lawrence Lessig, amigo de Swartz e criador das licenças Creative Commons. Eles pediram ajuda a políticos e advogados para definir penas mais brandas para as pessoas que são acusadas de crimes sem vítimas.

A iniciativa segue os passos de Swartz: terá articulação, ativismo e lobby, com ações claras e transparentes. A deputada democrata Zoe Lofgren já apresentou a chamada "Lei de Aaron", que muda um aspecto fundamental da lei de crimes eletrônicos dos EUA: o que determina que o descumprimento de termos de uso de um site pode ser punido com anos de prisão. A Lei de Aaron propõe descriminalizar essa ação – seus defensores argumentam que os termos de uso são só contratos e, portanto, devem ser discutidos na esfera civil e não na criminal.

Herói. A morte de Swartz mobilizou a internet. Programador, hacker e ativista pelo acesso à informação, ele fez o seu primeiro trabalho relevante aos 13 anos – ajudou a criar o padrão RSS (para ver uma notícia ou post no momento em que são publicados).

Além de ser respeitado na área



Um caso emblemático

A trajetória e o caso de Aaron foram a capa do Link do dia 12 de abril de 2012. Ele deu uma entrevista por e-mail (disponível na íntegra no site do Link)

técnica, ele também construiu uma carreira de ativismo. No início de 2012, foi um dos principais responsáveis pelo movimento que derrubou os projetos de lei antipirataria Sopa e Pipa, que poderiam censurar sites e serviços online. E foi o autor do "Manifesto da Guerrilha pelo Acesso Aber-

to", que defende que informação é poder e, por isso, deve ser compartilhada livremente.

Suas ideias foram colocadas em prática. Em 2011, ele foi preso por usar a rede do Massachusetts Institute of Technology (MIT) para baixar todo o repositório do Jstor, uma publicação fechada de artigos científicos, e colocar o conteúdo na internet. A ação foi descoberta.

O Jstor decidiu não levar o processo adiante, mas o MIT deixou a procuradora do Estado, Carmen Ortiz, seguir nas suas acusações. Aaron pagou US\$ 100 mil de fiança e enfrentou o processo em silêncio. Sua pena poderia chegar a 50 anos de prisão e a uma multa de US\$ 1 milhão.

Carmen Ortiz divulgou uma nota na quarta-feira, 16, afirmando que recomendou a sentença de seis meses de prisão – e não a máxima. Os promotores ofereceram ao hacker a alternativa de passar seis meses na prisão, mas Aaron, seus familiares e advogados consideraram a proposta inaceitável.

Há uma petição no site da Casa Branca que pede o afastamento da procuradora. O documento foi assinado por mais de 40 mil pessoas, número suficiente para



A lei não trará Aaron de volta. Mas poderá corrigir uma falha e mandar um recado para nosso governo insanamente poderoso."

Lawrence Lessig, advogado e amigo de Aaron Swartz, sobre a proposta para alterar a lei de crimes eletrônicos nos EUA

que o texto tenha uma resposta oficial do governo dos EUA.

"A situação de Aaron destacou a injustiça das leis de crimes eletrônicos nos EUA, particularmente seus sistemas punitivos. O ato de Aaron foi sem dúvida ativismo político e teve consequências trágicas", escreveu o grupo ativista Anonymous em uma mensagem postada no site do MIT, depois de ser invadido.

A postura do MIT no caso foi classificada como "vergonhosa" por Lawrence Lessig, e a instituição abriu uma investigação para apurar quem foi o responsável por levar o processo adiante.

Memorial livre. A internet também se organizou rapidamente. Ativistas colocaram o acervo do Jstor no site de compartilhamento de arquivos Pirate Bay e criaram uma ferramenta chamada "Liberador Jstor", que permite que qualquer pessoa entre e baixe – ilegalmente e anonimamente – um artigo acadêmico no site. Na nova ferramenta, em média, um arquivo é liberado a cada cinco minutos. O Jstor publicou em seu site uma nota onde declara profunda tristeza com a morte do ativista.

Na outra ponta, pesquisadores

começaram de maneira desorganizada o movimento #pdftribe, publicando seus artigos acadêmicos online. O memorial, organizado no Twitter em forma de hashtag, já reúne dezenas de milhares de estudos – e virou o site, o Pdftribute.net.

Liberar os artigos em PDF um gesto simbólico pela defesa do conhecimento aberto. Críticos chegaram a comparar o #pdftribe ao ativismo online lançado na campanha Kony 2012, mas a hashtag cresceu – fora mais de 30 mil mensagens e dois dias. "Será este o fim das publicações científicas fechadas? questionou o Christa Hoggard, pesquisador de arqueologia, pelo Twitter.

O que Aaron Swartz diria sobre a campanha em sua homenagem? Um amigo do hacker Danny O'Brien, do Comitê de Proteção de Jornalistas, fez piada. "Ele diria 'eles escolheram me homenagear com PDFs? Se que o texto plano morreu junto comigo?', twittou, com bom humor. É que quem hackeia informações costuma detestar o formato PDF – ele é fechado. O texto plano, sem formatação, facilita na hora de conseguir (e liberar) as informações.

Figura 8. Notícia sobre a Morte de Aaron Swartz
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo. 21/01/2013. Caderno Link, p.1.

A primeira descrição sobre internet traz consigo um vocabulário tanto na notícia quanto ao longo do termo em que estão agregados os termos: condenado, EUA, estudante, *software*,

segurança, computadores, crime, violar, lei federal, sérios, transtornos e vírus. Essa primeira descrição sugere a internet como algo distante e perigoso, como demonstra o texto abaixo:

Condenado nos EUA o estudante que criou *software*. – Ele foi a primeira pessoa processada no mundo por violar a segurança de computadores. Syracuse, Nova York – O estudante Robert Tappan Morris^{48*}, de 24 anos, foi condenado por um tribunal de júri norte-americano, na semana passada, pelo crime de violar uma lei federal de segurança de computadores. Ele criou um vírus de computador em 1988, que causou sérios transtornos à rede internet, que interliga os equipamentos de pesquisadores das universidades americanas, bem como de instituições militares e empresas privadas.

Vinte e três anos após o surgimento do termo internet no jornal O Estado de S. Paulo, em 2013, é noticiado pelo mesmo jornal novamente o contexto de um processo criminal com consequências muito mais graves em termos de reclusão, indenização. Tratava-se do suicídio do jovem norte-americano Aaron Swartz. Entretanto, aliado à descrição da internet surge um amplo vocabulário com possibilidades jamais imaginadas em 1990. A Notícia 2 descreve a internet relacionando-a a outras instâncias. São elencadas, na notícia, palavras como *hacker*, liberdade de informação, ativistas, rede, abertura, discussão, leis, abraçar causas e lutou, conforme demonstra a Figura 8.

Morte do hacker Aaron Swartz⁴⁹, que defendia a liberdade da informação na rede, abre discussão sobre leis nos EUA – Dez dias após sua morte, o *hacker* e ativista Aaron Swartz** movimenta o governo norte-americano. A comoção causada por sua atitude – Swartz cometeu suicídio em sua casa, em Nova York, na sexta-feira, 11, aos 26 anos – levou familiares, amigos, ativistas e políticos a se unirem para abraçar as causas pelas quais o *hacker* lutou. Ele enfrentava um processo na Justiça que poderia levá-lo a passar até 50 anos na prisão por baixar arquivos acadêmicos e publicá-los na internet.

Os dois exemplos configuram distintas descrições e construções de sentido relacionadas ao termo internet por meio da linguagem ao longo dos anos, em publicações sobre o tema. Ambas as notícias, oriundas do mesmo jornal, anunciam o poder do termo na vida de jovens e o desenvolvimento de um “saber sobre” a partir da ocorrência de acontecimentos ou eventos cujos focos estão na experiência de vida por meio do uso da internet. Conforme vimos no

⁴⁸ *Robert Tappan Morris não foi para a cadeia, mas teve que pagar uma multa de US\$ 10 mil dólares e prestar 400 horas de serviços comunitários. Embora o vírus não tivesse nenhuma carga maliciosa, ele sobrecarregava alguns sistemas infectados, impedindo sua operação. Hoje, o “criador do primeiro vírus” é professor no MIT – a mesma instituição em que iniciou a propagação de seu vírus. Além de dar início à valorização da segurança em *softwares*, a mais notável consequência do episódio foi a criação do CERT (<http://www.cert.org>), um time de especialistas responsável pela comunicação e tratamento de incidentes de segurança. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Tappan_Morris>.

⁴⁹ **Garoto-prodígio da computação fez seu primeiro trabalho relevante (colaborou no desenvolvimento do RSS) aos 13 anos. Foi coautor de uma série de projetos bem-sucedidos para a *web* – como o Reddit, a parte tecnológica das licenças Creative Commons e o Web.py. Autor do “Manifesto da Guerrilha pelo Acesso Aberto”, em que defende que informação é poder e, por isso, deve ser compartilhada livremente. Em 2011, foi preso por usar a rede do Massachusetts Institute of Technology (MIT) para baixar todo o repositório da base de dados Jstor, publicação fechada de artigos científicos, e colocar o conteúdo na internet. Detalhe: ele aprendeu a programar aos 11 anos através de conteúdos disponibilizados pelo mesmo MIT. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/o-legado-de-aaron/>>.

Capítulo 2, para nós nos interessa afirmar que o eu e o mundo não podem ser descritos em termos essenciais. Eles são antes produzidos por uma série de crenças e desejos, que Rorty denomina *vocabulários*. Nesse sentido, a verdade não está “fora”, pois uma crença (que pertence à linguagem) só pode ser justificada por meio de outra crença (que também pertence à linguagem). Assim, a mudança de um vocabulário para outro e as novas metáforas que substituem as antigas são uma enunciação que quebra regras, não se conformando ao jogo de linguagem e conduzindo a comunidade para um novo jogo, uma nova realidade.

Em 1990, o termo internet aparece logo no primeiro parágrafo da notícia:

Ele [Robert Morris] criou um vírus de computador em 1988, que causou sérios transtornos à rede internet, que interliga os equipamentos de pesquisadores das universidades americanas, bem como de instituições militares e empresas privadas [...]

Como é possível averiguar, internet descrevia-se a partir de sua infraestrutura, cabos que interligavam computadores de instituições específicas: universidade, exército e empresa. A mudança do vocabulário na descrição da internet é contundente quando encontramos na notícia de 2013:

A internet também se organizou rapidamente. Ativistas colocaram o acervo do Jstor no *site* de compartilhamento de arquivos Pirate Bay e criaram uma ferramenta chamada “Liberador Jstor” que permite que qualquer pessoa entre e baixe – ilegalmente e anonimamente – um artigo acadêmico no *site*.

Sáímos de cabos e chegamos à mobilização de pessoas em rede. A descrição dos jovens nas duas notícias é também bastante distinta. Na notícia de 1990, aparecia logo de início “O estudante Robert Tappan Morris, de 24 anos, foi condenado por um tribunal de júri norte-americano, na semana passada, por violar uma lei federal de segurança de computadores”. Já em 2013, certamente pela gravidade dos fatos, a descrição foi:

A morte de Swartz mobilizou a internet. Programador *hacker* e ativista pelo acesso à informação, ele fez o seu primeiro trabalho relevante aos 13 anos – ajudou a criar o padrão RSS. [...] No início de 2012, foi um dos principais responsáveis pelo movimento que derrubou os projetos de lei antipirataria SOPA e PIPA, que poderia censurar *sites* e serviços *on-line*. E foi autor do Manifesto da Guerrilha pelo Acesso Aberto, que defende que informação é poder, e por isso deve ser compartilhada livremente.

Ambas as notícias referem-se a ações de jovens que foram vítimas dos limites de leis criadas por uma sociedade e que, possivelmente, precisariam ser repensadas. Vale notar que a penalização máxima que o jovem Morris, de 24 anos, em 1990, poderia sofrer seria de 5 anos de prisão, além de uma multa de 250 mil dólares e, 23 anos depois, o jovem Swartz, de 26 anos, poderia sofrer a pena máxima e ficar 50 anos na prisão, além de uma multa de 1 milhão de dólares. A punição nesse último caso seria muito mais severa. Diferentemente da posição de culpado no qual se colocou Morris:

Morris e seu advogado insistiram em argumentar que o vírus não prejudicou ou destruiu os arquivos armazenados nos seis mil computadores danificados [...] “foi um enorme fracasso, um engano, eu sinto muito” no emblemático caso de Swartz, Lawrence Lessig, advogado e ativista da cultura livre e um dos líderes do projeto de licenças livres Creative Commons, disse “a lei não trará Aaron de volta. Mas poderá corrigir uma falha e mandar um recado para um governo insanamente poderoso”.

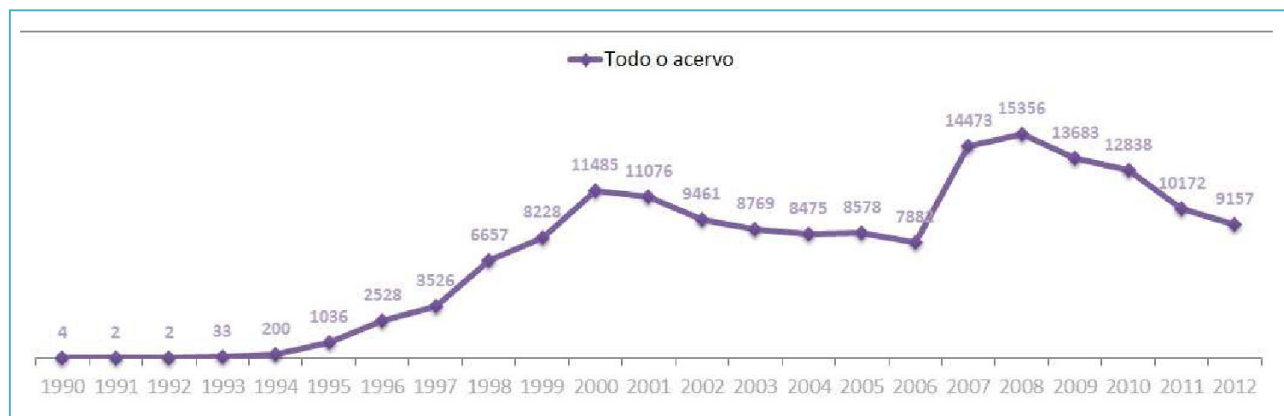
Conforme abordamos no Capítulo 3, as novas tecnologias e a própria condição do surgimento das redes e da internet mostram sinais de novas condutas, portanto, de novos valores. A ética hacker, por exemplo, traz com sua filosofia sinais de novos valores para a sociedade em geral, em que liberdade e compartilhamento, autonomia e ativismo autoral disputam, espaço com direitos autorais, acumulação, propriedade, representatividade institucional e controle.

Tais recortes nos interessam também como referência, uma vez que ilustram a emergência de campos que pautam reconfigurações de domínio dos saberes possíveis dessa época de acesso massivo à internet e revelam condições inéditas do futuro sendo produzido no presente, diminuindo a separação entre as redes e os dispositivos que atravessam as relações institucionais. Que tipo de termos ou vocabulários surge e está relacionado ao termo? Quais palavras fortaleceram e ampliaram os sentidos sobre internet e quais desapareceram? Em suma, a partir da mineração de dados e recortes de notícias por data de publicação, quisemos verificar se haviam dobras potenciais ou linhas passíveis de conexão em termos de ocupação de zonas nessas mídias.

4.6.1 Acervo: notícias de 1990 a 2012

Desde 1990, foram encontradas, no acervo digitalizado do jornal O Estado de S. Paulo, **162.313** notícias com o termo internet, que se caracterizou como o *corpus* inicial. O Gráfico 14 mostra a distribuição de notícias com o termo internet no período.

Gráfico 15. Frequência de Notícias no Acervo do Jornal O Estado de S. Paulo com o Termo Internet x Ano
Período: 1990 a 2012



Base: 162.313 notícias⁵⁰

Todavia, ao longo de 20 anos, duas curvas caracterizam o movimento de publicações com o termo internet no jornal O Estado de S. Paulo.

Desde a década de 1990 até o ano 2000, ou seja, durante dez anos, observa-se a crescente publicação de notícias que se referiram à internet, destacando uma aceleração a partir de 1995. Nos quatro anos seguintes, até 2004, observa-se discreta queda e aproximada estabilidade na ocorrência de notícias. Contudo, em 2007, observamos o *boom* de notícias sobre internet, provavelmente efeito da popularização de diversas redes sociais no Brasil, assim como aspectos econômicos que implicaram a monetização desse formato de negócios. Nos últimos cinco anos, o número de notícias decresceu, aproximando-se do patamar de publicações do ano 2000.

As notícias sobre internet receberam relevância ao longo do tempo, ocupando também capas do jornal, conforme demonstra o Gráfico 16.

⁵⁰ Para a realização desta pesquisa e consequentemente para a elaboração deste Gráfico e os seguintes foi acervo do jornal O Estado de S. Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com/acervo>. Acesso em 03 mar 2013.

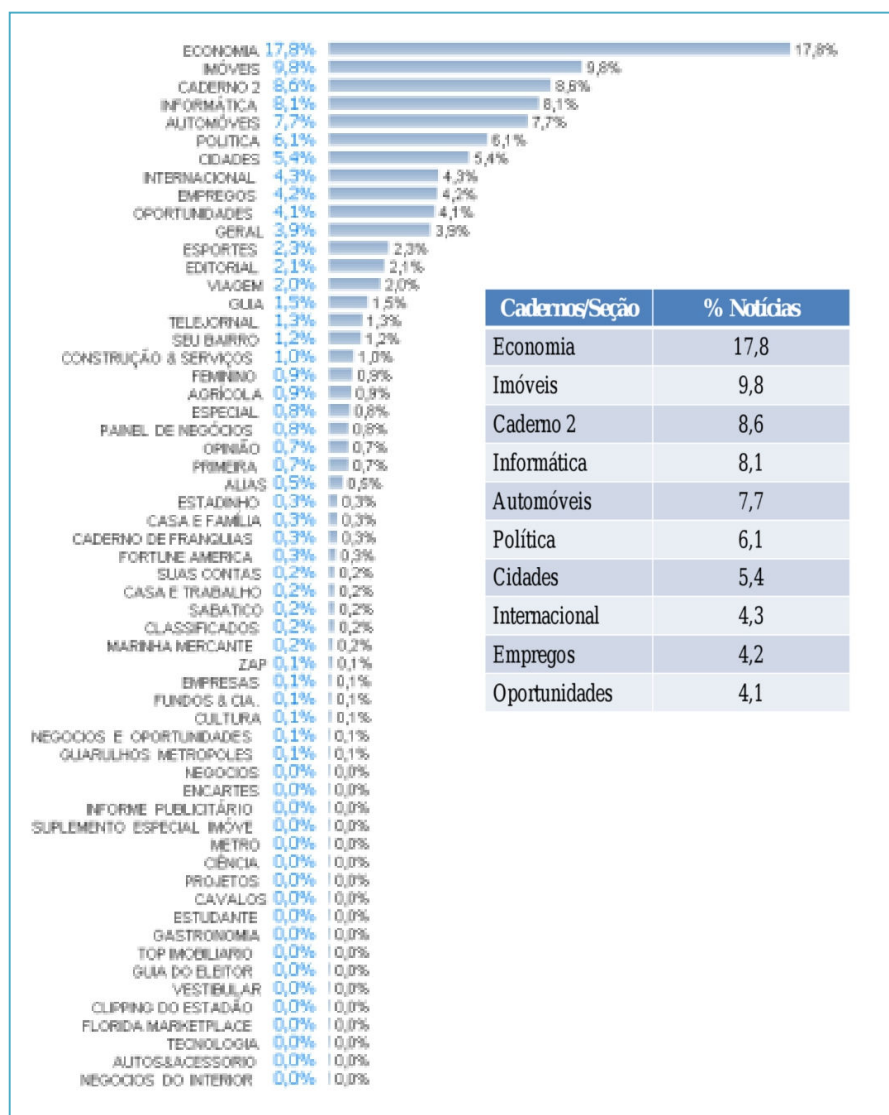
Gráfico 16. Frequência de Notícias de Capa no Jornal O Estado de S. Paulo com o Termo Internet x Ano
Período: 1990 a 2012



Ao longo de 20 anos de publicações, nota-se a presença de aproximadamente quatro picos em que o termo internet ocupou a capa do jornal O Estado de S. Paulo. Os respectivos anos em que o termo ocupou este lugar de destaque com maior frequência foram: a virada do milênio em 2000 e os anos de 2005, 2009 e 2012. A presença dessas datas demonstra a ocupação do termo em virtude de fatos importantes que marcaram a história da internet, em diferentes momentos, no Brasil. Para nós, contudo, o mais importante é observar o crescimento do vocabulário empregado nas notícias para descrever a internet, mais do que os acontecimentos em si.

O tratamento da notícia e o seu lugar de ocupação no jornal revelam decisões e perspectivas editoriais que não podem ser desconsideradas na construção do sentido por meio da linguagem, assim como temas e vocabulários associados ao termo internet. As notícias sobre internet distribuíram-se principalmente nas seções de Economia, Imóveis e Caderno 2, Informática e Automóveis, de acordo com o gráfico a seguir.

Gráfico 17. Classificação de Notícias com o Termo Internet
no Jornal O Estado de S. Paulo
Período: 1990 a 2012



Base: 162.313 notícias⁵¹

Analisando as seções do jornal O Estado de S. Paulo em que o termo internet foi publicado durante duas décadas, pode-se dizer que o vocabulário relacionado ao termo privilegiou aspectos econômicos e culturais, como o uso técnico no campo da informática e o comércio eletrônico. Temáticas que permitiam a localização do termo (da notícia) no âmbito político ocuparam apenas 6% do *corpus* de publicações analisadas e, portanto, se posicionado

⁵¹ *Idem.*

relativamente com menor destaque em relação às outras temáticas, efeito também do posicionamento dos editores do veículo.

Diante do *corpus*, realizou-se uma seleção de notícias por recortes temporais para a observação do vocabulário, linguagem presente nos títulos e nas notícias que foram utilizadas para descrever a internet. A divisão de notícias foi feita por décadas, agrupando-se as notícias iniciais no ano de 1990, as notícias do biênio 1991 e 1992 para observar o desdobramento do vocabulário, o ano de 1995 em que o termo internet passa a fazer parte da capa do jornal e os anos de 2011 e 2012, a fim de observar como o termo foi ampliado por outros vocabulários e é nessa sequência cronológica que apresentaremos as notícias coletadas no banco de dados.

Entre 1990 e 1992 (ao longo de três anos) apenas oito notícias apresentavam o termo internet. Sendo que no ano de 1990, ano inaugurador do termo no jornal, são publicadas quatro notícias, reunindo metade das publicações com o termo no triênio. A primeira notícia já foi observada e analisada na Figura 4, intitulada: “Condenado nos EUA o estudante que criou software”. As demais notícias do ano de 1990 seguem abaixo, com o objetivo de observar a temática por meio da linguagem, a partir dos termos utilizados tanto para apresentar a internet ao público quanto para construí-la na mídia como assunto.



Figura 9. Internet sofre outra invasão de pirata nos EUA
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, terça-feira, 27/03/1990

Figura 11. A conexão com a internet está sendo implantada pelo núcleo de computação eletrônica da UFRJ
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, terça-feira, 17/07/1990. Pg. 11.



Em 1990, observou-se nas publicações sobre a internet a presença das palavras invasão, intruso, pirata, segurança e preso, que caracterizam a internet num primeiro momento por meio de aspectos tais como ilegalidade, periculosidade. O usuário é caracterizado novamente como jovem e criminoso. O primeiro conhecimento sobre a internet chega ao público do jornal em tom receoso nas notícias divulgadas. Novamente o predomínio do termo “EUA” causa distanciamento da rede para os usuários brasileiros.

A primeira conexão à internet é associada ao vocabulário rede de pesquisas e às instituições UFRJ e *National Science Foundation*. Mais uma vez a ideia da internacionalização cerceia o termo, aliada ao uso por especialistas e não o acesso ao público em geral que acontece em uma universidade pública.

Nos anos 1991 e 1992, foram encontradas quatro notícias em que constava o termo internet no jornal O Estado de S. Paulo, conforme as notícias abaixo.



Figura 12. Segurança de computadores preocupa os EUA
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, terça-feira, 15/01/1991, p. 10

■ **A rede internacional de comunicação de dados Infonet anunciou que a partir deste mês está conectada à Internet, que interliga 5 mil campi universitários em 35 países, e interliga 315 mil computadores. Ainda este mês, a Infonet começa a substituição de todos os seus equipamentos de comutação de pacotes NCR Comten pelos novos sistemas Siemens HNN, nos circuitos que operam em padrão X-25 como nós de sua rede. O novo equipamento suporta até 12 mil usuários e faz a comutação de 40 mil pacotes de dados por segundo, a velocidade de comunicação que chegam a 64 Kbits/segundo.**

Figura 13. A rede internacional de comunicação de dados Infonet anunciou que a partir deste mês está conectada à internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 28/10/1991, p. 12

BITS

- A Vasp adquiriu da Dimep 68 relógios Micropoint, que foram instalados em sua sede, no aeroporto de Congonhas. Cada relógio pode controlar a entrada e saída de até 400 pessoas.
- A Unicamp contratou a Prodatasoft, empresa de software, para informatizar seu departamento de transportes, que tem 156 veículos leves, destinados a serviços gerais. O novo sistema possibilita a identificação do departamento que utiliza um veículo e qual o serviço e itinerário que está sendo executado — tudo com racionalização do consumo de combustível.
- O Banco Bamerindus comprou 45 estações de trabalho da Sun e servidores para sua área de investimentos. Os computadores irão integrar três prédios do banco, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.
- A Televolt colocou no mercado a linha EVA de conversores eletrônicos profissionais, com duas versões de transformadores, isolados ou não-isolados, mas com filtro de linha. Informações: (011) 884.2022.
- A Mitracom está colocando no mercado, em parceria com a Metal Leve, o sistema integrado Data Myte/Q-CEP. O Data Myte é da Allen Bradley e o Q-CEP é brasileiro. Ambos são hardware para controle de qualidade. Informações: (011) 573.6244.
- O grupo Solaris fechou acordo de distribuição dos produtos da empresa norte-americana Xircom, para toda a linha de placas Internet Xircom, utilizadas para conectar os notebooks que tenham saída paralela com as redes de micros. Além disso, a Solaris também ampliou a distribuição dos produtos da DCA (software e placas DCA Select e DCA Irmalan), para conexão de um micro ou de uma rede a um ou mais mainframes.
- Os supermercados Sonda inauguraram uma loja-piloto em Belo Horizonte toda informatizada pela Hgriede. O negócio envolveu mais de US\$ 100 mil e a loja está equipada com um supermicro DGE 386SX, com processador Intel, 35 terminais financeiros DGE 8169, sistema operacional SCO/Unix e aplicativo desenvolvido pela empresa Digitolog.
- A subsidiária brasileira da Verbatim está apostando no mercado de disquetes, que vem crescendo de 8 a 8%, ao mês, e espera atingir 1,5 milhão de unidades vendidas até julho. Assim que atingir esta marca, a empresa quer aumentar sua participação no mercado dos atuais 88 para perto de 63%.

Figura 14. ...para toda a linha de placas Internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 20/04/1992, p. 5

No biênio, apresentam-se novamente termos já observados no ano anterior como segurança, EUA, empresas norte-americanas, preocupa, que repetem o que podemos chamar por “cacofonia do perigo”, aspectos receosos associados ao uso e ao termo internet. Pela primeira vez temos a relação entre o termo e a escala de uso ao se mencionar a dimensão inicial da rede – como 5 mil, *campi* universitários, 35 países – que ressaltam o aspecto internacional da internet, assim como o seu uso por especialistas.

As primeiras notícias de capa ocorreram a partir do ano de 1995, e deve-se destacar aqui o alcance dessas mensagens e de tais termos ao público leitor. Ao todo, 16 notícias de capa foram veiculadas com o termo *internet* nesse ano. Uma ocupação considerável do termo se

observarmos o triênio anterior. Mas como foi construída a noção de internet por meio dessas reportagens e que termos colaboraram ou ocuparam a capa do jornal O Estado de S. Paulo?

4.6.2 Notícias de capa – 1995



Figura 16. Agentes do FBI vão patrulhar estrada virtual
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 30/01/1995, p. 1

**s" testa o
r de luxo**

*Asus & Acousti-
Gel 1.000 plus, o
"luxo" da Volkswa-
o ganhou injeção
o novo desenho
o desempenho.*

Feminino

*Conheça a marfeteria, ar-
te da criação de desenhos ce-
ramâmica por meio da in-
crustação de mármora. Seus
origens estão no antigo orien-
te. Danilo Branco mostra co-
mo fazer obras de arte.*

Empregos

*Caderno publica teste es-
pecial para avaliar se seu
perfil corresponde às atuais
exigências do mercado de
trabalho. O profissional mo-
derno ainda não híbrido é
disposto na carreira.*

**Equador quer via
diplomática para paz**
Página A17

**Covas promete mudar
morador da V. Pantanal**
Página C13

**Fiscal desmente, no
Rio, presidente da CBF**
Página B6

**Casa da Moda volta a
imprimir real em abril**
Página B8

**Palmeiras e Santos
se enfrentam à tarde**
Página E1

**Agência Estado integra
agora a rede Internet**
Página A22

**Caderno de
Imóveis**
20 páginas

Caderno 2
8 páginas
com anúncios

856-9922
CLASSIFICADOS DO ESTADO.
No Jornal O Estado de S. Paulo.

Figura 17. Agência Estado integra agora a rede internet.
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, domingo, 19/02/1995, p. 1

SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 0,80
Demais Estados: ver
tabela na página A4

**EDICÃO
SÃO PAULO**

O EST
Julio Mesquita (1891-1927)

Banespa abri

**DOMINGO
NO ESTADÃO**
**Caderno 2
Especial**

Comunicação no Século XXI: o
Brasil entra na rede Internet e os
Estados Unidos lançam a incrível
rodovia da informação.

IMÓVEIS
Preços dos apartamentos estão
baixos no Butantã

Estado' traz cadei

O 'Estado' publica
hoje um caderno
especial sobre a
Fórmula Indy-96, que
começa domingo, com
o Grande Prêmio de
Miami. O campeonato
terá a inédita
participação de sete
pilotos brasileiros,
entre eles Emerson
Fittipaldi e seu
sobrinho Christian.
O caderno traz
 depoimentos dos pilotos
brasileiros, infográfico
com detalhes do
regulamento, os locais
dos grandes prêmios e o
calendário completo do
campeonato. Mostra

Figura 18. Comunicação no Século XXI: o Brasil entra na rede internet.
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, sexta-feira, 03/03/1995, p. 1



Figura 19. Escocês preso ao usar rede internet contra o governo
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 06/03/1995, p. 1



Figura 20. Internet escapa do monopólio Embratel
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, domingo, 19/03/1995, p. 1



Figura 21. Empresas adotam tecnologia para defender Internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, quarta-feira, 12/04/1995, p. 1



Figura 22. Embratel inaugura oficialmente, dia 1º de maio, o acesso do Brasil à internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 24/04/1995, p. 1

■ CORREIO
■ HOSPITAIS MUNICIPAIS
■ FARMÁCIAS

Mais informações na página C6

Estado, Genócio diz que pretendem puni-lo pelo "delito de opinião" e que não vai atender à exigência do partido. **Página A9**

CADERNO 2



NELSON MOTTA

O tributo a Tom Jobim foi muito bonito e elogiado pelo New York Times. Mas, como deu no jornal, o número de encerramento, Garota de Ipanema, com Astrud Gilberto, João Gilberto e a banda de all stars do jazz americano, foi um desastre completo. O violão do João estava com afinação completamente diferente do resto da banda. **Página D4**

Grupo traz a SP teatro japonês

O grupo japonês Ban'yu Iryoku apresentará de 4 a 8 de maio, no Teatro Sesc Anchieta, o espetáculo Suna — O Zôo do Deserto. O grupo usa efeitos visuais e todo o espaço do teatro. A temporada faz parte da festa dos cem anos do Tratado de Amizade entre Brasil e Japão. **Página D1**

FGV abre em maio inscrição para vestibular

Página A16

Ladrões ainda mantêm 7 reféns no Paraná

Página C5

Metrô para por 15 minutos hoje à tarde

Página C4

Exército argentino se desculpa por repressão

Página A13

BB pede arresto de bens dos Mayrink Veiga

Página B18

Embratel contesta direção da Internet

Página A15

Rubens Ewald comenta novidades de locadoras

Caderno Vídeo

Figura 23. Embratel contesta direção da internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 27/04/1995, p. 1

Fernando Sampaio/AE

Sampa
por
Claudia Liz

A modelo Claudia Liz deixou Goiânia há 10 anos para se fascinar com São Paulo. Às vezes ela se irrita com as avenidas paulistanas, mas não resiste à magia "em outra dimensão". Por exemplo, ela conta que o Teatro Municipal estimula seus sonhos. **Página D6**

partir de março. **Página A17**

Ministro se nega a ouvir Embratel

O ministro da Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas, disse que não vai negociar as tarifas da Internet comercial com a Embratel. Ele quer falar direto com o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, e apoiar a coordenação do sistema pela Rede Nacional de Pesquisas (RNP). **Página A15**

Figura 24. Ministro se nega a ouvir Embratel
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, sábado, 29/04/1995, p. 1



Figura 25. ...uma obra coletiva sobre Sistemas Especialistas, via Internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 01/05/1995, p. 1



Figura 26. Gibson é o inventor da expressão *cyberspace*
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, quarta-feira, 31/05/1995, p. 1

Clinton admite ação na Bósnia

O presidente Bill Clinton admitiu ontem a possibilidade de ação militar temporária na ex-Iugoslávia. Em discurso durante formatura de cadetes, Clinton disse que os EUA devem estar preparados para auxiliar a Otan, se ela aceitar pedido de ajuda da ONU para retirar ou reconfigurar suas forças na Bósnia. **Página A12**

ECOLÓGICOS.

Página A10

Internet passará ao setor privado

Empresas privadas vão substituir a Embratel e a Telebrás na prestação de serviços comerciais da **Internet**, de acordo com portaria divulgada ontem por três ministérios. A Embratel tem até o fim do ano para repassar os serviços ao setor privado. A **Internet** é o maior sistema de informações por computador do mundo. **Página A14**

INFORME PUBLICITÁRIO

2ª FASE

PROMOÇÃO **ALÔ CORINTHIANS**

VOCÊ PODE GANHAR

99.000

PRÊMIOS

PEQUE O SEU CUPOM GRÁTIS PRESENTANDO ESTE JORNAL E LIGUE JÁ

VALIDO SOMENTE PARA O ESTADO DE SÃO PAULO

Aprovada emenda da navegação costeira

Página A3

China testa míssil com 8 mil km de alcance

Página A10

Achado o gene humano que "produz" lobisomem

Página A14

Astro do "Super-Homem" cai e fica paralisado

Página A14

Quinto Beatle vive do passado há 25 anos

Página D1

Taxa de inflação deve ficar abaixo de 2%

Página B3

ar/WE
ica

a

an-
am-
jo-
este
ce-
relo
XV,
e 10

IT

Figura 27. Internet passará ao setor privado
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, quinta-feira, 01/06/1995, p. 1

para 'liberador de carga'

O cheque de R\$ 900, usado pelas irmãs S. N. e M. N. para pagar liberação de bagagem no Aeroporto Internacional de Curitiba, foi depositado na conta 40.1506-3 da agência 3647-X do Banco do Brasil, em nome de Paulo Roberto Neves.

Ele não é funcionário da Servita e se diz "liberador de carga". Neves ligou para as irmãs e disse que se fosse perseguido "muito grave" também seria. Elas aceitaram o cheque depois de ler um reportagem do Estado sobre a corrupção.

Página A7

'portas' do País

expulsão, na TV de Santiago: uma pessoa morreu. Página A10

da ataque no Recife

ando na Copa América, Tiliu meça o jogo, mas hábito terá anco. As TVs Globo, Band, e SBT mostram, às

21h35, Centenas de torcedores invadiram o campo ontem e interromperam o treino da seleção.

Páginas 11 e 12

Brasileiro que defende tortura sai da Internet

O engenheiro eletrônico Antônio Carlos Zanetti Jr., o Tupyral, é o primeiro brasileiro a perder acesso à Internet. O Brasil cortou sua conexão na rede porque ele usava o site para defender a tortura e difamar o Cardinal Arns.

Página A10

Libertadas 50 pessoas mantidas como escravas

A Polícia Federal libertou treze pessoas e mantém 37 em prisão preventiva. O grupo de 50 pessoas, homens e mulheres, que estavam sendo escravizados por empresários rurais numa fazenda em Mato Grosso do Sul. Um vagante e quatro empresários foram presos.

Página A11

Sindicalista pode ser destituído

Mobilizado com 623 assinaturas exige realização de assembleia no dia 11 de julho para destituir o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio. Paulo César Rodrigues, acusado de fraudar pedidos de aposentadorias especiais.

Página A14

Simonal pede reparação de direitos por boicote

Página A14

Terrorista ameaça explodir avião nos EUA

Página A15

Médicos acusados de tentar aborto são presos

Página A12

Rebelião em cadeia de Tremembé é a mais longa

Página C1

Começa fiscalização em distribuidoras de gás

Página C1

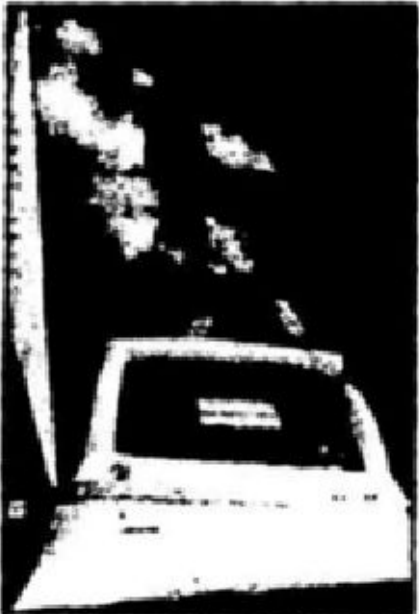
Recorte de Guardas nas páginas A10 e C6

Figura 28. Brasileiro que defende tortura sai da internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, quinta-feira, 29/06/1995, p. 1



Figura 29. Preso o primeiro usuário obsceno da rede internet
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 10/07/1995, p. 1

INFORMÁTICA



Desde Camargão

Fenasoft abre para vender US\$ 3 bilhões

Com 2 mil expositores, começa hoje, no Parque de Exposições do Anhembi, a 9ª Fenasoft. A feira está preparada para receber 750 mil visitantes em cinco dias e tem a expectativa de vender US\$ 1 bilhão. As principais novidades estão nas áreas de multimídia e comunicação, em especial para acesso à Internet

Figura 30. Fenasoft abre para vender US\$ 3 bilhões
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 17/07/1995, p. 1



Figura 31. Rede Internet será patrulhada por anjos
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, terça-feira, 01/08/1995, p. 1



Figura 32. Empresas pioneiras resolvem dar a seus funcionários condições de acesso à internet
Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, terça-feira, 23/10/1995, p. 1



Figura 33. Telenovela e Filme na onda da Internet
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 13/11/1995, p. 1

Por meio da sequência de capas do jornal O Estado de S. Paulo, no ano de 1995, em que esteve presente o termo Internet, observou-se a presença dos termos Agentes do FBI, patrulhar, virtual, anjos, defender, Escocês, preso, EUA, tortura, obsceno e preso, que conformam descrições da internet associadas a crime e vigilância.

Em 1995, o acesso à internet e os debates nos campos político e econômico foram apontados nessa descrição por meio dos termos Brasil, monopólio, político, econômico, governo, Embratel, Portaria, Ministério, Telebrás, divulgada, direção, ministro, Grande dia, 1º de Maio, brasileiro, Fenasoft, vender, bilhões, dar, contesta, nega, ouvir, privatização, perceba, irrelevante. Parece-nos que as grandes questões seriam: de quem é a internet, afinal? E quem ganha com ela?

Aspectos técnicos aparecem nas capas em que a internet é descrita como um “sistema de informações”, um “setor” que requer recursos específicos em “tecnologia”, o “computador”, presente no mundo. A internet também é descrita e associada a paradoxos, a instâncias sobrenaturais em que atuam “anjos” ou como uma “onda”.

O uso da rede foi descrito como um processo em ocorrência no País, porém sempre relacionado a públicos específicos: especialistas, integra, entra, rede, empresas, pioneiras, “funcionários”. Apenas uma das capas, publicada em 13/11/1995, admite o aspecto de diversão que a internet poderia adquirir para o público em geral como: entretenimento, telenovela, filme.

Nessas descrições iniciais, percebe-se claramente a influência dos Estados Unidos da América no que diz respeito aos diversos aspectos associados à internet como a própria criação de novos termos a ela associados, por exemplo, a invenção da palavra *cyberspace*: “William Gibson, inventor, inaugura expressão oficialmente”.

4.6.3 Notícias de capa – 2012



Figura 34. TIM, Claro e Oi já podem vender chips
Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*, sexta-feira, 03/08/2012, p. 1

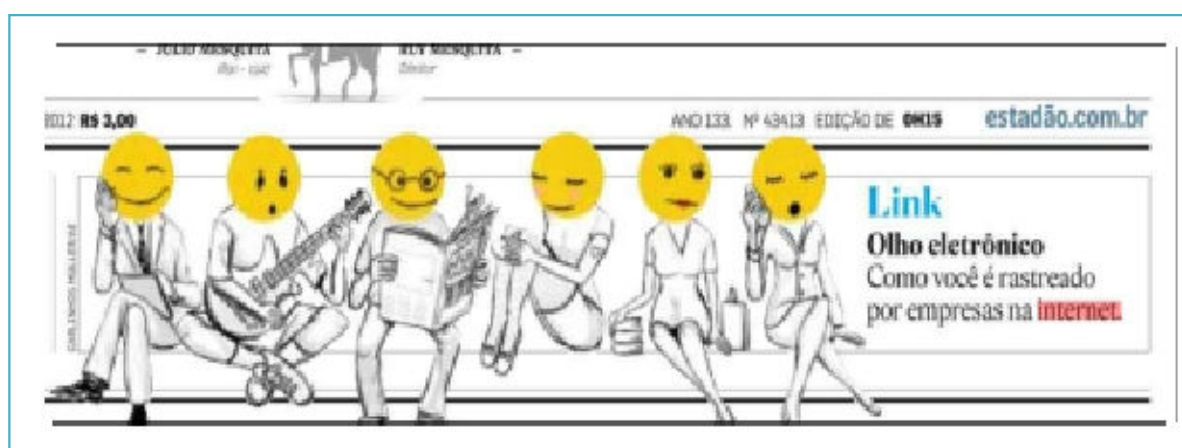


Figura 35. Como você é rastreado por empresas na Internet
Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*, segunda-feira, 27/08/2012, p. 1



Figura 36. Internet cria torcedor online
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, domingo, 09/09/2012, p. 1



Figura 37. Economia lenta não freia avanço social
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, sábado, 22/09/2012, p. 1



Figura 38. Eleitor na internet

Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*, quinta-feira, 27/09/2012, p. 1



Figura 39. Livre expressão

Fonte: Jornal *O Estado de S. Paulo*, domingo, 21/10/2012, p. 1



Figura 40. Google e os jornais europeus
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, sábado, 27/10/2012, p. 1



Figura 41. Mandar vírus pela internet pode dar prisão
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, quinta-feira, 08/11/2012, p. 1



Figura 42. Censura digital

Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, quinta-feira, 19/11/2012, p. 1



Figura 43. Marco Civil da Internet: princípios ameaçados?

Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 19/11/2012, p. 1



Figura 44. Lutando e postando no Twitter
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, segunda-feira, 26/11/2012, p. 1



Figura 45. A internet ameaçada
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, terça-feira, 04/12/2012, p. 1



Figura 46. O futuro da internet

Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, domingo, 09/12/2012, p. 1



Figura 47. Uma oportunidade perdida

Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, domingo, 23/12/2012, p. 1



Figura 48. Guerra fria digital
 Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, domingo, 23/12/2012, p. 1

Em 2012, apresentamos um vocabulário bastante ampliado para descrever a internet, quando pensamos nessas descrições feitas pelo jornal há 20 anos. Vigilância continua sendo associada ao termo internet por meio de palavras como: rastreado e olho eletrônico. Agora a associação é menos ligada a um controle específico, e mais à possibilidade de rastreamento dos dados e potencial vigilância que a rede tem, tanto dos governos quanto das grandes empresas digitais e, a partir daí, com consequências para a sociedade. Ao mesmo tempo, há o uso diversificado de crianças, conectadas, 10 a 24 anos, eleitor, eleições, pesquisa, torcedor, fazer, oportunidade, dinheiro. Nesse cenário, o usuário brasileiro, diferentemente da década de 1990, aparece também como protagonista da internet, e palavras como futuro, mudou, mundo, valores, criação, seguem abrangendo o tema apresentando tendências. Por sua vez, o uso das redes sociais aparece junto aos termos: Twitter, Facebook, postando, propaganda, informação, cria. Aspectos técnicos referem-se a: mecanismos de busca, internet móvel, televisão aberta.

Nos âmbitos político e econômico, aparecem termos como: marco civil da internet, operadoras, telecomunicação, liberdade de expressão, imprensa, jornais, gritos, resmungos, ameaças, lutando, guerra, investir, enlouquecedor, governo, interesses, Estados Unidos, Havana, princípios, guerra fria, cortina de ferro, dividir, ameaçada, conferência, mundial, propostas, ampliar, poderes, governo, rede.

Alguns termos políticos foram associados à internet com maior intensidade no ano de 2012, devido à tramitação, no Congresso Nacional, do Projeto Marco Civil da Internet. Desde 2009, o Marco Civil passou a ser construído por meio de processos de consulta pública em que participaram usuários da rede, governo, empresas, academia e ONGs. O projeto reflete crenças

e valores para o futuro da internet no Brasil, defendendo a potência da internet pelo uso livre e acesso distribuído.

O surgimento do termo *teles* (referindo-se às operadoras de telecomunicações no País, conhecidas como “teles”) no vocabulário sobre internet configura disputas no campo econômico e político, uma vez que o Marco Civil tem como principais pontos a neutralidade da rede e a garantia de privacidade dos usuários.

Nas descrições de termos oriundos de notícias e capas do jornal O Estado de S. Paulo observaram-se diferentes tipos de ocupação de vocabulário no que se refere à internet. Ora predomina o tom da segurança, vigilância, criminalização, ora predominam aspectos técnicos e ora predominam discussões acerca da liberdade de expressão e participação dos usuários. Esse traçado irregular da linguagem para descrever a internet no Brasil não se apresenta como uma falta. Ele mostra o percurso que os âmbitos político, econômico e das questões referentes ao uso entraram em pauta no período de 20 anos, assim como outras nunca saíram e outras desapareceram. O campo de disputas de sentido continua por meio da ocupação de termos. Do futuro, não se pode dizer o que esses “jogos de verdade” irão estabelecer ou derrubar, ou deixar estar na latitude ou longitude do conhecimento. Assim como no *hype-cycle* da tecnologia, alguns produtos ou ideias permanecem, outras não. Mas a linguagem e seus efeitos agem como táticas indicadoras desses movimentos de ocupação. Vale ressaltar que é, principalmente e também, no território concreto e simbólico ocupado pelas mídias tradicionais que a polifonia da rede trava sua batalha, resistência e ocupação.

4.7 Governamentalidade na Wikipédia

Criada em 2001 por Jimmy Wales, a Wikipédia favoreceu, de certa maneira, o surgimento de espaços possíveis para a democratização dos saberes ao permitir o livre acesso à base comum de conhecimentos *on-line* desenvolvidos e, ao mesmo tempo, legitimados por meio da participação descentralizada de colaboradores (falantes de diferentes línguas) na elaboração de tópicos e artigos.

A Wikipédia se constitui talvez no maior exemplo de produção colaborativa em rede, termo indicado no Capítulo 3, dado que privilegia o acesso de todos e a qualquer momento, tanto para consulta quanto para editar uma página ou verbete. A enciclopédia rompe também com o conceito de comunidade imaginada do saber, que vigorou na fase inicial do período

moderno, da qual faziam parte apenas os especialistas em torno de disciplinas. O saber, que outrora fora legitimado apenas no meio acadêmico ou pela *expertise*, conseguiu atravessar barreiras anteriormente institucionalizadas ou burocratizadas para alcançar, por meio da internet, pessoas comuns. Todavia, essa participação também obedece a algumas normas e formatos explicitados.

Outro aspecto a ser observado em relação a esta enciclopédia é que, de certo modo, fica invisível para os usuários que atuam unicamente como leitores, é a relação entre os colaboradores, editores de tópicos e o conhecimento que está em constante processo de revisão, uma vez que a enciclopédia em si ou o próprio conhecimento adquirem caráter de prática social, um dos efeitos das relações coletivas. A enciclopédia funciona como “zonas de contato”, atravessando fronteiras nacionais, culturais, facilitando as trocas de saber entre centros e periferias.

Para Burke (2012, p.341), a Wikipédia é o carro-chefe do que ele chama de “ciência cidadã”, pois permite a participação e o acesso democrático na era da tecnologização do conhecimento. O autor diferencia a Wikipédia das enciclopédias tradicionais em cinco aspectos: (1) é a maior enciclopédia do mundo com mais de 3,5 milhões de artigos; (2) está disponível em maior número de línguas (pelo menos 25 idiomas); (3) está em constante revisão; (4) apresenta buscas rápidas; (5) é construída “a partir de baixo”, ou seja, por meio do conhecimento de seus colaboradores. O autor menciona que a figura do colaborador introduz novas possibilidades aos anteriormente denominados trabalhadores do conhecimento: professores, jornalistas, cientistas, espões, editores, exploradores etc. A figura do colaborador evoca o ofício do estudioso diletante, cujo engajamento como saberes se dá mais por foco de interesse do que por obrigação ou pressão de colegas e instituições provedoras.

Na Wikipédia, o ofício do colaborador, ao editar tópicos e artigos, assemelha-se à ação de blogar. Ela carrega consigo não apenas significados e *links* entre os tópicos, mas expressa lugares ou posições de fala, interesses daqueles que colaboram. Assim como a internet pode ser considerada mais uma instância da esfera pública por meio da qual ocorrem práticas de compartilhamento de informações e organização de movimentos, a ação de editar e alimentar a base de dados abertos da Wikipédia pode configurar domínios e redesenhar locais de ocupação. Um bom exemplo dessa ideia é a distribuição dos milhares de artigos por idiomas.



Figura 49. Produções da Wikipédia x Idioma
 Fonte: www.wikipedia.org/

Atualmente, tópicos e artigos escritos nos idiomas inglês, alemão e francês ocupam mais espaço na base de dados da Wikipédia. Isso não quer dizer uma relação direta com os países falantes dessas línguas. Pessoas de determinadas nacionalidades podem participar de edições de tópicos disponíveis em outras línguas. O engajamento com o conhecimento compartilhado é complexo, podendo advir de uma série de motivações dos colaboradores. Mas os idiomas marcam domínios na base de dados sob outro ponto de vista, o das possibilidades de compreensão dos saberes por meio dos tópicos publicados e disponíveis na enciclopédia.

Em nossa pesquisa sobre a Wikipédia, tivemos como objetivo verificar espaços de ocupação. Diferentemente dos casos estudados nas bases de dados da CAPES e do jornal O Estado de S. Paulo, dessa vez, tomamos como ponto de partida a busca pelo tópico (termo ou palavra-chave) *Governamentalidade*, conceito desenvolvido por Foucault, explicado mais extensamente no Capítulo 1. Para esta pesquisa, a busca por esse tópico nos levou a uma primeira constatação: até a data em que essa tese fora depositada, não havia nenhuma referência específica ao tópico *Governamentalidade* em língua portuguesa. O conceito ainda não fora escrito em português. Como resultado da busca, uma página sugeria a criação do tópico e apresentava *links* relacionados para autores e conceitos que versavam sobre o tema na enciclopédia, conforme demonstra a figura abaixo.



Figura 50. Resultado da busca pelo tópico *Governamentalidade* na Wikipédia
Fonte: Wikipédia⁵²

Essa constatação inicial nos obrigou a procurar pelo termo em outros idiomas, primeiramente o inglês, como língua dominante na Wikipédia. A partir desse momento, a pergunta de pesquisa deslocou-se do termo *Governamentalidade*, como palavra-chave para o processo de construção de tópicos e a seguinte questão: quem está editando o termo *Governmentality*?⁵³ Essas pessoas que se interessaram em editar o termo *Governmentality* também editaram quais outros termos? Essa informação nos é acessível hoje? Afirmando a inteligência da complexidade cujos fios de diversas cores se entrelaçam, oferecendo-nos novas conexões entre os saberes, a partir da diversidade de interesse das próprias pessoas. Com o propósito de responder a essas questões, partiu-se da hipótese de que o mapeamento e a visualização das relações entre os colaboradores e o conhecimento (tópicos) por eles editados na Wikipédia, além do tópico *Governmentality*, nos auxiliariam na compreensão desse tópico, reforçando sua pertinência. Mas esse sentido ainda estava invisível.

A hipótese significava uma ampliação do sentido do tópico. Essa ampliação viria por meio do estudo das relações das mentalidades que o editaram e que editaram também outros conteúdos na Wikipédia. O mapeamento de **outros tópicos** editados pelas mesmas pessoas⁵⁴ que editaram *Governmentality* favoreceria a compreensão do tópico, não por meio do seu significado em si, suas descrições e *links* contidos na definição do tópico, mas pelas relações

⁵² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?search=Governamentalidade&button=&title=Especial%3APesquisar> Acesso em 26 nov. 2013

⁵³ O tópico *Governmentality* teve sua primeira edição na Wikipédia em 2004. Disponível em: <https://tools.digitalmethods.net/beta/wikipediaHistoryFlowCompanion/?url=http%3A%2F%2Fen.wikipedia.org%2Fwiki%2FGovernmentality>

⁵⁴ Wikipédia: visualização das edições tempo real, Disponível em: <<http://rcmap.hatnote.com/#en>>. Acesso em nov 2013.

mentais criadas a partir da edição de outros tópicos. De início, optamos não desprezar qualquer tipo de associação, por mais estranha ou casual que nos parecesse à primeira vista. Essa metodologia de mapeamento e visualização permitiria a construção de novos nexos entre os termos, um movimento mais a favor da conjunção do que da disjunção, ou seja, potencializando ligações de coisas que estão separadas. Nesse sentido, em uma linha de um pensamento complexo, ou seja, um pensamento capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si e que são suprimidos e catalogados em compartimentos fechados. O pensamento compartimentado e disciplinar ainda prepondera. A produção colaborativa adicionada à capacidade de visualização dessa produção relacionada a outras produções dos colaboradores deslocaria e liberaria novas composições entre termos, conceitos e campos do saber.

Foi necessário definir critérios para pesquisar no banco de dados da Wikipédia os colaboradores do tópico *Governmentality*. Por se tratar de uma base de dados aberta (informação disponível), foi possível estabelecer esses critérios de seleção e aplicá-los, conforme o passo a passo da metodologia abaixo descrita:

1. Selecionaram-se colaboradores que haviam realizado a edição do tópico *Governmentality* em suas últimas 100 edições⁵⁵. A pesquisa foi realizada em novembro de 2013. Foram identificados 1.644 colaboradores do tópico pesquisado.
2. Coletaram-se os demais conteúdos editados por esses colaboradores disponíveis no banco de dados abertos da Wikipédia utilizando-se o *software* NodeXL⁵⁶. Esse *software* permite a importação de dados diretamente das redes sociais por meio de uma série de *plug-ins* disponíveis em seu sistema. O plugin do NodeXL utilizado foi o *The Media Wiki*, que extrai dados de páginas modelo *Wikis* e mostram a estrutura de interação entre os editores. A importação dos dados foi realizada com a opção “*Hyperlink Coauthorship*” que analisa todos os *links* no artigo semente *Governmentality* e cria um laço entre cada usuário que editou o artigo encontrado no *link* e o artigo semente. O arquivo gerado a partir da captura de artigos e usuários ligados ao artigo *Governmentality* compôs um banco de dados relacional inicial com 1.718 vértices (nós) e 2.077 laços. Os vértices constituíram 54 artigos e 1.664 usuários editores destes artigos. Os dados coletados da base Wikipédia foram exportados para o Microsoft Excel.

⁵⁵ A lista de últimas edições do artigo em inglês pode ser consultada em <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Governmentality&action=history>. Acesso em nov 2013.

⁵⁶ NodeXL disponível em: <http://nodexl.codeplex.com/>. Acesso em maio 2013.

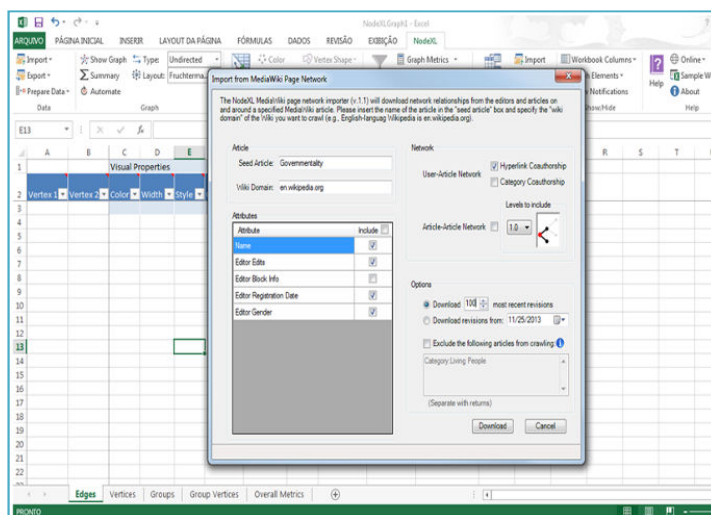


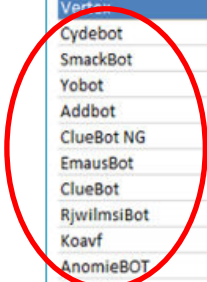
Figura 51. Importação: dados da Wikipédia para o NodeXL

3. **Primeira etapa de tratamento de dados:** no critério de seleção de colaboradores, levamos em conta apenas colaboradores que faziam parte da comunidade Wikipédia, ou seja, aqueles que possuíam *login* na plataforma. Ao identificar o *login* não correríamos o risco de observar a ação dos mesmos usuários repetidas vezes no banco de dados. O arquivo gerado a partir da primeira captura de artigos e usuários que editaram o tópico *Governmentality* compôs o primeiro banco de dados relacional com 1.718 vértices (nós) e 2.077 laços. Os vértices eram constituídos de 54 artigos e 1.664 colaboradores, editores, desses artigos. Desse total de colaboradores, foram removidos 726 usuários não registrados, porcentagem equivalente a 44%. A identificação dos usuários não registrados na base de dados é feita pelo número de IP. Uma vez que não aparece o *login* do usuário, o número de IP identifica usuários não registrados, como demonstra a figura.

Vertex	Image	File	Visibility	Label Fill	Label	Position	Tooltip	Dynamic Filter	Add Your Own Columns Here	Custom Menu Item Text	Custom Menu Item Action	Vertex Type
99.35.13.81		file:///C:/	Skip	99.35.13.81						Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
99.35.14.35		file:///C:/	Skip	99.35.14.35						Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
99.35.14.75		file:///C:/	Skip	99.35.14.75						Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
99.43.138.160		file:///C:/	Skip	99.43.138.160						Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
99.56.120.243		file:///C:/	Skip	99.56.120.243						Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
99.56.123.165		file:///C:/	Skip	99.56.123.165						Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
99appleseed		file:///C:/Program%	99appleseed							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
A2Kafir		file:///C:/Program%	A2Kafir							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
A3RO		file:///C:/Program%	A3RO							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
AbocTok		file:///C:/Program%	AbocTok							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
Abysmally		file:///C:/Program%	Abysmally							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
Adam9389		file:///C:/Program%	Adam9389							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor
Adavidb		file:///C:/Program%	Adavidb							Open Wiki Page f	http://en.wikipedia.org	Editor

Figura 52. Lista de editores do termo *Governmentality* na Wikipédia e IP de usuários não-registrados

4. **Segunda etapa de tratamento dos dados:** excluídos os editores do tópico *Governmentality* que não estavam registrados com *login* na Wikipédia, restaram 938 colaboradores. Dentre estes, era necessário selecionar os que eram efetivamente pessoas. A Wikipédia possui robôs que editam o conteúdo publicado estabelecendo a formatação padrão e automática para tópicos e artigos. Esses usuários-robôs, ao todo 65, foram identificados e excluídos da base de dados, como demonstra a figura.



Vertex	Custom Menu	Item Action	Vertex Type	Content	Name	Editor Edits	Editor Registration Date	Editor Gender	Bot?
Cydebot		http://en.wikipedia.org	Editor			4278638	4/6/2006 22:24	unknown	1
SmackBot		http://en.wikipedia.org	Editor			3734324	9/13/2005 19:47	unknown	1
Yobot		http://en.wikipedia.org	Editor			3366823	6/17/2008 19:33	unknown	1
Addbot		http://en.wikipedia.org	Editor			2838808	3/1/2008 18:58	unknown	1
ClueBot NG		http://en.wikipedia.org	Editor			2409716	10/20/2010 15:01	unknown	1
EmausBot		http://en.wikipedia.org	Editor			1604527	12/24/2009 1:36	unknown	1
ClueBot		http://en.wikipedia.org	Editor			1596818	7/23/2007 15:45	unknown	1
RjwilmsiBot		http://en.wikipedia.org	Editor			1505527	11/11/2009 20:19	unknown	1
Koavf		http://en.wikipedia.org	Editor			1294046	3/5/2005 17:22	male	#N/D
AnomieBOT		http://en.wikipedia.org	Editor			1257021	8/7/2008 14:09	unknown	1
RussBot		http://en.wikipedia.org	Editor			1065580	5/26/2005 12:46	unknown	1
Xqbot		http://en.wikipedia.org	Editor			1012228	10/13/2008 1:54	unknown	1
Rich Farmbrough		http://en.wikipedia.org	Editor			992493	5/2/2004 17:34	male	#N/D
Waacstats		http://en.wikipedia.org	Editor			932613	8/7/2006 6:35	unknown	#N/D
Luckas-bot		http://en.wikipedia.org	Editor			929662	6/16/2008 16:05	unknown	1
Lightbot		http://en.wikipedia.org	Editor			791863	5/25/2008 11:08	unknown	#N/D
ZéroBot		http://en.wikipedia.org	Editor			704777	3/21/2010 13:17	unknown	1
Rjwilmsi		http://en.wikipedia.org	Editor			644569	3/4/2005 8:57	unknown	#N/D
Ser Amantio di Nicolao		http://en.wikipedia.org	Editor			627045	1/4/2006 18:44	unknown	#N/D
Woohookitty		http://en.wikipedia.org	Editor			600797	12/29/2004 20:05	unknown	#N/D

Figura 53. Usuários-robôs que atuam na Wikipédia

5. **Terceira etapa de tratamento de dados:** após o processo de remoção de usuários não registrados e usuários robôs, restaram 873 editores colaboradores. O banco de dados foi exportado para o *software* Gephi⁵⁷, capaz de gerar visualização da relação entre os dados. Em nosso caso, a relação principal a ser demonstrada foi editores do tópico *Governmentality* <--> outros tópicos editados por essas mesmas pessoas. Para dar relevância aos demais termos editados e também aos editores do tópico *Governmentality*, que foi excluído do banco, uma vez que já fora usado como critério inicial comum. No Gephi, a base de dados resultou em uma rede de 902 vértices e 1.096 laços.

⁵⁷ Gephi: disponível em <<http://gephi.org/>>. Acesso em nov 2013.

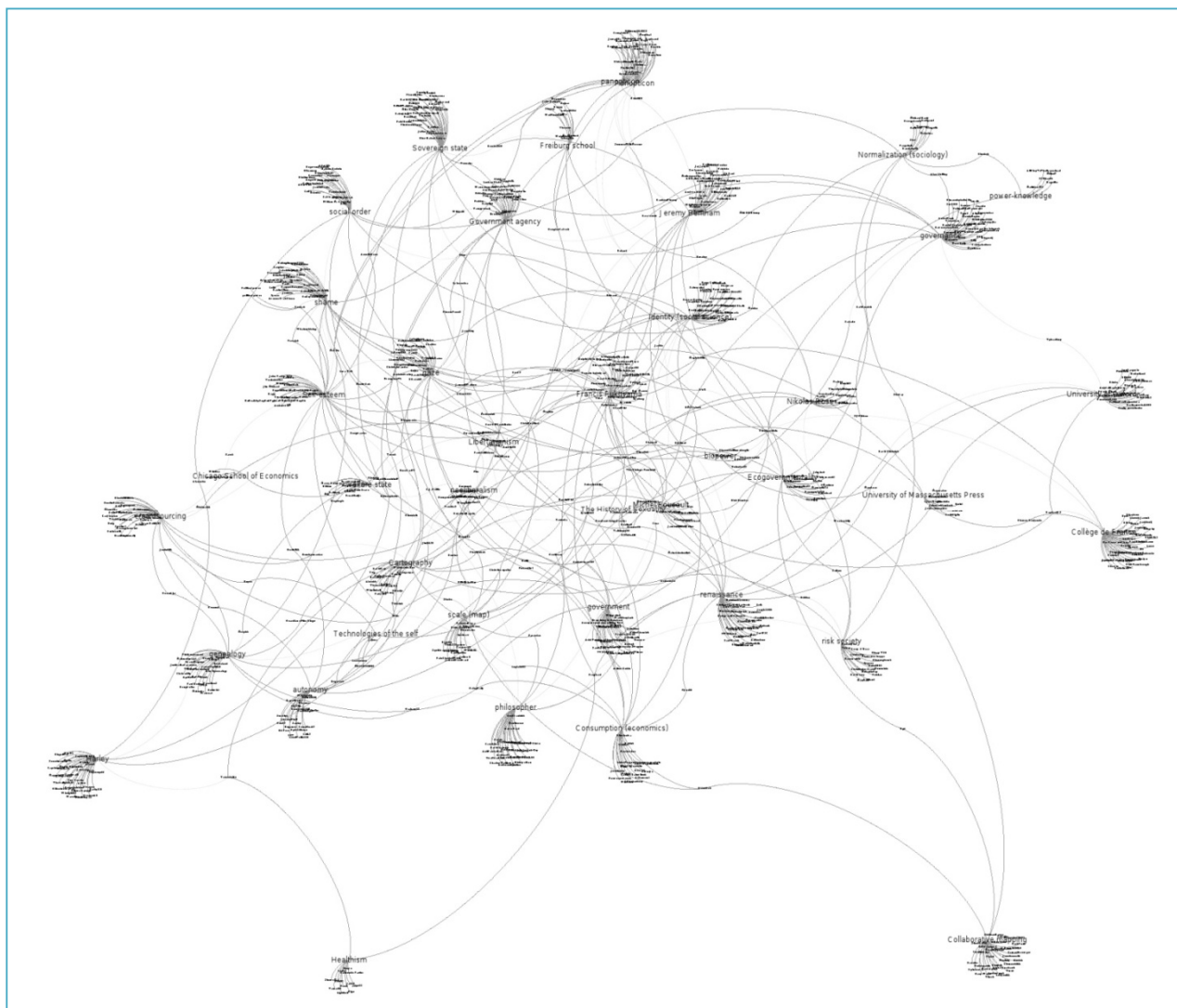


Figura 54. Colaboradores do tópico *Governmentality* na Wikipédia
Figura disponível no Anexo 2

Esta visualização da rede formada da relação entre termos e colaboradores do termo *Governmentality* nos mostra primeiramente os nós que correspondem aos tópicos editados e os vértices representam a conexão entre essas pessoas e os tópicos. Observa-se que há pessoas que editaram um ou mais tópicos, como no caso dos usuários Bazonka (tópicos *biopower* e *cartography*); *Free Knowledge Creator* (tópicos Michel Foucault e *The History of Sexuality*) e Rkwiimsi (tópicos *renaissance* e *panopticon*). É possível visualizar tópicos que se apresentam mais afastados do centro da rede tais como: *Collaborative Mapping*, *Harley* e *Crowdsourcing*, que reúnem em torno de si grupos de editores com pouca conexão com outros tópicos apresentados no mapa. A diferença das distâncias entre os termos, sua densificação e

distribuição também nos informa como os conceitos e termos se relacionam entre si. Na área central, os termos possuem laços mais fortes entre si do que na área periférica, refletindo os laços fracos.

Esse formato de visualização amplia a possibilidade de compreensão do termo *Governmentality*, a partir das relações das pessoas com o conhecimento produzido por elas. Trata-se de mais uma possibilidade de leitura na qual a ocupação do tópico por meio da ação das pessoas fica evidente. Não se quer dizer que a página da Wikipédia, como ela nos é apresentada ao realizarmos a busca por um tópico, seja menos útil. A metodologia proposta para a investigação do conceito de governamentalidade é inovadora no sentido de mostrar a construção do conhecimento como prática social, pelo movimento e interesse dos indivíduos quanto aos tópicos por eles editados. Quando visualizamos uma página da Wikipédia, em apenas um *frame*, o conhecimento se apresenta objetivado, anônimo, sem a presença ou atuação de seus colaboradores. Rastros e percursos que estavam invisíveis agora tornaram-se visíveis. Pode-se dizer que a visibilidade desses novos percursos, zonas de densidades, produz efeitos que auxiliam à compreensão da governamentalidade.

Observar o conhecimento a partir da produção das pessoas e de seus interesses ou sintonias em comum gerou resultados surpreendentes. Seguimos essa mesma metodologia para observar o termo em outras línguas. O resultado significativo em número de conexões entre usuários e conhecimentos pode ser visto ao abordarmos o termo governamentalidade em alemão: *Gouvernementalität*.

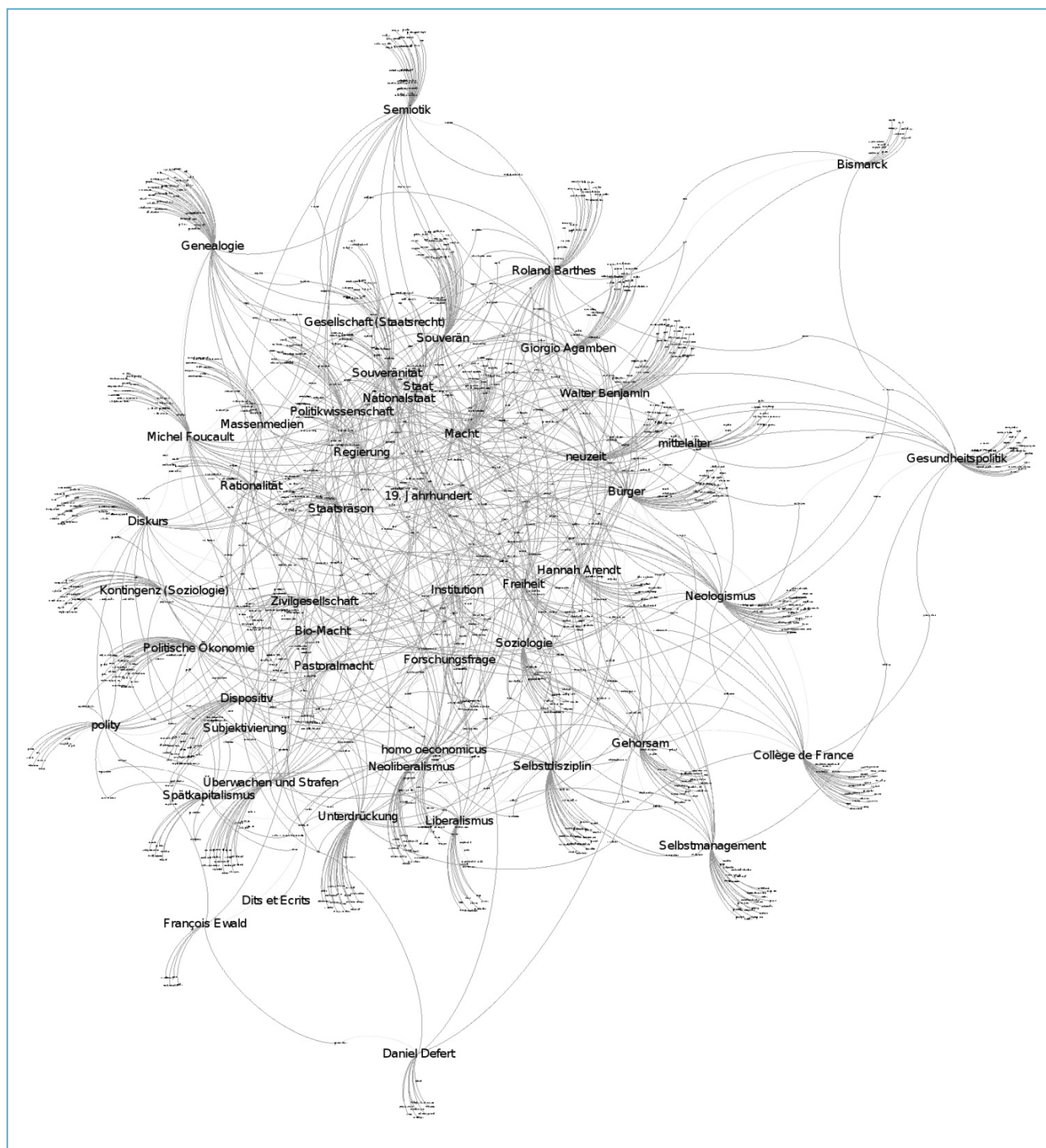


Figura 55. Colaboradores do tópico *Gouvernementalität* na Wikipédia
 Figura disponível no Anexo 2

No idioma alemão, a visualização em rede da relação entre os colaboradores e conhecimentos, ou seja, os tópicos editados por eles, apresenta maior grau de densidade, por meio de maior número de conexões entre termos e ações de usuários em um comparativo com a rede apresentada sobre o tópico idioma inglês. O número de tópicos ou vocabulário relacionado ao conceito de governamentalidade cresce no idioma alemão (51 termos em alemão estão

relacionados ao tópico *Gouvernementalität* para os 40 termos em inglês), conforme apresenta a tabela dos tópicos editados pelos colaboradores em ambos os idiomas (vale ressaltar, como já descrito na metodologia, que foram retirados da base de dados os usuários anônimos e as ações dos robôs).

Tópico em Inglês	Tradução para o Português	Tópico em Alemão	Tradução para o Português
1. panopticon	1. panóptico	1. Semiotik	1. Semiótica
2. Sovereignstate	2. Estado soberano	2. Bismarck	2. Bismarck
3. Freiburg school	3. Freiburg (escola)	3. Genealogie	3. Genealogia
4. Normalization (sociology)	4. Normalização (sociologia)	4. Roland Barthes	4. Roland Barthes
5. power-knowledge	5. poder-saber	5. Gesellschaft (Staatsrecht)	5. Sociedade (Lei Estadual)
6. Jeremy Bentham	6. Jeremy Bentham	6. Souverän	6. Soberano
7. Governmentagency	7. Agência governamental	7. Giorgio Agamben	7. Giorgio Agamben
8. social order	8. ordem social	8. Souveränität	8. Soberania
9. shame	9. pena, vergonha	9. Staat	9. Estado
10. Identity (social science)	10. Identidade (ciência sociais)	10. Nationalstaat	10. Estado-nação
11. governance	11. governo	11. Walter Benjamin	11. Walter Benjamin
12. Self-esteem	12. Autoestima	12. Politikwissenschaft	12. A ciência política
13. gaze	13. Mirar, olhar fixo	13. Massenmedien	13. Meios de comunicação
14. Francis Fukuyama	14. Francis Fukuyama	14. Michel Foucault	14. Michel Foucault
15. Nikolas Rose	15. Nikolas Rose	15. Macht	15. Poder
16. Universityof Oxford	16. Universidade de Oxford	16. Regierung	16. Governo
17. Libertarianism	17. Libertarianismo, libertarismo	17. Rationalität	17. Racionalidade
18. Biopower	18. Biopoder	18. neuzeit	18. neuzeit
19. Ecogovernmentality	19. Ecogovernamentalidade	19. mittelalter	19. Idade média
20. Universityof Massachusetts Press	20. Editora da Univ. de Massachusetts	20. Gesundheitspolitik	20. Política da saúde
21. Chicago SchoolofEconomics	21. Escola de Econ. Univ. de Chicago	21. Diskurs	21. Discurso
22. welfarestate	22. Estado do bem-estar social	22. Staatsräson	22. Razão de Estado
23. neoliberalismo	23. neoliberalismo	23. 19. Jahrhundert	23. Século XIX
24. Michel Foucault	24. Michel Foucault	24. Bürger	24. Cidadão
25. The HistoryofSexuality	25. História da Sexualidade	25. Kontingenz (Soziologie)	25. Contingência (sociologia)
26. Collège de France	26. Collège de France	26. Zivilgesellschaft	26. Sociedade civil
27. crowdsourcing	27. crowdsourcing	27. Institution	27. Instituição
28. Cartography	28. Cartografia	28. Freiheit	28. Liberdade
29. renaissance	29. renascença	29. Hannah Arendt	29. Hannah Arendt
30. government	30. governo	30. Neologismus	30. Neologismo
31. scale (map)	31. escala (mapa)	31. PolitischeÖkonomie	31. Economia Política
32. Technologies ofthe self	32. Tecnologias de si	32. Bio-Macht	32. Biopoder
33. genealogy	33. genealogia	33. Soziologie	33. Sociologia
34. autonomy	34. autonomia	34. Pastoralmacht	34. Poder Pastoral
35. philosopher	35. filósofo	35. Forschungsfrage	35. Questão de Investigação
36. Consumption (economics)	36. Consumo (economia)	36. Dispositiv	36. Dispositivo
37. risksociety	37. sociedade do risco	37. polity	37. Governo
38. Harley	38. Harley	38. Subjektivierung	38. Subjetivação
39. Healthism	39. Healthism	39. homo oeconomicus	39. homo economicus
40. Collaborativemapping	40. Mapa colaborativo	40. Gehorsam	40. Obediência
-	-	41. ÜberwachenundStrafen	41. Vigiar e Punir
-	-	42. Neoliberalismus	42. Neoliberalismo
-	-	43. Selbstdisziplin	43. Autodisciplina
-	-	44. Collège de France	44. Collège de France
-	-	45. Spätkapitalismus	45. Capitalismo tardio
-	-	46. Unterdrückung	46. Supressão

-	-	47. Liberalismus	47. Liberalismo
-	-	48. Selbstmanagement	48. Autogestão
-	-	49. Dits et Ecrits	49. Ditos e Escritos
-	-	50. François Ewald	50. François Ewald
-	-	51. Daniel Defert	51. Daniel Defert

Tabela 2. Lista de tópicos presentes na visualização nos idiomas inglês e alemão traduzidos para o português

A presença de tópicos tais como: University of Oxford, University of Massachusetts Press, Chicago School of Economics e Freiburg School, nomes de universidades e escolas de pensamento, de certa maneira, delimita o público de colaboradores editores que estamos mapeando em língua inglesa como um público engajado em conceitos teóricos que perfila próximo à academia. Nos tópicos editados em língua inglesa, alguns autores emergem como referências para esse grupo, entre eles: Francis Fukuyama, Nikolas Rose, Jeremy Bentham e o próprio Foucault e conceitos desenvolvidos por ele mesmo como biopoder, tecnologias de si.

No idioma alemão, as conexões estabelecidas entre os colaboradores e os tópicos é mais abrangente e densa, como demonstrado pelo número de termos (nós) e vértices na rede de editores. Do mesmo modo, alguns colaboradores também editaram páginas de autores referenciais, tais como Giorgio Agamben, Hannah Arendt, Roland Barthes e Walter Benjamin e conceitos de Michel Foucault, assim como pessoas que estiveram próximas ao autor como Daniel Defert e François Ewald. Ainda observando a participação dos colaboradores no idioma alemão, podemos dizer que as construções ocorrem em um tom mais teórico e conceitual que o dos colaboradores em língua inglesa. Na língua inglesa, temos a presença dos tópicos como: *crowdsourcing*, *cartography*, *collaborative mapping* e *scale map*. Deste modo, podemos dizer que o tópico governamentalidade apresenta um tom mais pragmático, aplicável ou, até mesmo, ativista em língua inglesa, enquanto os saberes em alemão adquirem tons mais teóricos-conceituais.

A complexidade das relações com os saberes ou tópicos construída no percurso dos colaboradores editores em ambos os idiomas é expressa pela presença de tópicos comuns, a maioria deles envolvendo outros conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, como governar, governo, biopoder, estado, neoliberalismo, sexualidade e, ainda, obras do próprio autor. Como já foi observado, o idioma alemão apresenta maior número de tópicos, vocabulário, relacionados ao termo governamentalidade, o que possibilita a emergência de um mundo mais complexo e interligado de relações, culminando na prática de edição com maior frequência na Wikipédia, ao se tratar do termo governamentalidade.

Pouco ainda se pode afirmar em termos de resultados diante das possibilidades de compreensão de saberes a partir da aplicação da metodologia de mapeamento e visualização da

relação entre as pessoas e os saberes que as interessa. Percebem-se novas possibilidades para a compreensão de conceitos e seus efeitos de verdade, e as verdades possíveis de uma época diante de um estudo que permite observar a ação das pessoas e o conhecimento como produção social.

As características apresentadas nas visualizações, de alguma maneira, parecem “arranhar” o ideal de conhecimento objetivo, como lugar de verdade. O estudo do tópico governamentalidade, por meio da relação da rede das pessoas e os termos editados na Wikipédia, e as associações que criam com outros saberes geram pertinência ao campo conceitual da governamentalidade, mas de uma maneira distinta. Observamos o que se pode denominar por reflexividade sobre o próprio conhecimento a partir do percurso dos editores. Essas relações, antes invisíveis, agora podem ser metodologicamente observadas: o processo da construção de conhecimento em andamento, repleto de focos de interesse daqueles que dele participam.

Não podemos generalizar essa consideração. O aspecto significativo do resultado se dá por meio da visualização de sinapses de pessoas enquanto um coletivo que efetua a produção colaborativa, ocupando a internet com o conhecimento sobre o tópico governamentalidade nesses dois idiomas. Esse aspecto é importante diante da hipótese de pesquisa que considera os deslocamentos e o vocabulário dos relativos aos saberes de uma época. Torna-se necessário um mergulho no *big data* disponível na base Wikipédia e a extração de uma amostra representativa durante determinado período de tempo em que replicaríamos a metodologia visando encontrar padrões para tópicos em diversos idiomas. Outra possibilidade apontada a partir desse estudo seria o desenvolvimento de uma rede que poderíamos denominar como sendo de “segundo nível”, na qual investigaríamos, mais a fundo, a rede de laços fracos, composta por editores mais distantes do centro da rede, que formaram grupos em torno de termos específicos. Pode ser que as relações desses editores com a edição de outros termos da Wikipédia nos ampliem ainda mais a visão do termo governamentalidade. Essa ideia fica como sugestão para investigações futuras. Não existe atualmente um *plug in* que extraia os dados diretamente, a lista de determinados editores e todos os tópicos editados por ele. Apesar de a informação estar disponível, precisaríamos extrair um por um, o que torna o trabalho praticamente impossível, dado o número de editores e tópicos editados. Ou seja, a informação está disponível, mas seria preciso extrair os dados manualmente.

Do mesmo modo, não devem ser desconsiderados, nessa análise inicial, os efeitos da própria ocupação da Wikipédia, os efeitos da cultura na produção do saber e os efeitos da linguagem ao se pensar descrições e relações entre tópicos. A metodologia desenvolvida nesse

estudo para a compreensão do conceito de governamentalidade permite captar, de certo modo, parte da cultura de produção e apropriação da rede no que diz respeito à ocupação dos saberes. É uma estratégia metodológica pós-filtro, uma vez que atua a partir da produção colaborativa disponível em bases de dados abertas, integrando as totalidades pelo uso de *software* que nos auxiliaram nos mapeamentos e visualizações entre indivíduos – termos – saberes. Não se trata de buscar o conhecimento geral nem a teoria unitária, mas, sim, de encontrar metodologias que detectem as ligações, as articulações.

4.8 Primavera Árabe expandida e a partir das pessoas em rede

Nessa seção, apresentamos um breve panorama do movimento social conhecido como Primavera Árabe. Nossa proposta foi nos agenciarmos ao movimento a partir dos processos e mecanismos de participação pública que se distribuem na rede e que poderiam estar na base de *designs* criativos de mediação para algumas instâncias de manifestação da opinião pública, revelada na mídia e nas redes sociais.

Nesse panorama, a Primavera Árabe, como as demais manifestações sociais públicas contemporâneas, repercutiu internacionalmente e despertou o interesse de inúmeros estudiosos na área da Comunicação, em relação ao ineditismo no intenso uso dos dispositivos móveis e da internet pela população como instrumentos decisivos de poder participativo. Seja por mera publicação e replicação de imagens por fotos, vídeos com ou sem palavras, em meio à complexidade das narrativas de demandas, os agenciamentos coletivos romperam fronteiras territoriais e culturais, ultrapassando até as dificuldades iniciais idiomáticas, que poderiam parecer infinitamente distintas e distantes, criando-se uma linguagem própria para a descrição dos acontecimentos. Ou seja, os meios de comunicação e a internet foram apropriados para denunciar e multiplicar as narrativas e sublevaram milhares de pessoas a unir intenções, propósitos e a influenciar-se mutuamente, tornando público o que antes estava invisível. Ou seja, assumiu-se uma postura coletiva de tomada de decisão.

No recorte metodológico selecionamos a rede social Twitter como *locus* de pesquisa e coleta de dados sobre o movimento. A técnica de pesquisa ou software que possibilitou o acesso a esse montante de dados foi o Topsy, que permitiu a pesquisa do conteúdo gerado por usuários na rede social Twitter através da consulta ao banco de dados de Tweets publicados nos países que participaram da Primavera Árabe⁵⁸.

⁵⁸ No dia 04/09/2013 a empresa responsável pelo Topsy anunciou a disponibilização de mais de 400 bilhões de Tweets, ou seja, todo o conteúdo do Twitter para utilização em pesquisas.

Essas novas ferramentas pós-filtro apresentam a capacidade de processamento de dados e informação em escala, ao mesmo tempo em que tornam possível manter a nitidez e o acesso à informação micro. No caso, da presente pesquisa foi possível localizar tanto o volume de Tweets, aspecto quantitativo da pesquisa, bem como dar visibilidade à singularidade das mensagens postadas, aspecto qualitativo, que caracteriza o singular, por meio do qual foi possível localizar as pessoas que alcançaram status de autoridade em mensagens disseminadas pelo mundo.

Observamos também a relevância do conteúdo através do número de RTs ou retuites de links, fotos e vídeos, de usuários do serviço de microblog. As buscas no software podem ser realizadas por data, palavra ou domínio. Algumas das variáveis de pesquisa oferecidas pela ferramenta são: número de RTs, período ou tempo, influência, distribuição geográfica, idiomas. Os Tweets no Topsy são georreferenciados com precisão de 90%. Isto significa que 90% dos Tweets associados a determinado país tem como origem os habitantes dessa nação, segundo os métodos de controle do Topsy⁵⁹.

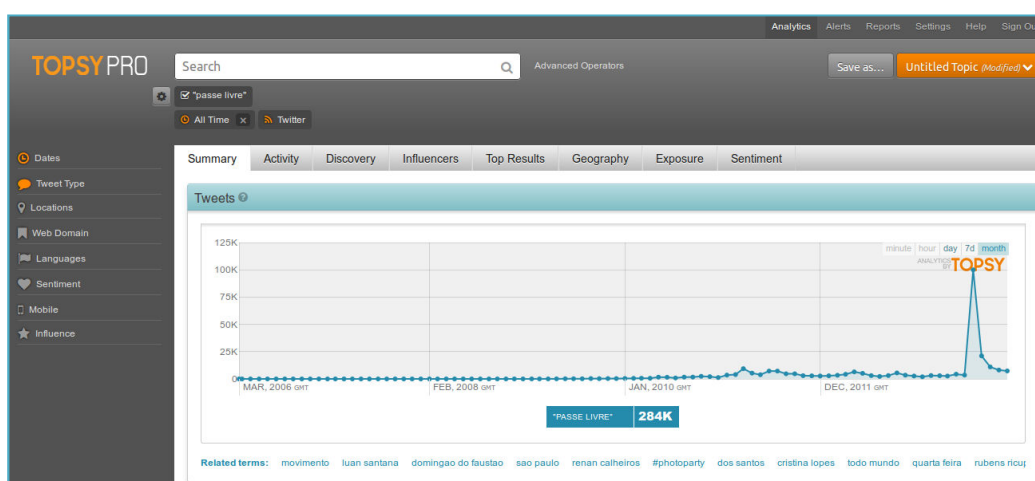


Figura 56. Interface da ferramenta Topsy Pro
Fonte: <http://topsy.com/> Acesso em: 27 jul. 2012

Para o estudo dos movimentos sociais a aplicação da ferramenta enquanto técnica de coleta de dados facilitou a identificação tanto de usuários influentes, quanto os primeiros disseminadores de uma informação⁶⁰.

No processo de recorte temporal, definimos o período de tempo de três anos para a

⁵⁹ Informações sobre metodologias da ferramenta Topsy disponíveis em: <https://help.topsy.com/customer/portal/articles/669102-geography> e <http://help.topsy.com/customer/portal/articles/669106-geotagging-methodology> Acesso em 26 ago. 2013.

⁶⁰ Um dos problemas apresentados pelo software é o *delay* de atualização de dados dois a três dias para o registro dos eventos.

coleta de dados. Esse período nos auxiliou a mapear Tweets publicados especificamente sobre a manifestação contemplada nesse estudo. Uma vez que os acontecimentos desses movimentos serão meta-narrados por meio de mensagens, imagens dos Tweets das pessoas na rede social (aspecto qualitativo da pesquisa), disponibilizamos, em anexo, o percurso histórico de diversos movimentos sociais com características semelhantes, tais como Los indignados #15M e Occupy Wall Street no Anexo III - Linha histórica dos movimentos sociais no mundo.

As insurreições árabes caracterizaram-se por disseminar ocupações e protestos sociais em vários países de culturas e dimensões geográficas diferentes. Na concepção ocidental do chamado mundo árabe, na maior parte das vezes, tende-se à compreensão de que os países que o compõem constituem-se em uma espécie de monobloco e por isso neutralizam-se qualquer singularidade e toda multiplicidade, caracterizando-os apenas por terem uma língua e hábitos em comum. É certo que as mobilizações coletivas tiveram características em comum, contudo refletem também a multiplicidade de culturas e dialetos envolvendo a expressão de problemáticas políticas, econômicas e sociais que não podem ser desconsideradas.

A chamada Primavera Árabe (em árabe: الربيع العربي , ar- Rabī⁶¹ Arabī al-⁶¹), termo adotado para caracterizar a onda revolucionária de manifestações e protestos e guerras civis no mundo árabe, teve início no dia 18 de dezembro de 2010. O termo foi uma referência às revoluções Primavera de Praga ocorrida na Tchecoslováquia em 1968, na época, sob o domínio da antiga União Soviética e o Outono das Nações, insurreições que ocorreram no Leste Europeu em 1989.

Um dia anterior ao início da onda de insurreições conhecidas como Primavera Árabe, dia 17 de dezembro de 2010, o vendedor ambulante tunisiano Mohamed Bouazizi, de 26 anos⁶¹ ateou fogo ao próprio corpo em protesto contra os ataques de funcionários públicos (entre eles policiais) que lhe haviam confiscado o carrinho em que vendia frutas e legumes na cidade de Sidi Bouzid, no centro da Tunísia.

O vendedor ambulante, que não tinha licença para trabalhar, apanhou da policial em público. Humilhado, tentou reclamar na administração municipal, mas foi ignorado. Pouco depois, diante da prefeitura, Bouazizi protestou, colocando fogo no próprio corpo. (GARDNER, 2011)

O ato de Bouazizi foi o estopim ou a fagulha confluyente de uma série de conjunturas que incluíam o desprezo da população no mundo árabe pelos governos e pela classe política dominante e a indignação referente à cumplicidade entre as elites financeiras e política. As revoltas civis iniciaram-se na Tunísia, espalhando-se para o Egito, Líbia e no Iêmen alcançando também o Bahrein e a Síria. Protestos eclodiram na Argélia, Iraque, Jordânia, Kuwait,

⁶¹ A mesma idade de Aaron Swartz ao cometer suicídio no início de 2013

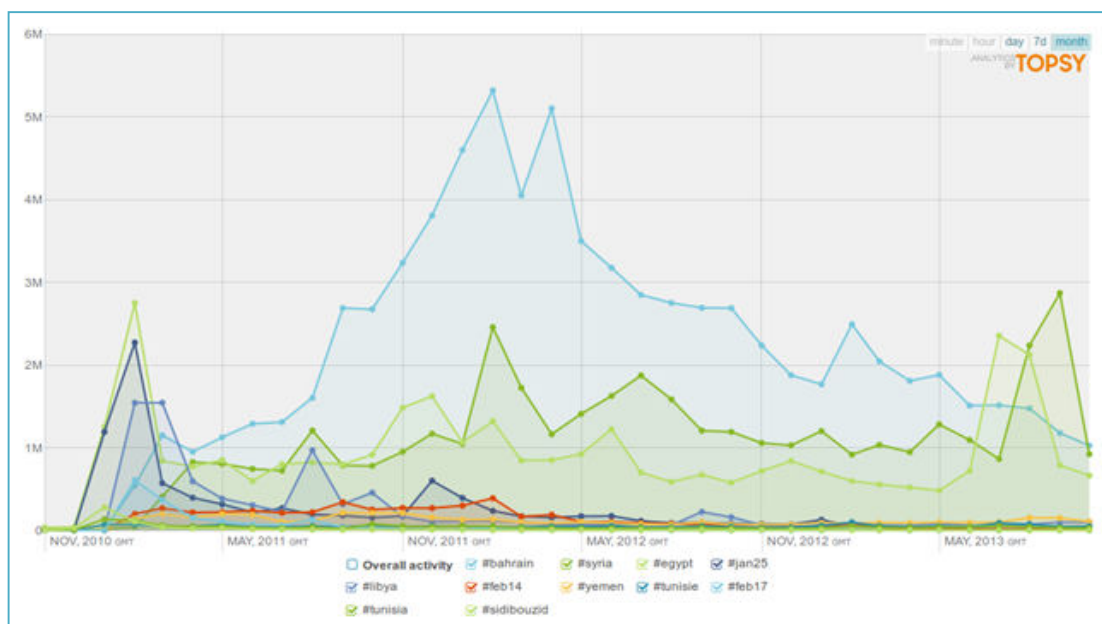
Marrocos e Sudão. Disseminaram-se para a Mauritânia, Omã, Arábia Saudita, Djibuti e o Saara Ocidental. Outros eventos fora do mundo árabe incluíram protestos regionais como no Cuzequistão em abril de 2011, província do Irã em que habita minoria árabe e confrontos na fronteira em Israel, em maio do mesmo ano. Em comum destaca-se o clamor das pessoas pelo fim de regimes ditatoriais: “as pessoas querem derrubar o regime”.

Os protestos compartilharam algumas técnicas de resistência civil entre elas greves, manifestações, ocupações. Para nós, enquanto estudiosos da área de Comunicação, o aspecto inédito que marcou essas insurreições foi o uso eficaz das tecnologias de comunicação, principalmente dos dispositivos móveis e da internet para apresentar ao mundo – e consequentemente sensibilizá-lo – quanto às denúncias locais. É o que Castells (2013, p. 14) relata ao dizer que “os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias”. A potencialização dos instrumentos de comunicação ocorreu concomitantemente à potência dos movimentos, tornando visível o que o autor “chamou de espaços de comunicação autônoma” do qual emergiu a noção de comunidade para além das fronteiras e dialetos nacionais.

A noção de comunidade funcionou como mecanismo psicológico que propiciou a compreensão de um espaço simbólico de ocupação, possibilitando a união de múltiplas demandas, ajudando a superar o medo, a intimidação e o desestímulo diante das tentativas de repressão da polícia e dos governos ditatoriais, bem como ações de censura na internet. Entre os efeitos das manifestações estão a queda de governos ditatoriais na Tunísia, Egito e Líbia, bem como prisões de governantes e concessões democráticas em governos que permaneceram no poder.

Metodologicamente, a apresentação de dados referentes à Primavera Árabe foi construída, nesse trabalho de pesquisa, a partir da seleção dos seis principais países participantes do movimento - Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Iêmen e Bahrein – e suas principais *hashtags*. Optou-se por incluir o nome do país entre as *hashtags* selecionadas para a pesquisa, apesar do risco de incluir na escala de resultados conteúdos advindos de outras instâncias, que não necessariamente mencionavam a Primavera Árabe, mas conforme pudemos comprovar, esse efeito foi bastante diminuto no montante dos dados. A figura abaixo apresenta as *hashtags* mais retuitadas na Primavera Árabe no período de três anos (novembro de 2010 a outubro de 2013):

Gráfico18. *Hashtags* mais retuitadas na Primavera Árabe
Período: novembro/2010 a outubro/2013



Desde o início da Primavera Árabe até outubro de 2013 foram identificadas e também selecionadas o total de **onze hashtags** para fins de estudo na pesquisa sobre essas manifestações. Essas hashtags foram as mais retuitadas pelos usuários no período de tempo selecionado para a pesquisa. São elas: para o estudo da **Tunísia**: #sidbouzid, #tunisia, #tunisie. **Egito**: #jan25, #egypt. **Iêmen**: #yemen. **Líbia**: #feb17, #libya. **Síria**: #syria. **Bahreim**: #feb14, #bahrain.

Conforme foi discutido no Capítulo 3, consideramos a *hashtag* como um termo sinalizador que abrange, ao mesmo tempo, múltiplas narrativas, de caráter plural, resultante da inteligência coletiva e, paradoxalmente, estabelecem um foco, um adensamento, criando uma certa unidade discursiva à partir de um múltiplo distribuído. Diante do agrupamento das *hashtags* foi possível perceber características comuns aos movimentos sociais que compõem a *Primavera Árabe*. Eles foram identificados pelos participantes e pela mídia por meio do modelo de *hashtag* que descrevia o #mêsdia, ou seja, caracterizavam eventos pontuais, frequentemente, momentos iniciais que marcaram essas manifestações.

Por meio do gráfico foi possível comprovar que algumas *hashtags* perduraram ao longo dos três anos, por serem abrangentes, entre elas as relacionadas aos nomes dos países como: #bahraun, #tunisie, #tunisia, #egypt. A Tunísia foi o país com maior número de *hashtags* relacionadas, provavelmente por ser o país a partir do qual as manifestações se espalharam pelo mundo árabe e um dos movimentos mais duradouros no período de três anos. Outras *hashtags*

sucumbiram, exatamente aquelas relacionadas às datas específicas como #feb17, #jan25, #feb14, por funcionarem como marcadoras de eventos específicos dos movimentos sociais. (assim como #15M na Espanha, #17j no Brasil, entre outras)

A inclusão das *hashtags* em inglês demonstra a abrangência desses movimentos para todo o mundo, a título de denúncia, tendo em vista propósitos de disseminação da informação. A seleção das *hashtags* #nomedopaís foi uma opção de pesquisa, mesmo que correndo o risco de incluir conteúdos não relacionados às Manifestações Árabes na pesquisa. Algumas *hashtags* forma agregadas automaticamente pela ferramenta Topsy, uma vez que esse software relaciona temáticas e *hashtags* diante das buscas efetuadas no sistema. Abaixo, segue o detalhamento dos universo de dados, dos **176.615 milhões de twittes**, com os quais trabalhamos na pesquisa:

HASHTAGS	N. Twittes
#sidibouزيد	615 mil
#tunisie	1 milhão
#tunisia	1 milhão
#egypt	33 milhões
#jan25	8 milhões
#libya	8 milhões
#feb17	1 milhão
#yemen	4 milhões
#syria	39 milhões
#feb14	4 milhões
#bahrain	77 milhões

Tabela 3. Número de tweets x hashtags coletados para a pesquisa

A seguir, trataremos das mobilizações populares que fizeram parte da Primavera Árabe e seus desdobramentos por país e *hashtags* a ele relacionadas.

4.8.1 Tunísia

País sede dos conflitos iniciais da Primavera Árabe, a Tunísia apresentava em seu panorama características que proporcionaram a união inicial de dois grupos específicos: jovens com diplomas universitários desempregados e grupos de união sindicalista, ambos em busca de melhores oportunidades de trabalho. Conforme menciona Castells (2013) o índice de desemprego entre jovens com diploma universitário chegou a 21%:

(...) a existência de um grupo ativo de desempregados com educação de nível superior, que liderou a revolta ignorando qualquer outra liderança formal, tradicional. (...) a presença de uma forte cultura de ciberativismo que se envolvera na crítica aberta ao regime por mais de uma década. (...) uma taxa relativamente alta de difusão do uso da internet, incluindo conexões entre residências, escolas e cibercafés. (CASTELLS, 2013, p. 30):

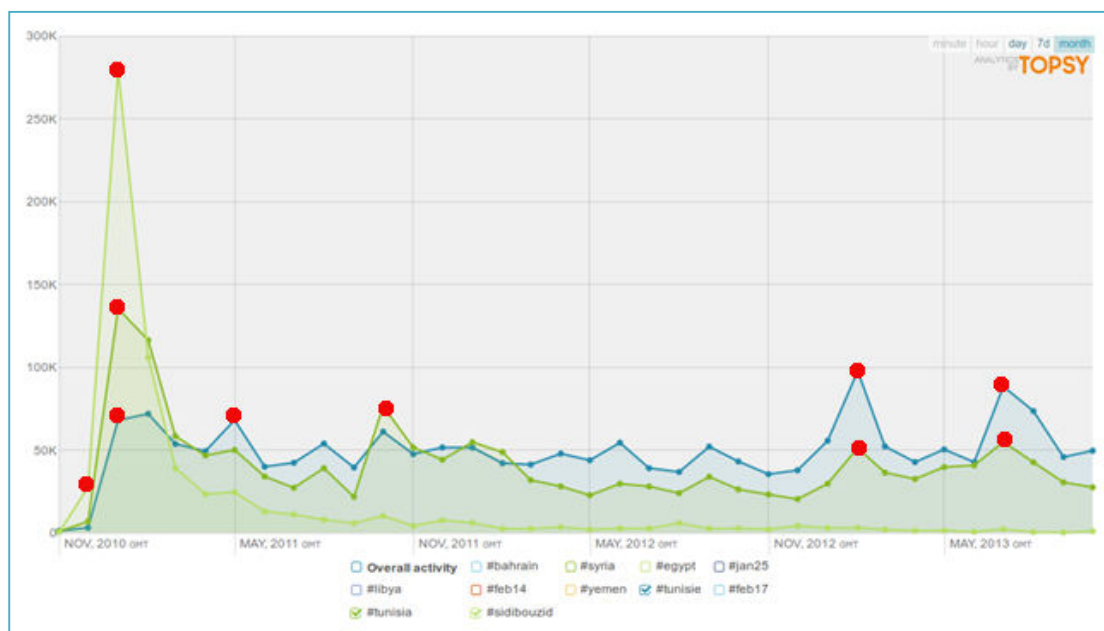
Aos poucos as reivindicações abrangeram temas como o afastamento de autoridades e governantes corruptos, exigindo liberdade política. Houve a demanda por eleições democráticas e o exercício da liberdade política. O autor menciona que na Tunísia havia uma ditadura estável com fachada de democracia institucional. Essa ditadura constituía-se em alianças entre especuladores financeiros, políticos corruptos, aparelhos repressores (polícia) e uma mídia conivente.

Em diversas cidades “a praça” foi o lugar de ocupação dos manifestantes onde foram realizados os encontros e organizações dos movimentos, não sem repressão e muitas vezes com brutal violência tanto por parte da polícia, quanto por parte da população. Embora não houvesse líderes, foram criadas por parte de algumas pessoas organizações informais para promover debates e ações de protesto. Para Castells (2013, p. 29), “A conexão entre comunicação livre pelo Facebook, YouTube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma das principais características da rebelião tunisiana”. A metáfora da “praça” se estendeu também para as narrativas feitas pela internet.

Destacam-se a participação dos blogueiros na Tunísia, muitos deles presos, condenados e executados por denunciar arbitrariedades do governo (até mesmo antes das mobilizações populares) e a participação da Al-Jazira⁶² que durante o bloqueio de celulares garantiu o funcionamento dos aparelhos através de seu sinal de satélite. Ambos funcionaram como canais disseminadores de informações sobre os acontecimentos no país.

⁶² Al-Jazira: emissora de TV que veicula conteúdos jornalísticos, situada no Catar. Criada em 1996, destacou-se desde o seu primeiro ano por permitir a liberdade de expressão e oposição. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/> Acesso em nov. 2012.

Gráfico 19. *Hashtags* mais retuitadas na Tunísia durante a Primavera Árabe
Período: Nov. 2010 a Out 2013



A base estatística demonstrou a escala de Tweets para o grupo de *hashtags* mais replicadas na Tunísia, conforme dispostas no gráfico acima. Diante dessa visualização dos dados selecionou-se picos de Tweets (em vermelho), a partir dos quais pretendemos expor os movimentos sociais a partir não de nossa descrição e narrativa dos acontecimentos e sim a partir das múltiplas narrativas dos participantes da rede, seus agenciamentos e mensagens publicadas no Twitter.

Nosso propósito ao analisarmos e expormos dessa forma as mensagens é, além de verificar as que mais repercutiram nessa rede, é também demonstrar as peculiaridades, as subversões, os detalhes e aspectos qualitativos das mesmas. Termos, vocabulários, imagens que mais ocuparam a praça na rede social e que foram disseminadas na Tunísia ressoando pelo mundo todo. Essa seria a maneira produtiva de compor o panorama. Os Tweets com as *hashtags* mais retuitados na Tunísia foram selecionados a partir do gráfico e estão organizados na tabela:

Hashtag	1º twitte	Pico 1	Pico 2	Pico 3	Pico 4
#sidibouid	18/12/2010	Jan/2011			
#tunisia	19/12/2010	Jan/2011	Out/2011	Fev/2013	Jul/2013
#tunisie	19/12/2010	Jan/2011	Mai/2011	Fev/2013	Jul/2013

Tabela 4. Seleção de Tweets mais disseminados na Tunísia x *hashtags*
Período: Nov. 2010 a out 2013

O primeiro tweet relacionado aos protestos na Tunísia foi publicado no dia 18 de dezembro de 2010, à meia-noite e meia, pelo usuário Chady Neji (@Chady2009). Nele o autor da mensagem disponibiliza um link para vídeo no Facebook e inicia a conversa com outro usuário da rede social @t_kahaloui.



Figura 57. Tweet inicial com #sidibouzig
 Fonte: <https://twitter.com/chady2009/status/16229141321883648>

A *hashtag* sinalizadora da mensagem #sidibouzig – fez referência à cidade em que o vendedor ambulante Mohamed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo.

Como desdobramento dessa primeira mensagem, entramos no link publicado pelo autor, disponível no Facebook:



Figura 58. Desdobramento do tweet inicial com #sidibouzid
 Fonte: <https://www.facebook.com/video/video.php?v=132433530151270>

O vídeo mostra cenas de um programa jornalístico de emissora da Tunísia em uma praça, onde Mohamed Bouazizi é levado por uma ambulância e uma pequena multidão começa a se agrupar em torno do corpo. Em menos de vinte dias, ele morre no hospital.

O primeiro tweet com #tunisie (uma das mais replicadas na Tunísia) foi publicado na madrugada do dia 19 de dezembro de 2010. Ele também incluía a #SidiBouzid e já mencionava o primeiro conflito entre a polícia e manifestantes.



Figura 59. Tweet inicial com #tunisie

Fonte: <https://twitter.com/TunObs/status/16441412723675136>

O autor da mensagem foi um jornal tunisiano que também veiculou, na mensagem, o link de outro jornal, de língua francesa, que descrevia os primeiros confrontos entre a polícia e os manifestantes na cidade de SidiBouzid.

Esse tweet inicial #tunisia foi identificado no banco de dados como sendo de Ramy Raoof, defensor dos direitos humanos e funcionário de empresa de tecnologia da informação.



Figura 60. Tweet inicial com #tunisia

Fonte: <https://twitter.com/RamyRaoof/status/16500428401278977>

Nota-se que a mensagem foi escrita em inglês, portanto, direcionada a um público participante da rede social mais abrangente. Ela apontava para outros perfis na rede social Twitter que estavam divulgando fotos e vídeos sobre a repressão aos manifestantes.

O mês de janeiro/2010 foi o mês de maior frequência de Tweets na Tunísia durante a Primavera Árabe. A seguir, iremos apresentar os *Top Five*, cinco Tweets mais retuitados do mês de maior pico durante o período analisado para cada uma das três *hashtags* utilizadas nos

protestos, a saber #sidibouزيد, #tunisie e #tunisia.

#sidibouزيد – Janeiro/2010

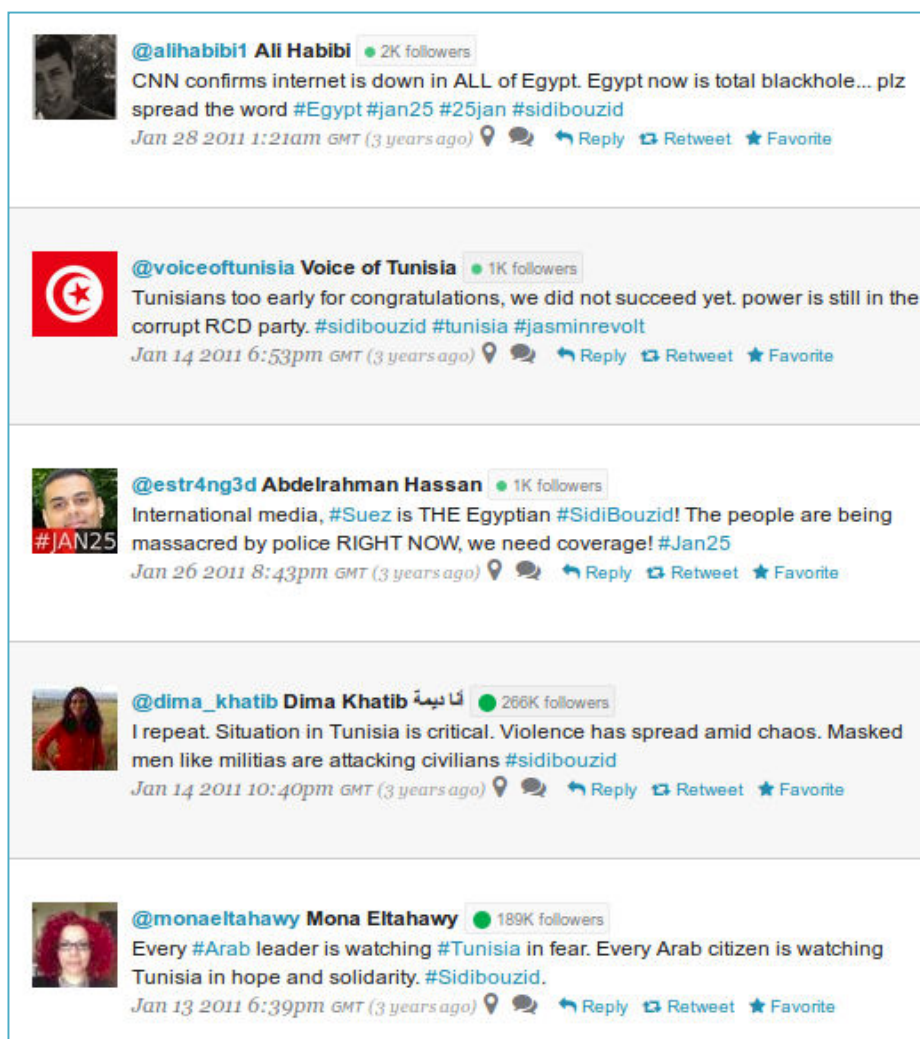


Figura 61 – Top Five –Tweets mais retuitados na Tunísia com a hashtag #sidibouزيد

Observamos entre os Tweets mais representativos da *hashtag* #sidibouزيد no mês de janeiro a presença de usuários da rede social Twitter com número significativo de seguidores, pessoas que eram figuras públicas conhecidas e que publicaram suas mensagens em inglês visando falar para o mundo sobre as manifestações na Tunísia. Algumas mensagens divulgavam o bloqueio das comunicações no Egito, outras privilegiaram o tema da violência contra os manifestantes, apropriando-se da rede social para deixar claro que o que estava acontecendo naquele local o “mundo inteiro iria ver”. Abaixo, o tweet com o hiperlink mais retuitado contendo a *hashtag* #sidibouزيد no mês de janeiro:



Figura 62. Tweet com o hiperlink mais retuitado - Janeiro/2010 - #sidibouزيد
 Fonte: <https://twitter.com/EFF/status/24931863193718784>

O termo na mensagem *immediate action*, funcionou como uma palavra de ordem, tendo sido direcionada às grandes empresas de Serviços de Redes Sociais (social networking services – SNS) cuja autoria é da EFF – Eletronic Frontier Foundation, com sede em S. Francisco/CA e fundada na década de 1990, a instituição defende a liberdade de expressão, privacidade, inovação e direitos do consumidor quanto ao acesso e uso livre da internet.

O link publicado na mensagem está direcionado para o site da EFF em que há denúncia de que o governo na Tunísia estava deletando perfis de usuários ativistas e blogueiros nas redes sociais. Conforme observa-se na figura a seguir:


ELECTRONIC FRONTIER FOUNDATION
 DEFENDING YOUR RIGHTS IN THE DIGITAL WORLD

HOME
 ABOUT
 OUR WORK
 DEEPLINKS BLOG
 PRESS ROOM

JANUARY 11, 2011 | BY EVA GALPERIN
 

EFF Calls for Immediate Action to Defend Tunisian Activists Against Government Cyberattacks



Demonstrations and protests over unemployment and poor living conditions have been ongoing in Tunisia since the beginning of December, but last week the Tunisian government turned up the heat on bloggers, activists, and dissidents by launching a **JavaScript injection attack** that siphoned off the usernames and passwords of Tunsians logging in to Google, Yahoo, and Facebook. The Tunisian government has used these stolen credentials to log in to Tunisians' email and Facebook accounts, presumably downloading their messages, emails, and social graphs for further analysis, and then deleting the accounts entirely.

Figura 63. Denúncia no site da EFF sobre invasões de privacidade do governo tunisiano a perfis de ativistas e blogueiros

Fonte: <https://www.eff.org/deeplinks/2011/01/eff-calls-immediate-action-defend-tunisian>

#tunisia – Janeiro/2010

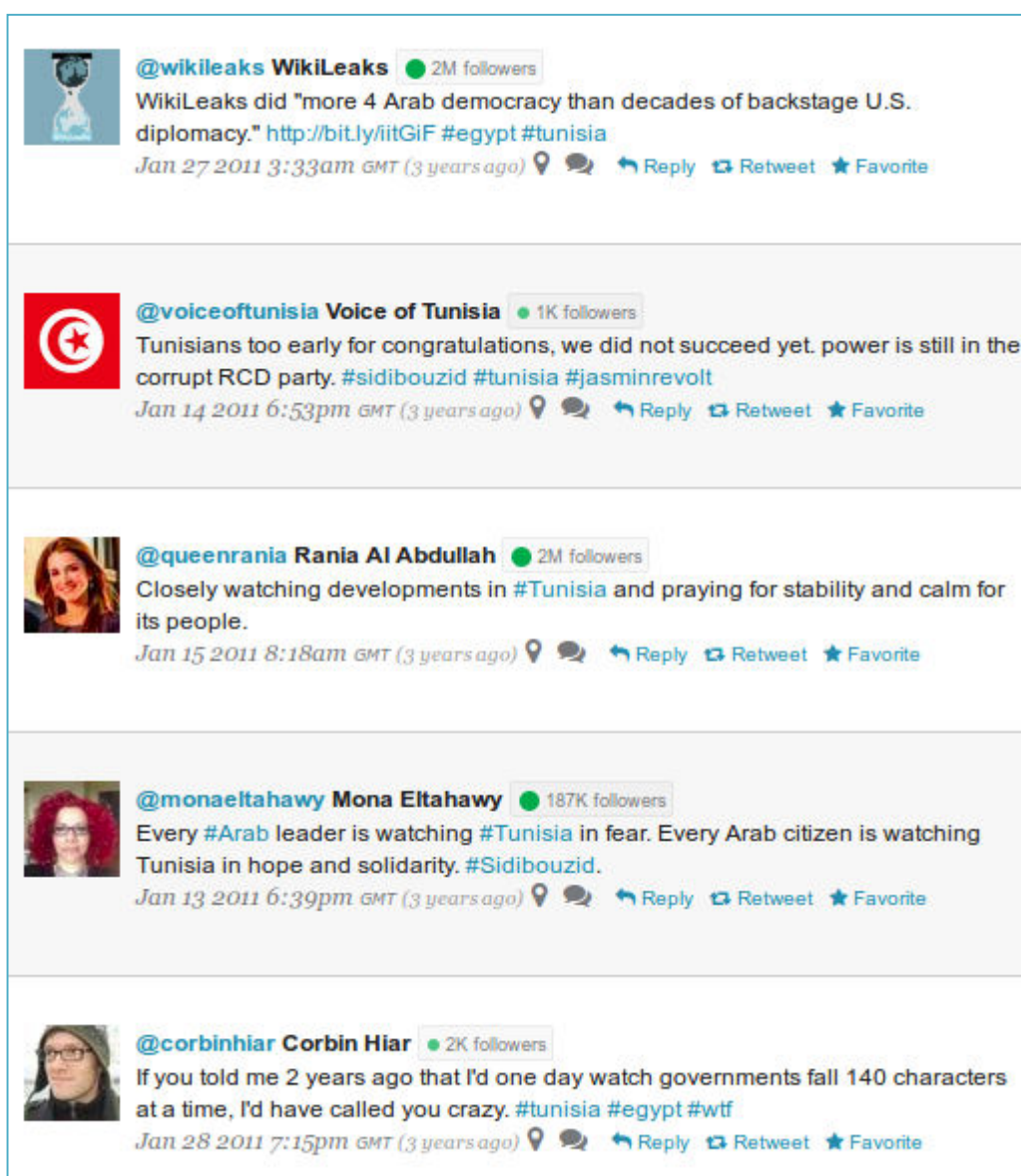


Figura 64. Top Five – Tweets mais retuitados com a hashtag #tunisia

Sob #tunisia, agruparam-se movimentos já reconhecidos na internet como WikiLeaks, personalidades como a rainha da Jordânia Rania Al Abdullah, o portal de notícias Voice of Tunisia e mais uma vez a jornalista *free-lancer* Mona Eltahawy que ocuparam a rede para disseminar mensagens de denúncia, paz, solidariedade, e mais uma vez divulgando a capacidade da comunicação via rede social como forma de não deixar a violência, repressão e a corrupção dos governantes ficar impunes ou “escondidos” diante do mundo. Abaixo, a figura do tweet com o link mais retuitado com a #tunisia. Sob a autoridade do WikiLeaks, e utilizando a também a hashtag #egypt, o link mais disseminado referia-se à matéria divulgada pela revista online *FP – Foreign Policy*, que aborda temas políticos, econômicos e sociais no mundo:



Figura 65. Link mais retuitado - #tunisia – janeiro/2010
Fonte: <https://twitter.com/wikileaks/status/30468424735924224>

#tunisie – Janeiro/2010

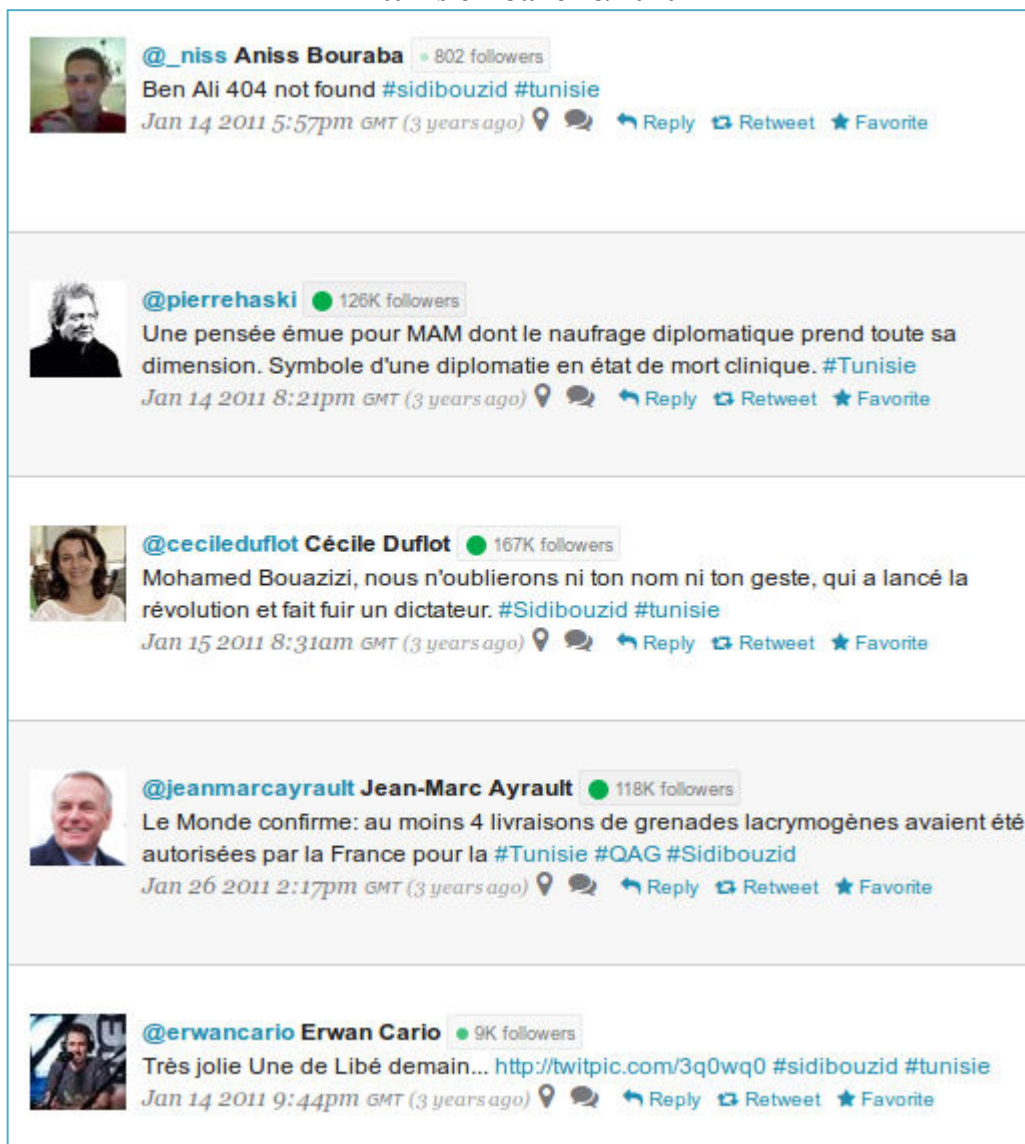


Figura 66. *Top Five* –Tweets mais retuitados na Tunísia com a hashtag #tunisie

Utilizando a #tunisie, as publicações mais retuitadas no mês de janeiro receberam também o apoio de autoridades na rede. As publicações seguem em nível internacional em língua francesa e inglesa. Destaque para o jogo de palavras do usuário Aniss Bouraba referindo-se ao ditador da Tunísia Zine El Abidine Bem Ali que fugiu para a Arábia Saudita – “404 not found”. Somente, em 2012, o ditador foi condenado à prisão perpétua.

A seguir, o tweete com o link mais retuitado no mês de janeiro contendo a *hashtag* #tunisie. Trata-se de uma mensagem publicada pelo jornalista Erwan Cario do jornal francês *Libération*, que também abordou denúncias contra o ditador Bem Ali.



Figura 67. Link mais retuitado com a #tunisie – Janeiro/2010
 Fonte: <https://twitter.com/erwancario/status/26031885612224513>

As *hahstags* #tunisia e #tunisie foram as que por mais tempo identificaram os

movimentos sociais na Tunísia. A seguir estão apresentados por ordem cronológica, os tweets mais retuitados com essas *hashtags*, bem como os links mais disseminados na Tunísia no período de maio/2011 a outubro/2013:

#tunisie – Maio/2011



Figura 68. Tweet mais retuitado em Maio/2011 com a #tunisie
 Fonte: https://twitter.com/_LamiaS/status/67219275496173569



Figura 69. Tweet com o link mais retuitado – Maio/2011 - #tunisie
<https://twitter.com/AJELive/status/66953832021762048>

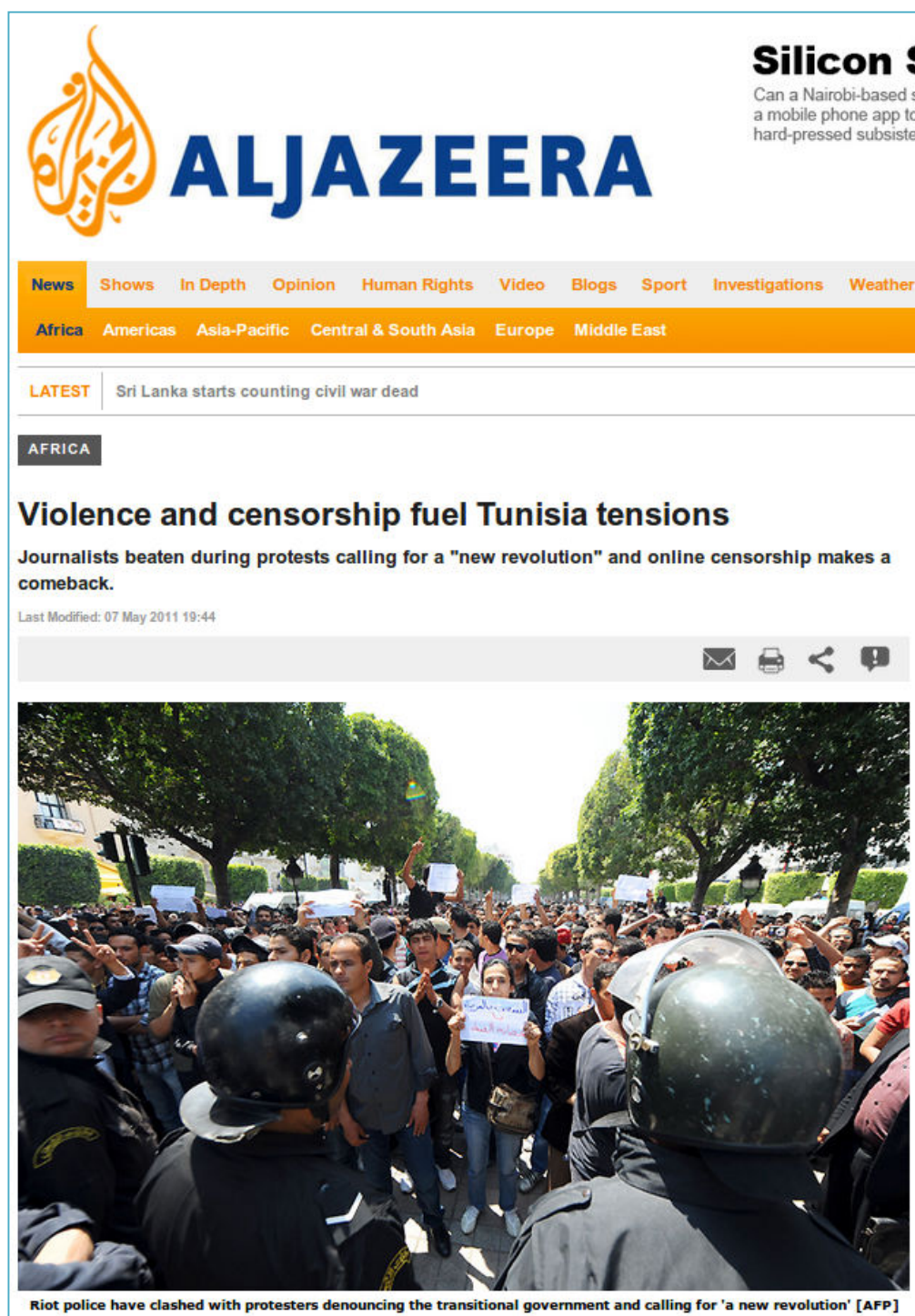


Figura 70. Link mais disseminado – Maio/2011 - #tunisie
<http://www.aljazeera.com/news/africa/2011/05/20115718233603222.html>

O portal de notícias Al-Jazira teve um papel fundamental em disseminar informações e denunciar a repressão sobre as manifestações iniciais na Tunísia e nos demais países árabes.

#tunisia – Outubro/2011



Figura 71. Tweet mais retuitado – Outubro/2011 - #tunisia
Fonte: <https://twitter.com/ravisomaiya/status/127016397174865921>



عصام الزامل
 @essamz




بن علي يعود لتونس!! إعلان عبقرى
bit.ly/ohls1W
 #Tunisia

 View translation

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More

 YouTube

The Return of Dictator Ben Ali (Original video)



The Return of Dictator Ben Ali (Original video)

The Return of Ben Ali. On January 14th 2011, we chased former Dictator President Ben Ali out of Tunisia. Since then many had lost interest in politics. After...

[View on web](#)

207 RETWEETS	31 FAVORITES	
------------------------	------------------------	--

8:50 PM - 19 Oct 11 Flag media

Figura 72. Link mais retuitado – Outubro/2011 - #tunisia
 Fonte: <https://twitter.com/essamz/status/126792274867789824>

#tunisia – Fevereiro 2013


BAHRAINDOCTOR
 @BAHRAINDOCTOR




موطني-ألا يستحق ان يكون توب تويت ليشاهده شعوب؟

#Egypt #Yemen #Tunisia #Palestine
 #Bahrain #Saudi #Oman #Kuwait #Syria
youtube.com/watch?v=Zl8nDd...

 View translation

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More

 YouTube

يدرعلا ينفلأ لمعلا | ينطوم - Eng / Fr subtitled



0:00 / 8:44

موطني | العمل الفني العربي - Eng / Fr subtitled

العمل الفني .. موطني .. كلمات الأديب الفلسطيني إبراهيم طوقان أداء المنشد
 د حسين الأكراف التمسك بالقضية الفلسطينية, استمرار الحراك العربي المطال
 ...ب بالديمقراطية لك

[View on web](#)

389
 RETWEETS

74
 FAVORITES



8:37 PM - 21 Feb 13 [Flag media](#)

Figura 73. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #tunisia
 Fonte: <https://twitter.com/BAHRAINDOCTOR/status/304736670463438848>

#tunisie – Fevereiro/2013



Figura 74. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #tunisie
Fonte: https://twitter.com/_LamiaS/status/299843419264647168

#tunisia – Julho/2013



Figura 75. Tweet mais retuitado – Julho/2013 - #tunisia
 Fonte: <https://twitter.com/AJELive/status/360369898364477440>



Figura 76. Tweet com link mais disseminado – Julho/2013
 Fonte: <https://twitter.com/BBCBreaking/status/361029187416489986>

BBC
News
Sport
Weather
Capital
Culture
Shop

NEWS AFRICA

Home
UK
Africa
Asia
Europe
Latin America
Mid-East
US & Canada
Business
Health
Sci/Enviro

27 July 2013 Last updated at 13:40 GMT
Share
f
t
e

Tunisia Brahmi murder: State funeral for MP



The BBC's Emily Thomas: "As temperatures soared... tempers frayed"

A state funeral has been held for Tunisian opposition leader Mohamed Brahmi who was killed on Thursday by gunmen in the capital, Tunis.

Tunisian transition

Head-to-head

Figura 77. Link mais disseminado – Julho/2013 - #tunisia
 Fonte: <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-23475178>

#tunisie – Julho/2013



Figura 78. Tweet mais retuitado – Julho/2013 - #tunisie
Fonte: https://twitter.com/_DavidThomson/status/360383987966955520

4.8.2 Egito

A revolução conhecida como 25 de Janeiro ou #jan25 apresentou um cenário complexo, tendo como pano de fundo causas diversas, entre elas: opressão, injustiça social, pobreza, desemprego, questões que abordavam preconceitos contra gênero, regime pseudo-democrático que sustentava uma ditadura disfarçada, violência e repressão da força policial.

A revolução foi precedida por protestos políticos, greves e luta por questões de gênero. Em 2008 começaram a emergir grupos no Facebook tais como o *Movimento da Juventude* que procuravam abrir espaço para a discussão em rede de questões políticas e sociais. No Egito, as tradições islâmicas também levantaram pontos de discussão. Em 6 de Abril de 2008 houve forte repressão armada ao movimento de grevistas. Dentre as iniciativas em rede destacam-se grupo ***Todos somos Khaled Said*** no Facebook⁶³ em memória do jovem ativista espancado até a morte pela polícia em junho de 2010 num cibercafé em Alexandria, após publicar um vídeo na internet em que denunciava a corrupção policial.

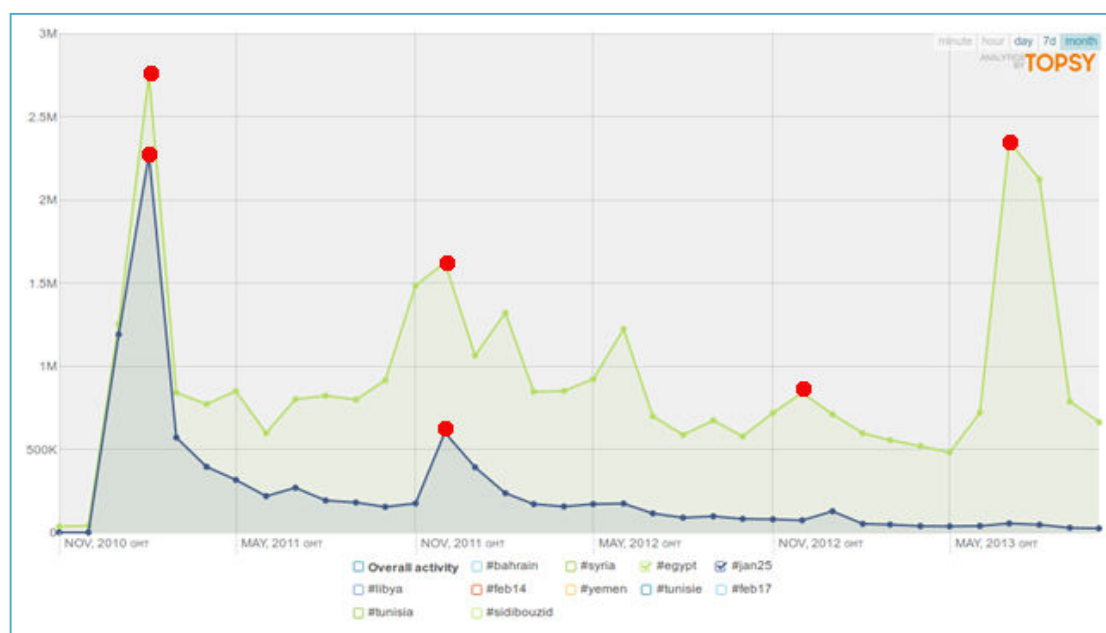
Durante a Primavera Árabe o Egito ficou marcado como o país da “grande desconexão”. Sinais de celulares e internet ficaram fora do ar, apesar das perdas econômicas (principalmente devido ao fechamento da bolsa de valores em janeiro de 2011). O confronto nas ruas foi aberto e violento. Houve censura à mídia. A saída encontrada pelos cidadãos foi o uso de telefones fixos, aparelhos de fax disponíveis em universidades e radioamadores. Diante da situação a Telecomix⁶⁴ (organização internacional de ativistas que defendem o direito de liberdade e expressão na internet) decidiu intervir propiciando saídas de comunicação aos cidadãos. O lema do #jan foi “pão, liberdade e justiça social”. A redistribuição da riqueza no país e demandas por justiça foram as principais causas do engajamento de mais de dois milhões de pessoas que culminaram na saída do ditador Hosni Mubarak do poder.

Para abordar o panorama dos movimentos sociais no Egito selecionamos duas principais *hashtags* no Twitter, a saber: #jan25 e #egypt. O período selecionado para a pesquisa foi de novembro/ 2010 a maio/2013, abarcando o antes e o depois da revolução civil. A frequência de tweets relacionados às hashtags está apresentada no Gráfico 20:

⁶³ Disponível em: <https://www.facebook.com/elshaheed.co.uk> Acesso em 27 abr. 2013.

⁶⁴ Disponível em: <http://telecomix.org/> Acesso em 25 jul. 2012.

Gráfico 20. Frequência de Tweets no Egito - #jan25 e #egypt
Período: Novembro/2010 a Maio/2013



Dentre as *hashtags* apontadas no gráfico, observamos a presença de picos, destes foram selecionados seis picos ou Tweets (picos) mais disseminados durante as manifestações do país no triênio. A partir dessa escala, selecionamos os tweets que iremos abordar, a fim de que as múltiplas narrativas presentes nas demandas do movimento possam ser expostas em tom qualitativo. A tabela abaixo esboça a seleção:

Hashtag	1º twitte	Pico 1	Pico 2	Pico 3	Pico 4
#jan25	19/01/2011	Fev/2011	Dez/2011		
#egypt	28/12/2010	Fev/2011	Dez/2011	Dez/2012	Jul/2013

Tabela 5. Seleção de Tweets do Gráfico Egito x Hashtags
Período: Nov. 2010 a Out. 2013

Observa-se, na tabela, que o mês de maior frequência de tweets no Egito durante a Primavera Árabe ocorreu em fevereiro de 2011. Contudo, sempre iniciamos nossa exposição pelo tweete inicial, ou seja, a primeira vez em que essas *hashtags* foram publicadas na rede social. Em seguida apresentamos os dados selecionados por ordem cronológica.

O primeiro tweete publicado referente aos protestos foi para o Twitter com a *hashtag* #egypt em 28 de dezembro de 2010. A Figura 79 ilustra a publicação:

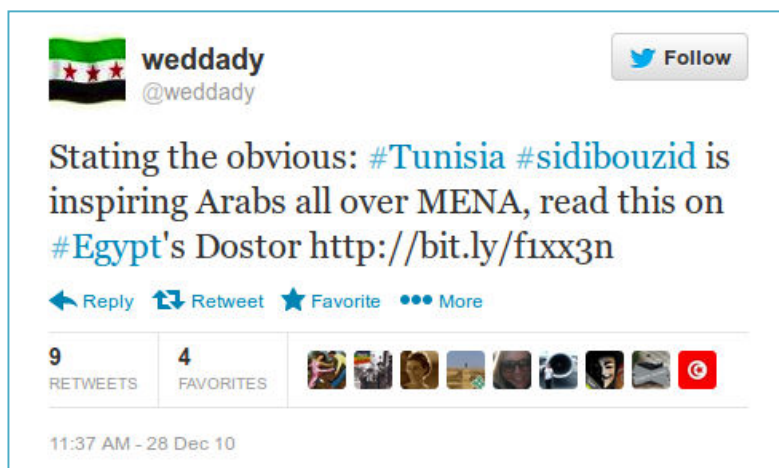


Figura 79. Tweet inicial – Dezembro/2010 - #egypt
 Fonte: <https://twitter.com/weddady/status/19839326007332865>

O tweet foi publicado às onze e meia da manhã por @weddady em inglês que se define como “ativista mauritano-americano, com foco em direitos civis do Oriente Médio e Norte da África (...)” como endereço pessoal, o autor referencia Boston, MA, o apontar para características transnacionais das publicações no Tweeter. Abaixo, a imagem que ilustra o link:



Figura 80. Primeiro link veiculado no Twitter - #egypt
 Fonte: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2010/dec/28/tunisia-ben-ali?CMP=twtd>
 O autor referencia as *hashtags* dos movimentos sociais na Tunísia e o link publicado direciona para uma notícia do jornal inglês The Guardian que trata das manifestações na

Tunísia e a morte de Sidi Bouzid com o estopim emblemático dos movimentos sociais na região árabe.

O primeiro tweet com a #jan25 foi publicado no dia 19 de janeiro de 2011 de madrugada:



Figura 81. Primeiro tweet com a #jan25

Fonte: <https://twitter.com/mostafasiraj/status/27659458746253312>

De seu lugar de fala o autor se define “Eu sou um pesquisador e um Freelancer, meus principais interesses estão em Application Security, Cloud Computing, Web Crawling e mais importante política”. A mensagem foi publicada no idioma árabe, direcionada a um público mais local.

No mês de Fevereiro/2011, mês de maior frequência de tweets sobre os protestos no Egito, selecionamos os cinco Tweets mais retuitados nas duas *hashtags* #jan25 e #egypt.

#25jan – Fevereiro/2011

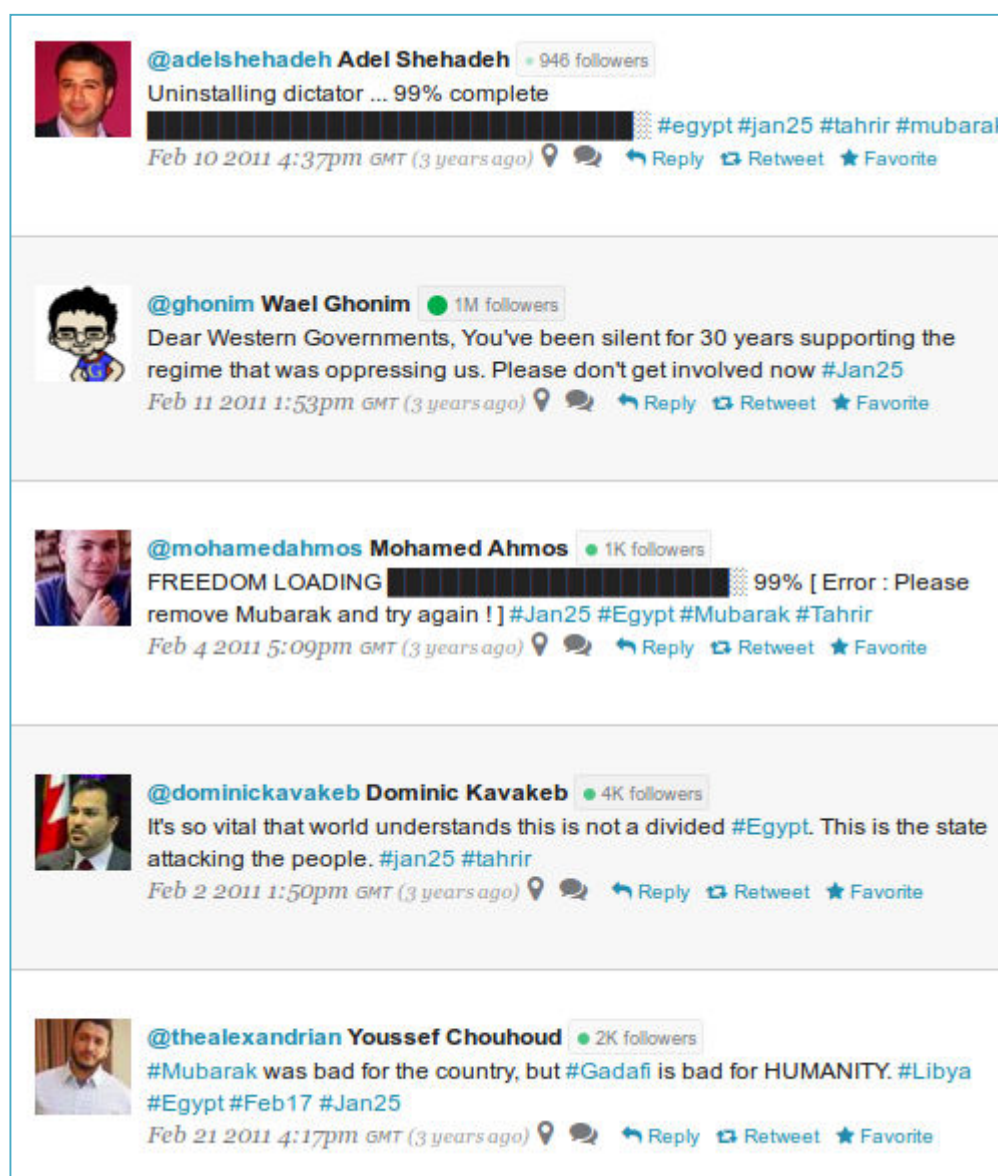


Figura 82. Tweets mais disseminados em Fevereiro/2011 - #25jan

Dentre esses Tweets observamos um tom humorístico e o jogo semântico por meio do uso da metáfora “erro no download” e a figura do ditador Mubarak. Perfis com grande volume de seguidores foram autoridades nas redes sociais em 2011 com a #25jan. Segue o link mais retuitado utilizando a *hashtag*.



Figura 83. Link mais retuitado – Fevereiro/2011 - #25jan
 Fonte: <https://twitter.com/Khaledtron/status/31653767900307456>

O autor faz uma crítica ao canal *Fox News* pela ignorância demonstrada e encaminha a mensagem também para os #EUA, ao mesmo tempo em que referencia os créditos a outro perfil do Twitter. O link sugerido pelo autor foi desativado.

#egypt – Fevereiro/2011

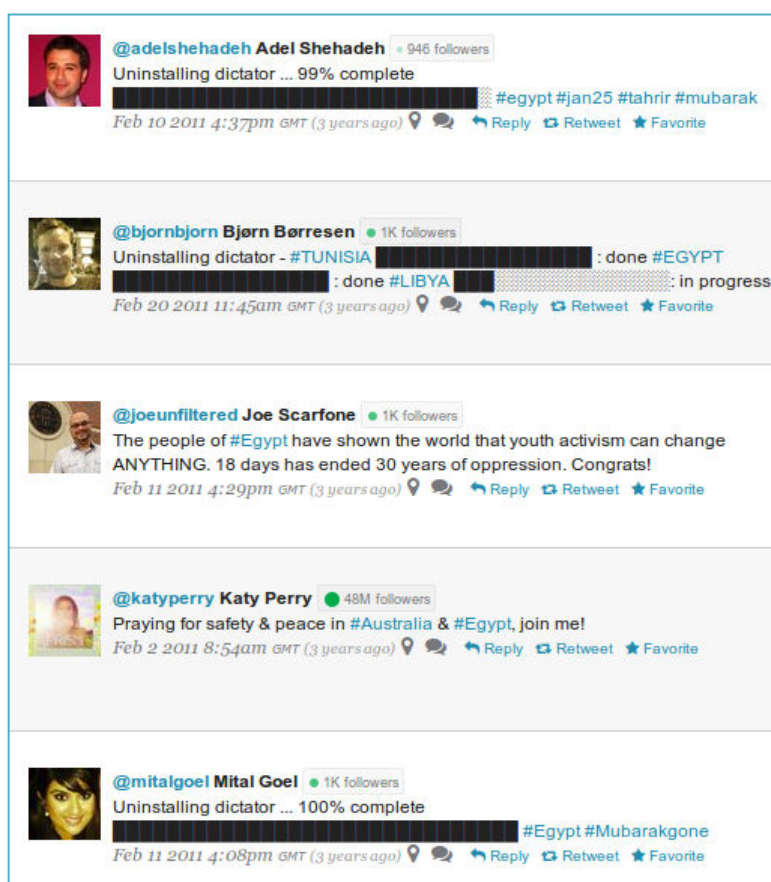


Figura 84. Tweets mais disseminados em Fevereiro/2011 - #egypt

O tweet da CNN com link para a notícia foi o mais retuitado em Fevereiro/2011.



Figura 85. Link mais retuitado – Fevereiro/2011 - #egypt
 Fonte: <https://twitter.com/cnnbrk/status/36093638161211393>

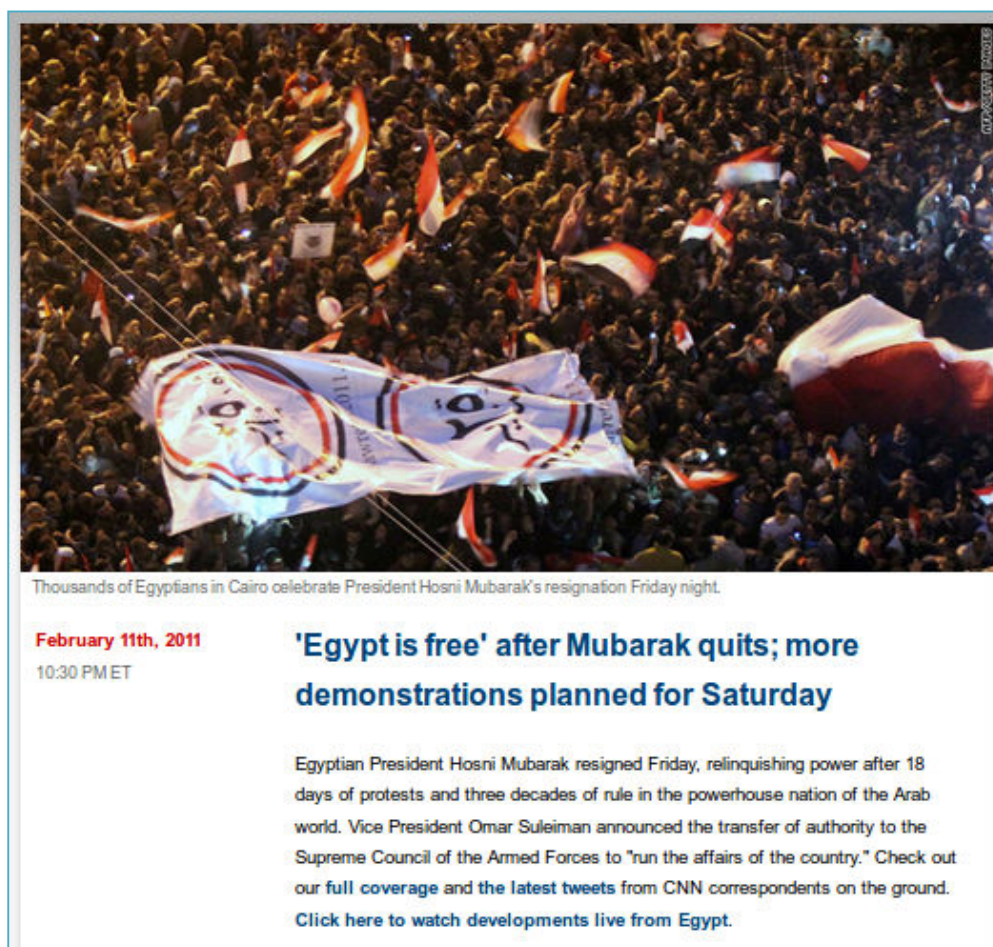


Figura 86. Hiperlink mais retuitado - Fevereiro/2011 - #egypt
 Fonte: <http://news.blogs.cnn.com/2011/02/11/egypt-unrest-protesters-begin-18th-day-of-demonstrations/>

#jan25 – Dezembro/ 2011

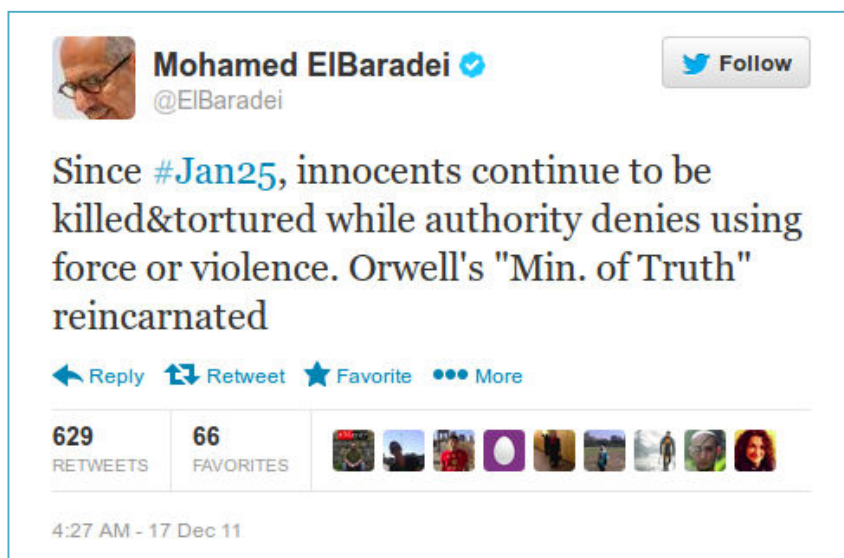


Figura 87. Tweet mais retuitado – Dezembro/2011 - #jan25
 Fonte: <https://twitter.com/ElBaradei/status/148016356023992320>



Figura 88. Tweet com hiperlink mais retuitado – Dezembro/2011 - #Jan25
 Fonte: <https://twitter.com/Egitto3000/status/151500830263099392>



Moud Barthez

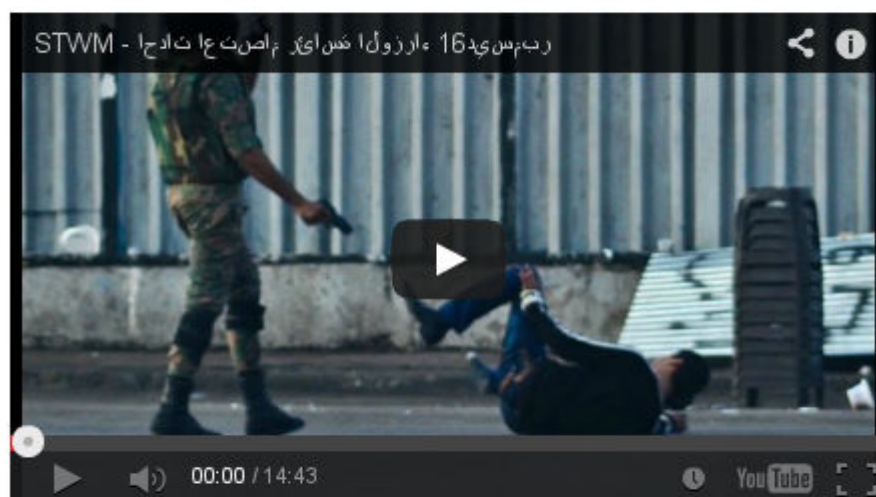
@MoudBarthez

Follow

RT "@eSocialists: #OccupyCabinet ((أنا فخور
فيديو: أحداث اعتصام رئاسة الوزراء 16 ديسمبر
fb.me /1rAJCaN2T

Reply Retweet Favorite More

YouTube



أحداث اعتصام رئاسة الوزراء 16 ديسمبر - STWM

ModyRap (محمد أسامة - أغنية (كافر
http://www.youtube.com/watch?v=WQG2UGRfUFg
تغطية للاحد
...أحداث علي مدار الخمسة أيام في فض اعتصام م

[View on web](#)

7

RETWEETS

3

FAVORITES



6:31 PM - 26 Dec 11

Flag media

Fonte: <https://twitter.com/MoudBarthez/status/151490335145607169>

#egypt – Dezembro/2011



Figura 89. Tweet mais retuitado – Dezembro/2011 - #egypt
<https://twitter.com/14FEBRiGhTVoiCe/status/147971511288991744>



Figura 90. Link do tweet mais retuitado – Dezembro/2011 - #egypt
 Fonte: <http://www.twitlonger.com/show/ep5d9m>



Figura 91. Tweet mais retuitado - Dezembro/2012 - #egypt
Fonte: <https://twitter.com/Youssefahosiny/status/276818584066465793>



Figura 92. Tweet com hiperlink mais retuitado – Dezembro/2012 - #egypt
Fonte: https://twitter.com/sh_barrak/status/278855604334907392



Figura 93. Tweet com hiperlink mais retuitado – Dezembro/2012 - #egypt

Fonte: <http://twitmail.com/email/626909193/17/%D8%AD%D9%83%D9%85-%D8%A7%D9%84%D8%AA%D8%B5%D9%88%D9%8A%D8%AA-%D9%84%D9%84%D8%AF%D8%B3%D8%AA%D9%88%D8%B1-%D8%A7%D9%84%D9%85%D8%B5%D8%B1%D9%8A-%D9%84%D9%80--%D8%A7%D9%84%D8%B4%D9%8A%D8%AE %D8%A7%D9%84%D8%A8%D8%B1%D8%A7%D9%83--%D9%85%D8%B5%D8%B1--Egypt-->



Figura 94. Tweet mais retuitado – Julho/2013 - #egypt

Fonte: <https://twitter.com/TrendManiaC/status/351616211563458560>



Figura 95. Tweet com link mais retuitado – Julho/2013
Fonte: <https://twitter.com/BBCBreaking/status/352129844710096897>

BBC
News
Sport
Weather
Capital
Culture
Autos

NEWS MIDDLE EAST

Home
UK
Africa
Asia
Europe
Latin America
Mid-East
US & Canada
Business
Health
Sci/Environ

2 July 2013 Last updated at 17:00 GMT
Share
f
t
e
p

Egypt rivals take to streets ahead of Morsi deadline



President Morsi has criticised an army ultimatum

Opponents and supporters of Egypt's president have gathered in the capital, Cairo, as the deadline set by a protest group for him to leave power passed.

Tamarod (Revolt) had given Mohammed Morsi until 17:00 (15:00 GMT) to resign or face a civil disobedience campaign.

The ultimatum was issued on Monday, hours before the military itself warned it would intervene unless he reached an agreement with the opposition.

Mr Morsi criticised the statement, saying it "might cause confusion".

Egypt in crisis

Morsi on trial: Q&A

Trial about who rules Egypt

Egyptians split

'Tired, not defeated'

Figura 96. Link mais retuitado – Julho/2013 - #egypt
 Fonte: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-23142387>

4.8.3 Iêmen

País do sul da Península Arábica, resultante da fusão entre Iêmen do Norte (república islâmica) e Iêmen do Sul (república socialista), em 1990. Uma das maiores forças econômicas do país é a agricultura, devido à terra fértil, às grandes reservas de água e clima árido tropical nas regiões norte e tropical próximo à costa. Sua população é formada basicamente por árabes iemitas e africanos, quase todos muçulmanos.

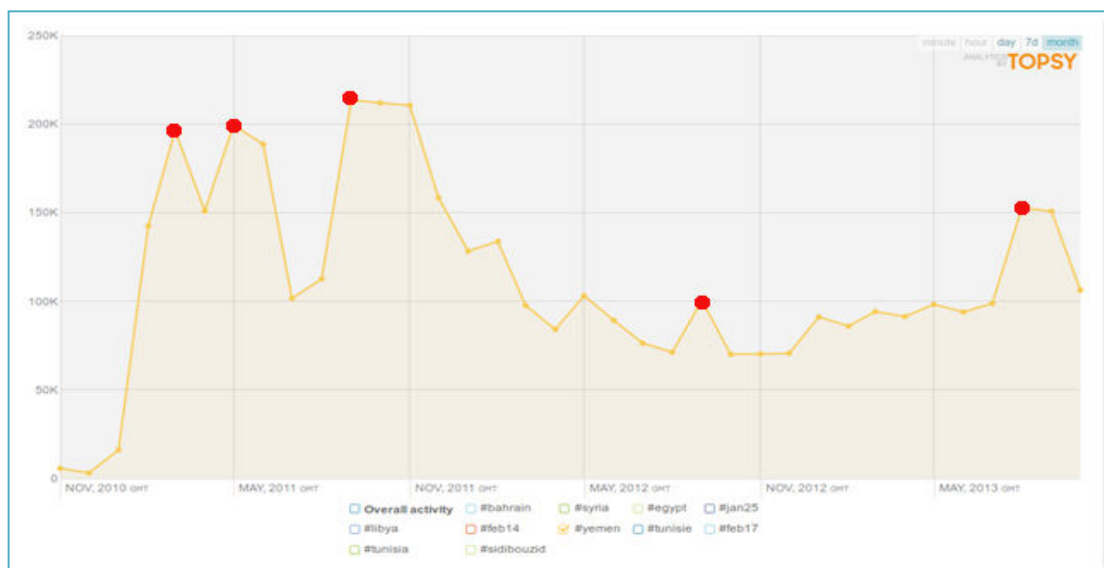
O Iêmen apresenta alto índice de analfabetismo, de mortalidade infantil e de desemprego, sendo o país mais pobre da Península Arábica. Ao contrário dos outros países da região, possui poucas reservas de petróleo. Este país é uma das poucas nações islâmicas onde a mulher tem direito a voto.

Estado fraturado numa nação debilmente unificada dividiu-se sob o ataque de um diversificado movimento de massa; parte do Exército ficou do lado dos manifestantes em sua demanda referente à renúncia do ditador Ali Abdullah Saleh. A natureza tribal do Iêmen e os movimentos separatistas do Norte e do Sul levaram a um empate forçado entre Saleh, com o apoio da Arábia Saudita, e o movimento democrático, que exigia uma nova Constituição e uma democracia real.

A suspeita da presença da Al Qaeda com maior intensidade que em qualquer outro país fez com que os Estados Unidos adotassem uma posição de extrema cautela, de modo que, em vez de algum apoio retórico ao movimento, a diplomacia americana deixou os sauditas a cargo de uma transição política controlada.

Para abordar o panorama dos movimentos sociais no Iêmen selecionamos a principal *hashtag* no Twitter, a saber: #YEMEN. O período selecionado para a pesquisa foi de novembro/2010 a outubro/2013. A frequência de *twitts* relacionados a esta *hashtag* está apresentada no Gráfico 21:

Gráfico 21. Frequência de Tweets no Iémen durante a Primavera Árabe #yemen
Período: Novembro 2010 a Maio 2013



Observamos a presença de cinco picos ou Tweets (picos) mais disseminados no triênio. A partir dessa escala, selecionamos os Tweets que iremos abordar, a fim de que as múltiplas narrativas presentes nas demandas do movimento possam ser expostas em tom qualitativo. A tabela abaixo esboça a seleção:

	1º twitte	Pico 1	Pico 2	Pico 3	Pico 4	Pico 5
#yemen	19/01/2011	Mar/2011	Mai/2011	Set/2011	Set/2012	Ago/2013

Tabela 6. Seleção de Tweets do Gráfico Iémen
Período: Nov. 2010 a Out. 2013

Observa-se, na tabela, que o mês de maior frequência de Tweets no Iémen durante a *Primavera Árabe* ocorreu em setembro de 2011. Contudo, sempre iniciamos nossa exposição pelo twitte inicial, ou seja, a primeira vez em que essa *hashtag* foi publicada, no período analisado e com o foco no contexto das manifestações, na rede social. Em seguida apresentamos os dados selecionados por ordem cronológica.

O primeiro tweet publicado referente aos protestos foi para o Twitter com a hashtag #yemen é de 19 de janeiro de 2011 postado às 6:17 AM e faz referencia à um jovem de 25 anos de idade desempregado que ateou fogo em si mesmo na manhã do dia 19 em Al Bayda, e que se encontrava no hospital.



Figura 97. Tweet mais replicado – Janeiro/2011 - #yemen
 Fonte: https://twitter.com/Dima_Khatib/status/27731252710744064

O tweet esclarece que é o primeiro suicídio iemenita desde o da Tunísia, do #sidibouزيد. Dilma Khatib é uma influente ativista, repórter e assume o ser “ponte” entre o mundo árabe e o ocidente. Posição estratégica na tática de guerrilha.



Figura 98. Tweet mais retuitado – Março/2011 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/Ghonim/status/52380337308844032>

A mensagem não necessita de maiores explicações, mas de qualquer maneira o perfil de Wael Ghonim que se identifica como *uma pessoa em constante mudança, um Internet Geek, egípcio que ama desafiar o status quo*, e vinculado também à TahrirAcademy.org, assumindo também um papel de “ponte”. Foram identificados 11 seguidores do perfil de Wael

Ghonim em comum com o perfil da pesquisadora, em outras palavras, a pesquisadora segue 11 perfis no Twitter que por sua vez seguem o perfil de Wael Ghonim. Destacamos a presença de perfis institucionais e pessoais.

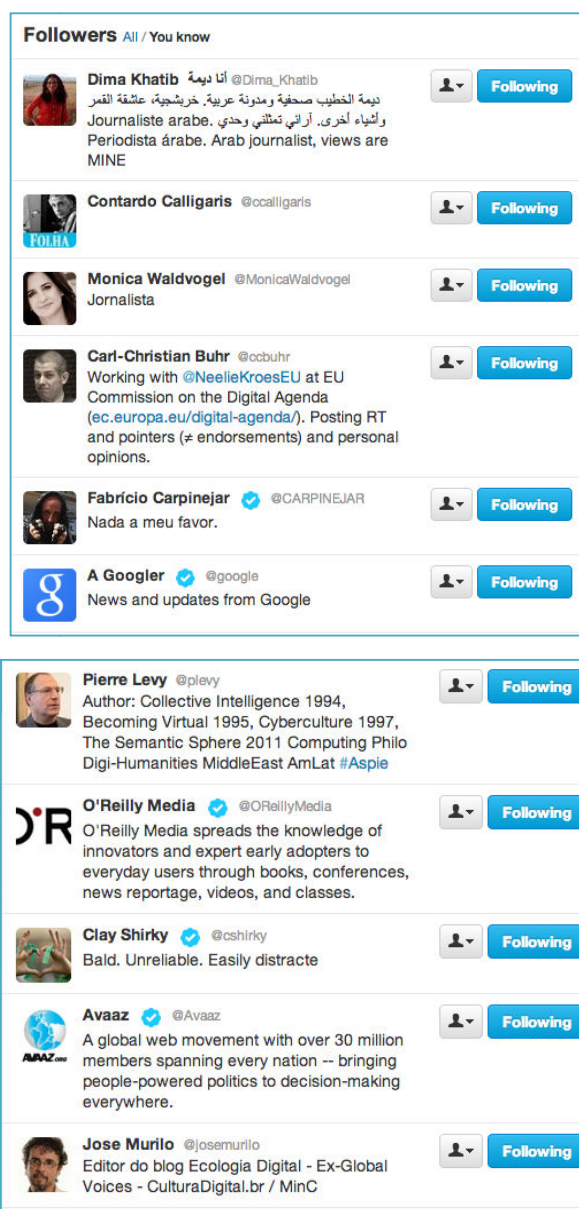


Figura 99. Rede perfis seguidores de @Ghonim

Perfis institucionais como o Avaaz, essencialmente um grupo ligado ao ativismo online e a mobilização política pela rede, através de divulgação de informações e causas que necessitem apoio de pessoas e engajamento principalmente pela rede. Os perfis institucionais são relacionados principalmente à tecnologia, ativismo digital. AGoogler, O'Reilly Media e

Avaaz⁶⁵. Pensadores, pensadores e ativistas da Cultura Digital também figuram na lista, como Pierre Levy, Clay Shirky, José Murilo, e Carl-Christian Buhr.

Há também a presença de jornalistas e escritores ligados à algum grande grupo de mídia, como a jornalista Monica Waldvogel, Contardo Calligaris e Fabricio Carpinejar. A jornalista independente - "ponte" - Dilma Khatib também aparece nessa rede. Essa rede diz mais da pesquisadora do que do propriamente dito perfil de Wael Ghonim, mas é de se destacar a importância da identificação desses profissionais, mais independentes ou não, na produção dessa rede de opiniões, de fronteiras transacionais. A tendência desse momento híbrido é que, cada vez mais, redes de opinião enfrentarão outras redes de opinião. E a emergência dessas redes, impermanentes, faz valer o espontâneo, o instantâneo, o testemunhal, afirmando uma agenda informativa tanto entre as redes online quanto nos veículos profissionais de imprensa.

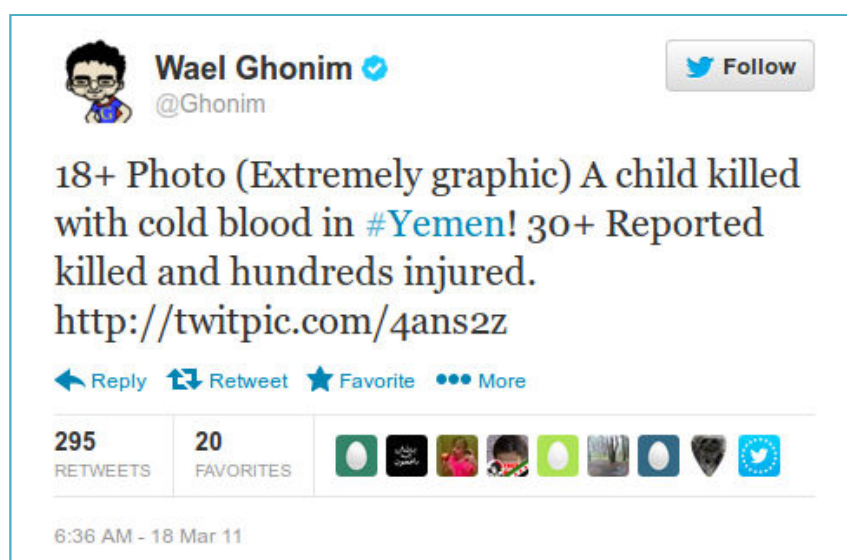


Figura 100. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #yemen (link inativo)
Fonte: <https://twitter.com/Ghonim/status/48739546166341632>

⁶⁵ Avaaz aparece como um microcase nessa pesquisa no Anexo I.



Figura 101. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #yemen (link inativo)
 Fonte: <https://twitter.com/AJELive/status/49835608025210881>



Figura 102. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/UN/status/46691962409066498>

Dentre os tweets com o link mais retuitados em março, esse foi o primeiro com o link ativo. O link direcionava para a página da ONU, em que havia sido publicada a notícia sobre violação de direitos humanos em três nações do mundo árabe: Iémen, Arábia Saudita e Bahrein. O artigo ainda trazia informações sobre os movimentos sociais na Tunísia e no Egito.


UN News Centre
 with breaking news from the UN News Service

UN sounds alarm on human rights issues in Bahrain, Yemen and Saudi Arabia



11 March 2011 – The United Nations human rights office voiced concern today about the ongoing situation in Bahrain, Yemen and Saudi Arabia, three Middle East countries where public protests against long-term leaders or regimes have been mounted in recent weeks.

The Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR) has received an allegation that a message is circulating on social networking websites calling for three human rights defenders in Bahrain to be “killed and liquidated,” OHCHR spokesperson Rupert Colville told journalists today in Geneva.

The names, addresses, telephone numbers and other personal details about the three human rights defenders are identified, and their photographs are also shown, Mr. Colville said, noting that the message describes the three defenders as “traitors” and “heads of sedition and incitement.”

He said OHCHR was “extremely concerned about these threats, which clearly constitute incitement, and calls upon the authorities to ensure effective protection for the three named individuals.”

In Yemen, OHCHR is expressing concern following allegations that Government security forces have used excessive force against demonstrators and opposition figures. At least 37 protesters and six security officers are reported to have been killed so far since the unrest began.

“We call on the Government to exercise restraint and to investigate all allegations of extrajudicial killings and human rights violations by the country’s security forces,” Mr. Colville said.

Security forces are alleged to have killed two demonstrators at the University of Sana’a on 9 March, a day after dozens of students were injured following a similar protest. Other incidents include the reported killing of inmates at a prison in Sana’a and the slaying of two protesters on 4 March near the town of Harf Sufyan.

Turning to Saudi Arabia, OHCHR voiced concern about the “very tense” situation after live fire was reportedly used against demonstrators in the country’s east yesterday and a number of people were arrested.

“As in other such situations in the Middle East, we urge restraint on the part of the authorities – and the protesters,” Mr. Colville said. “We also stress that people should be allowed to exercise their internationally recognized rights to freedom of assembly and freedom of expression.”

Public protests have swept across the wider Middle East and North Africa since the start of the year, leading to the toppling of the long-term leaders of Tunisia and Egypt.

 123
  Like

 377
  Tweet

 0
  g+1
  3

 Share
  Print

Figura103. Hiperlink mais retuitado – Março/2011 - #yemen

Fonte: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=37746&Cr=bahrain&Cr1=#.Up8cFkPCMkE>



Figura 104. Tweet mais retuitado – Maio/2011 #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/Ghonim/status/64900019895013376>



Figura 105. Tweet com hiperlink mais retuitado – Maio/2011 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/Ghonim/status/69192183982473216>

O tweet com hiperlink mais retuitado no mês de maio/2011, apresentava link inativo. Contudo, havia uma mensagem mencionando o Yemen na rede social. Quem são esses grupos

que solicitaram a retirada de mensagens do YouTube?

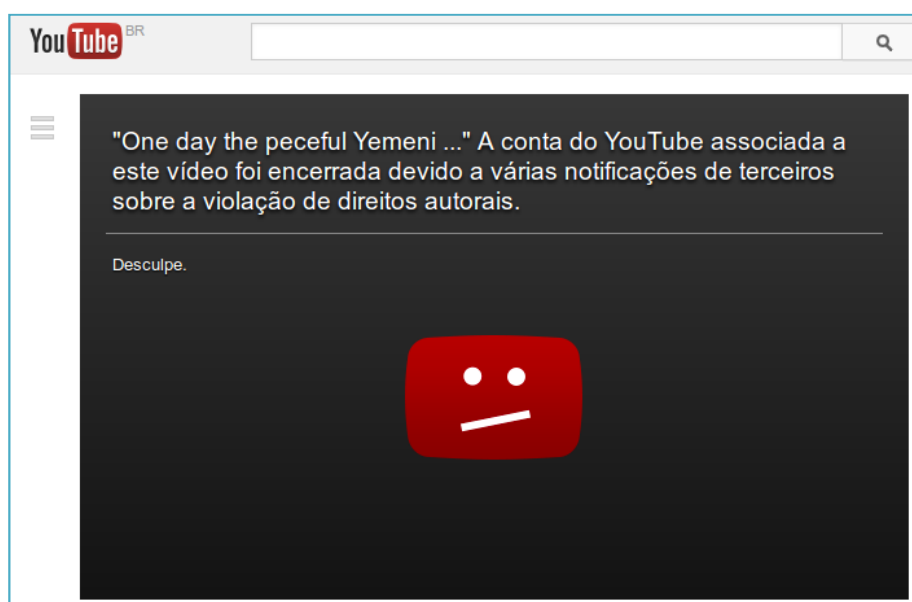


Figura 106. Link mais retuitado – Maio/2011 - #yemen
 Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=p1u4WK9ZbvU>



Figura 107. Link mais retuitado – Maio/2011 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/UN/status/69235499180621824>


UN News Centre
 with breaking news from the UN News Service

UN officials warn of escalating human rights violations across Middle East



Human Rights Council meets on Syria. UN Photo/Pierre Albouy

13 May 2011 – United Nations human rights officials today voiced deep concern about the situation in Syria, Bahrain and Yemen, where rights violations have escalated as governments respond to ongoing protests for greater democracy and reform with deadly crackdowns.

The Office of the High Commissioner for Human Rights (OHCHR) said it has received reports that the Bab Amr residential district of the Syrian city of Homs was shelled on Wednesday and that many opposition leaders and activists have been across the country.

 198

 Like

276

 Tweet

Figura 108. Link mais retuitado – Maio/2011 - #yemen

Fonte: <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=38368&Cr=Syria&Cr1=#.Up7nlEPCMkF>

Aparecem ao longo dos posts destacados dos Picos notícias, vídeos à eles linkados perfis institucionais como da @UN (United Nations) também com característica transacionais, midiáticos e de direitos humanos, como o grupo Al Jazira. @AJLive. Quatro links para fotos e notícias estavam inválidos e o vídeo vinculado no dia 13 de Maio de 2011, com o aviso que a conta do YouTube associada ao vídeo fora encerrada devido à várias notificações de terceiros sobre violação dos direitos autorais. Aqui também chamamos a atenção para a delicada

fronteira entre as relações de interesses, a pressão política e econômica dos grandes grupos da internet, como o Google, e os usuários e cidadãos em rede. Direito a privacidade, liberdade de expressão e informação, neutralidade da rede, são temas de extrema importância se quisermos garantir os princípios de liberdade da internet.

Em setembro de 2012, a embaixada dos Estados Unidos foi atacada, configurando um movimento maior na região pois varias embaixadas americanas foram atacadas em curto espaço de tempo.



Figura 109. Tweet mais retuitado – Setembro/2011 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/NABEELRAJAB/status/115826016664035328>



Figura 110. Tweet mais retuitado – Setembro/2011 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/NABEELRAJAB/status/110263147465682944>

Ahram Weekly Ahram Hebdo Ahram Online رئيس التحرير: عبدالسلام رئيس مجلس الإدارة: عمر سامي

الآن الخبر... الآن

الرئيسية | أخبار | حوادث | محافظات | اقتصاد وبورصة | ثقافة وفنون | صحافة وتوك شو

لا تغيب عنها الشمس
90 أول كومباوند في مصر بتقنية النباتات الخضراء Florenta

أخبار > ثقافة وفنون >

رئيس تحرير لوموند دبلوماسي: تحالف خليجي غربي لإفشال الربيع العربي

محمد سعد

Follow 2,062 Tweet 244 Like 1 7440 5 09:17 | 4-9-2011



ثورة 25 يناير

قال المعارض السوري سمير العبيطة رئيس تحرير النشرة العربية لصحيفة "لوموند دبلوماسي" الفرنسية إن الثورة في مصر لم تنته بل هي في أول الطريق واحتمالات الخطر والفشل التي تحنق بها أكثر بكثير من احتمالات النجاح. ولوضح العبيطة في الندوة التي عقدت مساء أمس بدار ميريت للنشر أن مخاطر الثورة المضادة التي تقودها دول خليجية بالتعاون مع الغرب كبيرة، وأشار إلى

Figura 111. Hiperlink mais retuitado – Setembro/2011 - #yemen
Fonte: <http://gate.ahram.org.eg/News/111475.aspx>

شبكة اهل السنة @ahlalsunna2

Follow

نطالب الناييل سات و العرب سات اغلاق القنوات الشيعية
التحريضية اللي موافقني ريتويت
#syria #ksa #ahwaz #yemen #Bahrain #kuwait #ksa

Reply Retweet Favorite More

259 RETWEETS 6 FAVORITES

12:21 PM - 6 Sep 12

Figura 112. Tweet mais retuitado – Setembro/2012 - #yemen
Fonte: <https://twitter.com/ahlalsunna2/status/243791165940457473>



Figura 113. Tweet com link mais retuitado – Setembro/2012 #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/cnnbrk/status/246616398946770945>



Figura 114. Tweet mais retuitado – Agosto/2013 - #yemen
 Fonte: <https://twitter.com/eymenerden/status/368847142778961921>

O último tweet, mais do que a mensagem, destaca-se o formato de inserir em uma mesma imagem pessoas ocupando as ruas de diferentes cidades e países. Esse tipo de tweet foi replicado como um dispositivo comunicacional, uma síntese na maioria dos protestos, inclusive

no Brasil.

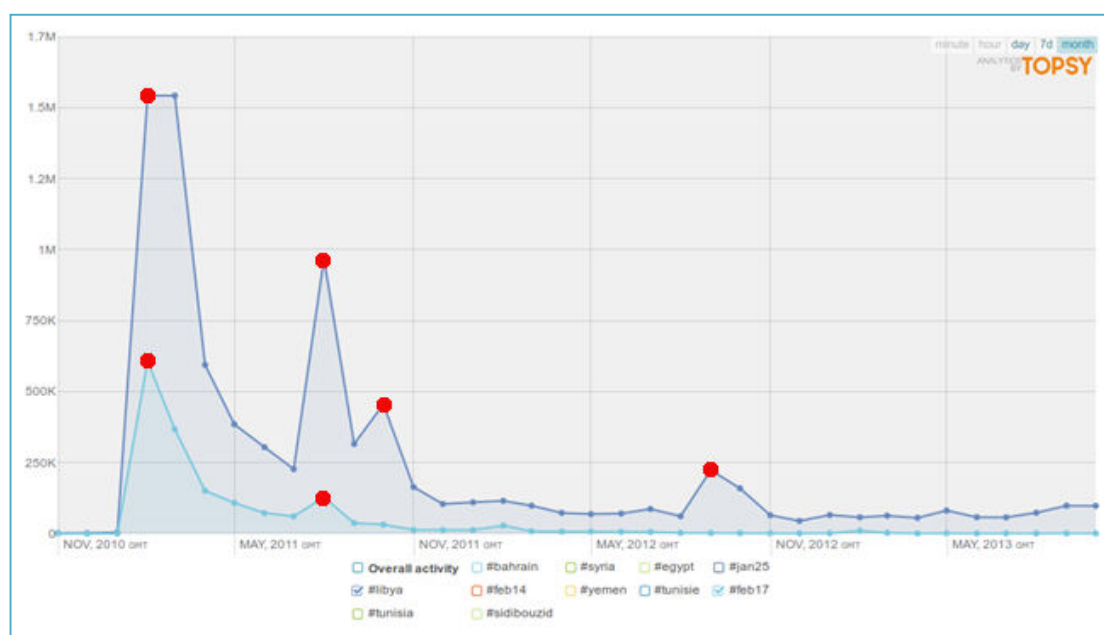
O efeito é percebermos que o movimento é muito maior e esta em rede, é simultâneo em muitos lugares no mundo. Anuncia esse novo momento em que vivemos, em que ocorre a apropriação dos novos meios de comunicação e as novas práticas políticas em rede.

4.8.4 Líbia

Na Líbia, a expressão das tribos e rivalidades entre o Oeste e o Leste do país mantinham-se reprimidas ou subjugadas por elites e famílias em que se concentravam o poder. Produtos como o petróleo e o gás estavam sob o domínio dessas famílias entre elas a de Kadafi. Essas famílias mantinham o domínio por meio de uma guarda bem treinada, formada por nativos ou soldados mercenários de outros países. O patronato era a forma de regime que governava as tribos e manipulava o jogo político das rivalidades a favor de poucos.

As revoltas iniciaram-se na Líbia em 17 de fevereiro após convocação realizada pelas redes sociais e por celulares. As rebeliões regionais contra os patronatos transformaram-se em guerra civil. Houve intervenções de países europeus na tentativa de conter as manifestações, sobretudo visando garantir o controle do petróleo e do gás.

Gráfico 22. Frequência de Tweets na Líbia durante a Manifestação Árabe - #feb17 e #libya
Período: Novembro 2010 a Outubro 2013



Hashtag	1º tweet	Pico 1	Pico 2	Pico 3	Pico 4
#feb17	28/01/2011	Fev/2011	Ago/2011		
#libya	10/01/2011	Fev/2011	Ago/2011	Out/2011	Set/2012

Tabela 7. Seleção de Tweets do gráfico Líbia x hashtags
Período: Nov. 2010 a Out. 2013

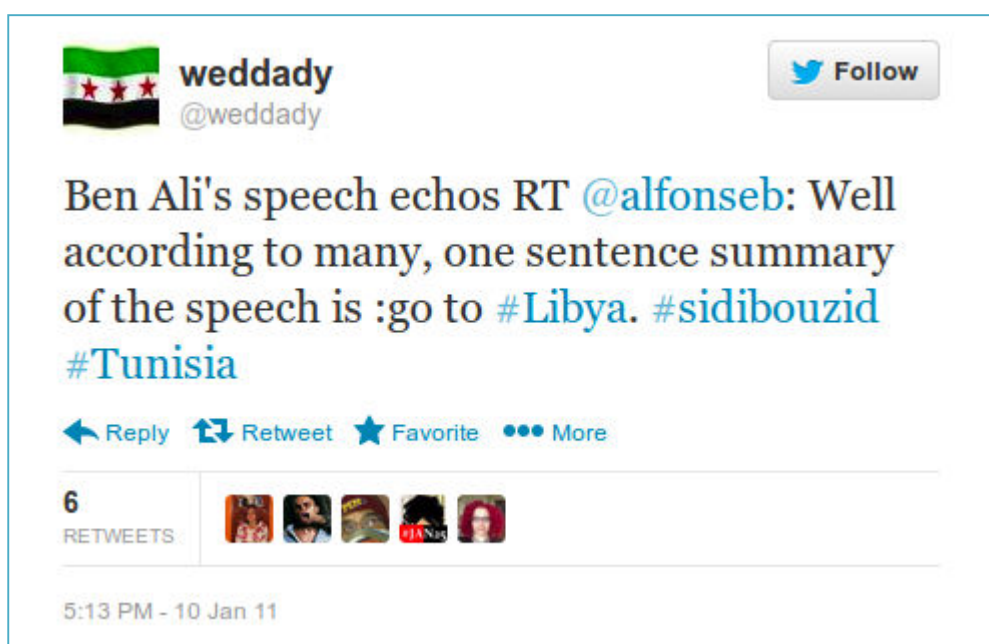


Figura 115. Primeiro tweet – Janeiro/2011 - #libya
 Fonte: <https://twitter.com/weddady/status/24635040667271168>



Figura 116. Primeiro tweet – Janeiro/2011 - #feb17
<https://twitter.com/HerrEsharif/status/31136417652412417>

#feb17 – Fevereiro/2011



@thealexandrian Youssef Chouhoud 2K followers

#Mubarak was bad for the country, but #Gadafi is bad for HUMANITY. #Libya #Egypt #Feb17 #Jan25

Feb 21 2011 4:17pm GMT (3 years ago)    



@Jnoubiyeh Sarah Abdallah 14K followers

The death toll keeps rising in #Libya. At least 500 Libyans are estimated to have been murdered by #Gaddafi since the uprising began. #Feb17

Feb 20 2011 6:24am GMT (3 years ago)    



@dima_khatib Dima Khatib 265K followers

Régimen en #Libia está usando mercenarios africanos, ni siquiera entienden árabe, para reprimir a los manifestantes sin piedad #libya #feb17

Feb 19 2011 2:40pm GMT (3 years ago)    



@shabablibya LibyanYouthMovement 110K followers

BREAKING CONFIRMED: Protestors in Zawia has burned down Gaddafi's house and now heading towards Tripoli. #feb17 #gaddaficrimes #libya

Feb 20 2011 2:49pm GMT (3 years ago)    



@omaralmu5tar Omar A. 1K followers

Message from someone in libya: "Tell the world we died for our country tell them we died with honor. Goodbye" #Libya #feb17

Feb 22 2011 5:55am GMT (3 years ago)    

Figura 117. Tweets mais retuitados – Fevereiro/2011 - #feb17



LibyanYouthMovement 

@ShababLibya



BREAKING: Post this link on ur pages to urge UN &the world to aid Libya:
<http://www.petitiononline.com/Mukhtar1/petition.html> #libya #feb17

360
RETWEETS

15
FAVORITES



2:02 AM - 21 Feb 11

Figura 118. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2011 - #feb17
 Fonte: <https://twitter.com/ShababLibya/status/39625969220333568>



Stop the Massacre - Save the Libyans

Author:
n/a

Send To:
His Excellency Ban Ki Moon, the Secretary General of the United Nations

Sponsored By:

More Info at:

[Are you the Author?](#)

The international news organizations are broadcasting atrocities that are being committed against unarmed civilians in Libya that could be considered crimes against humanity.

This country has been ruled with an iron fist for the past 42 years by the notorious regime of Muammar Gaddafi. While claiming to have a unique form of direct democracy, the regime has never tolerated any dissent, and has carried out many atrocities over the decades it has been in power oppressing its people, including public hangings, long-term imprisonments without trial, and the infamous massacre of 1270 prisoners in the Abusleem prison in Tripoli in 1996. Libya has no constitution, parliament, elections or free press. All political activities and parties are banned.

The Libyan people have risen in a wide wave of protests since February 15th that are turning into a bloodbath due to the vicious repression of these protests that the rulers of Libya have unleashed on its citizens. Hundreds of deaths and thousands of injuries are being reported, with graphic evidence posted all over the Internet. This has got to stop. Nobody believes the denials and feeble excuses of the Libyan government's representatives.

We demand that all free world governments and international organizations take immediate action to:

Condemn all military actions against civilians all over Libya, and demand that the Libyan regime immediately stop all such actions and stop repression of any free peaceful protests

Demand that the Libyan rulers allow international media and international humanitarian organizations free, unhindered and safe access to all parts of the country

Demand that the Libyan government resume provision of food, medicines and medical supplies and permit the delivery of such supplies as humanitarian aid to the eastern region of Libya through all border points and airports

Immediately put in place an embargo on export of any materiel or equipment of any military or security nature to Libya to limit loss of life and casualties

Conduct an International inquiry into recent events and hold all responsible to international Justice.

8639
Signatures!

[View Signatures](#)

Figura 119. Link mais retuitado – Fevereiro/2011 - #feb17
<http://www.petitiononline.com/Mukhtar1/petition.html>

#libya – Fevereiro/2011

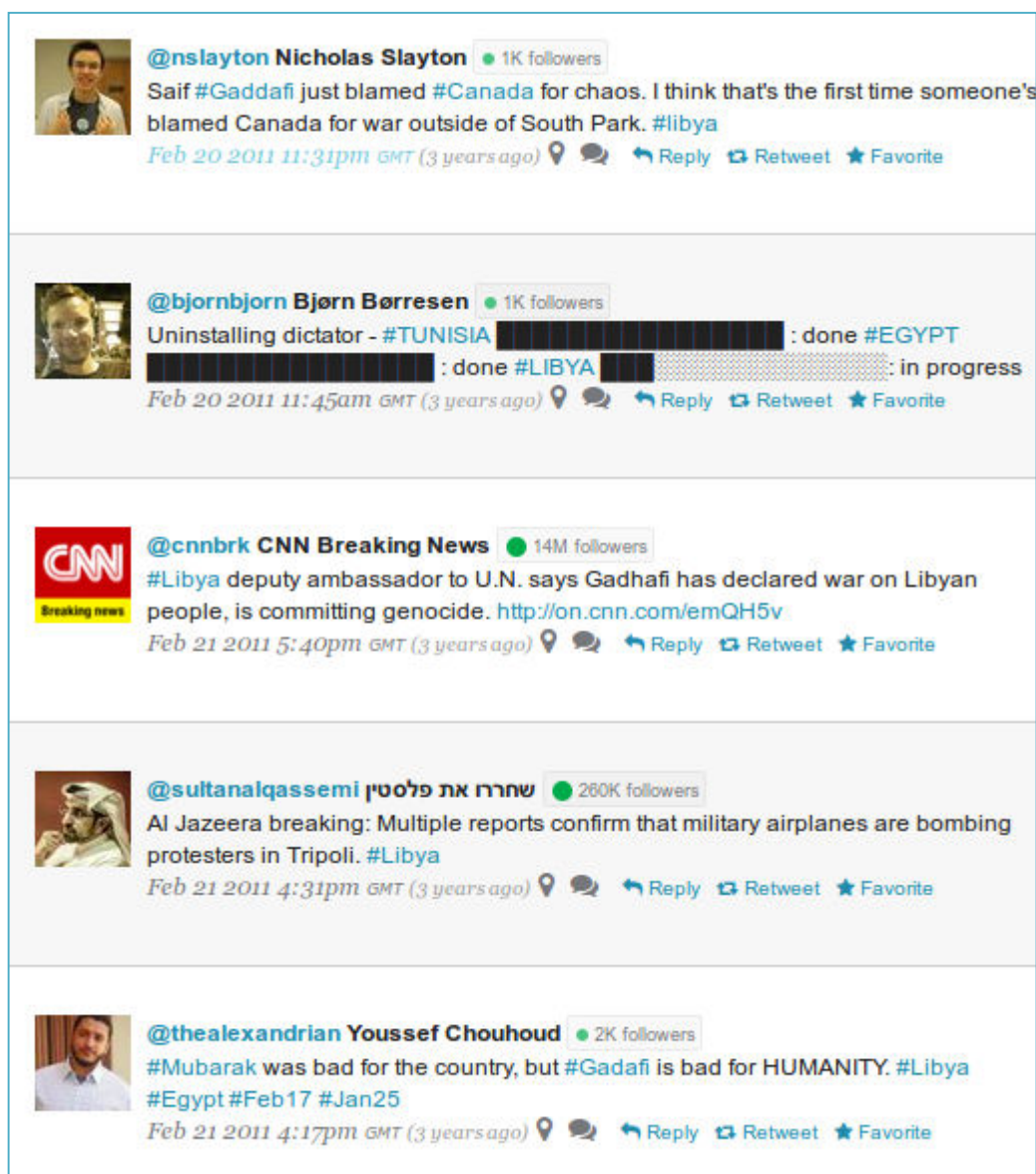


Figura 120. Tweets mais retuitados – Fevereiro/2011 - #libya



Fig 121. Tweet com hiperlink mais retuitado #libya
 Fonte: <https://twitter.com/cnnbrk/status/39741321644085248>



Figura 122. Link mais disseminado – Fevereiro/2011 - #libya
<http://news.blogs.cnn.com/2011/02/21/live-blogging-north-africa-middle-east-protests/>

#libya – Agosto/2011

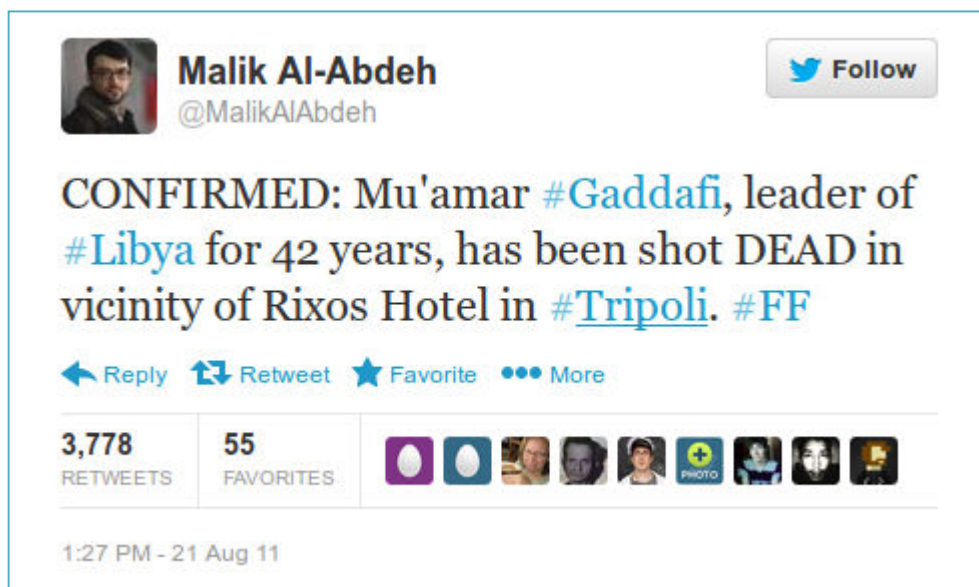


Figura 123. Tweet mais retuitado – Agosto/2011 - #libya
Fonte: <https://twitter.com/MalikAlAbdeh/status/105375443460423680>

Em Agosto/2011, o tweet mais retuitado do mês mencionava a morte do ditador Muamar Gaddaffi em Trípoli.



Figura 124. Tweet com link mais retuitado – Agosto/2011 - #libya
Fonte: <https://twitter.com/mchancecnn/status/105801089168842752>

No dia seguinte, o *twitt* cujo link fora mais retuitado no mês de agosto trazia a foto do ditador, desmentindo a sua morte.

#feb17 – Agosto 2011



Figura 125. Tweet mais retuitado – Agosto/2011 - #feb17
 Fonte: <https://twitter.com/democracynow/status/106781415089250304>



Figura 126. Tweet com link mais retuitado – Agosto/2011 - #feb17

DEMOCRACY NOW! A DAILY INDEPENDENT GLOBAL NEWS HOUR
with Amy Goodman & Juan González

Home Stations Past Shows Topics Blog Get Involved

HEADLINES | AUGUST 25, 2011 [FULL SHOW | FIRST STORY >](#)



DOWNLOAD: [VIDEO](#) [AUDIO](#) [GET CD/DVD](#) [+ MORE FORMATS](#)

[PRINTER-FRIENDLY](#)

NATO Aiding Libyan Rebels in Search for Gaddafi, Bounty Placed on Libyan Leader

Figura 127. Link mais retuitado – Agosto/2011 - #feb17
<http://www.democracynow.org/2011/8/25/headlines#4>

#libya – Outubro/2011



Figura 128. Tweet mais retuitado – Outubro/2011 - #libya
 Fonte: <https://twitter.com/BBCBreaking/status/126983472563761152>



Figura 129. Link mais retuitado – Outubro/2011 - #libya
 Fonte: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-15385955>

#lybia – Setembro/2012



Figura 130. Tweet mais retuitado – Setembro/2012 - #libya
 Fonte: <https://twitter.com/cnnbrk/status/245836459582570497>

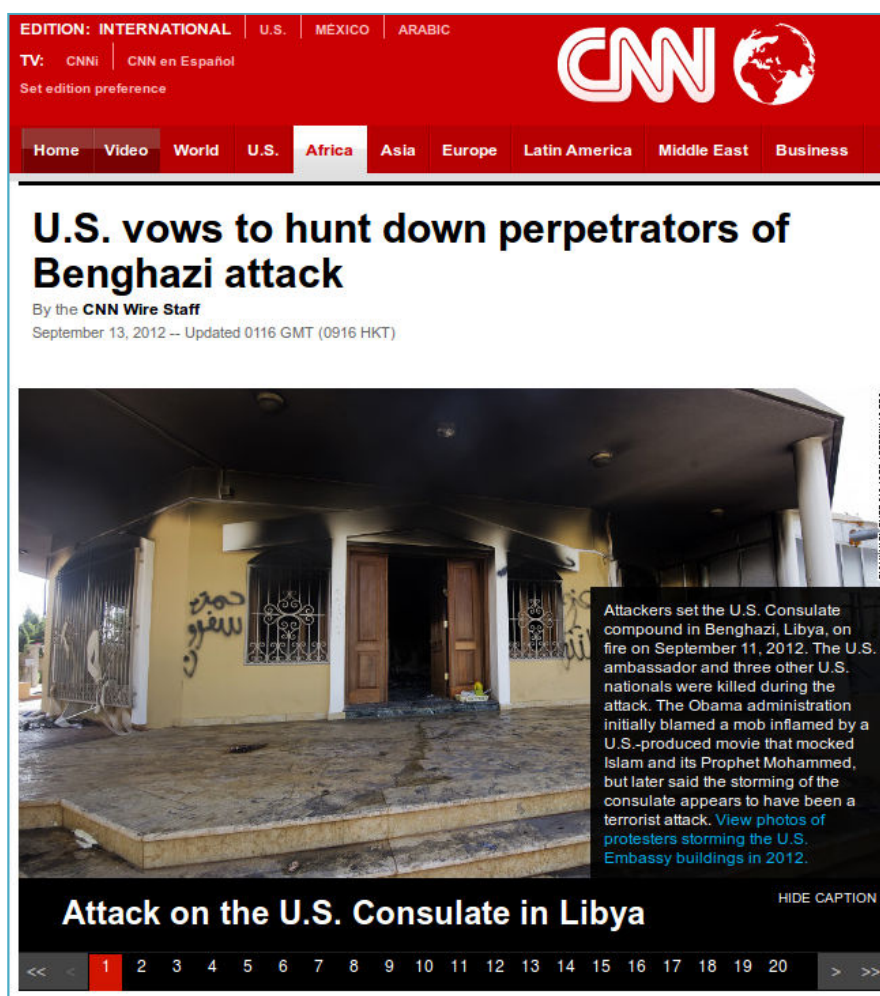
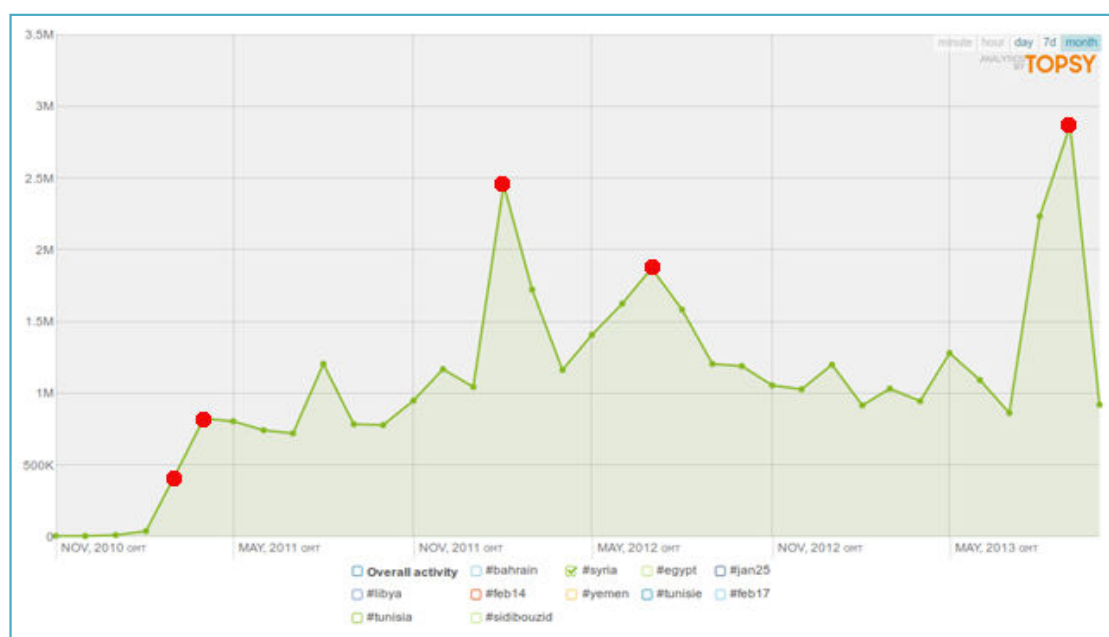


Figura 131. Link mais retuitado – Setembro/2012 - #libya
 Fonte: <http://edition.cnn.com/2012/09/12/world/africa/libya-us-ambassador-killed/index.html>

4.8.5 Síria

O ditador Bashar Hafez al-Assad liderava a Síria desde 2000 em continuidade ao regime político precedido por seu pai que vigorara por mais de trinta anos. Ele recebia o apoio das elites empresariais das cidades de Damasco e Aleppo. A Síria possui privilegiada posição geopolítica no cenário mundial. O país atua como “ponte” entre o Oriente Médio, Rússia e China. Por esse mesmo motivo, abriga bases militares internacionais. Em março de 2011, um ato de manifestação pública na cidade de Dera pedia o fim da ditadura e a instauração do regime democrático. A repressão policial impulsionou a ocorrência de outros atos de protestos. Em agosto de 2013, o país chamou a atenção da imprensa internacional devido ao arsenal de armas químicas (gás venenoso) utilizadas contra revoltas de civis que resultou na morte de mais de mil e quatrocentas pessoas⁶⁶. O ataque a civis gerou intervenções da ONU e ameaças de repressão dos EUA. As armas químicas da síria serviam como moeda de troca no governo do ditador. A Síria foi o país que mais se caracterizou pela resistência armada durante a Primavera Árabe e pela formação de um Exército Secreto Sírio. As demandas dos movimentos sociais no país concentraram-se em baixar o preço dos alimentos, acabar com a brutalidade policial e eliminar a corrupção política.

Gráfico 23. Frequência de Tweets na Síria - #sirya.
Período: Novembro/2010 a Outubro/2013



⁶⁶ Fonte: g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2013/09/russia-suspeita-que-ataque-quimico-na-siria-foi-provocacao-diz-chanceler.html Acesso em 10 set. 2013.

Hashtag	1º tweet	Pico 1	Pico 2	Pico 3	Pico 4
#syria	14/01/2011	Abr/2011	Fev/2012	Jul/2012	Set/2013

Tabela 8. Seleção de Tweets do gráfico #sírya
Período: Nov. 2010 a Outubro 2013

O tweet inicial dos protestos com a *hashtag* #syria foi publicado em 14 de janeiro de 2011, às 10 horas da manhã, pelo repórter especialista em temas sobre direitos humanos Josh Shahryar. Nele, o repórter faz uma convocatória para que o mundo acorde para a situação do país e estabelece a conversa no contexto das demais *hashtags* empregadas por outros manifestantes de países que vivenciavam a Primavera Árabe.



Figura 132. Tweet inicial – Janeiro/2011 - #sírya
Fonte: <https://twitter.com/JShahryar/status/25987253343883264>



Figura 133. Tweet mais retuitado – Abril/2011 - #syria
 Fonte: <https://twitter.com/andersoncooper/status/54010523284549632>

Em abril de 2011, o tweet mais retuitado foi o do jornalista e escritor norte-americano, vencedor do prêmio Emmy e principal âncora da CNN.



Figura 134. Tweet com link mais retuitado – Abril/2011 - #syria
 Fonte: <https://twitter.com/Ghonim/status/55071955317043200>

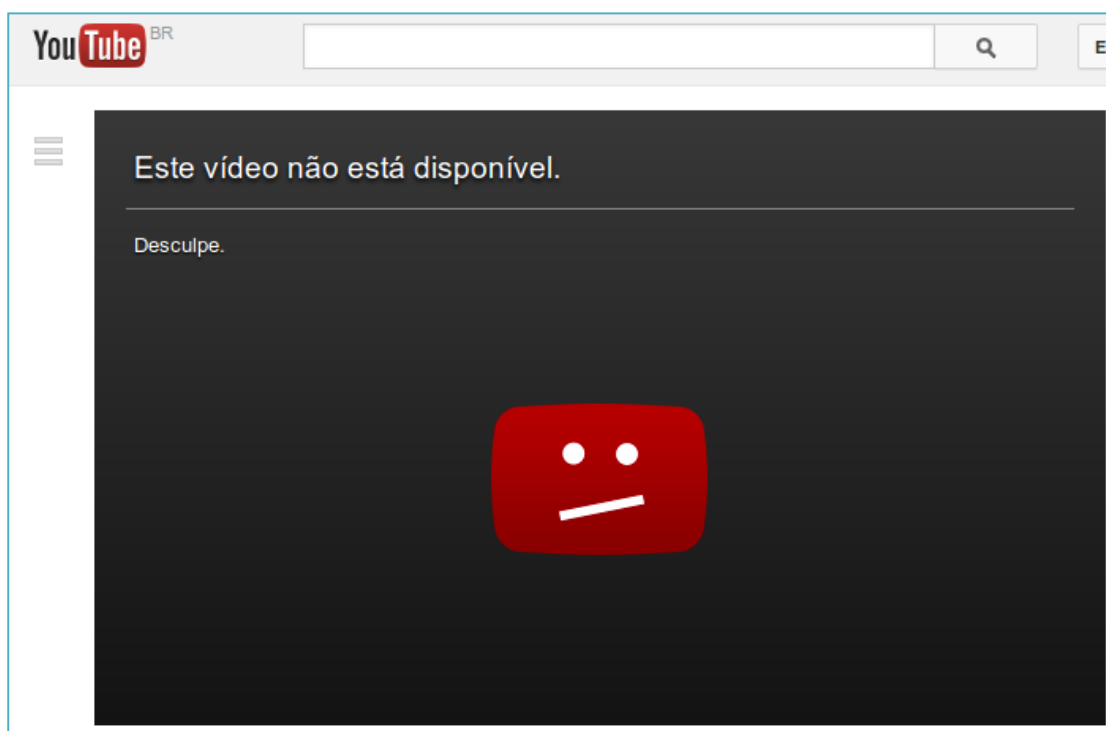


Figura 135. Link mais retuitado – Abril /2011 - #syria – Link inativo
 Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=J4dg_pFakqA

O link mais retuitado no mês de abril/2011 com a #syria foi encontrado inativo na internet.



Figura 136. Tweet com link mais retuitado – Abril/2011 - #sirya – com hiperlink ativo
 Fonte: <https://twitter.com/Ghonim/status/56443620080881664>

 **twitpic**

 **Wael Ghonim**
 @Ghonim
 Constantly Changing, Serious Joker, Internet Addict, Human, Egyptian who loves challenging status quo.



#Egypt protestors today in #Tahrir in solidarity with #Syria people

 10,256 970 days ago

Figura 137. Hiperlink ativo mais retuitado – Abril/2011 - #sirya
 Fonte: <http://twitpic.com/4iex05>



Figura 138. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya
 Fonte: <https://twitter.com/HazemAlarour/status/166889408027561984>



Figura 139. Tweet com link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #syria

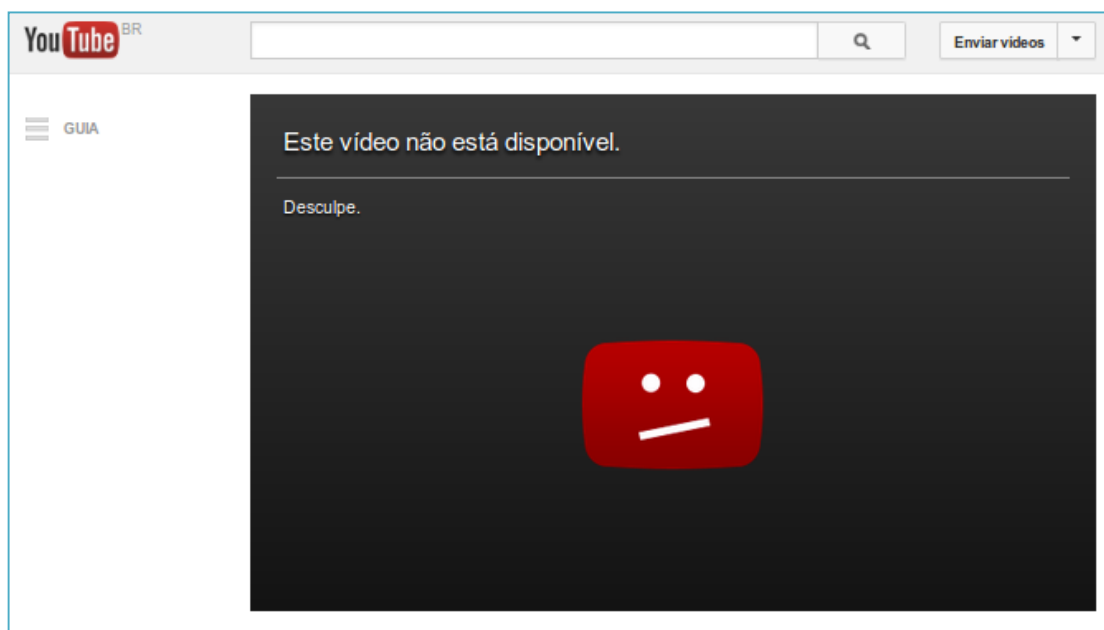


Figura 140. Link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya – link inativo
 Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=3fStrnPGrao>



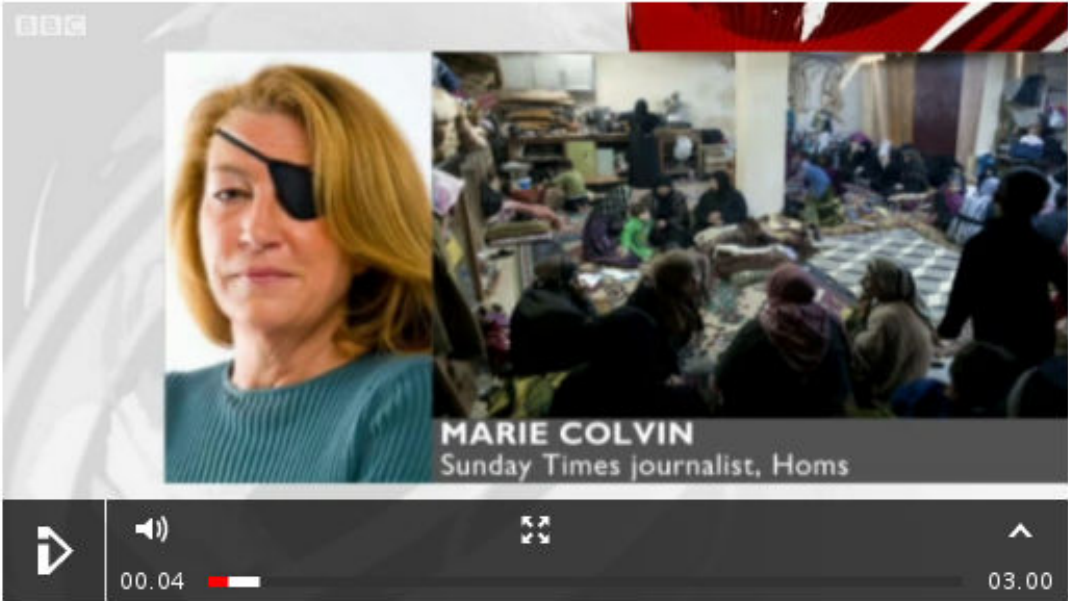
Figura 141. Tweet com hiperlink mais retuitado – Fevereiro/2012 - #syria – link ativo
 Fonte: <https://twitter.com/BBCBreaking/status/172279922746863616>

BBC News Sport Weather Capital Culture Autos

NEWS MIDDLE EAST

Home UK Africa Asia Europe Latin America Mid-East US & Canada Business Health Sci/Environment

Journalist Marie Colvin in Homs: 'I saw a baby die today'



MARIE COLVIN
Sunday Times journalist, Homs

21 February 2012 Last updated at 17:58 GMT

Parts of the Syrian city of Homs are being bombarded by shells in what witnesses are describing as the heaviest attack in days.

Sunday Times reporter Marie Colvin is the only British newspaper journalist in Homs.

Footage by cameraman Paul Conroy was filmed on 17 February

Update February 22 2012: Since this report, Marie Colvin has been named as one of two Western journalists killed in the Syrian city of Homs, when shells hit the building they were staying in. French photographer Remi Ochlik was also killed, along with several other people, according to local reports.

Figura 142. Link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #sirya
<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-17120484>



محمد العوضي
@mh_awadi




مقطع مؤلم لأب أمام ابنه ذوال-14 سنة يلقنه الشهادة وهو مصاب
بقذيفة عصابات بشار
رب إلى من تكلمهم رب نصرك أوسع لهم
youtu.be/fnXN2JMmZQ8
#syria

 View translation

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More

 YouTube

...س يبلت يز ان ذيم دمحم ميركل ا دب ع ل فطل ا دي مثل ا دل او



0:00 / 1:32

والد الشهيد الطفل عبد الكريم محمد ميزناري تليسة
2012-2-25
الأب يلقي الابن الشهادة مؤثر جدا

[View on web](#)

657
RETWEETS

81
FAVORITES



5:35 AM - 28 Feb 12 Flag media

Figura 143. Link mais retuitado (2º lugar) – Fevereiro/2012 – Syria
Fonte: https://twitter.com/mh_awadi/status/174412502078201857



Figura 144. Tweet mais retuitado – Julho/2012 - #sirya
 Fonte: <https://twitter.com/NewsSyRev/status/226279551502778368>



Figura 145. Tweet com hiperlink mais retuitado – Julho/2012 - #sirya
 Fonte: https://twitter.com/Syria_AlHadath/status/221833038680702977



سوريا الحدث

@Syria_AlHadath



تم ايقاف حسابنا و التهديد بالايقاف النهائي
لذلك نرجوا دعمكم [بالرتويت + فلو]
[#syria سوريا]

صورة الانذار النهائي || pic.twitter.com/9jjtgsCZ

Reply Retweet Favorite More

Your account has been suspended

Twitter has automated systems that find and remove multiple automated spam accounts in bulk. Unfortunately, it looks like this account, [@Syria_AlHadath](#), got caught up in one of these spam groups by mistake.

We apologize for this inconvenience. It's possible your account posted an update that appeared to be spam, so please be careful what you retweet. You might also want to review our help page for hacked or compromised accounts: <https://support.twitter.com/articles/31796>.

You will need to change your behavior to continue using Twitter. Repeat violations of the [Twitter Rules](#) may result in the permanent suspension of your account.

To continue using this account, please confirm below:

Complete the captcha below:




1,751

RETWEETS

43

FAVORITES



5:26 AM - 18 Jun 12

Flag media

Figura 146. Link mais retuitado – Julho/2012 - #sirya
Fonte: https://twitter.com/syria_alhadath/status/214695523817492480

#sirya – Setembro/2013



@iamww3 WW3 Probs 16K followers

Such a beautiful night to watch nukes fly across the sky #nukes #syria #ww3

Sep 4 2013 2:03am GMT (3 months ago)    Reply  Retweet  Favorite



@madeincanada Cause We're Canadian 84K followers

The US is threatening to attack #Syria. Meanwhile, in Canada.. <http://t.co/HqZonB6JWg>

Sep 9 2013 8:21pm GMT (2 months ago)    Reply  Retweet  Favorite



@repjustinamash Justin Amash 46K followers

RT if you oppose U.S. military action in #Syria.

Sep 7 2013 9:20pm GMT (3 months ago)    Reply  Retweet  Favorite



@charlespgarcia Charles Garcia 370K followers

Poll: Majority Of Americans Approve Of Sending Congress To #Syria <http://buff.ly/18xkbaT> RT @Politics_PR (@charlespgarcia)

Sep 6 2013 1:02pm GMT (3 months ago)    Reply  Retweet  Favorite



@repjustinamash Justin Amash 46K followers

If you're voting yes on military action in #Syria, might as well start cleaning out your office. Unprecedented level of public opposition.

Sep 5 2013 7:12pm GMT (3 months ago)    Reply  Retweet  Favorite

Figura 147. Top Five Tweets mais retuitados – Setembro/2013 - #sirya



Figura 148. Tweet com link mais retuitado – Setembro/2013 - #sirya
Fonte: <https://twitter.com/MadeInCanada/status/377164859378376704>



Charles Garcia ✓
 @charlespgarcia




Poll: Majority Of Americans Approve Of
 Sending Congress To #Syria
buff.ly/18xkbaT
 RT @Politics_PR
 (@charlespgarcia)

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More


The Onion

Poll: Majority Of Americans Approve Of Sending Congress To Syria

WASHINGTON—As President Obama continues to push for a plan of limited military intervention in Syria, a new poll of Americans has found that though the nation remains wary over the prospect of...



[View on web](#)

2,155
 RETWEETS

594
 FAVORITES



10:02 AM - 6 Sep 13
 Flag media

Figura 149. Tweet com link mais retuitado – Setembro/2013 - #syria
 Fonte: <https://twitter.com/charlespgarcia/status/375967262446215168>

4.8.6 Bahrein

Situado no Golfo Pérsico, o Bahrein é um arquipélago de pequena extensão, da qual o mundo ocidental recebe notícias, todos os anos, por meio do famoso Grand Prix de F1 – Fórmula 1 – do qual o país passou a fazer desde 2004, oferecendo um dos circuitos mais modernos da modalidade esportiva. Contudo, o que não é veiculado com frequência pela mídia televisiva para o mundo ocidental é a situação de extrema violência e repressão acometida pela polícia local aos habitantes do país.

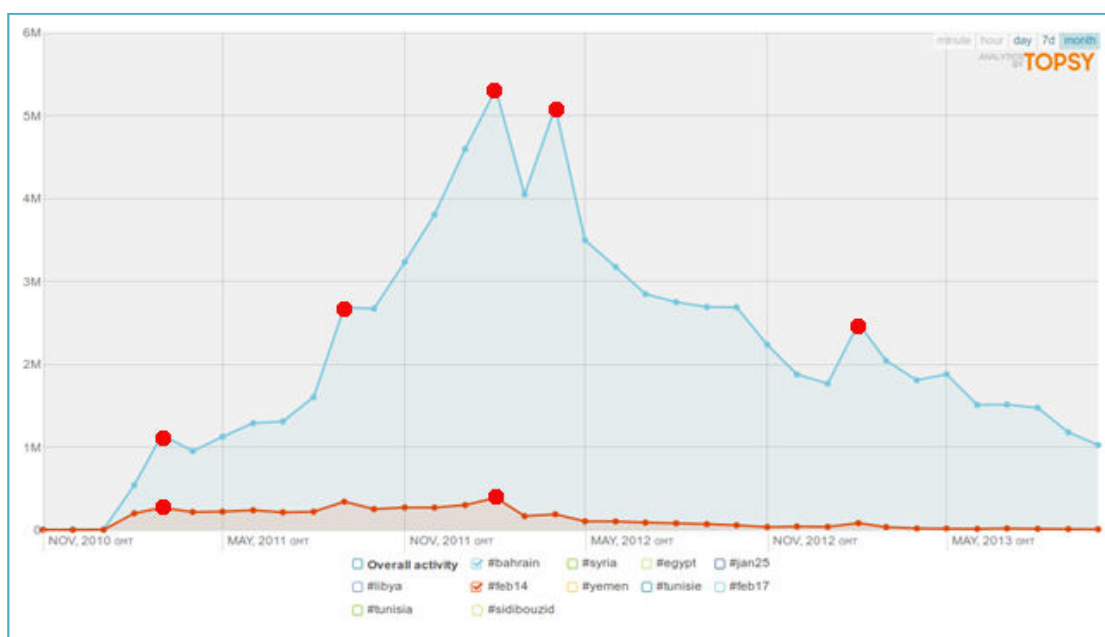
O governo do Bahrein é composto por uma monarquia constitucional, na qual reina o Rei Hamad Bin Isa Al Khalifa. O primeiro ministro e todos os ocupantes do gabinete pertencem à família real. A monarquia é apoiada pela Arábia Saudita e por países vizinhos.

Enquanto a maioria da população do país é xiita, a família real é sunita. Dentre as primeiras demandas dos protestos que fizeram parte da Primavera Árabe estava o fim da discriminação de cunho religioso contra a maioria da população do país. Outras demandas foram por um sistema parlamentarista, por maior liberdade democrática. O massacre ocorrido de 17 de fevereiro de 2011 na cidade Manama ficou conhecido com Quinta-Feira Sangrenta. Cercados por tropas militares e tanques de guerra, os manifestantes que se reuniam pacificamente na praça sofreram repressão brutal em que dezenas ficaram feridos.

Uma das táticas mais utilizadas pela população como forma de protesto é a reunião de pequenos vídeos feitos pela população utilizando câmeras de celular sobre a violência policial em um único conteúdo, postado estrategicamente por outras pessoas na internet. Ao observar esses vídeos, percebe-se um status aproximado ao de extermínio humano e de violência gratuita por parte da polícia ao mesmo tempo o temor e várias estratégias de disfarce daqueles que conseguem as imagens.

Apesar de ser um país de pequenas proporções, a #bahrein dentre todas as demais apresentadas nessa pesquisa, foi a que obteve maior escala e permanência no período da *Primavera Árabe*, o que demonstra intenso apoio em rede para divulgar o que estava acontecendo no país.

Gráfico 24. Frequência de Tweets no Bahrein - #bahrein e #14feb
Período: Novembro/2010 a Outubro/2013



A partir do gráfico de frequência de *hashtags* selecionamos os pontos, dados que serão apresentados para compor do panorama das manifestações no Bahrein. Privilegiamos a #bahrein por ser a mais representativa dentre as *hashtags* publicadas no período de novembro/2010 a outubro/2013. Abaixo, a tabela que ilustra os Tweets que iremos apresentar e que alcançaram os picos de replicação em cada mês:

Hashtag	1º tweet	Pico 2	Pico 3	Pico 4	Pico 5
#bahrain	Mar/2011	Set/2011	Fev/2012	Abr/2012	Fev/2013

Tabela 9. Seleção de Tweets do gráfico Bahrein - #bahrain
Período: Nov. 2010 a Outubro 2013

Inicialmente, no mês de março, o twitte mais replicado publicado com a hashtag #bahrein foi para a internet na madrugada de 20/03/ 2011.

O idioma utilizado visa instaurar a conversação com as demais vizinhanças árabes sobre os protestos ocorridos no país, uma vez que referencia as hashtags: #UAE - Emirados Árabes e #Kwait.



Figura 150. Tweet mais retuitado – Março/2011 - #bahrain
Fonte: <https://twitter.com/heza3/status/49448965518798848>



Figura 151. Tweet com link mais retuitado – Março/2011 - #bahrain
Fonte: <https://twitter.com/NickKristof/status/50297131222835200>

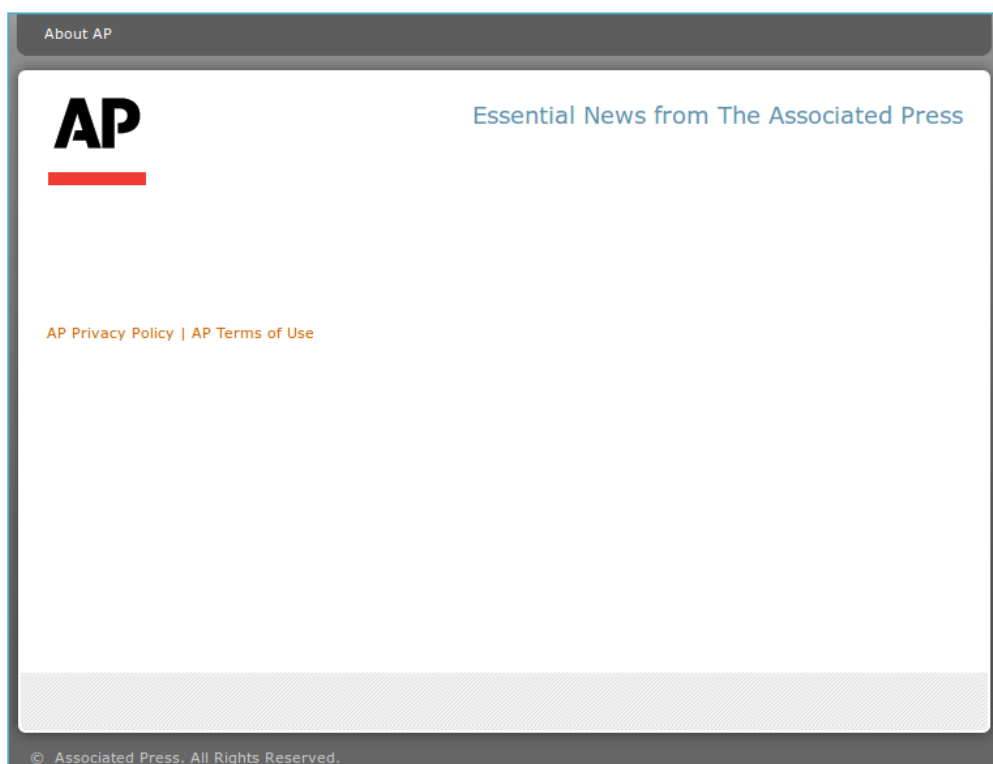


Figura 152. Link mais replicado – Março/2011 - #bahrain (link inativo)
http://hosted2.ap.org/APDEFAULT/3d281c11a96b4ad082fe88aa0db04305/Article_2011-03-20-ML-Bahrain-Hospital-Showdown/id-9223f6dc2556468195072840c97c44f5



Figura 153. Tweet com link mais replicado – Março/2011 - #bahrain – link ativo
 Fonte: <https://twitter.com/NickKristof/status/52909980503900160>

O link ativo do tweet mais replicado em março/2011 utilizando a hashtag #bahrein direcionava para o site da organização Global Voices, rede internacional de blogueiros que traduzem, reportam e defendem a livre expressão na rede.



Figura 154. Link ativo mais retuitado em Março/2011 - #bahrain – link ativo

Fonte: <http://globalvoicesonline.org/2011/03/30/bahrain-prominent-blogger-mahmood-al-yousif-arrested/>



Figura 155. Tweet mais retuitado – Setembro/2011 - #bahrain

Fonte: https://twitter.com/ahmad_alanezi/status/113271177916592129



Mohammed Khalid
 @boammar

 Follow

goo.gl/iGQ39
 أفضل فيديو رأيته يفضح تخريب الخونة بسيتي سنتر.. يستاهل
 توب تويت.. همتمكم ياشرفاء الفاتح [#bahrain](#)
[#retweet4all](#) @7areghum

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More

 YouTube

Bahrain City Center 23/9/2011 ... بل اركن سن يكنس عجم



0:00 / 2:46

ندخل قوات الش

Bahrain City Center 23/9/2011 مجمع سيتي سنتر البحرين
 the true story about what happens in bahrain city center on 23/9/2011 it shows the riot inside the mall ...

[View on web](#)

616
 RETWEETS

50
 FAVORITES



12:34 AM - 24 Sep 11

Flag media

Figura 156. Tweet com hiperlink mais retuitado – Setembro/2011 - #bahrain
 Fonte: <https://twitter.com/boammar/status/117502132504113152>

#bahrain – Fevereiro/2012



@xgcc خليجنا سورنا 23K followers

(هل تؤيد الكونغرس الخليجية (إذا تؤيد فضلا لا امرا رتويت لتصل للجميع
 #GCC #KSA #Kuwait #bahrain
 #Qatar #UAE #Oman #q8 #kuw #kw #Saudi
 Feb 15 2012 5:28pm GMT (2 years ago)   Reply  Retweet  Favorite



@nabeelrajab Nabeel Rajab 217K followers

سأبدأ يوم الأحد السير الى الدوار مع زملائي من اجل سترجاعه من ايدي العسكر وارجاعه الى افراد الشعب الذين اخرجوا
 #bahrain منه قبرا وظلم وغدرا
 Feb 8 2012 11:03pm GMT (2 years ago)   Reply  Retweet  Favorite



@amberlyon Amber Lyon 57K followers

If #Bahrain has nothing to hide, why forbid human rights activists and journos from entering the country?
 Feb 9 2012 3:24am GMT (2 years ago)   Reply  Retweet  Favorite



@bahraindoctor BAHRAINDOCTOR 50K followers

Saw 7 in #Bahrain ,Let it spread <http://www.youtube.com/watch?v=btZZfiEP684&feature=related> #USA #UK #CNN #BBC #UN #IRELAND #Canada Stop killing us we are around 600,000 only
 Feb 5 2012 4:29pm GMT (2 years ago)   Reply  Retweet  Favorite



@amberlyon Amber Lyon 57K followers

Here's one of Anthony Shadid's many reports from #Bahrain. He continued to shed light while others went silent ... RIP <http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/middleeast/repression-tears-apart-bahrains-social-fabric.html?pagewanted=all>
 Feb 17 2012 3:25am GMT (2 years ago)   Reply  Retweet  Favorite

Figura 157. Top Five Tweets mais retuitados – Fevereiro/2012 - #bahrain



BAHRAINDOCTOR
 @BAHRAINDOCTOR




Saw 7 in **#Bahrain** ,Let it spread
[youtube.com/watch?v=btZZfI...](https://www.youtube.com/watch?v=btZZfI...) **#USA #UK**
#CNN #BBC #UN #IRELAND #Canada
 Stop killing us we are around 600,000 only

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More

 **YouTube**

Occupy Bahrain: Saw 7, Let it spread +18
 








 00:07 / 13:09
 



Occupy Bahrain: Saw 7, Let it spread +18
<http://www.facebook.com/Occupy.BH> Occupy Bahrain: Saw 7,
 Let it spread +18 Mercenaries of Bahrain building. crimes of
 Bahrain security men Video source <http://...>

[View on web](#)

1,286 RETWEETS	369 FAVORITES	
--------------------------	-------------------------	--

2:29 PM - 5 Feb 12
 Flag media

Figura 158. Tweet com link mais retuitado – Fevereiro/2012 - #bahrain
 Fonte: <https://twitter.com/BAHRAINDOCTOR/status/166196816084344832>



Figura 159. Tweet mais retuitado – Abril/2012 - #bahrain
Fonte: <https://twitter.com/NickKristof/status/187171959279337473>



Figura 160. Tweet com o link mais retuitado – Abril/2012 - #bahrain
 Fonte: <https://twitter.com/AmberLyon/status/193894794479681536>



Figura 161. Tweet mais retuitado – Fevereiro/2013 - #bahrain
 Fonte: <https://twitter.com/ALWEFAQ/status/301930260344209408>



Figura 162. Tweet com link mais retuitado – Fevereiro/2013 - #bahrain (link inativo)
 Fonte: <https://twitter.com/iarabnews/status/297461331097964544>



Mohammed Mirza
 @Mo7ammedMirza



لوحتي الفنية الخامسة دعماً للثورة (بوحمد تلويحة الأمل)..
 ريتويت إذا كنت معجب باللوحة [#bahrain](#) [#design](#)
twitpic.com/c3ev95

 Reply
  Retweet
  Favorite
  More

 TwitPic



By **Mohammed Mirza** @Mo7ammedMirza

[View on web](#)

412
 RETWEETS

65
 FAVORITES



9:50 AM - 13 Feb 13 Flag media

Figura 163. Tweet com hiperlink mais retuitado – Fevereiro/2013 - #bahrain
 Fonte: <https://twitter.com/Mo7ammedMirza/status/301750186097647616>

Há dois anos, o autor da foto disponibilizada no Twitpic, o fotógrafo e *design* gráfico Mohammed Mirza publicava diversas fotos na internet e em outras redes sociais sobre a violência desmedida da força policial no Bahrein contra os manifestantes desarmados.

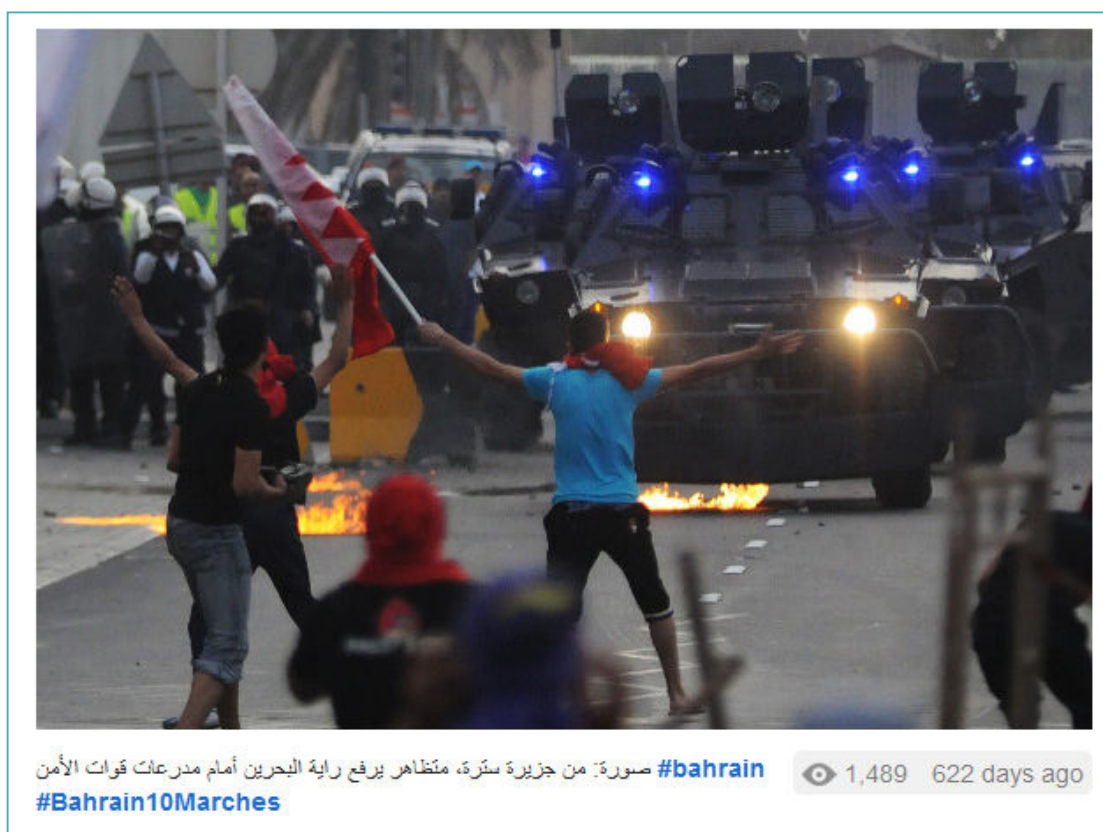


Figura 164. Protestos no Bahrein - #baharain
Fonte: <http://twitpic.com/909ooy>

Em nosso panorama sobre os movimentos sociais da Primavera Árabe, ressaltamos o objetivo de demonstrar, através da exposição das mensagens dos participantes dos protestos, a diversidade cultural, linguística, estética que deram contorno a essas conversações ao mesmo tempo em que abarcaram tantas diversidades e foram capazes de anunciar ao mundo as demandas e ocorrências de abuso em países diferentes.

O formato dessas mensagens foi mantido ao longo da apresentação dos dados, pois apesar de ser definido pela rede social foi apropriado para apontar discursos e diversidades que deram o tom da conversa. Entre esses dados estão desde o horário de publicação das mensagens, a foto ou perfil dos manifestantes, o número de seguidores, a presença de links, vídeos e imagens.

Há mensagens que pode parecer inicialmente de difícil entendimento, devido ao idioma. Mas é nesse espaço de informação quase incompreensível para a maioria dos ocidentais que as *hashtags* receberam relevância, identificando tais mensagens, referenciando-as e divulgando a informação para o Ocidente através da adoção termos de ordem comum e vocabulários emergentes que foram sendo estabelecidos ao longo do percurso das mobilizações.

Desde o início dos protestos na Tunísia, observamos o recurso de transnacionalização cultural que atravessou as mensagens através do uso de idiomas como francês e inglês para divulgar ao ocidente os acontecimentos locais. Outro recurso com esse mesmo propósito foi a replicação de links cujo conteúdo proveniente de grandes portais internacionais de notícias, canais de mídia como CNN e jornais europeus, abordavam os abusos de poder, violência e repressão, censuras à mídia e ao uso da internet e celular.

Pode-se observar que foi com a Primavera Árabe que surgiram os *hubs*, ou seja pessoas que fizeram pontes entre o Oriente e o Ocidente, atuando como autoridades ou formadores da opinião publicando, comentando e se aliando às mobilizações sociais. Estão entre eles, profissionais das indústrias de entretenimento e conteúdo, hackers, ativistas da internet, defensores dos direitos humanos, jornalistas de grandes veículos de comunicação, pesquisadores acadêmicos com reconhecimento internacional, blogueiros, celebridades, entre tantas pessoas comuns. Todos esses obtiveram um grande número de mensagens suas retuitadas em assuntos referentes à Primavera Árabe.

Dentre as características comuns dos movimentos estavam a apropriação dos meios de comunicação e da internet para efetivamente organizar e divulgar os protestos; comunicação em idiomas locais, visando alcançar e engajar os países vizinhos; o clamor por democracia, justiça social e distribuição de riquezas; fim do regime ditatorial e fim da violência exercida pela polícia e pelo exército, fim da censura.

Também mereceu destaque o papel de redes de comunicação como a Al-Jazira e de organizações internacionais que defendem o direito de liberdade de expressão na rede, por terem apoiado as mobilizações veiculando informações e oferecendo, em muitos casos, suporte e soluções para suprir boicotes oficiais como foi o caso do “apagão” de celulares e da internet.

4.9 Manifestações de Junho – Brasil/2013

Em junho de 2013 eclodiram várias manifestações de cunho popular no Brasil. Tais manifestações tiveram como fagulha inicial o aumento das tarifas de transporte público, como as que foram anunciadas em São Paulo de R\$ 0,20, para o dia 02 de junho de 2013.

O aumento do valor das tarifas do transporte público, em vigor desde dia 2 de junho, catalisou o primeiro ato convocado pelo Passe Livre São Paulo no mês de junho. Agendado para 6 de junho de 2013 como evento do Facebook, a página do ato apontava cerca de 20.500 confirmações de presença. Nas ruas, houve confronto entre manifestantes e polícia militar. (PIMENTEL; e SILVEIRA, 2013).

A partir da convocatória do Movimento Passe Livre – MPL⁶⁷, grupos de pessoas formados em sua maioria por estudantes universitários e a classe média iniciaram protestos e passeatas pelas ruas de algumas capitais do Brasil, sendo as principais em São Paulo e Rio de Janeiro, propondo o debate sobre a qualidade do transporte público no País. Após forte repressão policial e confrontos abertos nas ruas, as manifestações ganharam adesão popular e transbordaram para outras cidades do Brasil em diversas passeatas e mobilizações. A reportagem abaixo, publicada no jornal O Estado de S. Paulo em 29/06/ 2013, ilustra o histórico dos acontecimentos e como as manifestações se disseminaram no Brasil:

‘Epidemia’ de manifestações tem quase 1 protesto por hora e atinge 353 cidades – Movimento ganhou força depois do dia 17, ao monopolizar o noticiário das grandes redes de TV, e auge foi no dia 20, em 150 cidades

[...] Avanço. Em São Paulo, os primeiros três protestos aconteceram em um intervalo de seis dias e não ultrapassaram os 10 mil manifestantes. Mesmo assim, já eram a principal história dos jornais. No dia 13 de junho, outras dez cidades aderiram - capitais ou cidades médias, como Natal, Porto Alegre, Rio, Santos e Sorocaba. No dia 17, quando São Paulo parou, com 200 mil pessoas nas ruas, já eram 21 protestando. O auge foi no dia 20, quando 150 municípios tiveram protestos. Pelo menos 1 milhão de brasileiros foram às passeatas, segundo dados das Polícias Militares de 75 cidades. Desde Belém, no Pará, até Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai. A menor cidade a se rebelar foi Figueirão (MS), que tem 2,9 mil habitantes. (O ESTADO DE S. PAULO, 2013)⁶⁸

Depois de 20 de junho, as manifestações pulverizaram. Contudo, outras demandas passaram a incorporar os protestos, compondo grande variedade de temas, entre eles: gastos com recursos públicos para a realização da Copa do Mundo em 2014 com sede no Brasil; má qualidade dos serviços públicos em geral (saúde, educação, urbanização), Cadê o Amarildo, contra a homofobia, contra a violência e métodos de repressão da polícia, crítica à omissão ou abordagem tendenciosa de informações e análises dos meios de comunicação tradicionais, indignação diante da corrupção política e impunidade. Desse modo a frase “Não é pelos 0,20 centavos” foi uma das que se caracterizaram como bandeira na mobilização de ruas de São Paulo, em meio à variedade de demandas.

As manifestações no Brasil seguiram o processo de propagação ou contágio complexo, semelhante aos protestos ocorridos no mundo, compondo uma das maiores mobilizações nacionais sem convocação centralizada. Isso não quer dizer que algumas lideranças – ou microlideranças – de fato não tenham sido legitimadas já que muitos movimentos sociais são locais ou específicos e, mesmo que não assumam formalmente lideranças, contam com porta-vozes, a exemplo do Movimento Passe Livre (MPL), um grupo específico constituído há mais de uma década e envolvido com estudos, análise de dados e discussão de tarifas de transporte

⁶⁷ MPL. Disponível em <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>>. Acesso em 25 jun 2013.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,epidemia-de-manifestacoes-tem-quase-1-protesto-por-hora-e-atinge-353-cidades,1048461,0.htm>> Acesso em 30 nov 2013

público. O mesmo pode-se dizer do movimento dos *black blocs*, professores no Rio, entre outros grupos, inclusive de partidos políticos. Todavia há que se ressaltar que não houve um centro único, uma página no Facebook oficial conclamando para os atos, daí o seu caráter de poder nitidamente distribuído.

Ou seja, tais como os levantes massivos que ocorreram – e continuam ocorrendo – no mundo, as manifestações de ruas do Brasil nunca poderão ser caracterizadas por terem lideranças fixas, mas, antes de tudo, impermanentes.

Também a exemplo de outros países, as redes sociais foram fundamentais para o alcance e a organização das manifestações, na composição do espaço híbrido redes e ruas, conforme menciona Castells (2013), principalmente devido à amplitude do espaço territorial do Brasil. A ocupação foi se realizando tanto nas ruas assim quanto nas redes sociais, se retroalimentando, como analisaram Pimentel e Silveira (2013):

Neste espaço híbrido entre redes e ruas foram os agenciamentos em torno das redes sociais que ganharam papel de destaque. Todos os grandes atos nas ruas derivaram de ‘eventos’ agendados a partir do Facebook. Foi a partir deles que os eventos se difundiram pelas redes e, na proporção direta em que aumentava a indignação social, as manifestações ganhavam adesão massiva, potencializando o efeito viral do engajamento social. (PIMENTEL e SILVEIRA, 2013):

Uma das maneiras que podemos tomar o termo “ocupação” nas redes sociais é a que reflete a ideia de Prado (2013, p.99), ao dizer que há uma tendência para a generalização discursiva: “Todo discurso é constituído como uma tentativa de dominar o campo da discursividade, de capturar o fluxo das diferenças, de construir um centro [...]”, já que indica que esse centro não é único, mas indica articulações de discursos. Ele apresenta tensões pelo fazer e fazer por meio da linguagem em que os enunciados se constituem como palavras de ordem. Ao mesmo tempo em que são fixações parciais, podem assumir outros sentidos, sentidos esses que são “sempre renegociados” (*ibidem*, p.100).

Nesse ponto, podemos retomar o que foi exposto no Capítulo 2, referente à indicação de Pierre Lévy como sendo um dos mais árdus da filosofia e das práticas políticas, pois se relaciona com a constituição dos agentes coletivos de enunciação. Ou seja, consiste em verificar em que condições se pode justificadamente dizer ‘nós’ e quem é esse ‘nós’ que pode se enunciar legitimamente enquanto coletivo e sem usurpação ou redução de variedade⁶⁹. Argumentamos naquele momento, inclusive, que a instantaneidade das palavras de ordem – sua *imediatidade* – lhes confere uma potência de variação em relação aos corpos aos quais se

⁶⁹ Conferir em 2.2 O sentido como dimensão de apropriação da linguagem.

atribui a transformação real e, portanto, pragmática, constituindo-se, segundo Gilles Deleuze, uma *política* da língua⁷⁰.

É possível também conceber a característica da ocupação nas redes sociais pela emergência de ‘perfis oficiais’ dos atos de mobilização, principalmente no Twitter e no Facebook, que ocorreram no Brasil. O termo oficial aqui é tomado em função da decisão coletiva de legitimar mensagens e entidades na rede. Malini e Antoun (2013, p.228) descrevem o que seriam esses perfis de ativistas:

Uma das características nos grandes protestos é a emergência do ‘perfil oficial’ de um ato de mobilização. De base anônima ou coletiva, os perfis oficiais ativistas se destinam a publicar convocatórias de encontros, resultados de decisão coletiva, testemunhos de repressão e compartilhamentos de canais de transmissão ao vivo dos protestos. Eles atestam e, ao mesmo tempo, distribuem os registros principais dos acontecimentos. Atuam como coordenadores da mobilização, e não como produtores de reflexão sobre os rumos da manifestação.

Esses perfis funcionam como agentes de uma organização temporária tanto catalisadora de opiniões quanto disseminadoras de conteúdos, funcionando como ponto de encontro de relatos e de registro de performances das próprias manifestações nas redes sociais.

Para o nosso trabalho de pesquisa, abordamos a “ocupação” e suas múltiplas narrativas, a partir das duas redes sociais das quais participamos e que detêm hoje o maior número de usuários em termos de redes sociais: Facebook e Twitter. Para ambas, seguiram-se metodologias de estudo distintas que resultaram em mais um olhar sobre os protestos ocorridos no Brasil.

4.9.1 *Manifestações de Junho - Ocupação no Facebook*

Em relação ao Facebook, em um primeiro momento buscamos seguir a metodologia apresentada por Pimentel e Silveira (2013) que analisaram as *Manifestações de Junho* a partir de perfis conforme critérios de: **autoridade**, o valor de conteúdo de cada página ou nó das *autoridades*, estimado a partir do número de compartilhamento de suas postagens. Em seguida, prosseguimos com outra instância característica do comportamento social das redes, e também presente nas manifestações nas redes sociais, que são os **hubs**, ou disseminadores, polinizadores de conteúdos ou *links*. A metodologia adotada para alcançar os resultados de pesquisa sobre as *Manifestações de Junho* segue essa mesma lógica. Seleccionamos perfis de *autoridades* e perfis de *hubs* na rede social Facebook para contar a história.

⁷⁰ A esse respeito, fizemos uma análise em 2.3 O implícito discursivo e o não discursivo: eu=eu; eu=nós

A metodologia da pesquisa surgiu a partir de conteúdo já disponibilizado na internet por Pimentel e Silveira (2013), em um estudo⁷¹ realizado sobre as manifestações, no qual se encontram tabelas de *autoridades* e *hubs* das manifestações por atos (determinados dias da semana em que ocorreram as manifestações). Ao utilizarmos um estudo disponibilizado na internet, enfatizamos essa capacidade de produção colaborativa em rede e os potenciais avanços e reutilizações daquilo que já se fez, contribuindo na dinâmica da inteligência criativa e coletiva distribuída, liberdade de acesso à informação e produção de novos saberes. Os autores explicitam a metodologia por meio da qual chegaram aos resultados de pesquisa de *autoridades* e dos *hubs*, nos protestos de junho:

As buscas realizadas no Facebook visaram capturar citações públicas às manifestações contra o aumento de tarifas do transporte público. Os acontecimentos de São Paulo ganharam destaque nessa análise. O período aqui analisado compreende do dia 5 ao dia 21 de junho. As buscas por postagens públicas feitas a partir de páginas e perfis do Facebook foram efetuadas diretamente por meio de requisições à API da referida rede social. Em seguida, processamos os dados retornados para analisar o compartilhamento de publicações. A análise dos compartilhamentos é rica em significação, sendo capaz de detectar mensagens de alto capital social que circularam pelas redes. Após processados, os dados foram importados para o aplicativo Gephi, *software* para a visualização e análise de grafos de redes complexas. [...] No Gephi foi utilizado o algoritmo de análise de redes chamado *Hyperlink-Induced Topic Search* (HITS), desenvolvido por Jon Kleinberg. A métrica *HITS* atribui dois valores a cada nó: *Hub* e *Autoridade*. (*ibidem*, 2013).

A exposição dos dados coletados pelos autores sobre manifestações é realizada por um *ranking* de *autoridades* e *hubs* por dia e é apresentada em forma de tabelas e gráficos que demonstram a propagação dos movimentos pelo País. Sobretudo, os resultados apresentados em forma de tabelas deram origens a outras questões para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Dentre as questões levantadas a partir dos dados para seguirmos em nossas investigações, pretendíamos observar a incidência ou não da presença das autoridades ao longo do mês de junho e a relação entre as autoridades e *hubs* ao longo do mês, que tornasse possível a visualização dos dados apresentados de forma mais conjunta ao longo do mês.

As tabelas resultantes da pesquisa de Pimentel e Silveira (2013) e que serviram para nos auxiliar nas pesquisas e propostas de visualização de dados, tendo em conta o surgimento de novas questões foram as seguintes:

⁷¹ *Cartografia de espaços híbridos: as Manifestações de Junho de 2013*. Disponível em: <<http://portal.interagentes.cc/?p=62>>. Acesso em 22 set 2013.

1º Ato - 06/06/2013			2º Ato - 07/06/2013		
Autoridade	HUB		Autoridade	HUB	
1	estadao	Izaías Sentana	1	estadao	AnonymousBrasil
2	Passo Livre São Paulo	Manifesto Libertário	2	CartaCapital	A Verdade Nua & Crua
3	AnonymousBrasil	Anonymous Brasil	3	Folha de S. Paulo	Lutiza Erundina
4	NINJA	Cesar Stefanos	4	AnonymousBrasil	#NãoMeCalarei
5	CartaCapital	Janira Rocha	5	A Verdade Nua & Crua	Jordan Breton
6	O Globo	Natália Pedrosa	6	Plínio comenta	Alexandre Brito
7	Recep Tayyip Erdoğan - Türkiye'nin Gururu	Wilbert Santos Will	7	Passo Livre São Paulo	Luccas Valdiserra
8	Diren Gezi Parkı	A Verdade Nua & Crua	8	Banana!	Décio A. Alves
9	Folha de S. Paulo	Sharon Mehlmann	9	NINJA	Erick Morais
10	Plínio comenta	Sidnei Donisete	10	Imagens Históricas	Catelia Hosteleria 2.0
11	Anonymous Rio	Wu Ming	11	Anonymous Brasil	Gabriela Lacerda
12	Yahoo Notícias	Fabrice Silva	12	UOL Notícias	Luiz Augusto Z
13	ANDH H4	Valdci Teixeira	13	Rede Esgoto de televisão	João Paulo Teixeira Pires
14	Portal R7	Matheus Marques	14	#NãoMeCalarei	André Dias Mannrich
15	A Verdade Nua & Crua	Julis Do Bandolim	15	Movimento Contra Corrupção	Juliano Fuda Padilla
16	Pedro Chavedar	Gilda Miranda	16	Uma outra Opinião	Anderson E. S. Guebra
17	AnonOpsBrasil	Moacir Souza	17	Mst Trabalhadores Sem Teto	Edson Salomé
18	Ditadura Digital	Isaac Vieira	18	Manifesto POA	Liliana Tarifa
19	F.U.T.A.	São Sebastião da Depressão	19	Liderlerin Lideri Erdoğan	Eduardo Calim
20	Jo Soares	Luís Felipe Sá	20	Ossortortos - por Thiago Cruz	Henrique Dantas
21	Todohatalense	Elvis Melio	21	Rede Brasil Atual	Andre Alexandria
22	Admiradores Rota	Victor Lago	22	MSN Brasil	Karine Sena

3º Ato - 11/06/2013			4º Ato - 13/06/2013		
Autoridade	HUB		Autoridade	HUB	
1	estadao	A Verdade Nua & Crua	1	estadao	A Verdade Nua & Crua
2	A Verdade Nua & Crua	Movimento Contra Corrupção	2	A Verdade Nua & Crua	Anonymous Rio
3	Passo Livre São Paulo	Passo Livre São Paulo	3	Occupy Brazil	Passo Livre São Paulo
4	NINJA	AnonymousBrasil	4	AnonymousBR	AnonymousBrasil
5	Folha de S. Paulo	Bueiro Aberto	5	Raquel Koch	Mães de Maio
6	AnonymousBrasil	Maquiavelico é a mãe	6	Anonymous Rio	Anonymous Brasil
7	Acorda meu povo	Macedex Logistica	7	Protesta!	AnonymousBR
8	Inteligente Vida	Macedo Macedex	8	Mães de Maio	UOL
9	Rádio BandNews FM	Andrea Matarazzo	9	Folha de S. Paulo	Movimento Contra Corrupção
10	Juntos	Natan Meneghetti	10	AnonymousBrasil	Bueiro Aberto
11	Bueiro Aberto	Thiago Miranda	11	Ocupa a Rede Globo	Rede Esgoto de televisão
12	Maquiavelico é a mãe	Bruno César	12	Uma outra Opinião	Socialismo da Depressão
13	Virus Planetário	Livraria Marxista	13	Passo Livre São Paulo	Conhecimento é vida
14	Fiscalização Popular dos Transportes Públicos RJ	Mate Tromamundo	14	Catraca Livre	Verdade Oculta
15	Catraca Livre	Juliano Moitoso	15	Bueiro Aberto	UOL Notícias
16	Rede Esgoto de televisão	Thiago Correia Carneiro	16	Clovis Cranchi Sob	João Mattar
17	Takunya	Christian Fedrizzi	17	Rede Esgoto de televisão	Geração Invenível
18	Geração Invenível	Newton Puerta	18	NINJA	Isso é Brasil
19	Rui Montalvão	Viajes Algenova SL	19	Por Traz da Mídia Mundial	Sociedade Racionalista
20	Por Traz da Mídia Mundial	Thais Souza	20	Rafael Bruno Lopes Salgado	Plano Anonymous Brasil
21	Partido Comunista Brasileiro - PCB (Oficial)	Michelle Tito	21	Nerd Socialista	A Educação é a Arma para mudar o Mundo
22	Se a tarifa aumentar São Paulo vai parar	Rubens Vaz Muller	22	Polícia 24h	Marcelo Cecchetti

Tabela 10. Autoridade e Hub x Ato – *Manifestações de Junho* – Brasil/2013
Fonte: Pimentel; Silveira (2013)⁷²

5º Ato - 17/06/2013			6º Ato - 20/06/2013		
Autoridade	HUB		Autoridade	HUB	
1	Movimento Contra Corrupção	AnonymousBrasil	1	AnonymousBrasil	AnonymousBrasil
2	AnonymousBrasil	Movimento Contra Corrupção	2	Movimento Contra Corrupção	Movimento Contra Corrupção
3	estadao	Passo Livre São Paulo	3	Itima Hora	A Verdade Nua & Crua
4	A Verdade Nua & Crua	A Verdade Nua & Crua	4	Isso é Brasil	Isso é Brasil
5	Tico Santa Cruz	AnonymousBR	5	A Verdade Nua & Crua	Itima Hora
6	Passo Livre São Paulo	Quero o Fim da Corrupção	6	A Educação é a Arma para mudar o Mundo	Rede Esgoto de televisão
7	Quero o Fim da Corrupção	Rede Esgoto de televisão	7	Rede Esgoto de televisão	AnonymousBR
8	NINJA	Sociedade Racionalista	8	estadao	YEM PRA RUA
9	Lutinho Veiga	emBrasil	9	Viktor Rotgarius	A Educação é a Arma para mudar o Mundo
10	Isso é Brasil	Bruno Azevedo	10	Todohatalense	O Brasil Acordou
11	Rede Esgoto de televisão	Isso é Brasil	11	Desce a Letra	Revolution News
12	Folha de S. Paulo	Busco Curitiba	12	AnonymousBR	Quero o Fim da Corrupção
13	AnonymousBR	Anonymous Rio	13	Turbay Júnior	O Brasil acordou
14	Daniel Guth	Por Traz da Mídia Mundial	14	NE10	Dia do Basta
15	Gregório Filho	UOL	15	Anonymous Rio	Gazeta Online
16	humor inteligente	Fardado de Boia Preta	16	humor inteligente	Acorda Brasil
17	Sociedade Racionalista	Geração Invenível	17	Diário de Pernambuco	Geração Invenível
18	Bruno Azevedo	O Gigante acordou	18	Brasil Contra Corrupção	Ralf Geiser
19	Brasil Contra Corrupção	Anonymous Brasil	19	Quero o Fim da Corrupção	Rafael Costa
20	Pedro Bial	Dia do Basta	20	Diário do Rio de Janeiro	Brasilérrimos
21	Admiradores Rota	Dilma Bolada	21	europeans against the political system	Anarquismo - Liberdade
22	Arquitêta	ANON H4	22	Acorda Brasil	Anonymous Brasil

Tabela 10. (Continuação) Autoridade e Hub x Ato – *Manifestações de Junho* – Brasil/2013
Fonte: Pimentel; e Silveira (2013)⁷³

⁷² Disponível em: < <http://portal.interagentes.cc/?p=62>>. Acesso em 01 dez 2013.

⁷³ Disponível em: < <http://portal.interagentes.cc/?p=62>> Acesso em 01 dez 2013

Por esse método, pudemos demonstrar a diversidade de autoridades e *hubs*, assim como a relação entre eles ao longo do mês, permitindo a visualização dos atores durante as manifestações. Houve deslocamentos entre autoridades e *hubs*? Por último, era necessário mostrar efetivamente as falas, as mensagens e o que estava por trás dos discursos dessas autoridades e *hubs*, pois sem dúvida alguma influenciaram o entendimento a respeito das manifestações, retirando, de alguma forma desses perfis ou páginas, algum destaque, alguma posição singular. Assim, elaborou-se uma planilha utilizando o *software* LibreOffice em que foram relacionados todos os atores – autoridades e *hubs* – presentes nas seis tabelas por *ranking* e por dia. Das seis listas top 22 (do *ranking*), foram identificados **83 atores** distintos (autoridades). Conforme tabela a seguir:

Atores/Autoridade	06/06/13	07/06/13	11/06/13	13/06/13	17/06/13	20/06/13
#NãoMeCalarei	-	14	-	-	-	-
A Educação é a Arma para mudar o Mundo	-	-	-	-	-	6
A Verdade Nua & Crua	15	5	2	2	4	5
Acorda Brasil	-	-	-	-	-	22
Acorda meu povo	-	-	7	-	-	-
Admiradores Rota	22	-	-	-	21	-
ANON H4	13	-	-	-	-	-
AnonOpsBrasil	17	-	-	-	-	-
Anonymous Brasil	-	11	-	-	-	-
Anonymous Rio	11	-	-	6	-	15
AnonymousBR	-	-	-	4	13	12
AnonymousBrasil	3	4	6	10	2	1
Arquiteta	-	-	-	-	22	-
Bananal	-	8	-	-	-	-
Brasil Contra Corrupção	-	-	-	-	19	18
Bruno Azevedo	-	-	-	-	18	-
Bueiro Aberto	-	-	11	15	-	-
CartaCapital	5	2	-	-	-	-
Catraca Livre	-	-	15	14	-	-
Clovis Cranchi Sob	-	-	-	16	-	-
Daniel Guth	-	-	-	-	14	-
Desce a Letra	-	-	-	-	-	11
Diário de Pernambuco	-	-	-	-	-	17
Diário do Rio de Janeiro	-	-	-	-	-	20
Diren Gezi Parki	8	-	-	-	-	-
Ditadura Digital	18	-	-	-	-	-
estadão	1	1	1	1	3	8
europeans against the political system	-	-	-	-	-	21
Fiscalização Popular dos Transportes Públicos	-	-	14	-	-	-
Folha de S. Paulo	9	3	5	9	12	-
Geração Invencível	-	-	18	-	-	-
Gregório Filho	-	-	-	-	15	-
humor inteligente	-	-	-	-	16	16
Imagens Históricas	-	10	-	-	-	-
Inteligente Vida	-	-	8	-	-	-
Isso é Brasil	-	-	-	-	10	4
João Soares	20	-	-	-	-	-
Juntos	-	-	10	-	-	-
Liderlerin Lideri Erdoğan	-	19	-	-	-	-
Uma Hora	-	-	-	-	-	3
Luizinho Veiga	-	-	-	-	9	-
Mães de Maio	-	-	-	8	-	-
Manifesto POA	-	18	-	-	-	-
Maquiavelico e a mãe	-	-	12	-	-	-
Movimento Contra Corrupção	-	15	-	-	1	2
MSN Brasil	-	22	-	-	-	-
Mst Trabalhadores Sem Teto	-	17	-	-	-	-
NE10	-	-	-	-	-	14
Nerd Socialista	-	-	-	21	-	-
NINJA	4	9	4	18	8	-
O Globo	6	-	-	-	-	-
Occupy Brazil	-	-	-	3	-	-
Occupa a Rede Globo	-	-	-	11	-	-
Ossostortos - por Thiago Cruz	-	20	-	-	-	-
P. U. T. A.	19	-	-	-	-	-
Partido Comunista Brasileiro - PCB (Oficial)	-	-	-	-	-	-
Passe Livre São Paulo	2	7	3	13	6	-
Pedro Bial	-	-	-	-	20	-
Pedro Chavadar	16	-	-	-	-	-
Plínio comenta	10	6	-	-	-	-
Polícia 24H	-	-	-	22	-	-
Por Trás da Mídia Mundial	-	-	20	19	-	-
Portal R7	14	-	-	-	-	-
Protestar	-	-	-	7	-	-
Quero o Fim da Corrupção	-	-	-	-	7	19
Rádio BandNews FM	-	-	9	-	-	-
Rafael Bruno Lopes Salgado	-	-	-	20	-	-
Raquel Koch	-	-	-	5	-	-
Recep Tayyip Erdoğan - Türkiye'nin Gururu	7	-	-	-	-	-
Rede Brasil Atual	-	21	-	-	-	-
Rede Esqueto de televisão	-	13	16	17	11	7
Rui Montalvão	-	-	19	-	-	-
Se a tarifa aumentar São Paulo vai parar	-	-	22	-	-	-
Sociedade Racionalista	-	-	-	-	17	-
Takunya	-	-	17	-	-	-
Tico Santa Cruz	-	-	-	-	5	-
TudoNatalense	21	-	-	-	-	10
Turbay Junior	-	-	-	-	-	13
Uma outra Opinião	-	16	-	12	-	-
UOL Notícias	-	12	-	-	-	-
Viktor Rotgariy	-	-	-	-	-	9
Virus Planetário	-	-	13	-	-	-
Yahoo Notícias	12	-	-	-	-	-

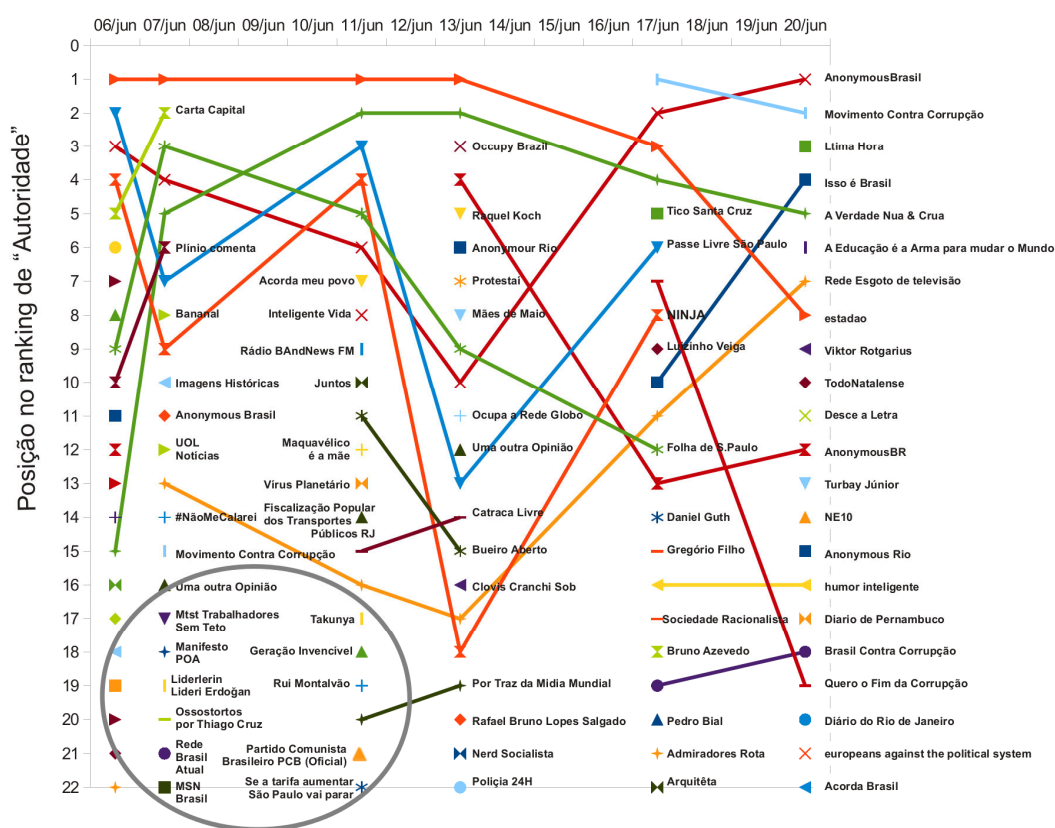
Tabela 11. *Ranking* de autoridade no Facebook x Ato (dia)
Manifestações de Junho – Brasil/2013

A partir da tabela, foi construído um gráfico de linhas, no qual cada ator foi representado por um ponto correspondente à sua posição no *ranking* de autoridade para cada dia de manifestação. Desse modo, foi possível observar a evolução desses atores durante as manifestações; os deslocamentos ao longo do tempo, conforme o gráfico abaixo. Todos os gráficos dessa seção estão disponíveis para melhor visualização no **Anexo 3 – Gráficos Autoridade e Hub – Manifestações de Julho – Brasil/2013**. Neste novo espaço público,

híbrido, foram os agenciamentos em torno das redes sociais que ganharam papel de destaque e a partir deles fizemos girar a vista.

Gráfico 25. Evolução do *ranking de autoridade* no Facebook – *Manifestações de Junho – Brasil/ 2013* (anexo 3)

Evolução do ranking de “Autoridade” dos nós de rede no Facebook durante 6 manifestações de Junho convocadas pelo MPL



Fonte dos dados: <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>

O novo formato de dados gerados a partir das seis tabelas de Pimentel e Silveira (2013) tornou possível a visualização dessas autoridades ao longo do mês de junho. Conforme terminologia empregada pelos autores, as manifestações foram divididas em seis atos importantes em 2013: **1º Ato** – ocorreu no dia 06/jun; **2º Ato** – em 07/jun; **3º Ato** – em 11/jun; **4º Ato** – em 13/jun; **5º Ato** – em 17/jun; e **6º Ato** – em 20/jun. Essas datas foram assinaladas no gráfico em vermelho. Elas nos auxiliam a observar o percurso dessas autoridades no movimento.

Em relação às mídias tradicionais (o que inclui os seus portais de informação), observamos no acervo do jornal O Estado de S. Paulo, que do 1º ato ao 4º ato estava na 4ª

posição no *ranking*, no 5º ato foi para a 3ª posição e no 6º ato ficou na 8ª posição. Ou seja, sua autoridade no movimento decresceu, mas ainda permaneceu na lista. Já a Folha de S.Paulo apareceu no 1º ato com *ranking* 9º de autoridade, subiu para 3º no 2º ato, caiu para 5º no 3º ato, desceu para 9º no 4º ato, 12º no 5º ato e, por fim, no 6º ato não apareceu mais no *ranking* de 22 maiores autoridades. Pode-se observar que o sentido de sua mensagem foi sendo deslocado e não mais ocupou lugar tão destacado com autoridade no Facebook durante as manifestações. A *Carta Capital* apareceu primeiro no *ranking* na 5ª posição, depois no 2º ato apareceu em 2º e a partir do 3º ato não apareceu mais na lista.

No gráfico, destaca-se *A Verdade Nua & Crua*, que durante todos os atos esteve entre as cinco primeiras posições de autoridade. E a retomada do *AnonymousBrasil* como autoridade no movimento que no 4º ato esteve em 10º lugar e nos dois últimos atos esteve em primeiro e segundo lugares. Também a *Rede Esgoto de Televisão* que se apresentou nos últimos atos entre os cinco primeiros. O *Movimento Contra a Corrupção* só aparece no 5º ato e 6º, contudo, ocupando os primeiros lugares como autoridade. Algumas autoridades foram pontuais e vigoraram apenas em alguns atos, como o caso de *Ocuppy Brasil* e *Nerd Socialista* no 5º ato, que dentre vários atores apareceram como pontos num gráfico de linhas e não tiveram força para prosseguir como autoridade quando comparados a outros. Nota-se o efeito de ocupação de autoridades “relâmpago”, que alcançaram credibilidade e compartilhamentos num primeiro movimento. Posteriormente, foram substituídas por outras autoridades que ocuparam o espaço. Por exemplo: *Mtst*, *Manifesto Poa* e *Rede Brasil Atual* aparecem somente no 2º ato, assim como *Rádio BandNews FM* e *Partido Comunista Brasileiro* aparecem somente no 3º ato. Vale destacar que, do 5º para o 6º ato, a ocupação na rede social Facebook diversificou-se acompanhando o efeito da distribuição das manifestações também para mais de 300 cidades do país.

O *Mídia Ninja* aparece como autoridade nos cinco primeiros atos e não permanece na lista no último ato. A emergência de novas autoridades na rede, disputando o espaço e o tempo

da atenção com a mídia tradicional, é um fenômeno não só nas manifestações no Brasil, mas também no mundo. É interessante observarmos que o comportamento do *Mídia Ninja* tem o efeito de ocupação do *Estadão*: ao observar essas duas autoridades no gráfico, percebem-se comportamentos, deslocamentos semelhantes diante aparências de propostas tão diferentes de comunicação. Na verdade, ambos atuaram como autoridade e o comportamento do *Mídia Ninja* foi semelhante ao do *Estadão* ao pautar as manifestações e não ser um canal de conversa. Se por um lado destacam-se alguns canais de grandes veículos nas mídias sociais, por exemplo, o *Estadão* e por outro a emergência de novas autoridades independentes, como o *Mídia Ninja*, de algum modo, ambos configuram-se como fraquíssimos Hubs. Ao dialogarem pouco nas redes, não interagindo com outros atores, não ecoando outras narrativas.

Dessa forma, o gráfico nos permite visualizar, por meio da multiplicidade de autoridades, a abundância de discursos nas *Manifestações de Junho*, assim como a disputa ou o trâmite na rede social Facebook por espaços de fala. A informação mais relevante no gráfico é a convivência, durante as manifestações, de entidades ainda “desconhecidas” que ocuparam o lugar de importantes disseminadoras de informação ao lado de grandes empresas de conteúdo (principalmente grandes portais de informação).

Em um segundo momento, a partir do gráfico, visando a uma proposta mais qualitativa de pesquisa por meio de uma análise quantitativa inicial, foram selecionados *posts* de cada página ou perfil dos atores presentes no *ranking* de autoridades no Facebook seguindo os critérios de desempenho estatístico e contribuição para a descrição das múltiplas narrativas dos atos das manifestações distribuídas em rede. A partir desse momento, quem ocupa o espaço e a responsabilidade de narrar as *Manifestações de Junho* são as autoridades:

DIA 6

ranking
2**Fotos da Linha do tempo**

Retornar ao álbum · Fotos de Passe Livre São Paulo · Página de Passe Livre São Paulo



Curtir Comentar

Marcar foto

**Passe Livre São Paulo**

Um passeio pelo Centro não revoga o aumento!

> > > REVOGAR O AUMENTO!

Já começou! > <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/ato-contra-aumento-dos-transportes-reune-manifestantes-no-centro-de-sp.html>

Curtir · Comentar · Compartilhar · 6 de junho

172 pessoas curtiram isso.

38 compartilhamentos

Figura 165. Autoridade – Movimento Passe Livre SP no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

DIA 7

Fotos da Linha do tempo

Retornar ao álbum · Fotos de Passe Livre São Paulo · Página de Passe Livre São Paulo

ranking 7



Curtir Comentar Marcar foto

Passe Livre São Paulo

Comentário de apresentador do "Bom Dia SP" gera polêmica. "Alguns deles não tem R\$ 3,20 ou 20 centavos a mais para pagar a passagem de ônibus, mas têm R\$ 3 mil para pagar a fiança." disse o jornalista Rodrigo Bocardi.

Álbum: Fotos da Linha do tempo
Compartilhado com: Público

VENHA HOJE 17h - Largo da Batata, próximo ao metro Faria Lima
> <https://www.facebook.com/events/177086529124242/?ref=22>

Leia completo aqui > <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2013/06/1291282-comentario-de-apresentador-do-bom-dia-sp-gera-polemica-na-internet.shtml>

Curtir · Comentar · Compartilhar · 7 de junho

177 pessoas curtiram isso.

154 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores 44 de 239

Marcar esta foto

Figura 166. Autoridade – Movimento Passe Livre SP no Facebook (07/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 167. Autoridade – Movimento POA no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Observa-se o início da utilização de recursos de humor, uso de charges, dando um tom pouco sisudo aos *posts*. Esses recursos funcionaram, favorecendo o número de compartilhamentos das mensagens no Facebook.

Tiras Ossostortos

Retornar ao álbum · Fotos de Ossostortos - por Thiago Cruz · Página de Ossostortos - por Thiago Cruz



QUE BOM QUE NEM TODOS PENSAM PEQUENO!

R\$3,20 É ROUBO!

JUNTOS, SOMOS GIGANTES!

OSSOSTORTOS - POR THIAGO CRUZ

Curtir Comentar

Ossostortos - por Thiago Cruz
mais tiras e páginas de hq no blog:
www.ossostortos.blogspot.com/
Curtir · Comentar · Compartilhar · 7 de junho

381 pessoas curtiram isso.

731 compartilhamentos

Álbum: Tiras Ossostortos
Compartilhado com: Público

Figura 168. Autoridade – Página de Ossostortos no Facebook – Charge de Tiago Cruz
Manifestações de Junho – Brasil/2013

DIA 11

ranking
02

Fotos da Linha do tempo

Retornar ao álbum · Fotos de Passe Livre São Paulo · Página de Passe Livre São Paulo



Curtir
Comentar
Marcar foto

Passe Livre São Paulo

Hoje 17h, sairemos novamente às ruas contra o aumento!
 Concentração na praça do ciclista, entre a Paulista e a Consolação.
 Confirme presença e divulgue: <https://www.facebook.com/events/591775110856969/>

Ontem, após meses de protestos, o TJ de Goiânia decidiu pela revogação do aumento da tarifa de ônibus na cidade. Se o povo venceu lá, podemos conseguir barrar o aumento aqui também!

POR UMA VIDA SEM CATRACAS!
TODO AUMENTO É UMA INJUSTIÇA PORQUE É INJUSTO COBRAR TARIFA!

Curtir · Comentar · Compartilhar · 11 de junho

576 pessoas curtiram isso.

308 compartilhamentos

Álbum: Fotos da Linha do tempo

Compartilhado com: Público

Marcar esta foto

Figura 169. Autoridade – Movimento Passe Livre SP no Facebook (11/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 170. Autoridade – NINJA no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking
07

Fotos da Linha do tempo

[Retornar ao álbum](#) · [Fotos de Acorda meu povo](#) · [Página de Acorda meu povo](#)



**ACORDA MEU
POVO**

**OBSERVE AS
DIFERENÇAS
DE TRATAMENTO**

AQUI NO BRASIL É ASSIM



BANDIDOS ARMADOS FUGINDO



MANIFESTANTE DESARMADO SENDO ESPANCADO



BANDIDOS ENGRAVATADOS SOLTO CURTINDO A VIDA

[Curtir](#) [Comentar](#)



Acorda meu povo

Aqui no Brasil é assim, bandidos armados fogem, manifestantes são espancados e preso e os verdadeiros chefes de quadrilha os bandidões de gravata ai de boa curtindo a vida! ISSO É BRASIL! REVOLUÇÃO JÁ!
 a
 Curta nossa página
<http://www.facebook.com/povomeuacorda>
[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) · 9 de junho

Álbum: [Fotos da Linha do tempo](#)

Compartilhado com:  Público

 56 pessoas curtiram isso.

 305 compartilhamentos

Figura 171. Autoridade – Acorda meu povo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Retornar ao álbum

ranking 11

“Brasileiro é muito acomodado! Se fosse lá fora...”

NÃO É VERDADE!

É que os de lá, a “imprensa” chama de MANIFESTANTES

O GLOBO MUNDO

CAPA PAÍS RIO ECONOMIA MUNDO ESPORTES CULTURA MAIS +

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (21:44) • Empolga às 9 e Gigantes da Lira: alegria em comum

Manifestantes queimam mais de 300 carros em protestos na França

Os daqui, VÂNDALOS!

globo.com notícias esportes entretenim

Vândalos ateiam fogo em vagão de trem no Rio

0:00 / 1:14 HD

Bueiro Aberto

Comparem o que a socióloga Vera Malaguti fala, com a reportagem da Globo. Esse tal de Rodrigo Bocardi chama os moradores de vândalos, bandidos e criminosos e, da muito mais atenção para o prejuízo com o ônibus, do que para o menino morto!

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/grupos-incendeiam-dois-onibus-em-sp.html>

Curtir · Comentar · Compartilhar · 11 de junho

93 pessoas curtiram isso.

104 compartilhamentos

Compartilhado com: Público

Figura 172. Autoridade – Bueiro Aberto no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 173. Autoridade – Maquiavélico é a mãe no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 174. Autoridade – Geração Invencível no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

A figura foi apropriada como “selo” e disseminada na rede social Facebook pelos manifestantes que produziram, através de vários *remix* da mesma imagem, apropriações criativas utilizando outros textos, enunciados e palavras de ordem.

DIA 13

ranking
02

Figura 175. Autoridade – A Verdade Nua & Crua no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

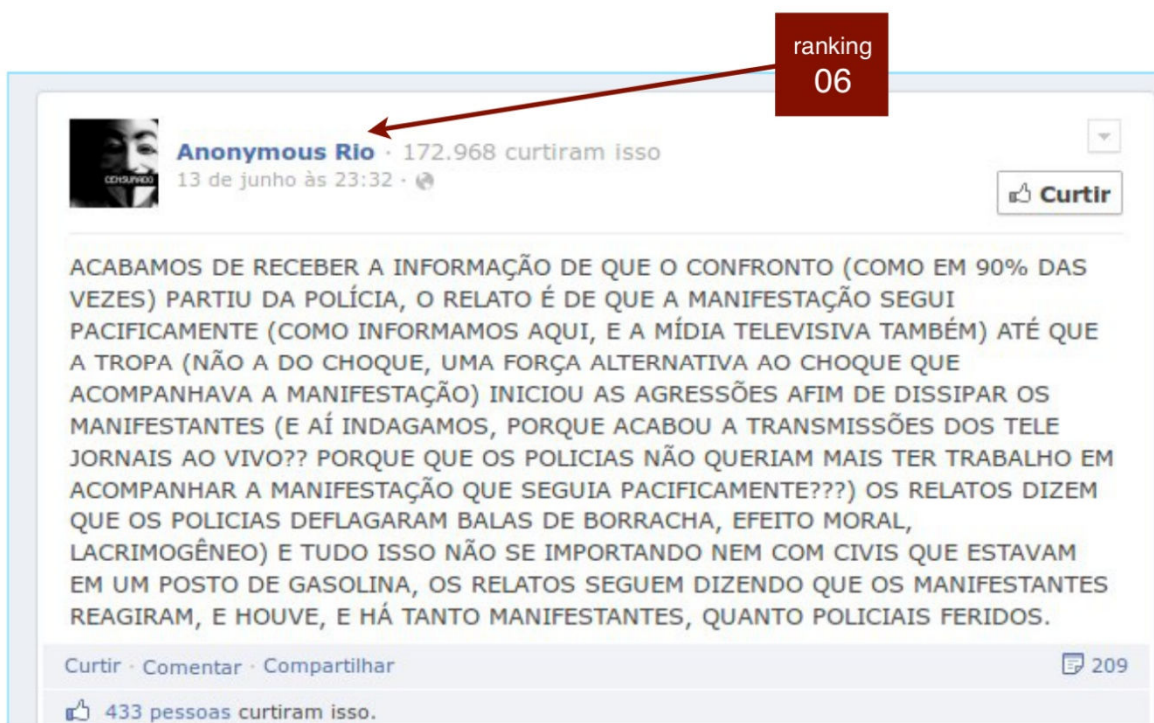


Figura 176. Autoridade – Anonymous Rio no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Fotos da Linha do tempo
Retornar ao álbum · Fotos de Protestaí · Página de Protestaí

ranking
07

Você reclama que brasileiros não ligam para política. E quando vão às ruas, você critica?

Não são 20 centavos, é uma geração acordando e exigindo melhorias!

Hoje é transporte público, amanhã saúde e educação!

Queremos melhores condições de vida em nossa sociedade!

#protestaí

Curtir Comentar

Protestaí
RUMO A UM MILHÃO DE COMPARTILHAMENTOS

Se você concorda, apoie e compartilhe! #protestaí

Dê força a essa e outras causas. Siga nossa fanpage: [Protestaí](#)

Curtir · Comentar · Compartilhar · 13 de junho

4.203 pessoas curtiram isso.

117.646 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores

Álbum: Fotos da Linha do tempo
Compartilhado com: Público

Figura 177. Autoridade – Protestaí no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

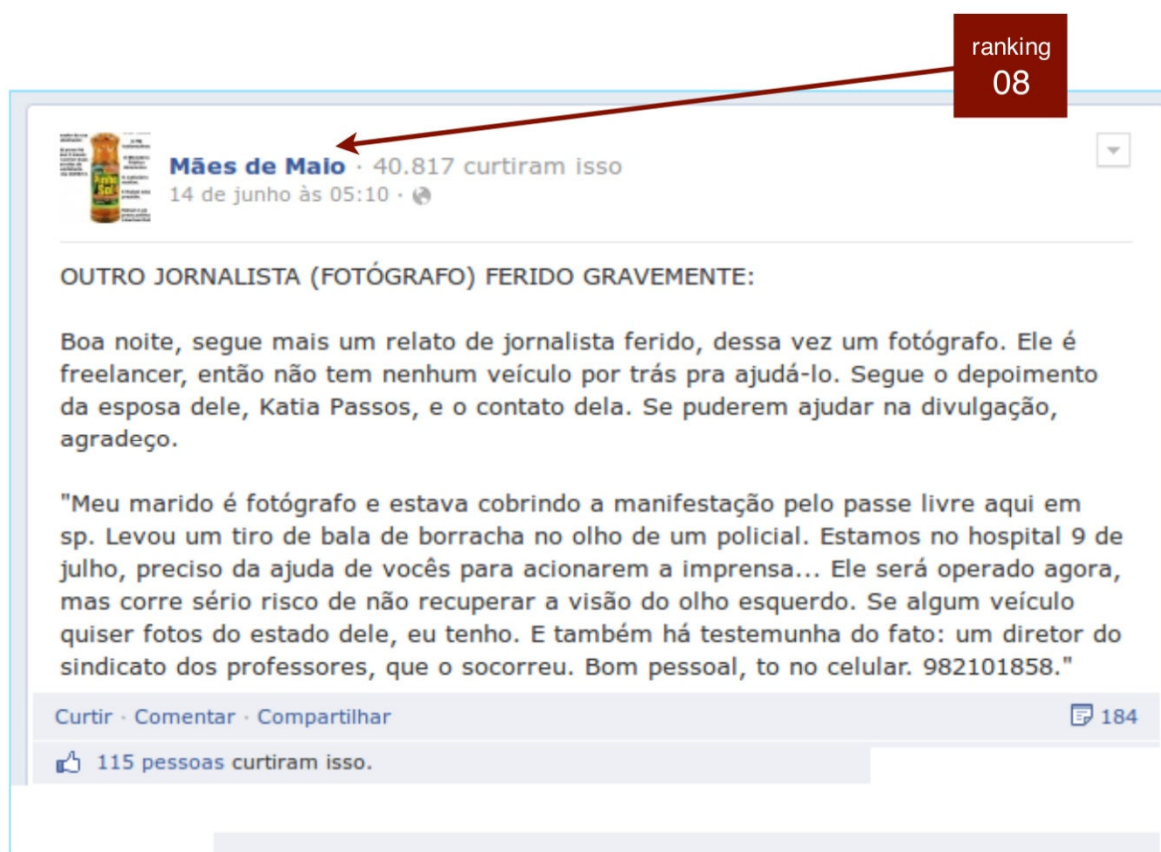


Figura 178. Autoridade – Mães de Maio no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Presença das Mães de Maio nas *Manifestações de Junho*, atuando como autoridade em rede durante as manifestações. Desde 2006, o movimento formado por mães vítimas de crianças assassinadas por policiais militares luta contra a violência policial, oferecendo apoio às vítimas e familiares.



Figura 179. Autoridade – Ocupa a Rede Globo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

A crítica à cobertura de que estava sendo realizada e transmitida via TV e por jornais impressos no País sobre as manifestações emergiu na rede social Facebook e ocupou espaço entre os debates e principais demandas dos manifestantes.



Figura 180. Autoridade – Uma outra Opinião no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 181. Autoridade – Passe Livre São Paulo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Fotos da Linha do tempo[Retornar ao álbum](#) · [Fotos de Catraca Livre](#) · [Página de Catraca Livre](#)**Catraca Livre**

Flores contra a violência!

Álbum: [Fotos da Linha do tempo](#)

Compartilhado com: Público

O [Catraca Livre](#) deseja que esta imagem inspire a todos nas manifestações.

Foto: Rodrigo Soares — com [Diego Esteves](#), [Andrea Rocha](#), [Victor Dragonetti](#) e [Rodrigo Toneto](#).

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) · 13 de junho

8.088 pessoas curtiram isso.

6.647 compartilhamentos

Figura 182. Autoridade – Catraca Livre no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 183. Autoridade – Clóvis Cranchi Sob no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Clóvis Cranchi Sob atuou como autoridade durante as manifestações. Na época, em 2013, morava na região metropolitana de São Paulo (Sto. André) e trabalhava na Rede ECO/TV. No Facebook, sua página de perfil apresentava uma rede de aproximadamente 5 mil amigos.



Figura 184. Autoridade – NINJA no Facebook (13/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/ 2013

ranking
20

A vida como ela é

Retornar ao álbum · Fotos de Rafael Bruno · Linha do tempo de Rafael Bruno

Rafael Bruno Lopes Salgado

Essa senhora que passava no momento levou um tiro na cara do meu lado. Os manifestantes gritavam sem violência e recebemos uma chuva de gas lacrimogêneo e bomba de borracha no meio da Consolação. A polícia encurralou todos na Praça roosevelt, levei três bombas do meu lado, com todos sem ter aonde ir. Ficamos presos na frente da justiça eleitoral com chuvas de gas e tiro de borracha. estava quase desmaiando quando abriram a garagem do estacionamento do meu lado e logo em seguida atiram nessa senhora no rosto do meu lado. Que polícia é essa que atira e lança gas no centro de Sao paulo indiscriminadamente? O ônibus que disseram que foi incendiado, na verdade recebeu uma bomba da polícia que entrou na janela. Ele estava na minha frente. As pessoas estavam sendo detidas por portarem "vinagre" para se protegerem do gas. Que arma mortífera!

Curtir · Compartilhar · 14 de junho

4.894 pessoas curtiram isso.

16.747 compartilhamentos

Álbum: A vida como ela é

Compartilhado com: Público

Figura 185. Autoridade – Rafael Bruno Lopes Salgado no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Rafael foi autoridade no Facebook durante as manifestações. Em 2013, era funcionário público da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Sua rede de contatos possuía, aproximadamente, 1.500 amigos no Facebook.

DIA 17

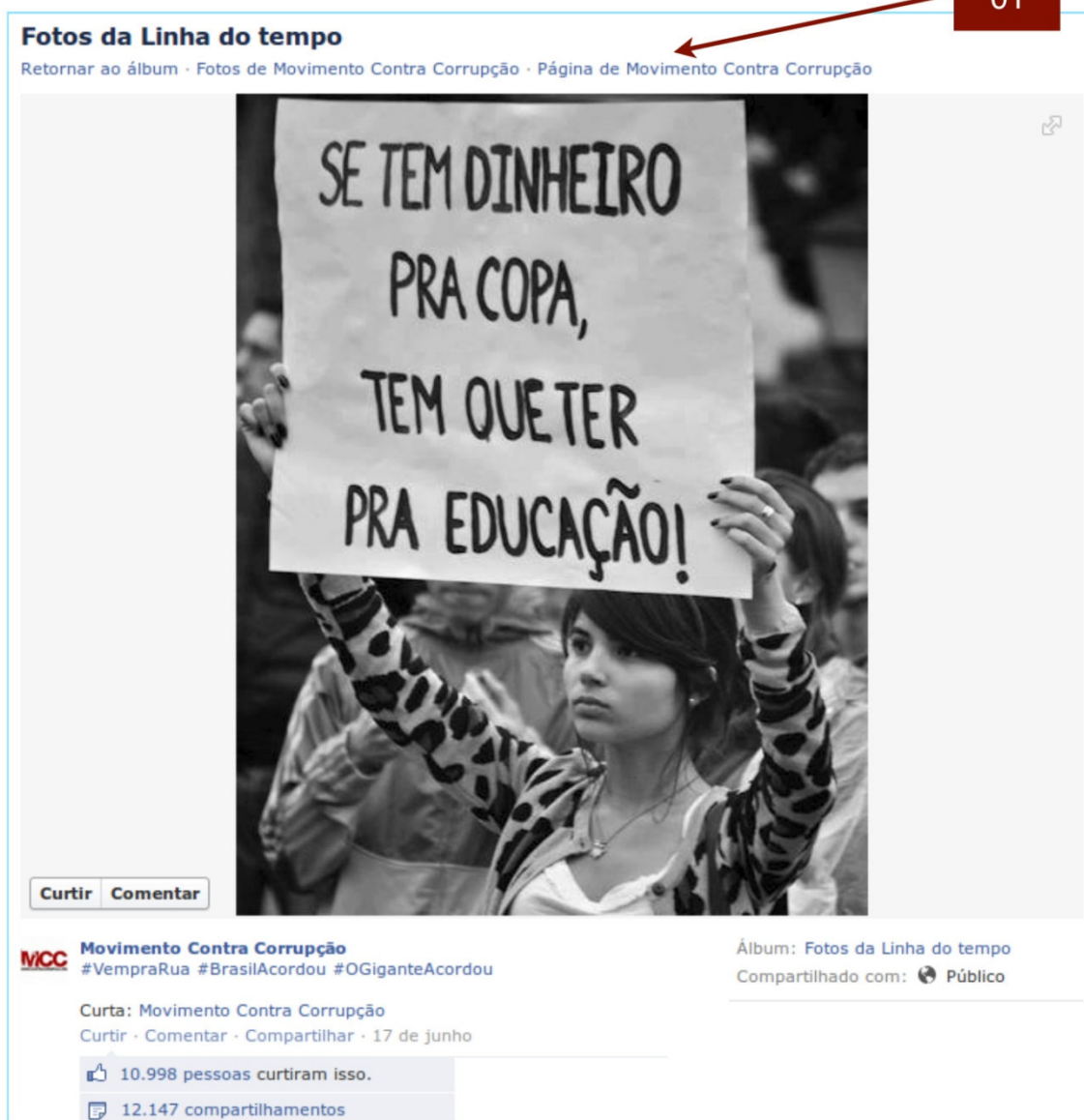
ranking
01

Figura 186. Autoridade – Movimento Contra Corrupção no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking
02

Fotos da Linha do tempo

[Retornar ao álbum](#) · [Fotos de AnonymousBrasil](#) · [Página de AnonymousBrasil](#)



Curtir
Comentar
Marcar foto



AnonymousBrasil
 #Anonymous #AnonymousBrasil #OGiganteAcordou
 #PrimaveraBrasileira #VerásQueUmFilhoTeuNãoFogeALuta
 Ato com 65 mil participantes fecha marginal Pinheiros, em SP, e chega
 ao Palácio dos Bandeirantes

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/17/ao-menos-5000-manifestantes-fecham-a-avenida-faria-lima-protesto-segue-em-direcao-a-paulista.htm>

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) · 18 de junho


5.816 pessoas curtiram isso.


2.827 compartilhamentos

Álbum: [Fotos da Linha do tempo](#)
 Compartilhado com:  Público

Figura 187. Autoridade – AnonymousBrasil no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 188. Autoridade – Tico Santa Cruz no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Luis Guilherme Brunetta Fontenelle de Araújo, mais conhecido pelo seu nome artístico Tico Santa Cruz é músico, compositor, escritor e ativista social brasileiro. Vocalista da banda

Detonautas Roque Clube, possui aproximadamente 500 mil assinantes em sua página de perfil no Facebook.



Figura 189. Autoridade – NINJA no Facebook (17/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking 09

Fotos de capa
Retornar ao álbum · Fotos de Luizinho · Linha do tempo de Luizinho

**LUTE POR SEU PAÍS. NÃO POR PARTIDOS OU CAUSAS.
ESSA É A BANDEIRA CERTA**



NÃO ESSAS



www.facebook.com/PolicialUmHeroi

Luizinho Veiga
Compartilhar · 18 de junho

7 pessoas curtiram isso.

144 compartilhamentos

Álbum: Fotos de capa
Compartilhado com: Público

Figura 190. Autoridade – Luizinho no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 191. Autoridade – Resposta de um dos Anonymous ao vídeo de Arnaldo Jabor no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking
12

Fotos da Linha do tempo

Retornar ao álbum · Fotos de Folha de S. Paulo · Página de Folha de S. Paulo

GASTANDO MUNDO AFORA

Documentos revelam despesas de viagem de Dilma

NO ORÇAMENTO
R\$ 73,2 milhões foram pagos com missões oficiais de presidente e vice desde 2005

VALOR GASTOS POR ANO, EM R\$ MILHÕES

Ano	Valor (R\$ milhões)
2005*	9,6
2006	12,6
2007	7,8
2008	10,9
2009	10,5
2010	8,5
2011	10,4
2012**	(-)
2013***	2,9

US\$ 4,5 milhões
é o valor gasto com hospedagem da comitiva presidencial nas 46 viagens internacionais entre 2011 e abril de 2013

US\$ 3,1 milhões
é a despesa com o pagamento de diárias para ministros, equipe de apoio e funcionários nas missões no estrangeiro em 2011 e 2012

US\$ 19 mil
era o valor da diária da suíte presidencial do hotel onde Dilma se hospedou em Nova York em setembro passado

€ 9.457
Valor gasto para instalar linhas telefônicas na suíte presidencial e no quarto da ajudante de ordens em Paris, em dezembro passado

€ 1.920
custo do serviço de café e água no escritório de apoio do escalão avançado na visita a Cádiz, na Espanha

US\$ 121.337
foi o preço pago com hospedagem e diárias na "parada técnica" em Atenas, em 2011

Fac-símiles de documentos que listam gastos de viagens da presidente

*No acompanhamento do Orçamento, só há registros de rubrica "viagens oficiais do presidente e vice-presidente da República no exterior" a partir de 2005
**Bilhete de ida e volta para o exterior em 2012. Outros gastos com viagens internacionais podem ter sido contabilizados com diferentes códigos
***Apêndice

Curir Comentar

Folha de S. Paulo
Papéis revelam gastos de Dilma em viagens internacionais.
<http://folha.com/no1296255>
Curir · Comentar · Compartilhar · 17 de junho

1.956 pessoas curtiram isso.
3.229 compartilhamentos

Álbum: Fotos da Linha do tempo
Compartilhado com: Público

Figura 192. Autoridade – Página de Folha de S. Paulo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 193. Autoridade – Daniel no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 194. Autoridade – Página de Brasil Contra a Corrupção no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 195. Autoridade – Página de Pedro Bial no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 196. Autoridade – Página Arquitêta no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

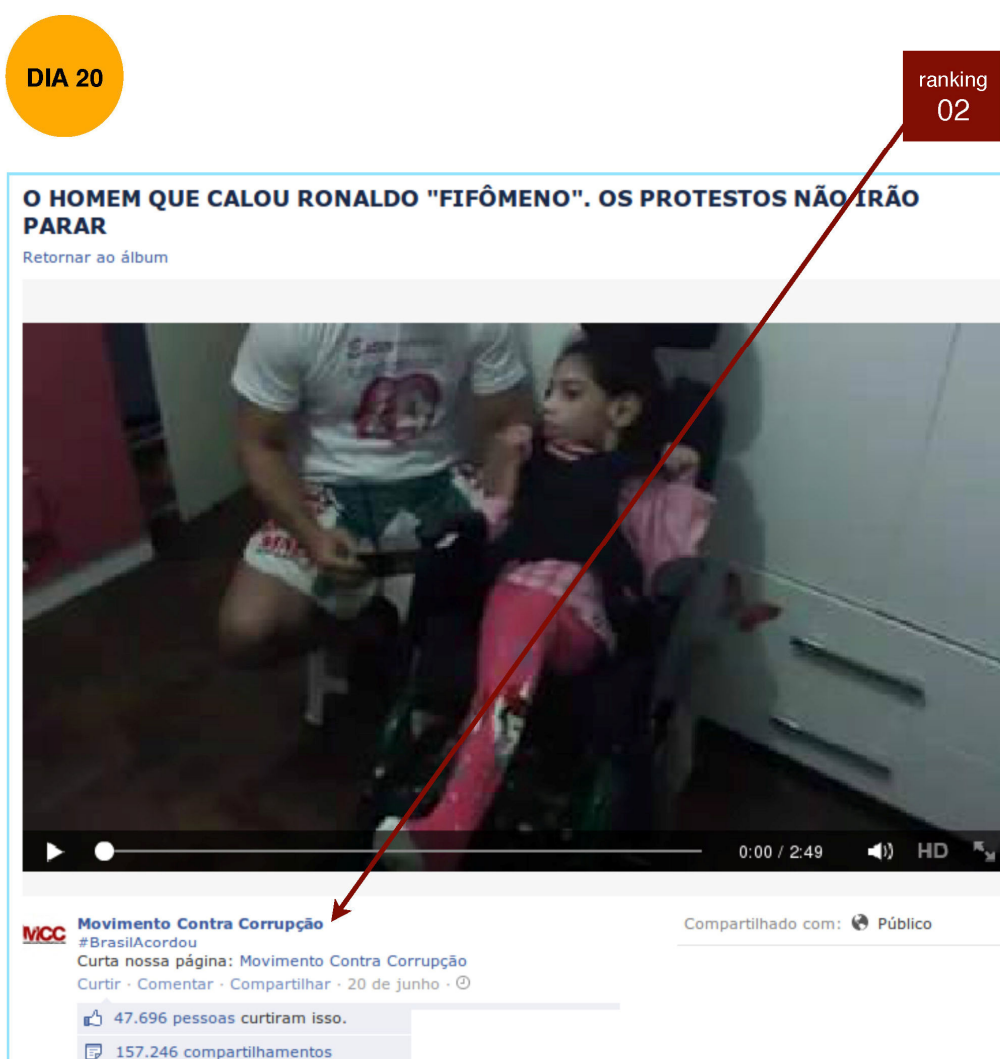


Figura 197. Autoridade – Página de Movimento Contra Corrupção no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 198. Autoridade – Página de Isso é Brasil no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 199. Autoridade – A Verdade Nua & Crua no Facebook (21/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 200. Autoridade – A Educação é a Arma para mudar o Mundo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 201. Autoridade – Página de estadao no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 202. Autoridade – Página de Viktor Rotgarius no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Viktor mora no Rio de Janeiro. É solteiro, interessado em mulheres. Tem 473 amigos e é seguido por 128 pessoas. É fã do *Mass Effect*, um game de RPG para Xbox que se passa no ano de 2183. O título do game faz referência a uma tecnologia que permite a viagem em uma velocidade mais rápida que a luz.



Figura 203. Autoridade – Página de TodoNatalense no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

TodoNatalense é a uma *fanpage* de entretenimento, humor e política da capital potiguar. Segundo o autor “a maior e melhor no seguimento”. Criada em dezembro de 2011, reúne aproximadamente cento e vinte mil fãs. A postagem do dia 21 de junho teve 2.252 “curtir” e 692 compartilhamentos.



Figura 204. Autoridade – Desce a Letra no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 205. Autoridade – Página de Turbay Júnior no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Turbay Júnior, casado, estudante da UNP, de Mossoró – Rio Grande do Norte. Em seu perfil no Facebook havia 140 fotos e 2.066 amigos. No post (ilustrado na figura acima), Turbay utiliza a foto de Jô Soares, apresentador e humorista de TV com a expressão: “JÔ Explica...” para falar sobre as demandas das manifestações no Brasil. O post teve 439.496 compartilhamentos.



Figura 206. Autoridade – Página de europeans against the political system no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 207. Autoridade – Compartilhem, curtam e espalhem para o mundo...
Acorda Brasil no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

A metodologia e a visualização de dados aplicadas ao estudo de autoridade foram utilizadas para o estudo dos *hubs* nas *Manifestações de Junho*. O resultado foi um gráfico semelhante ao gráfico de autoridade, mas sob um outro ponto de vista: quais foram as entidades ou nós que mais compartilharam conteúdo sobre as manifestações no Facebook? Lembrando que um nó de rede (pessoa ou página) que tenha seus *posts* muito replicados tem uma grande *autoridade*. Já quem compartilha muitos *posts* de outros perfis tem um valor de Hub elevado.

Houve algum ator (pessoa ou página) que desempenhou o papel tanto de autoridade quanto de Hub? É o que mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 26. Evolução do *ranking* de *Hubs* no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013
(anexo 3)

Evolução do ranking de “Hub” dos nós de rede no Facebook durante 6 manifestações de Junho convocadas pelo MPL



Fonte dos dados: <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>

No gráfico de *hubs*, percebemos uma participação maior de entidades que foram disseminadoras de informação, replicadoras de conteúdos e *links* sobre as *Manifestações de Junho*, apontando uma adoção dessa forma de comportamento participativo no Facebook. Destacam-se no gráfico *AnonymosBrasil* e *A Verdade Nua & Crua* que atuaram tanto como Hubs quanto autoridades nas manifestações, do início ao fim do período. O *Passe Livre São Paulo*, entidade convocatória inicial das manifestações, ocupou o terceiro estável lugar ao fornecer informações do 3º ao 5º ato.

O *Movimento Contra a Corrupção* chegou ao segundo lugar nos dois últimos atos. E *Isso é Brasil* conquistou espaço nos três últimos atos das manifestações ao disseminar

informação realizando um movimento de ocupação oposto ao recuo apresentado por *AnonymousBrasil*.

Nessa miríade de *hubs*, o que observamos foi um comportamento de caráter menos institucional devido à quase ausência dos grandes portais de comunicação em mídia, que pouco replicaram as publicações do Facebook e a participação de várias entidades desconhecidas, usuários.

A presença de um número menor de linhas de continuidade no gráfico, principalmente nos primeiros dias da manifestação, permite que observemos a presença de vários nomes de pessoas, algumas delas, pessoas de pontos distantes do País que compartilharam as informações, personalidades políticas, organizações como a das Mães de Maio que lutam contra a violência policial.

Essa pulverização de nomes deu às manifestações um tom mais regional, como veremos a seguir, por meio de exemplos de algumas postagens de *hubs*.



Figura 208. Hub – Lucas Baldisserra no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 209. Hub – João Paulo Teixeira Pires no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 210. Hub – André Dias Mannrich no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 211. Hub – Juliano Fuda Padilla no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking
16

Anderson E. S. Güebra compartilhou a foto de estado.

8 de junho às 03:41

Talita Dornelles: Não ter tarifa é radical demais, não existe almoço grátis. Sou a favor de preços justos para um transporte de qualidade!

Curtir · Responder · alguns minutos atrás

Anderson E. S. Güebra: concordo plenamente! preço justo é uma coisa, agora de "graça" já é demais! td bem que a tarifa não é absolutamente compatível com o "padrão" de "qualidade, TODAVIA, não é destruindo e quebrando tudo que vamos conseguir que o valor abaixe! Estive lá ontem, acompanhei boa parte mas quando vi uma leva de sindicalistas fazendo uma "lavagem cerebral e incitando as pessoas" a participarem se necessário de "forma pesada" eu fui embora! Virou protesto de marginais sem cérebro que foram induzidos por pessoas torpes nas quais, no momento que se perdeu o controle, os mesmos, ficaram de "camarote" assistindo os manifestantes apanharem da polícia (e pelo menos 10% mereceram e muito)! COMO MEU FALECIDO AVÔ DIZIA E EU SIGO DE EXEMPLO: "TEU DIREITO ACABA QUANDO TÚ COMEÇAS A INTERFERIR NO DIREITO ALHEIO"!

Curtir · Responder · alguns segundos atrás

'Transporte público não deve ter tarifa', defende estudante que integra Movimento Passe Livre. Veja mais em <http://migre.me/eUzeI> (via [Metrópole Estadão](#))

Foto: Tiago Queiroz/Estadão

Figura 212. Hub – Anderson E. S. Güebra no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

DIA 11

ranking
01

A Verdade Nua & Crua · 635.653 curtiram isso
10 de junho às 13:10 · 🌐

Curta a página [AnonymousBrasil](#)

Mensagem atribuída a promotor sugere que PM mate manifestantes: "eu arquivarei o inquérito"

 **Rogério Zagallo**
há 3 horas via celular · 21

Estou há 2 horas tentando voltar para casa mas tem um bando de bugios revoltados parando a avenida Faria Lima e a Marginal Pinheiros.
Por favor, alguém poderia avisar a Tropa de Choque que essa região faz parte do meu Tribunal do Júri e que se eles matarem esses filhos da puta eu arquivarei o inquérito policial.
Petista de merda. Filhos da puta. Vão fazer protesto na puta que os pariu...
Que saudades da época em que esse tipo de coisa era resolvida com borrachada nas costas dos medras ...

Curta · Comentar · Compartilhar

www.AnonymousBr4sil.com

Mensagem atribuída a promotor sugere que PM mate manifestantes: "eu arquivarei o inquérito"
#Anonymous
Curta nossa página [AnonymousBrasil](#)

Leia mais: <http://www.anonymousbr4sil.com/2013/06/mensagem-atribuida-promotor-sugere-que.html#.UbXc4ZGYNok>

Curta · Comentar · Compartilhar

👍 28 pessoas curtiram isso.

Principais comentários ▾ 32

Figura 213. Hub – A Verdade Nua & Crua no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 214. Hub - Passe Livre São Paulo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 215. Hub – Andrea Matarazzo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking
14

Mate Trotamundo compartilhou a foto de Passe Livre São Paulo.
12 de junho às 04:51 · 🌐

"Hoje, um grande ato pacífico foi reprimido brutalmente ao chegar ao Terminal Pq. Dom Pedro II. Houve agressões e detenções arbitrárias na Praça da Sé e na avenida Paulista.

Já temos informações de que há mais de 16 detidos, sendo 10 sem possibilidade de fiança, 1 com fiança definida em 20 mil reais e outros 5 com fianças entre mil e 3 mil reais.

Isso representa um processo de criminalização de uma luta pacífica e justa - da população. Precisamos urgentemente libertar nossos companheiros, para tê-los ao nosso lado na quinta-feira.

Para isso, contamos com a solidariedade de todos e todas que possam contribuir financeiramente para ajudar a pagar as fianças. É possível doar pela internet (<http://www.vakinha.com.br/VaquinhaP.aspx?e=202631>) ou depositar na seguinte conta:

Caixa Economica Federal
Agência 1365
Operação: 013 (poupança)
Conta: 00021371-3
Erica Oliveira do Nascimento
CPF 384584808-16"

Hoje, um grande ato pacífico foi reprimido brutalmente ao chegar ao Terminal Pq. Dom Pedro II. Houve agressões e detenções arbitrárias na Praça da Sé e na aveni...
[Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

👍 5 pessoas curtiram isso.

Figura 216. Hub – Mate Trotamundo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 217. Hub – Juliano Maltoso no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 218. Hub – Cristian Fedrizzi no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

DIA 13

ranking
04

Figura 219. Hub – AnonymousBrasil no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 220. Hub – Mães de Maio no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

ranking
06



Anonymous Brasil · 53.934 curtiram isso
 14 de junho às 00:37 · 🌐

São Paulo - 13 de junho de 1964

"Amigos, URGENTE!
 Agora são 21h e acabo de receber a ligação do Mario Silva que informa estar entre milhares de pessoas encurraladas pela tropa de choque e PM na Avenida Paulista que foi totalmente bloqueada. Mario informa que foram bloqueadas todas saídas e acessos da Paulista e a força militar não deixa ir embora nem manifestantes, nem pessoas que estão contra a manifestação, nem trabalhadores que nada tem a ver com o evento. Portanto, Mario está desesperado, pedindo ajuda de quem puder. Pediu para que divulgasse aqui no mural na esperança de socorro. Segundo ele a polícia está atirando indiscriminadamente com balas de borracha na direção de uma multidão encurralada. Informou também que já vomitou várias vezes e que não tem como fugir. Por favor, ajudem divulgar COMPARTILHANDO."

Curtam [Anonymous Brasil](#)
 > Sêneca <

<https://www.facebook.com/cristina.carnelos.5/posts/10200677749559626>



Cristina Carnelós
 Amigos, URGENTE!
 Agora são 21h e acabo de receber a ligação do [Mario Silva](#) que informa estar entre milhares de pessoas encurraladas pela tropa de choque e PM na Avenida Paulista que foi totalmente bloqueada. Mario informa que foram bloqueadas todas saídas e acessos da Paulista e a força militar não deixa ir embora nem manifestantes, nem pessoas que estão contra a manifestação, nem trabalhadores que nada tem a ver com o evento. Portanto, Mario está desesperado, pedindo ajuda de quem puder. Pediu para que divulgasse aqui no mural na esperança de socorro. Segundo ele a polícia está atirando indiscriminadamente com balas de borracha na direção de uma multidão encurralada. Informou também que já vomitou várias vezes e que não tem como fugir. Por favor, ajudem divulgar COMPARTILHANDO.

Curtir · Comentar · Compartilhar
🗨️ 122

👍
24 pessoas curtiram isso.

Figura 221. Hub – AnonymousBrasil no Facebook (14/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 222. Hub – Bueiro Aberto no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 223. Hub – João Mattar no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 224. Hub – Plano Anonymous Brasil no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

DIA 17

ranking
01

Figura 225. Hub – AnonymousBrasil no Facebook (17/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 226. Hub – A Verdade Nua & Crua no Facebook (17/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Anonymous Rio · 172.976 curtiram isso
18 de junho às 04:39 · 🌐

Já de muito tempo o ideário Anonymous vem combatendo esta mídia falsa, omissa, covarde, manipuladora, criminosa, e ditatorial, já de muito tempo estamos atentos ao que a Rede Globo pode causar com suas matérias manipuladoras, sua omissão, e seu não compromisso com a verdade, esta foto é da Op Rede Globo no início do ano em sua sede no Jardim Botânico no RJ, fomos 30 manifestantes "apenas" nesta Op, que consistia em protestar contra toda política desta emissora citada aqui, e assim, o fizemos, o que estávamos a preceder antes, é o que boa parte do povo hoje já vê, que esta emissora mente, e manipula a verdade, eramos "apenas" 30 guerreiros e não pudemos nos fazer ouvir da forma que nossas vozes chegassem até os corredores da redação deste prédio, e agora será que não seria a hora de voltarmos com mais irmãos em luta de novo a este endereço?



Curtir · Comentar · Compartilhar

 842 pessoas curtiram isso.

 Visualizar comentários anteriores

327

Figura 227. Hub – Anonymous Rio no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 228. Hub – Uol no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 229. Hub – Geração Invencível no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 230. Hub – Dia do Basta no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

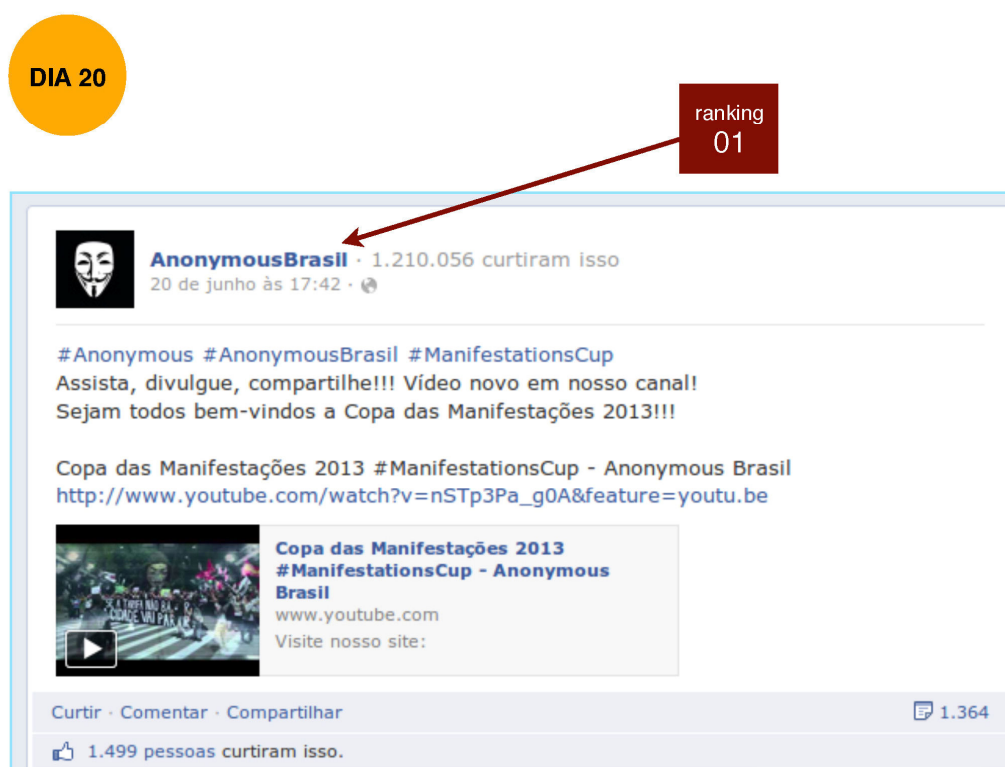


Figura 231. Anonymous Brasil no Facebook (20/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 232. Hub – A Verdade Nua & Crua no Facebook (20/06/2013)
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 233. Hub – Isso é Brasil no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 234. Hub – Anonymous Brasil no Facebook (20/06/2013) – 17:44h
Manifestações de Junho – Brasil/2013



Figura 235. Hub – A Educação é a Arma para mudar o Mundo no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013



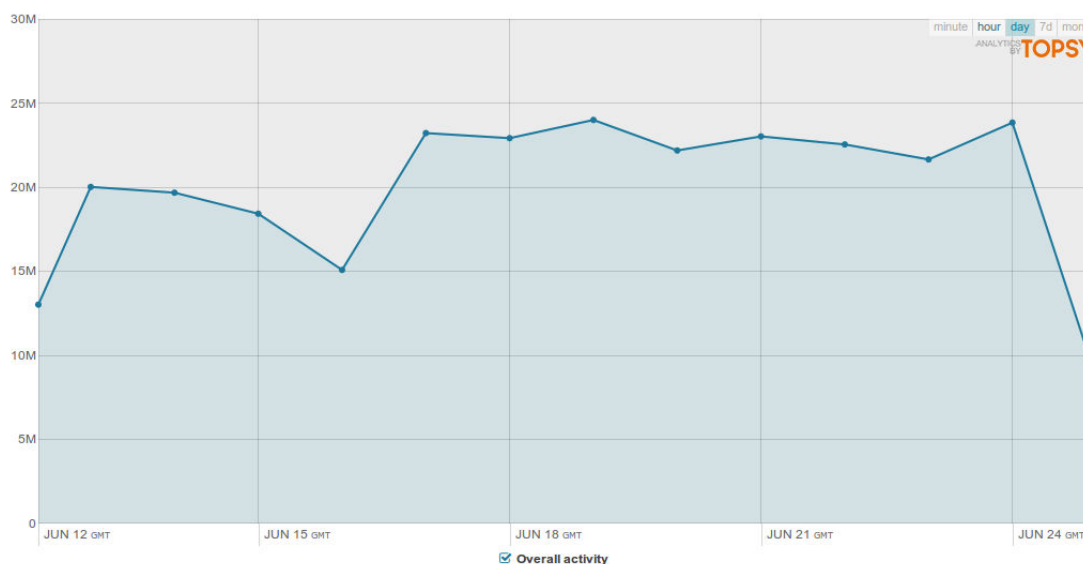
Figura 236. Hub – Geração Invencível no Facebook
Manifestações de Junho – Brasil/2013

Ao observarmos a conversação e agenciamentos em redes e ruas pode-se dizer que foi marcante o potencial de ação coletiva com pessoas não relacionadas com instituições de qualquer espécie, produzindo uma opinião pública na rede distribuída da internet, de modo a se mostrar capaz de pressionar a imprensa tradicional de a alterarem o foco de cobertura de suas reportagens e editoriais. Isso porque a nova mídia colaborativa, composta por muita gente com um celular na mãos é capaz de difundir ao vivo, colada imediatamente aos acontecimentos, imagens, textos, charges, material fotográfico, ampliando a escala de registros e a abrangência do conhecimento do público. Esse tipo de cobertura distribuída e colaborativa produz, diferentemente da imprensa tradicional – que busca criar a totalidade dos acontecimentos numa narrativa unificadora e panorâmica –, estratégias de unificação provisória, integralização e costura (efeitos de técnicas de pós-filtro), como as *tags*, *#hashtags*, visualizações e metadados, agenciando em abundância singularidades do boca a boca digital.

4.9.2 *Manifestações de Junho - Ocupação no Twitter*

Para abordar as *Manifestações de Junho* no Twitter, utilizamos a ferramenta Topsy aplicando dois critérios: busca por Tweets publicados no Brasil, no período 12 a 25 de junho de 2013⁷⁴. Iniciamos as buscas um pouco antes do *boom* das ruas, ou seja, ao período correspondente de 17 a 20 de junho, expandindo o prazo para 12 a 25 de junho, de modo a visualizar o efeito de produção de atenção e mobilização política de caráter distribuído ao longo de duas semanas na vida de milhões de brasileiros. Como resultado, obtivemos o número total de **278.137 milhões de tweets**⁷⁵ no Brasil naquele período, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 27. Frequência de Tweets no Brasil
Período 12 a 25 de junho de 2013



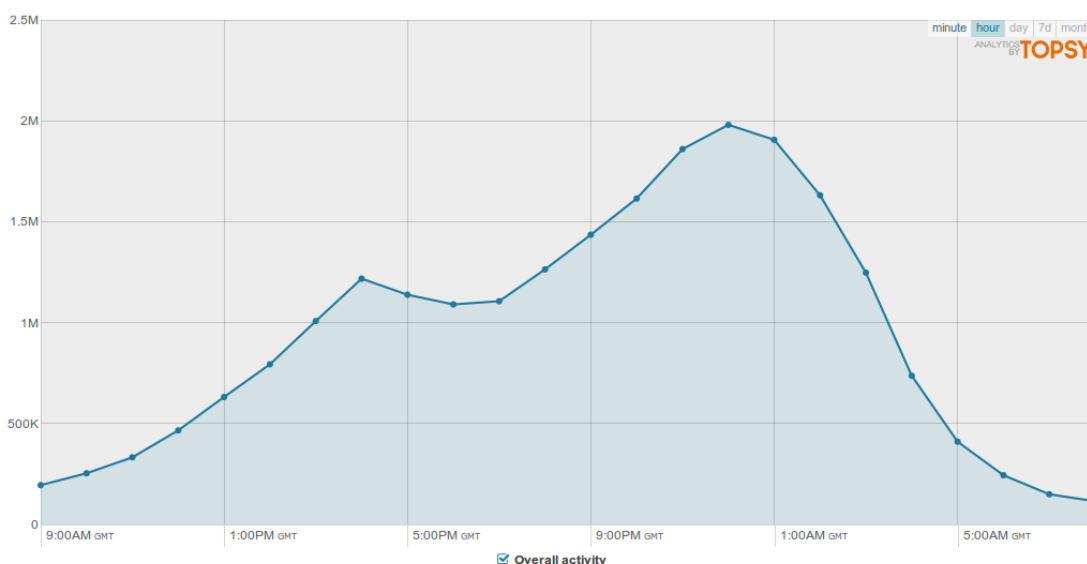
Base: 278.137 milhões

Consideramos para a análise dos Tweets as *hashtags* com frequência acima de 1.000 Tweets. O Gráfico 28 apresenta exemplo de um dia típico em que se esboça o número de Tweets por hora no Brasil, das 6h do dia 20/06 até as 5h59 do dia 21/06:

Gráfico 28. Exemplo – Número de Tweets x hora
Dia 20/06/2013

⁷⁴ Como o ponto de mínimo na maioria dos dias se dá às 5h da manhã, resolvemos considerar o intervalo das 0h às 6h como pertencendo ao dia anterior, obtendo, desse modo, um ciclo completo. Esse critério foi aplicado a todas as buscas.

⁷⁵ Os Tweets no Topsy são georreferenciados com precisão de 90%. Isto significa que 90% dos Tweets associados ao Brasil são realmente do Brasil, segundo o métodos de controle do Topsy.



Nesse exemplo, em que foram consideradas as *hashtags* acima de 1.000 Tweets, encontrou-se o resultado de 29 *hashtags* publicadas no dia 20/06 (das 6h do dia 20/06 até as 5h59 do dia 21/06). A título de ilustração, na figura a seguir, estão dispostas as nove primeiras *hashtags* no *ranking* do dia:

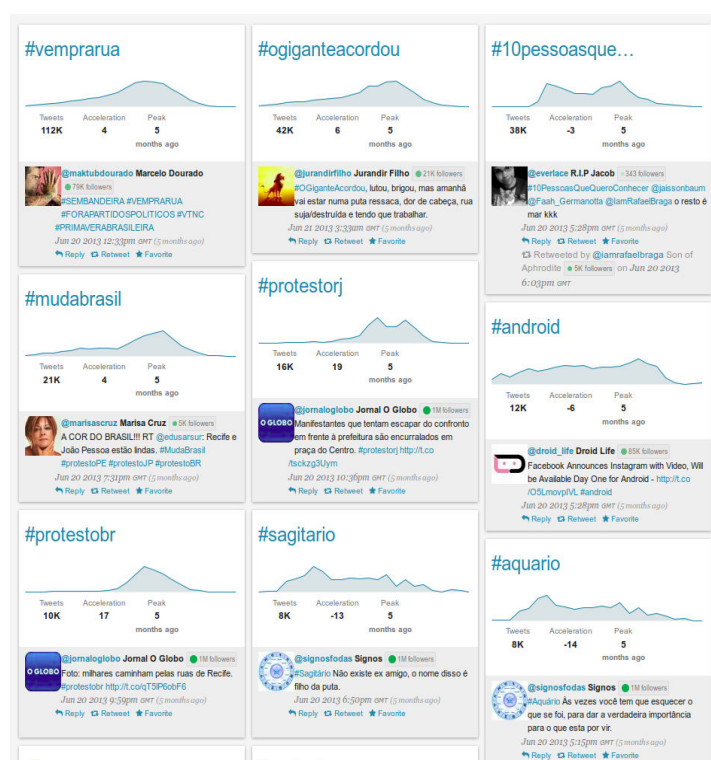


Figura 237. Exemplo – *Ranking* das 9 *hashtags* com maior número de Tweets em 20/06/2013

Em sequência aos procedimentos metodológicos, elaborou-se uma tabela com as *hashtags* mais frequentes no Brasil, por dia, durante o período de 12 a 25 de junho de 2013. Somente foram selecionadas as *hashtags* com frequência acima de 1.000 Tweets. No total, foram encontradas **165** diferentes *hashtags* dispostas nas tabelas a seguir:

1	hashtags usadas no Brasil	12/jun	13/jun	14/jun	15/jun	16/jun	17/jun	18/jun	19/jun	20/jun	21/jun	22/jun	23/jun	24/jun	25/jun	Total dos dias com mais de mil tweets
2	#vemprarua						138.681	87.761	57.847	112.970		19.352	9.548			426.159
3	#verasqueumfilhoteunaofogealuta						372.309			5.009						377.318
4	#ogiganteacordou				3.859		110.859	53.883	32.412	42.953						243.966
5	#mudabrazil						139.976	28.708	17.180	22.021	9.420					217.305
6	#todosunidosporumbrazilmelhor							117.637								117.637
7	#protestorj					46.245	46.552			16.954						109.751
8	#protestosp		5.457				68.734	27.650								101.841
9	#changebrazil						56.748	38.438								95.186
10	#afazenda												35.473	27.001	22.422	84.896
11	#chupadilma				78.204											78.204
12	#foradilma						17.884	55.589								73.473
13	#staystrongdemianDallas											57.789				57.789
14	#acordabrazil						46.405			7.402						53.807
15	#bellevetour						6.809				13.824	15.716			14.144	50.493
16	#cite20pessoas lindas														50.311	50.311
17	#odarevolucaocomecacomumafaisca					47.388										47.388
18	#amajuntodilma										43.195					43.195
19	#sagitario	8.243		8.057			7.584			8.922					9.897	42.703
20	#calaabocadilma										38.962					38.962
21	#10pessoasquequeroconhecer									38.797						38.797
22	#android							11.751	11.773	12.118						35.642
23	#gemeos		9.212					7.743	8.009			10.090				35.054
24	#virgem		8.307					7.132	7.847					11.381		34.667
25	#ouro	7.397				6.456				8.289				11.711		33.853
26	#lancamentodoclipeteesperandols												33.663			33.663
27	#curagay							32.040								32.040
28	#peixes	8.312	8.708											12.356		29.376
29	#leao		9.443		6.459	6.675					6.764					29.341
30	#libra			8.367			8.082					10.192				26.641
31	#capricornio				6.140								8.998	10.876		26.014
32	#felizdiadosnamorados	22.686														22.686
33	#protestoce								17.474	4.267						21.741
34	#afazenda6												21.549			21.549
35	#forafeliciano							15.222	5.626							20.848
36	#love			7.143	7.536				5.942							20.621
37	#mmva					20.519										20.519
38	#rippatricklovato											19.528				19.528
39	#aries							7.846				11.086				18.932
40	#cancer										8.073	10.816				18.889
41	#protesto						7.108			8.135	3.525					18.768
42	#clipeteesperando1milhaodevisualizacoes														18.240	18.240
43	#escorpiao									7.544				10.444		17.988
44	#diadosnamorados	16.483	1.379													17.862
45	#brasil								13.559						3.707	17.266
46	#pec37										1.640				15.532	17.172
47	#saramandaia													17.110		17.110
48	#faltam20diasdvduansantana						16.862									16.862
49	#sp17j						16.198									16.198
50	#protestobr						5.686			10.373						16.059
51	#aquario							7.300		8.605						15.905
52	#partiu			13.502												13.502
53	#anonymous						13.424									13.424
54	#cacadoradepalavras							13.378								13.378
55	#apoiadilma					13.017										13.017

Tabela 12. *Hashtags* mais frequentes no Brasil
Período 12 a 25/06/2013

1	hashtags usadas no Brasil	12/jun	13/jun	14/jun	15/jun	16/jun	17/jun	18/jun	19/jun	20/jun	21/jun	22/jun	23/jun	24/jun	25/jun	Total dos dias com mais de mil tweets
56	#teamfairyroze		2.539	3.065					3.448					3.896		12.948
57	#tbtjp			5.434								6.822				12.256
58	#whitemonday						11.323									11.323
59	#restartnoprogramadatarde			10.494												10.494
60	#camarimrestartbarradopirai		10.485													10.485
61	#protestodf						8.073			1.882						9.955
62	#dilma										7.461			2.283		9.744
63	#copadasconfederacoes				8.338								1.345			9.683
64	#soucontrapec37							8.804								8.804
65	#avrilonmmvas					8.537										8.537
66	#bandacalypsonoaraiadolegendarios											8.513				8.513
67	#sp18j							8.002								8.002
68	#follow													4.087	3.703	7.790
69	#saturdaynightonline				4.558							3.134				7.692
70	#revolucao								5.858	1.668						7.526
71	#brazil			2.399					5.049							7.448
72	#passelivre		5.275	1.635												6.910
73	#oquevocesfalariamparaadilmaagora							6.850								6.850
74	#semviolencia						6.699									6.699
75	#retweet			6.354												6.354
76	#spfc	3.055												1.289	1.203	5.547
77	#mafiaplaystation												4.087	1.336		5.423
78	#protestobrasil				2.235	3.160										5.395
79	#uiteumfilmecomvinagre			5.311												5.311
80	#oucareaolucao									1.954			3.322			5.276
81	#withdankanter						5.254									5.254
82	#manuchat			5.223												5.223
83	#musicjournals	5.171														5.171
84	#1dthisisuff										5.081					5.081
85	#justinmva					5.077										5.077
86	#believetourbmr											2.773		2.272		5.045
87	#evenhagueviereuestareiprasemprecomvovels					4.934										4.934
88	#amoravida										4.809					4.809
89	#paniconaband					4.677										4.677
90	#music										2.235			2.432		4.667
91	#17jcw						4.506									4.506
92	#protestopoa									4.496						4.496
93	#protestosbr								4.472							4.472
94	#buyoohlalaonitunes						4.382									4.382
95	#vaibrasil			4.080												4.080
96	#followback								3.995							3.995
97	#contraoaumento		3.990													3.990
98	#teamgominho												3.988			3.988
99	#followme		2.255						1.576							3.831
100	#mobajuda						3.830									3.830
101	#whatisk ey									3.670						3.670
102	#ondavermelha									3.558						3.558
103	#vote4beliebersonma								3.538							3.538
104	#bom dia		3.506													3.506
105	#forapt									3.480						3.480
106	#terraoovivo						3.354									3.354
107	#buymadeintheusaonitunes													3.347		3.347
108	#thoughts	3.249														3.249
109	#rodaviva						3.194									3.194
110	#legendarios				3.022											3.022

Tabela 12. (Continuação) *Hashtags* mais frequentes no Brasil
Período 12 a 25/06/2013

1	hashtags usadas no Brasil	12/jun	13/jun	14/jun	15/jun	16/jun	17/jun	18/jun	19/jun	20/jun	21/jun	22/jun	23/jun	24/jun	25/jun	Total dos dias com mais de mil tweets
111	#6yearsofriot	2.995														2.995
112	#assistadrawsongtenhopenessa		2.927													2.927
113	#summerofhope										2.834					2.834
114	#cld13		1.557	1.174												2.731
115	#12dejunhode1993	2.722														2.722
116	#voicefinal							2.705								2.705
117	#brunasantanaseubrilhoemaiorqueorecalque							2.696								2.696
118	#bfrsttime	2.671														2.671
119	#vivenoarraia												2.407			2.407
120	#encontro										2.289					2.289
121	#nxzeronomixdiario		2.279													2.279
122	#mileyvevo														2.255	2.255
123	#sigam									1.082				1.166		2.248
124	#journals															2.195
125	#protestope									2.176						2.176
126	#fcaadica															2.163
127	#fortaleza						1.111	1.052								2.085
128	#michaeljackson														1.954	1.954
129	#wecantstop														1.939	1.939
130	#clipteencontrar	1.873														1.873
131	#instagram						1.836									1.836
132	#brasileitalia											1.801				1.801
133	#dancadosfamosos												1.789			1.789
134	#followgain													1.777		1.777
135	#dia23luansantana		1.710													1.710
136	#cobertura_globo									1.639						1.639
137	#jonasonmissusa					1.620										1.620
138	#twitamix				1.534											1.534
139	#omusicawards								1.486							1.486
140	#news		1.441													1.441
141	#nossoamornoaserapassagiereiteamaremosateomundoacabaris			1.440												1.440
142	#coberturaabfr												1.438			1.438
143	#damaresnoraulgil				1.409											1.409
144	#sp13j			1.400												1.400
145	#orgulho								1.380							1.380
146	#yudinatazenda												1.371			1.371
147	#brasil									1.369						1.369
148	#saidebaixo														1.307	1.307
149	#sanguibom									1.288						1.288
150	#globo news							1.278								1.278
151	#naslojasmcercomvoce								1.244							1.244
152	#bundadevacanamesavermelha									1.237						1.237
153	#flamengo						1.215									1.215
154	#japao								1.211							1.211
155	#asruasfalamos									1.199						1.199
156	#obrasilacordou					1.191										1.191
157	#demilookatyourwrists												1.128			1.128
158	#italia								1.104							1.104
159	#facebook						1.103									1.103
160	#ati						1.080									1.080
161	#saojoao										1.064					1.064
162	#cobertura_globo news									1.036						1.036
163	#fortalezaapavorada		1.026													1.026
164	#dimagolpista													1.025		1.025
165	#banho							1.022								1.022
166	#feliz							1.002								1.002

Tabela 12. (Continuação) *Hashtags* mais frequentes no Brasil
Período 12 a 25/06/2013

Foi necessário refinar ainda mais o nosso critério metodológico a fim de podermos selecionar dados relevantes com os quais pudéssemos trabalhar e sem perder de vista os dados que marcaram as *Manifestações de Junho*.

A partir da visualização dos dados nas tabelas, passamos a levar em consideração, portanto, as *hashtags* cuja frequência no período de 12 a 25 de junho de 2013 foi superior a 3.000 Tweets. Encontramos o total de 109 *hashtags*. Nosso propósito, ao produzir um gráfico a partir desses dados, foi apresentar uma visualização da rede social Twitter, no Brasil, antes e depois do período das *Manifestações de Junho*.

Buscamos observar de que maneira a rede social foi utilizada pelos usuários para a produção discursiva, assim como a capacidade de desempenho de cada *hashtag* em produzir sua “zona de ocupação”, como se observássemos os protestos nas ruas, as marchas, os percursos de ocupação, as zonas de enfrentamento. Da mesma maneira como aconteceu a mobilização social e o comportamento informacional na rede de microblogs.

Ao observar o percurso de ocupação de *hashtags* relacionadas às *Manifestações de Junho*, percebemos um movimento *sui generis* que será apresentado a seguir por meio de datas ou períodos específicos, de acordo com o gráfico.

- **Dia 12 de junho:** as pessoas se ocupavam no Twitter principalmente com temáticas tais como o Dia dos Namorados, os signos do zodíaco e também o São Paulo Futebol Clube.

- **Dia 13 de junho:** surgem as primeira *hashtags* relacionadas às manifestações – **#contraoaumento**, **#passelivre**, **#protestosp**, mas prevaleciam ainda a temática dos signos, assim como encontram-se registradas outras *hashtags* – **#bomdia** e **#followme**.

- **Dia 14 de junho:** as *hashtags* das manifestações publicadas no dia anterior permanecem, mas ainda em meio aos signos e aos programas de TV, como **#restartnoprogramadatarde**. A **#tuiteumfilmecomvinagre** já faz referência⁷⁶ aos protestos usando também o humor, característico da comunicação em rede.

- **Dias 15 e 16 de junho:** observa-se o aumento do número de *hashtags* com temáticas das manifestações (**#ogiganteacordou**; **#todarevoluçãocomeçacomumafaisca**; **#chupadilma**; **#apoiodilma**; **#protestorj**), ainda compartilhando o mesmo espaço da temática do futebol e ao evento da Copa das Confederações⁷⁷ e também a programas de TV, **#paniconaband**.

- **Dias 17 a 21 de junho – fenômeno de ocupação:** nesse período, observamos a ocupação do Twitter prioritariamente com o tema das *Manifestações de Junho*. As pessoas publicaram mais *hashtags* sobre essa temática que qualquer outro assunto no Brasil. Tal fato, apresentado no Gráfico 20 demonstra o Twitter como espaço para ocupação de novas práticas e discussões políticas concomitantes às passeatas e marchas que ocuparam as ruas. Dentre as *hashtags* que mais se destacaram em escala de Tweets nesse período de cinco dias de manifestação estão: **#verasqueumfilhoteunãofogealuta**; **#ogiganteacordou**; **#vemprarua** (que permaneceu por três dias seguidos). A **#vemprarua** é a maior *hashtag* em termos de volume relacionado aos protestos neste período. Percebe-se também que o tema das

⁷⁶ O vinagre tornou-se um dos símbolos das manifestações e motivo de humor na internet a partir do momento em que um jornalista foi preso na manifestação de São Paulo com um litro de vinagre para diminuir a toxicidade das bombas de gás lacrimogênio. O fato inspirou aplicativos no Facebook e página no Tumblr, sendo frequentemente associado como “a revolta da salada” “*the salad uprising*” Disponível em: <<http://canaltech.com.br/noticia/games/V-de-Vinagre-manifestacoes-em-Sao-Paulo-inspiram-novo-jogo-para-o-Facebook>>, e <<http://saladuprising.tumblr.com/>>. Acesso em 12 jul 2013.

⁷⁷ Disponível em: <<http://pt.fifa.com/confederationscup/>>. Acesso em 19 set 2013.

manifestações se espalhou por diversos estados do Brasil pelas *hashtags* que seguem o modelo **#protestobrasil**, **#protestosp**, **#protestodf**, **#protestorj**, **#protestoce**, **#protestoal**. Mensagens também foram publicadas para o mundo como **#changebrazil**, **#anonymous**. A publicação das **#sp17j** e **#sp18j** seguem o modelo de *hashtag* utilizado em outras manifestações ocorridas no mundo, apresentando como referência o dia e o mês em que ocorreram fatos importantes. Por meio do Gráfico 29, podemos observar também a multiplicidade da agenda de demandas que essas manifestações abordaram, desde a menção a partidos políticos a autoridades governamentais (**#foradilma**, **#forafeliciano**) e a legislações (**#pec37**, que limita o poder de investigação criminal, **#curagay**, em referência à proposta apresentada pelo deputado Feliciano – PSC – à Câmara dos Deputados em Brasília, cujo texto mencionava tratamento psiquiátrico e sugestionava “cura” para pessoas que quisessem reverter a homossexualidade).

- **Dias 22 a 25 de junho:** nesse período são retomadas as diversidades de conteúdos no Twitter. Temáticas relacionadas a programas de TV (**#afazenda**, **#saramandaia**, **#amoreternoamor**) e os signos (**#peixes**, **#touro**, **#escorpião**) voltam a ocupar predominantemente o espaço que fora tomado pelas *hashtags* da manifestação. Temáticas como **#cite20pessoaslindas**, **#mafiaplaystation** e **#believetour** (*tour* do cantor Justin Bieber) abordam a prioridade de conversação sobre entretenimento.

São 109 *#hashtags* disputando visibilidade no radar das *timelines* num falar-fazer simbólico. Enunciados e palavras de ordem. O discurso com a capacidade de realizar a própria mensagem que comunica. Nesse sentido, podemos associar as *hashtags* a pontos nodais⁷⁸, segundo Prado (2013, p.98):

Os pontos nodais são justamente os que fixam os sentidos ao criar a identidade de um discurso pela construção de um nó a partir do qual a tapeçaria desse discurso se torna uma visão de mundo que cria novas posições de sujeitos. O ponto nodal unifica um campo, dá sentido às ações a partir de seu funcionamento, de sua aceitação no cotidiano. Após essa nova configuração estabelecida pela costura no ponto nodal, os significantes que antes flutuavam passam a funcionar como uma cadeia.

Atuando como agentes de fixação parcial de sentido no campo discursivo, por um período de tempo, os *pontos nodais* são também palavras de ordem, são pontos de adensamento. O que percebemos na visualização do Gráfico 29 são pontos de adensamentos impermanentes, múltiplos e em constante investimento para apropriação e negociação do sentido. Entender esse funcionamento é apropriar-se da tecnologia discursiva e de seus efeitos.

⁷⁸ De acordo com o autor, o conceito de pontos nodais foi usado por Ernesto Laclau que o tirou de Lacan, que os chamava de *points de capiton*.

Ao seguirmos as *hashtags* relativas aos protestos, observamos um fenômeno que denominamos por “embate de pares”. Por exemplo, o comportamento das *hashtags* **#ondavermelha** e **#forapt**, publicadas no dia 20/06, e o comportamento de **#tamojuntodilma** e **#calabocadilma**, publicadas no dia 21/06. Em ambos os casos, observamos a posição dos pares de *hashtags* muito próxima no gráfico, indicando que são palavras de ordem com uma finalidade comum de se anular, conduta e contraconduta, sugerindo, ao mesmo tempo, um emergente posicionamento dos cidadãos por meio de suas mensagens e também como uma guerra de propaganda e informação entre grupos especializados neste “campo de batalha” da comunicação permeado por agências de publicidade e militâncias partidárias. Seria ingenuidade pensar que esses agentes de mercado do campo da Comunicação não estivessem presentes, “ocupando” também o seu espaço no Twitter durante o período das manifestações.

Uma dimensão enfática em sua presença no interior dos protestos foi a crítica à imprensa tradicional, por muitas vezes criminalizar o movimento e pela falta de cobertura ao vivo dos protestos. Muitos participantes criticaram a cobertura da mídia tradicional no Brasil, tida como parcial em favor da “versão oficial”, como foi observado no Facebook. Segundo o portal de notícias francês *Rue89*⁷⁹, a mídia brasileira rapidamente caracterizou os “manifestantes como vândalos”. No entanto, no estudo do Twitter, essas *hashtags* de crítica aos grandes grupos midiáticos atuantes no Brasil não apareceram entre as *hashtags* mais utilizadas nas *Manifestações de Junho* na rede social. Onde estariam? Ao contrário, não foi possível identificar *hashtags* articuladoras nesse sentido. Nossas hipóteses a partir dos resultados encontrados são que, no campo de força, da disputa de ocupação dos discursos, ou elas não tiveram força para emergir e ocupar espaço entre as mais utilizadas, ou, muito pelo contrário, utilizaram estratégias que não ocupassem o espaço de visibilidade. Apenas as *hashtags* de efeito político, contra e a favor do governo, contra e a favor de políticos e causas na linha de tempo dos milhares de usuários da rede.

Ambiguidades e mudanças de sentido de algumas *hashtags* durante as manifestações fizeram com que elas continuassem, ou não, sendo utilizadas por determinados grupos no decorrer do mês de junho, essa observação explica porque *hashtags* que, em determinados dias, alcançaram picos, pontos, desapareceram em seguida. Percurso semelhante seguido pelas *hashtags* **#verasqueumfilhoteunãofogaluta** ou o **#ogiganteacordou** que, inicialmente, foram utilizadas para caracterizar o movimento emergente e depois foram sendo identificadas como grupos mais conservadores. De qualquer forma, não há dúvidas de que as lógicas de rede

⁷⁹ Disponível em: <<http://www.rue89.com/>>. Acesso em ago 2013.

retroalimentam o modo como a mobilização política acontece. Disputas de posições e o tom irônico são elementos característicos e presentes nos movimentos sociais em rede.

Por meio de **Hashtags mais frequentes no Brasil** de 12 a 25 de junho, buscamos mostrar como ocorreu a apropriação da rede social Twitter para a conversação e potencialização de práticas políticas efetuadas por meio da performance da linguagem. Foi possível identificar o espaço híbrido construído concomitante às ocupações nas ruas, uma vez que o surgimento de *hashtags* específicas demonstra a ocupação da rede social durante as *Manifestações de Junho* no Brasil. Essa ocupação não ocorreu de maneira uniforme nem sob o domínio de uma única palavra, termo ou *hashtag*, mas expressou diversos embates e disputas de espaços. Desse modo, percebemos também as multiplicidades, característica também das manifestações brasileiras em 2013.

4.10 PONLINE – Inclusão digital e as *Manifestações de Junho*

Iniciamos a exposição e análise dos dados neste Capítulo 4 apresentando informações referentes ao acesso à internet no mundo e no Brasil. Nosso objetivo foi demonstrar que participar e agir politicamente nos dias atuais envolve o acesso e o uso dos dispositivos comunicacionais como condição *sine qua non*. As manifestações apresentadas nesse estudo jamais alcançariam a potência de terem abarcado o âmbito global em seus aspectos comunicativos, portanto podem indicar que o caminho para a atual prática política passa necessariamente por instâncias comunicativas em rede.

Dertouzous (1997) alerta que, se deixado por sua própria conta, o mercado de informação tende a aumentar a brecha digital entre países ricos e pobres e entre as pessoas ricas e pobres. Para Kobashi (2005) deve-se atentar para a *Knowledge Gap Hypothesis* (Hipótese da Lacuna do Conhecimento), formulada ainda na década de 1970, e que permanece nos dias atuais reforçando diferenças: “pobres de informação tendem a ser cada vez mais pobres e ricos em informação, cada vez mais ricos, gerando uma polarização crônica da sociedade”. A capacidade de uma pessoa receber, compreender e assimilar conhecimentos parece depender cada vez mais do repertório que possui e do acesso às tecnologias de comunicação, envolvendo a participação nas redes sociais e o nível de exposição aos diferentes meios de comunicação, bem como o acesso às tecnologias de comunicação. Para evitar que as barreiras digitais ampliem as desigualdades sociais, reforçando ainda mais apenas alguns segmentos da sociedade já privilegiados pelo contexto econômico e político é necessário que o poder público estabeleça agressivas políticas para garantir o acesso de toda a população, desde a implantação

e disponibilização de equipamentos, conexões e projetos locais e nacionais em escolas, bibliotecas, praças e pontos públicos.

É nesse sentido, na urgência de projetos de democratização de acesso à internet e formação para a plena participação, que se insere o programa paulista de inclusão digital Acessa São Paulo. O programa vigora desde 2000, inaugurando e mantendo espaços públicos e gratuitos de acesso à Internet para a população paulista. Mas as metas não se estruturam apenas no fornecimento gratuito de acesso aos computadores, antes, privilegiam o incentivo a ações que propiciem o crescimento de interações entre os frequentadores e oportunidades de produção de autonomia. O Programa conta atualmente com quase 3 milhões de pessoas cadastradas, cerca de 1.100 monitores permanentemente capacitados, Portal e redes sociais, Cursos online gratuitos para a população além de oficinas abertas, como metareciclagem, robótica, stencil, lixo eletrônico, entre outras.

Uma das principais ferramentas estratégicas para a gestão de ações desse programa tem sido a PONLINE – pesquisa on-line anual com usuários nos postos AcessaSP em todo o Estado de São Paulo. Aplicada desde 2003 (há dez anos), a pesquisa tem como objetivo produzir informações sistematizadas e conhecimento acerca do perfil de usuários, atores sociais e principais em relação ao programa. Abordagem semelhante é utilizada em estudos internacionais tal como o projeto de internet *Canadá Online!*⁸⁰ em que a divulgação dos relatórios anuais tem contribuído para a gestão de políticas públicas, para a realização de estudos científicos sobre redes e mídias sociais, bem como atua como pauta para as publicações da imprensa. Nesse mesmo sentido, a PONLINE vem trilhando o mesmo percurso ao longo de dez anos, por meio da apresentação de série histórica sobre usuários frequentadores do programa no Estado de São Paulo. A implementação de novas técnicas de coleta de dados e análise, bem como a variação da amostragem por recortes de idade, grau de instrução, renda familiar, acessos a serviços de e-gov, entre outros, tem propiciado a oferta de dados indicadores de tendências emergentes que podem ser comparados a pesquisas nacionais e internacionais.

A metodologia da pesquisa segue protocolo comum de aplicação em todos os postos do programa de inclusão digital. Na época de sua aplicação, o questionário on-line é disponibilizado no Portal do Programa AcessaSP⁸¹. Utilizando-se o software livre Limesurvey⁸², a pesquisa é aplicada durante uma semana típica de funcionamento dos postos (semana em que não há ocorrência de feriados e/ ou eventos especiais), em todos os horários de funcionamento disponíveis aos usuários. Os questionários são estruturados a partir de questões

⁸⁰Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Canadian_online_media Acesso em 25 abr. 2012.

⁸¹ Disponível em: www.acessasp.sp.gov.br/ Acesso em 23 maio 2011.

⁸² Disponível em www.limesurvey.org Acesso em 25 maio 2012.

de múltipla escolha (respostas únicas e respostas múltiplas), questões de avaliação (notas de 0 a 10, grau de concordância) e perguntas abertas. Possui em média 50 questões. Nesse aspecto, há um esforço para agir em conformidade com outras pesquisas realizadas no Brasil, dentre as quais citamos CGI⁸³ - e no mundo, como Office for National Statistics⁸⁴ e a Eurostat⁸⁵.

Os respondentes são sorteados a partir de uma amostragem aleatória simples: a cada dez frequentadores dos Postos, um é convidado a responder à pesquisa de acordo com a sequência do registro diário dos frequentadores. Há um cuidado para que todos os grupos existentes na população tenham igual oportunidade de se fazer representar na amostra. Todas as PONLINES⁸⁶ encontram-se documentadas e disponibilizadas *on-line* como relatórios na íntegra para *download*. Há ainda um sistema de consulta aos dados de modo a permitir análises comparativas e informações referentes ao perfil dos usuários, avaliação do Programa, uso e expectativas em relação aos serviços de governo eletrônico, uso de internet e redes sociais. É possível filtrar o resultado de todas as perguntas da pesquisa por Perfil de usuário (escolaridade, gênero, renda, faixa etária, situação estudantil, situação de trabalho).

Em 2013, a PONLINE foi realizada entre 2 a 8 de dezembro de 2013 e teve como espaço amostral 687 postos do Programa ACESSA-SP. O recorte que daremos aqui visa apresentar os dados resultantes do Bloco – *Manifestações de Junho* em que foram apresentadas questões sobre as manifestações sociais ocorridas no Brasil a fim de saber a opinião e a participação dos usuários do Programa. A pesquisa contou com 2.934 respondentes em 409 postos diferentes. Os resultados apresentados são parciais⁸⁷ e foram incluídos na pesquisa como um retorno, ainda que inicial, sobre o engajamento dos respondentes no contexto da PONLINE às manifestações.

A apresentação dos dados da PONLINE, nessa seção, inicia-se com informações sobre o perfil dos respondentes, a fim de que se possa verificar características da amostra. Posteriormente, seguiremos às questões específicas sobre as *Manifestações de Junho* no Brasil.

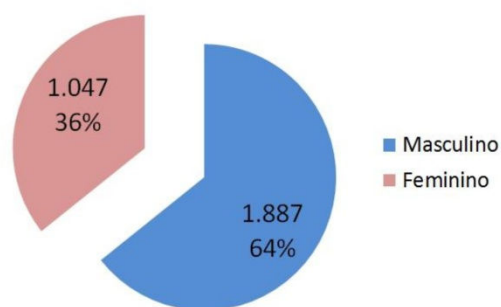
⁸³ Pesquisa TIC Domicílios. Disponível em <http://www.cgi.br/> Acesso em 28 ago. 2013.

⁸⁴ Disponível em www.statistics.gov.uk Acesso em 28 ago. 2013

⁸⁵ Disponível em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home> Acesso em 12 Jan. 2013

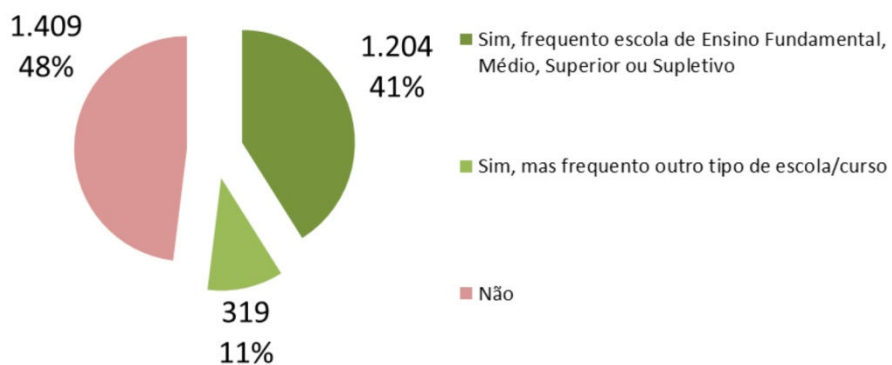
⁸⁶ Disponível em: <http://www.acesasp.sp.gov.br/home-ponline/> Acesso em 23 set. 2013.

⁸⁷ A PONLINE é aplicada durante uma semana inteira de segunda a domingo. Os resultados apresentados são referentes ao período 02 a 07 de dezembro/2013 – segunda a sábado.

Gráfico 30. Perfil - Sexo

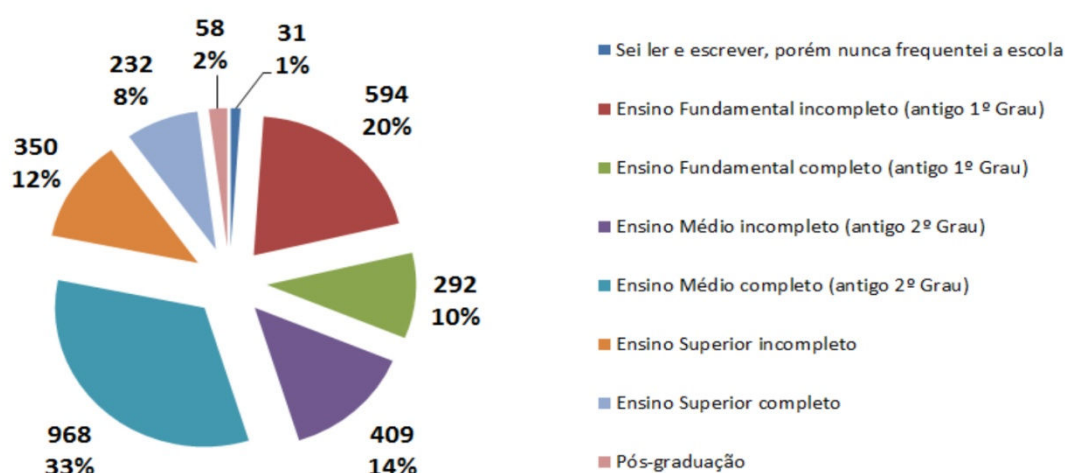
Base: 2.934 respondentes

A maioria dos respondentes da Ponline/2013 é do sexo masculino – 64%.

Gráfico 31. Estuda atualmente?

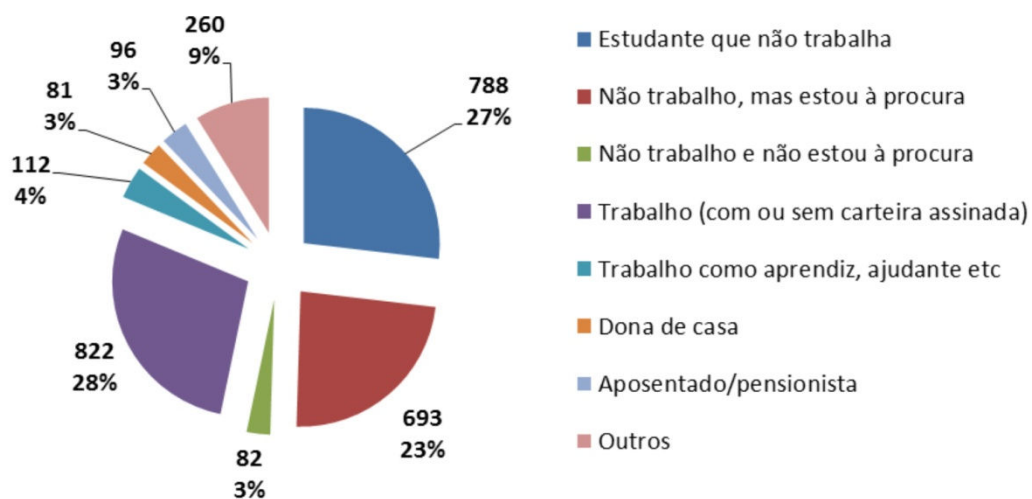
Base: 2.934 respondentes

Na pesquisa, 52% dos respondentes estudam, sendo que 11% destes frequentam outro tipo de escola/cursos.

Gráfico 32. Perfil – Escolaridade

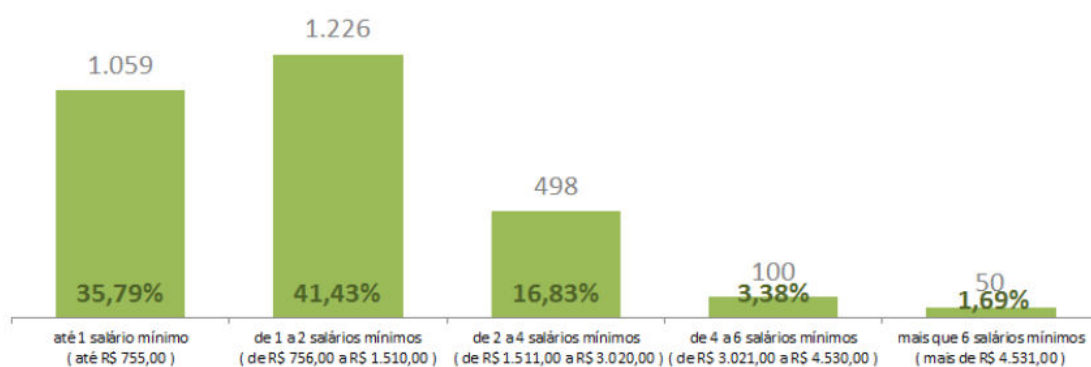
Base: 2.934 respondentes

No perfil, 47% frequentaram o Ensino Médio (completo + incompleto), e 20% possuem o Ensino Fundamental incompleto (antigo 1º Grau).

Gráfico 33. Perfil – Emprego

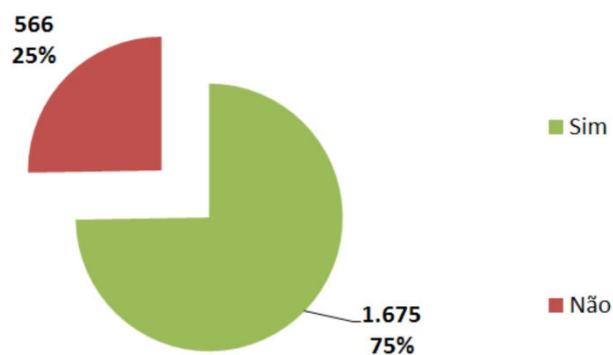
Base: 2.934 respondentes

Sobre a participação no mercado de trabalho, 53% dos respondentes não trabalham, 28% dizem trabalhar (com ou sem carteira de trabalho).

Gráfico 34. Renda Familiar

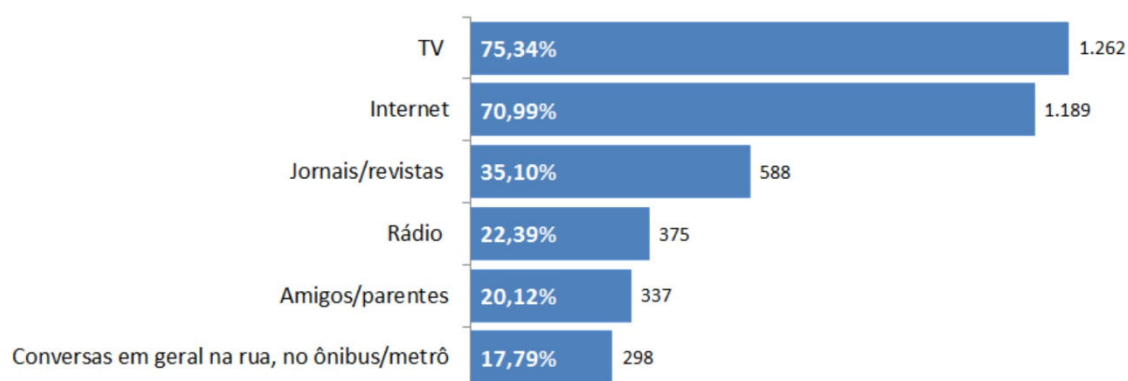
Base: 2.933 respondentes

Acerca da Renda Familiar, 77% dos respondentes recebem de 1 a 2 salários mínimos por mês.

Gráfico 35. Soube desses protestos?

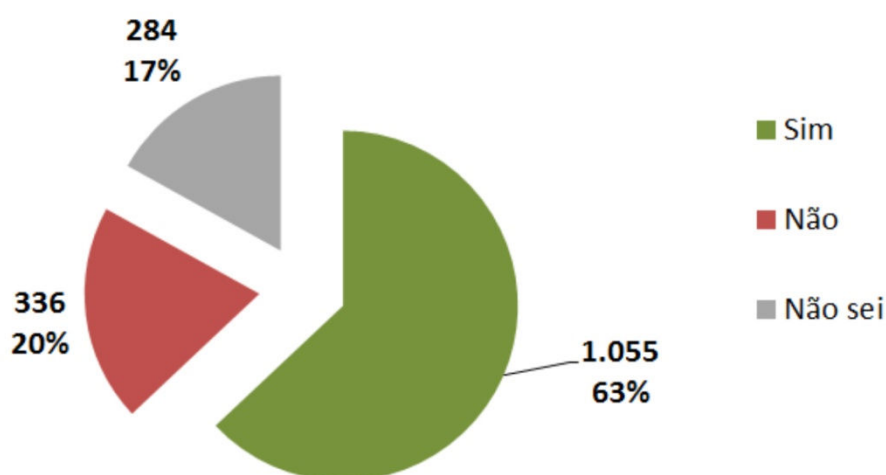
Base: 2.241 respondentes

A maioria dos respondentes, 75%, tomou conhecimento dos protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013.

Gráfico 36. Quais meios de comunicação o mantiveram mais informado a respeito das manifestações?

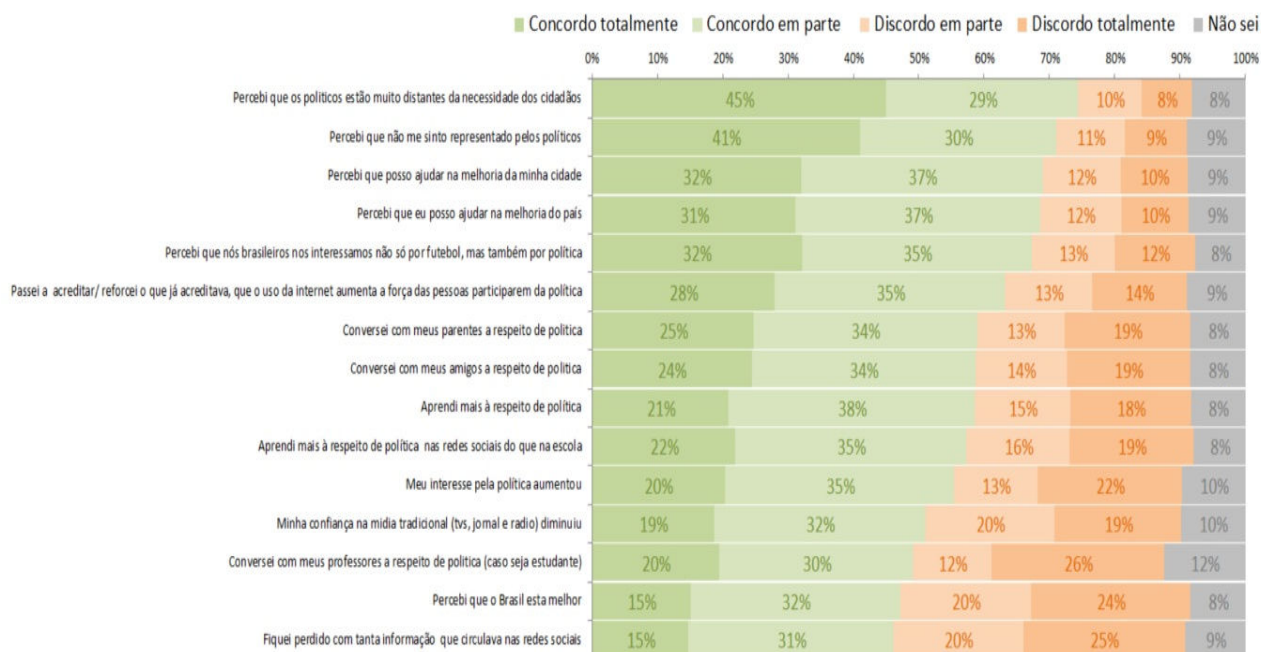
Base: 1.675 respondentes

A TV e a Internet foram os principais meios ou fontes de informação para os usuários sobre as manifestações. Esses foram os canais através dos quais acompanharam a evolução dos acontecimentos. Ressalta-se também a presença de amigos e parentes e as conversas em geral na rua, ônibus/metrô.

Gráfico 37. Você foi favorável aos protestos?

Base: 1.675 respondentes

Dentre as opiniões a favor ou contra as manifestações populares, 63% disseram-se favoráveis aos protestos. 20% dos respondentes declararam-se contra.

Gráfico 38. Grau de concordância

Base: 1.675 respondentes

Entre os índices de maior concordância, **75% dos usuários “perceberam que os políticos estão muito distantes da necessidade dos cidadãos”**; **71% “não se sentem representados pelos políticos”** e ainda houve a percepção de empoderamento quando **68% mencionam que perceberam que “podem ajudar na melhoria da minha cidade”**.

63% dos usuários disseram que “nós brasileiros nos interessamos não só por futebol, mas também por política”. Quando perguntados a respeito das conversas sobre política, 59% responderam que conversaram com parentes e amigos. A escola não ocupou o espaço para promover debates para 50% dos que estudam.

A afirmação que menos teve concordância entre todas as afirmações foi em relação à resposta: “fiquei perdido com tanta informação que circulava nas redes sociais”, fazendo assim um contraponto com a opinião comum que as pessoas sentem-se perdidas com tanta informação disponível. Essa percepção não é compartilhada entre os usuários frequentadores do programa, pelo menos referente às *Manifestações de Junho*.

Quando perguntamos se os usuários foram às ruas protestar, a maioria deles, 84%, disse que não, conforme demonstra o gráfico:

Gráfico 39. Você foi para a rua protestar?

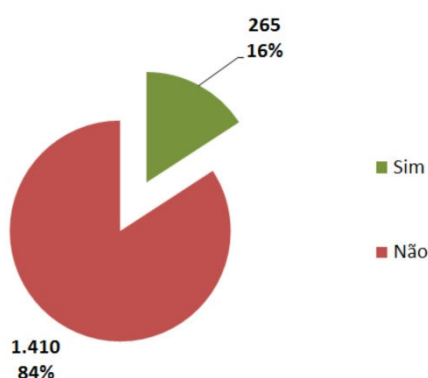
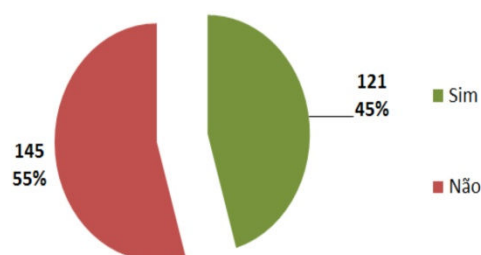


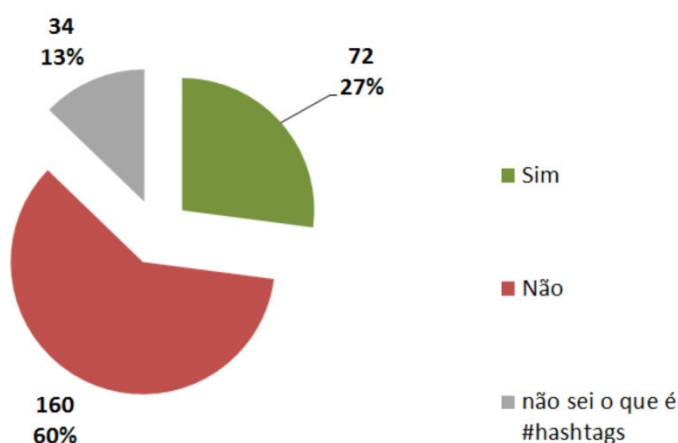
Gráfico 40. Você postou fotos, ou vídeo das manifestações nas redes sociais?



Base: 1675 respondentes

Ao mesmo tempo, quando perguntamos se os usuários postaram fotos, vídeos das manifestações nas redes sociais, 45% disseram que sim, assumindo uma nova forma de participação nas redes.

Gráfico 41. Você usou alguma *#hashtag* para comentar algo dos protestos na internet?



O emprego de *hashtags* nos protestos para identificar os comentários nas redes sociais foi utilizado por 27% dos usuários (dentro daqueles que já haviam respondido que publicaram algo durante as manifestações) e 13% deles mencionaram não saber o que é uma *#hashtag*.

Quando perguntados na PONLINE quais *hashtags* os usuários utilizaram nas redes sociais, a figura abaixo demonstra a distribuição de tópicos:



Figura 238. Nuvem de *hashtags* utilizadas para comentar as manifestações

Dentre os termos mais utilizados pelos usuários durante as *Manifestações de Junho* nas redes sociais estão *#ogiganteacordou*, *#vemprarua*, *#vem* e *#acordabrasil*.

Deixamos um campo aberto para que os usuários dessem uma opinião ou observação a respeito das manifestações, caso desejassem. Em um primeiro olhar, sobre essas opiniões, elaboramos a nuvem de *tags* abaixo:



Figura 239. Nuvem de *tags* – opinião/observação a respeito das manifestações

As frequência predominantes de palavras como **Ser**, **Povo**, **Pessoas**, **Brasil** parece indicar a proximidade com a temática das manifestações de maneira coletiva. Também estão presentes a **violência** e o **vandalismo**, termos muito divulgados pela mídia, principalmente no período inicial das manifestações. A palavra **Políticos** surge mostrando a clara relação entre os protestos e as demandas dos manifestantes.

Os resultados, ainda que parciais, confirmam a crise da representatividade política gerada pela percepção de um grande distanciamento entre políticos e cidadãos revelando ao mesmo tempo um potencial de ação expresso por uma vontade coletiva de inferir agora em seu próprio futuro no que se refere a melhores serviços públicos seja na cidade em que os usuários da amostragem moram, seja no País como um todo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pressuposto inicial para a elaboração desta pesquisa de doutorado teve como base que seu contexto não poderia estar desvinculado de minha experiência cotidiana, enquanto pesquisadora de tecnologias de comunicação na Escola do Futuro da USP, na coordenação de pesquisas e projetos de inclusão e cultura digital, como o ACESSA SP, política pública do governo paulista. Nesse sentido, ao levarmos à apreciação os resultados de nossos estudos, estamos também acrescentando algumas considerações relacionadas a uma experiência de treze anos, durante os quais observamos a formação de um conjunto de atitudes e pensamentos se alinhando, de modo a favorecer a criação de uma lógica própria de comunicação e de apropriação de inovações tecnológicas, conforme estas foram surgindo e se popularizando como, por exemplo, o compartilhamento massivo nas redes sociais e uso de celulares conectados à internet.

Cabe também ressaltar que quando nos propusemos a estudar mais profundamente as questões que esta tese comporta, foi muito gratificante constatar o entorno teórico em que poderia me apoiar e o conjunto de discursos, narrativas, versões e subversões, termos e ferramentas tecnológicas de certo modo bastante familiar, pelo próprio modo como se misturam zonas mais fixas e zonas de passagem ou impermanentes de ocupação em um mundo distribuído em rede que compartilhamos.

A partir dos conceitos de governo de si e dos outros desenvolvidos por Michel Foucault, sobre os quais nos debruçamos inicialmente, nossa abordagem das práticas tecnológicas/informacionais foi de encontro ao desdobramento que quisemos demarcar, em termos de que não são necessariamente as formas ou ferramentas, no caso das tecnologias disponíveis, que modelam nossas escolhas e administram nossas próprias vidas e também a dos outros, mas o uso que fazemos delas.

Seguindo por esta linha, coube investir na questão de como podemos compreender a nós mesmos. Será que somos suficientemente livres para selecionar o que deve ou não atravessar nossa vida pessoal, social, política e econômica?

O cuidado de si implica problematizar e elaborar até que ponto nossas escolhas podem ser compreendidas como práticas de liberdade e que só podem ser assim concebidas, como vimos com Foucault, quando forem potencializadoras da vida e não o contrário. Uma visão ética perante a vida que diz respeito a como afetamos e somos afetados nos encontros que procuramos estabelecer em todos os aspectos da vida, o que implica discernir, com maior clareza, o que nos fortalece e o que nos despotencializa. Quando não temos esse domínio, ou

seja, o entendimento da natureza das coisas, não sabemos o que nos alegra ou nos entristece nos acontecimentos.

Sabemos, de acordo com Espinosa, que temos a tendência a acreditar em ideias baseadas mais na imaginação, e que são na maioria das vezes inadequadas e confusas, como fonte de um entendimento (inadequado) tanto dos objetos exteriores quanto da própria natureza de quem os deseja, ou seja, nossa própria natureza; e, assim, acabamos por projetar, sobre a natureza do objeto exterior, seu efeito sobre nós. Desse modo, essa perspectiva invertida causada pela imaginação faz como que o útil que *necessariamente* desejamos, em virtude de nosso esforço de permanecermos na existência, ou seja, na efetuação de nosso grau de potência, apareça como *livremente* escolhido por nós.

Em síntese, o objeto de nossas escolhas, destacado das circunstâncias exteriores e momentâneas que o determinam como útil, surge como se fosse um fim desejável em si mesmo, como *um bem em si*, que exerce atração sobre nós. Desta forma, aparece como determinante de nossos juízos de valor, motivando nossas escolhas, inclinando nossas vontades, mas sem determiná-las. E é a partir daí, que acreditamos - falsamente - que desejamos os objetos por julgar que eles seriam bons em si, quando, na realidade, é porque os desejamos (a partir da inclinação das nossas vontades) que podemos avaliar que são bons para nós. E é assim que a imaginação se articula com a ilusão finalista influenciando e ocupando grande parte de nossas afecções, nos múltiplos encontros que fazemos ao longo da vida.

E será que podemos dizer que somos nós - enquanto seres que cuidam de si - quem está falando quando defendemos ou representamos algumas posições políticas ideológicas, partidárias ou comunitárias, argumentos da torcida do nosso time de futebol, da equipe de trabalho, dos 'perfis oficiais' do Facebook?

Uma visão ética perante a vida diz respeito aqui ao nosso modo de estar no mundo, usando ferramentas que podem ser apropriadas ou reapropriadas como meios de comunicação que popularizam termos e usos, através do poder que os meios de comunicação hoje têm de atingir grandes multidões simultaneamente. Nesse sentido, o discurso não comunica somente uma idéia, mas também realiza a própria mensagem que comunica; é o fazer da fala, não apenas a partir da força da palavra isolada, mas do uso da linguagem embrenhado no mundo simbólico do infinitamente pequeno ao infinitamente grande.

Política em rede: comunicação e ocupação

A apropriação da linguagem e a articulação das tecnologias de si a partir de uma ética e não no sentido de uma moral da renúncia ou dever, mas o de um exercício de si sobre si mesmo, através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser, são ocupações de si. E como nenhuma técnica, nenhuma habilidade ou apropriação pode ser adquirida sem exercício, há também treinamentos que ajudam a focar a experiência e querer o retorno da potência ali investida, como, por exemplo, os que envolvem meditação; memorização e seleção dos encontros afetivos; capacidade de escuta de si e dos outros.

O desafio de uma investigação ética para nós se pautou em incluir o cuidado de si e o estar em rede num mundo que se distribui como um ponto de articulação entre a preocupação ética e a luta política pela dignidade e o respeito às liberdades individuais e entre a reflexão crítica contra técnicas abusivas de governos que excluem as pessoas de poderem exercer o direito de decidir seu próprio futuro.

Nesse nosso estudo, em que tratamos da apropriação dos meios de comunicação e novas formas de fazer política, os conceitos que desenvolvemos como o de ‘ocupação’ e ‘distribuição’ demonstram ser capazes de criar cenários inéditos, alicerçados por composições de fluxos, embates e novas relações que dão sinais de novas práticas políticas em rede, com movimentos de ocupação originais e marcadores da emergência de determinados domínios impermanentes.

Ainda que a televisão e a grande imprensa escrita tenham grande penetração na vida das pessoas, as novas mídias digitais têm demonstrado um aumento de poder na disseminação de notícias cada vez mais expressivo, principalmente por meio das redes de compartilhamento como Facebook, Twitter, YouTube, entre outros. Com um aparelho celular simples conectado a uma rede de internet é possível enviar uma foto ou um vídeo em questão de segundos, sem passar por intermediações institucionais ou um crivo das grandes corporações de comunicação.

Este sentido de ocupação voluntária da rede propicia a que se ponha em xeque a própria representação de poderes na democracia moderna, que está sendo nitidamente questionada como uma decisão política sendo produzida em ato e massivamente no mundo todo. Por isso, entendermos o sentido de ocupação é um dos aspectos fundamentais para a caracterização deste estudo, dado que as práticas sociais contemporâneas nas principais redes sugerem, como foco de atenção, termos como #ocupação, #impermanência e, ao mesmo tempo, estimulam debates de causas heterogêneas.

Considerando-se as principais mobilizações massivas em rede e a importância destas nas manifestações de ruas no mundo todo, torna-se perceptível a não existência de um começo planejado, nem um centro de inteligência, nem centralidade de lideranças. Elas não apoiavam explicitamente partidos e governos, mesmo com a presença de militantes partidários empunhando bandeiras.

Ao contrário, o que chamamos na tese de *hubs* ou autoridades em novas práticas políticas, ainda que envoltas em temas de ordem comum, parecem alternar-se tanto geográfica quanto expressivamente.

Do mesmo modo, uma multidão de acontecimentos e efeitos de muitas ações coletivas singulares vem emergindo nessa ocupação de um espaço que naturalmente vai se atualizando e tornando possível de ser cartografado como mundo distribuído. As mobilizações e manifestações em redes e ruas, nos últimos três anos, podem de fato pretender transformar governos, mas não têm como finalidade se apoderar deles, ainda que sejam essencialmente políticos.

Tais movimentos projetam sinais de uma democracia distribuída, fortalecida em comunidades locais e em interação na rede. A noção de democracia distribuída passa por esse lugar de produção de autonomia do indivíduo/coletivo em relação às instituições da sociedade. Ou, ao menos, convidam para outro tipo de composição em que há um aprimoramento da inteligência coletiva, como um dos produtos e sentidos dessa mudança cultural na qual estamos inseridos. Ou seja, as posições reflexivas, colaborativas, multifocais, como narrativas geradoras, tensionam a relação entre foco e complexidade, constrições e possibilidades. Nesse contexto, em nossas cartografias há indicações de que o modelo democrático com a característica de maior distribuição de ‘poderes’ seja capaz de traduzir a política da inteligência coletiva em rede.

Mas quais são essas novas crenças, conhecimentos e técnicas? Mesmo a ideia e crença da colaboração, da cooperação, de ação coletiva enquanto força política, pode ser sequestrada para outro lugar. São duas faces da mesma moeda. Tanto se pode admitir - a partir de um discurso de liberdade e colaboração – um sujeito que é cooptado de maneira cada vez mais sofisticada por empresas e instituições ou apropriar-se do que está disponível e criar desvios, vazamentos, lógicas de hackeamento.

Mundo distribuído: fazendo composições e eliminando fronteiras

O fato de todo espaço físico ser formado por redes de fluxos e cortes talvez não se trate apenas de mais uma alternativa para visualização de dados estatísticos, mas de um espaço físico

possível de ser cartografado de modo a não diferenciar ocupações em rede na internet e nas ruas. Devir corpo coletivo.

Todavia, quando falamos em devir não estamos falando de um conceito abstrato de filosofia. Queremos dizer desse atravessamento que contagia tanta gente, por acreditar que há a possibilidade de atualizar sua potência de fazer bons encontros, criando espaços e ocupando-os, ao mesmo tempo. Um acontecimento afetivo, diria Espinosa, decorrente de um desejo ético e estético de mudar o mundo.

O lugar da inteligência ou corpo coletivo é aquele em que habitam e se expressam as relações de forças de uma época, uma arena em que essas forças disputam e, portanto, um lugar de ocupação. Tanto pode capturar quanto liberar. Mas como utilizar as redes para catalisar as apropriações criativas e práticas políticas? Como desenvolver práticas da ocupação de si e do mundo distribuído?

Sob o ponto de vista dos estudos da Comunicação, o cenário peculiar e emergente das mobilizações traz consigo evidências para a análise das novas práticas políticas. Táticas, performances: a linguagem como causa e efeito, sendo utilizada tanto para ocupar ruas quanto espaços informacionais, ecoando vocabulários específicos que há uma década já faziam parte da multidão, mas se apresentavam de uma forma uníssona, clamando por representatividade, sem questionar tanto o modo tradicional de governo pautar sua agenda política em gabinetes.

Nesse panorama, a Primavera Árabe, que teve o início na Tunísia em 2010, e também as demais manifestações políticas subsequentes, despertaram o interesse de inúmeros estudiosos na área da Comunicação, em relação ao ineditismo do intenso uso dos dispositivos móveis e da internet pela população como instrumentos decisivos de poder participativo. Com a publicação e a replicação de imagens por fotos, vídeos com ou sem palavras, em meio à complexidade das narrativas de demandas, muitos agenciamentos coletivos romperam fronteiras territoriais e culturais, ultrapassando até as dificuldades iniciais idiomáticas, que poderiam parecer infinitamente distintas e distantes, criando-se uma linguagem própria para a descrição dos acontecimentos.

Ou seja, os meios de comunicação e a internet foram apropriados para denunciar e multiplicar as narrativas e sublevaram milhares de pessoas a unir intenções, propósitos e a influenciar-se mutuamente, tornando público o que antes estava invisível: a emergência de uma decisão coletiva de intervir nas políticas públicas que dizem respeito a todos os setores do dia a dia.

Por sua vez, o mundo distribuído nos remete à análise cartográfica rizomatizada, pelas quais procura-se “estabelecer conexões transversais entre os estratos e os níveis, sem centrá-los ou cercá-lo, mas atravessando-os, conectando-os”. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 322).

Vivemos no mundo conectado e transitamos nesse cotidiano linkando nossos afetos a outros afetos que nos fortalecem, seja em relação a pessoas seja em outras relações não necessariamente humanas, como a natureza, o pensamento, a imaginação, a música, o ar e assim por diante.

Dessas composições fazemos as sinapses, percebemos fagulhas, enquanto histórias que poderiam ser banais, não fossem desencadeadoras de outros acontecimentos-efeitos, em uma redução de escala de observação, mas que para nossa pesquisa não poderiam passar despercebidos.

Este foi nosso propósito ao analisar e expor da forma como fizemos as mensagens replicadas sobre as manifestações que, segundo nossas investigações e critérios utilizados, foram que mais repercutiram na rede do Twitter e do Facebook, que acreditamos demonstrar também peculiaridades, subversões, detalhes e aspectos qualitativos das mesmas, em meio aos recursos de metodologia com uma abordagem quantitativa capaz de traduzir a amplitude de uma onda derivada da força dos acontecimentos.

O aumento da complexidade atual, a partir da imensa quantidade de dados (e metadados) produzidos nas redes e a existência de *hardware* e *softwares* estatísticos e de visualização inovadores, com baixo custo e capacidade de processar esses dados, constituem por si só uma mudança. A existência do *big data*, do poder computacional e de interfaces de leitura atualmente disponíveis constitui uma inédita oportunidade para produzirmos novos conhecimentos, descrições e análises dos acontecimentos a partir de mapeamentos das redes. Ao mesmo tempo que conseguimos a síntese de milhares de dados, conseguimos também a nitidez das singularidades. Nesse contexto, nosso problema de pesquisa é o caráter inovador das apropriações dos meios de comunicação, do compartilhamento da informação à ação coletiva: as novas práticas políticas em rede.

Com este recurso, também foi possível à pesquisa absorver e reunir devido ao percurso metodológico cartográfico que nos propomos desenvolver, meu próprio investimento afetivo nas *Manifestações de Junho*, dos quais participei como ativista na maior delas - ocorrida no dia 17 de junho de 2013, em São Paulo – algumas semanas depois de ter depositado na Secretaria da PUC, o Memorial de Doutorado, para a qualificação desta tese, realizada em 24 de junho de 2013.

Também como resultado de outro investimento afetivo, justamente na semana que antecedeu às últimas revisões desta tese, pouco antes de encaminhá-la à gráfica, tive a grata surpresa ao compilar os resultados da mais recente PONLINE - Pesquisa Anual On-Line (realizada entre 02 e 08 de dezembro de 2013), uma das principais ferramentas de gestão do Programa ACESSA SP, cujo objetivo é produzir informações sistematizadas e conhecimento acerca de perfis de usuários, atores sociais e principais problemáticas levantadas tanto em relação a este programa de inclusão sociodigital quanto ao uso da internet nos postos e fora deles. Esta pesquisa contou com a participação de 2.934 respondentes de 409 postos espalhados em 324 municípios do Estado de São Paulo.

A sensação que tive foi a de ter em mãos uma espécie de presente que não poderia ser mais oportuno naquele momento, razão pela qual inserimos nesta pesquisa.

Nossas investigações, tais como estavam sendo descritas em nossa tentativa de analisar a emergência de um novo modo de fazer política em rede, confluíam na mesma direção dos resultados obtidos pela PONLINE 2013 em relação às perguntas realizadas sobre as *Manifestações de Junho*.

Particularmente, os resultados (parciais) apresentados nesta edição da PONLINE têm um significado muito especial em minha experiência também como ativista da inclusão digital, já que participo de sua concepção, desenvolvimento e aplicação desde a primeira edição. Desde 2003, ano a ano, temos nos proposto a aperfeiçoar os mecanismos de formulação de perguntas e compilação de respostas, de modo a que sirvam de fonte confiável de escuta pelos órgãos públicos, através de amostragem de um segmento da população que tem acesso gratuito à rede através dos postos públicos do Programa ACESSA SP e que nos esforçamos para que se apropriem cada vez mais das tecnologias como instrumento para efetiva participação nas políticas públicas.

Por esta razão, incluímos o PONLINE e as *Manifestações de Junho*, cujos resultados, ainda que parciais, confirmam a crise da representatividade política gerada pelo grande distanciamento entre políticos e cidadãos, revelando, pela amostragem, ao mesmo tempo um potencial de ação expresso por uma vontade coletiva de interferir agora em seu próprio futuro no que se refere a melhores serviços públicos seja na cidade em que os usuários moram, seja no País como um todo.

Por último, a título de uma síntese final de nossa pesquisa, seria bom assinalar alguns pontos que consideramos relevantes na pesquisa como um todo.

Nas partes da Introdução e Posição do Problema fizemos a apresentação e mostramos como fomos alinhavando os capítulos que compõem essa pesquisa. Descrevemos como

desenvolvemos o Percurso Metodológico, obedecendo a certos parâmetros sequenciais, até a redação final desta tese. Esta é a razão pela qual nos permitimos nessa parte reservada às Considerações Finais, nos ater em alguns pontos mais específicos relacionados a uma visão de mundo como foco de experiência do que propriamente ao que foi previamente alinhado entre um capítulo e outro e suas respectivas correlações até o Capítulo 4, em que passamos a apresentar Alguns Recortes e seus Resultados e Dados, que envolvem também investigações junto ao banco de dados da CAPES e do jornal O Estado de S. Paulo, à Wikipédia, às *Manifestações de Junho*, Ocupação e Mundo Distribuído.

A partir dessas observações, o que para nós poderia se chamar de uma resposta à hipótese que formulamos a respeito da apropriação dos meios de comunicação como novas formas de fazer política, gostaríamos de ver agrupados os seguintes pontos:

- a) O uso intensivo das redes tem produzido novas gerações que percebem de forma mais clara o que seja a autonomia nos modos de produção em rede por meio da habilidade com que desenvolveram o uso das ferramentas de maneira compartilhada.
- b) A internet e o uso das tecnologias móveis de comunicação tornando-se mais acessíveis a todos os segmentos das populações no mundo, com a publicação de fotos e vídeos de maneira instantânea, sem passar por intermediação direta e representativa favorecem a liberdade de expressão. Ao mesmo tempo, pressionam governos, partidos políticos e mídia tradicional a que se posicionem de maneira mais transparente na visão dos acontecimentos, aprendendo inclusive a escutar melhor e a não reproduzir discursos tendenciosos relacionados aos vários interesses, principalmente econômicos, envolvidos.
- c) A realização da pesquisa junto à CAPES e ao jornal O Estado de S. Paulo, em torno da palavra *internet* nos últimos 20 anos e a pesquisa junto à Wikipédia, demonstrou que saber utilizar e conhecer a emergência de um banco de dados faz parte de um esforço nosso para instrumentalizar o domínio dos pesquisadores em comunicação.
- d) O fato de termos ido às fontes - *ao big data*, poder computacional e de interfaces de leitura atualmente disponível - significou tomarmos contato com milhares de *posts* espalhados principalmente no Twitter, Facebook, YouTube, Google e de testar metodologias, em infinitas idas e vindas.

Propostas desta tese para pesquisas futuras

Sobre o último tópico (d), temos algo mais a dizer em relação a pesquisas futuras. Mergulhar no *big data* nos incentiva a propor uma discussão metodológica e apresentar ferramentas para que outros pesquisadores possam utilizá-las foi também da natureza do objeto de estudos enquanto explorávamos o *big data*, o que assumimos como um desafio nessa pesquisa.

De nossa parte, sentimos a necessidade de estudar e aplicar instrumentos de mapeamentos e coleta de dados, isto é, utilizar tecnologias e *softwares* assim como programas de indexação para que os dados coletados se tornassem conteúdos relevantes em meio ao mar de informações produzidas, que nomeamos de “periscópios digitais”. Um periscópio, em seu sentido original, é um instrumento de navegação, uma tecnologia estratégica de fundamental importância em submarinos, já que são usados para captar imagens acima da água. Ele estende um olhar preciso para aquilo que o nosso olho natural não consegue alcançar.

O periscópio auxilia, enquanto técnica e instrumento, grandes navegações oceânicas ampliando a potência de ocupação e ação. É a partir desta metáfora que introduzimos a sua necessidade para o desenvolvimento da pesquisa, da apropriação e combinatória de técnicas, permitindo-nos observar e mapear os movimentos de ocupação em redes distribuídas.

A produção de indicadores a partir do uso dessas ferramentas funcionou para nossas análises como o instrumento do periscópio, ou melhor, múltiplos periscópios digitais. Nosso percurso metodológico, portanto, apresentou um duplo sentido, tanto o de apropriação e combinatória de diferentes ferramentas quanto o de extração de indicadores rigorosos que favorecessem a produção de sentido para a pesquisa.

É importante ressaltar nesse contexto, que estudos do SNS (Social Networking Services) de conteúdos gerados pelos usuários nas redes sociais, como Facebook, Twitter, introduz inúmeros desafios e considerações que fazem com que as investigações acadêmicas na internet sobre seus usuários e as várias formas de conteúdo nelas publicado diariamente, sejam diferentes das pesquisas anteriormente conduzidas *off-line* ou em espaços abertos da *web* e portanto inauguram novos campos e metodologias de coleta de dados e metodologia de efeito pós filtro de dados disponíveis.

Saber utilizar e conhecer a instrumentalização dessas técnicas passa a fazer parte também do domínio dos pesquisadores em comunicação.

A ampliação do campo do possível é a produção das condições para tornar possível o necessário.

Adelante. Y la lucha continua.

6. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Chris. *Free – o futuro dos preços*. São Paulo: Campus, 2009.
- _____. *Cauda Longa*. São Paulo: Elsevier Brazil, 2008.
- ANTOUN, Henrique & MALINI, Fábio. *Internet e ruas. Ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Edições Sulinas, 2013.
- ARAÚJO, Neyde B.; MORGADO, Naira. *Uma ferramenta de escuta clínica: o enlace do terapeuta a partir do discurso do cliente*. X Congresso Brasileiro de TF-2012, São Paulo, 2012.
- AUSTIN, John L. *How to do things with words*. Oxford: Claredon Press, 1962.
- BARABÁSI, Albert Laszlo. *Linked. The New Science of Network*. Perseus Publishing, 2001.
- BARAN, Paul. *On distributed communication*. Sta. Monica, CA: RAND Corporation, 1964.
- BAUMAN, Zigmunt. *Em busca da política*. São Paulo: Zahar, 2006.
- BENKLER, Yochai. *The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom*. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.
- BEY, Hakim.TAZ. *Zona Autônoma Temporária. Organização Coletivo Baderna*. São Paulo: Conrad Editora, 2001.
- CARDOSO, Fernando H. *A sombra e o resto. Um olhar sobre a vida aos 80 anos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2013.
- _____. *Communication power*. Oxford: New York Oxford University Press, 2009.
- CHATFIELD, Tom. *The school of life*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *Política em Espinosa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. *Richard Rorty e a construção da subjetividade*. In: *Saúde Sexo e Educação. Seminário*. Rio de Janeiro, V. IX, Nº 23, p.27 - 33, 2001.
- COSTA, Rogério. *Uma vida (nua) é como piscina (sem água)?* Revista Galáxia, n. 22, p. 171-183, 2011.
- _____. *Vida funcional e a sustentabilidade de si*. Cadernos de Subjetividade (PUCSP), v. 10, p. 25-32, 2011.
- D'ARAÚJO, Maria Celina S. *Capital Social*. São Paulo: Zahar, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. (trad. Claudia Sant'Anna Martins). São Paulo: Brasiliense. 1998.
- _____. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz R. Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva. 1983.
- _____. *Para ler Kant*. (trad. Sonia Dantas P. Guimarães). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- _____. *Conversações*. (trad. Peter Pál Pelbart).São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. *Espinosa Filosofia Prática*. São Paulo, Editora Escuta, 2002.
- _____. *Crítica e clínica*. Cap. 5: *Sobre as 4 fórmulas poéticas que poderiam resumir a filosofia kantiana*, p. 36-44. (trad. Peter Pál Pelbart). São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. volume 1. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- _____. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, volume 2. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- _____. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, volume 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, volume 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

- DERTOUZOS, Michael L. O que será? Como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DIMANTAS, Hernani. Linkania: uma teoria de redes. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Ed. Pontes, 1987
- ESPINOSA, Baruch de. Ética. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- FOUCAULT, Michel. O governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. História da Loucura, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004
- _____. A coragem de verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986
- _____. Ética do cuidado de si como prática de liberdade. In Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. P. 99-116.
- _____. História da Sexualidade, vol. II, São Paulo: Graal, p. 13.
- _____. O governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREITAS, Ana. A vida sem patentes. Artigo. Link. 09/12/2012
http://blogs.estadao.com.br/link/a-vida-sem-patentes/?fb_action_ids=10151143954717927&fb_action_types=og.recommends&fb_source=aggregation&fb_aggregation_id=288381481237582
- GABRIEL, Martha. Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias. São Paulo: Novatec, 2010.
- GARDNER, Frank. O homem que ‘acendeu’ a fagulha da Primavera Árabe. BBC-Brasil. 17 dez. 2011. Disponível em:
http://www.bbc.co.uk/portuguese/ultimas_noticias/2011/12/111217_primavera_arabe_bg.shtml
 Acesso em 22 jan. 2012.
- GIARDELLI, Gil. Você é o que você compartilha. São Paulo: Editora Gente, 2012.
- GOMES, Mayra R. Palavra de ordem/dispositivo disciplinar. Disponível em
<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1305/801> (pdf). Acesso: 16 fev 2013.
- GUATTARI, Félix. Caosmose. Um novo paradigma estético. Trad. Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GUZZI, Drica. Web e Participação. A democracia no século XXI, São Paulo: Senac, 2010.
- HANIFAN, Lyda. J. (1916). The Rural School Community Centre (Artigo). Annals of the American Academy of Political and Social Sciences 67, p. 130-38. Disponível em:
<http://www.socialcapitalgateway.org/> Acesso em 04 jun 2013.
- HARDT, M.; NEGRI, A. Multidão, Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HIMANEN, Pekka. La ética del hacker y el espíritu de la era de la información. 2001. Disponível em <http://eprints.rclis.org/12851/1/pekka.pdf>
- HOWE, Jeff. O poder das multidões. Porque a força da coletividade está remodelando o futuro dos negócios. Rio de Janeiro: Campus/Elsiever, 2008.
- KASTRUP, Virgínia. A invenção na ponta dos dedos: a revisão da atenção das pessoas com deficiência visual. Psicologia em Revista, v. 13, n. 1, p. 69-90, 2007.
- KOBASHI, Ricardo. Tecnologia a serviço da inclusão digital. *Jornal O Estado de S. Paulo*. Acervo online. 03/05/2005. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>

- LE MOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet. São Paulo: Paulus, Em direção à ciberdemocracia, 2010.
- LESSIG, Lawrence. Cultura Livre: como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/5266831/Lawrence-Lessig-Cultura-Livre>. Acesso em 25 mar 2013
- LEVINE, Fredrick et. al. O manifesto da economia digital. Manifesto Cluetrain. São Paulo: Campus. 2000.
- LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____.; AUTHIER, Michel. As árvores de conhecimento. São Paulo: Escuta, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Portugal, Lisboa: Edições 70.
- MACHADO, Roberto. Deleuze e a filosofia. São Paulo: Zahar, 2010.
- MALONE, Thomas W. O futuro dos empregos. M. Books, 2006.
- MARGARITES, Ana Paula Freitas; SPEROTTO, Rosária Subjetividade em Rede: novos modos de ser aluno e professor através das redes sociais da internet. ANPED, 2011. Anais... Rio Grande do Norte, 2011. Disponível em: www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/.../GT16-1098%20int.pdf.
- MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. Governando o presente. São Paulo:Paulus, 2012
- MORIN, Edgard. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa:Instituto Piaget, 1990
- _____. Meus demônios, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- OKADA, Alexandra. (org). Cartografia Cognitiva. Mapas do conhecimento e formação docente. São Paulo: KCM, 2008.
- OSTROM, ELINOR Sem fronteiras. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://youtu.be/2QG7KRSfs6c> Acesso em:06/03/2013.
- PASSARELLI, BRASILINA; et. al. Atores em Rede. Um estudo qualitativo sobre o perfil dos cidadãos frequentadores do programa ACESSA SP, 2008.
- PIMENTEL, Tiago; SILVEIRA, Sergio A. Cartografia de espaços híbridos: as manifestações de junho. Disponível em: Portal Interagentes, 2013. Disponível em: <http://portal.interagentes.cc/?p=62> Acesso em set. 2013
- PRADO, José Luiz Aidar. Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2013.
- PRETTO, Nelson. Redes colaborativas, ética hacker e educação (Artigo). Educação em Revista. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300015&script=sci_arttext
- RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. WebSci'13, Maio, 2-4, 2013, Paris, França.
- ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. Cartografias do Desejo. Micropolíticas, Petrópolis: Vozes, 1996
- RORTY, Richard. A filosofia e o espelho da natureza. Lisboa: Relume-Dumara, 1994
- _____. Contingência, ironia e solidariedade. Lisboa: Martins Fontes, 2011.
- ROSE, Nikolas. Power and Subjectivity: Critical History and Psychology. **Academy for the Study of the Psychoanalytic Arts** (1997). Disponível em: <http://www.academyanalyticarts.org/rose1.htm>

- _____. Governing the Enterprising Self, in P. Heelas and P. Morris (Eds) *The Values of the Enterprise Culture: the moral debate*. London: Unwin Hyman, 1991.
- UNIVERSIDAD NÔMADA. Democracia Distribuída. Miradas de La Universidad Nômada al 15M., Maio, 2012. Disponível em: <http://www.universidadnomada.net/spip.php?article382>
- SCHNITMAN, Dora. F. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artmed, 1996
- _____. SCHNITMAN, S. (orgs.). *Novos paradigmas em mediação*. Porto Alegre: Atmed, 1999.
- SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. *Lá vem todo mundo. O poder de organizar sem organizações*. São Paulo: Zahar, 2008.
- SPINOZA, Benedictus. *Ética*. Tradução: Tomaz Tadeu. São Paulo: Ed. Autêntica, 2013.
- _____. *Tratado Teológico Político*. São Paulo: Editora Ícone, 1994.
- _____. *Tratado da Correção do Intelecto*. Tradução e notas de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *As leis da imitação*. Porto: RES Editora. s/d
- VAZ, Paulo. *Esperança e excesso*. In *Tramas da Rede*. Org. André Parente. p.189-209, Porto Alegre: Edições Sulina, 2004.
- VEIGA- NETO, Alfredo. *O currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo*. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.13-25
- _____. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Webgrafia

- <http://edemocracia.camara.gov.br/>
- <http://culturadigital.br/marcocivil>
- <http://www.proximadose.com.br/marco-civil-da-internet/>
- <https://twitter.com/search/realtime/%23marcocivil>
- https://twitter.com/lemos_ronaldo
- <http://www.idec.org.br/mobilize-se/campanhas/marcocivil>
- <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2013/06/1300242-a-primavera-e-contagiosa-os-sintomas-ja-estao-aqui.shtml>
- http://edemocracia.camara.gov.br/web/marco-civil-da-internet/forum/-/message_boards/statistics
- <http://pt.globalvoicesonline.org/2012/08/06/brasil-marcocivil-opinioes/>
- http://brasileconomico.ig.com.br/noticias/governo-encaminhara-mudancas-a-proposta-do-marco-civil-da-internet_135895.html
- <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/08/29/projeto-do-marco-civil-recebeu-2-mil-sugestoes>
- <http://edemocracia.camara.gov.br/web/marco-civil-da-internet/wikilegis>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_Civil_da_internet

<http://blogs.estadao.com.br/link/dilma-pede-urgencia-para-marco-civil/>
<http://www.avaaz.org/po/petition/>
https://secure.avaaz.org/po/brazil_open_vote_nd/?vc
<http://marcocivil.com.br/2013/09/nao-mutile-o-marco-civil/>
https://twitter.com/change_br
<http://softwarelivre.org/portal/comunidade/aberta-a-consulta-publica-para-construcao-do-marco-civil-da-internet>
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130509_brasil_peticoes_online_lgb.shtml
<http://blogs.estadao.com.br/link/2010/05/>
<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/na-primavera-arabe-internet-e-faca-de-dois-gumes>
<http://mj.jusbrasil.com.br/noticias/2184640/marco-civil-da-internet-e-tema-de-seminario>
<http://www.cartacapital.com.br/@@search?Subject%3Alist=Primavera%20Árabe>
<http://socialgoodbrasil.org.br/2013/case-5-graziela-tanaka-change-org-in-brazil-stories-of-movement-entrepreneurs/>
<http://temas.estadao.com.br/especiais-sobre-primavera-arabe>
<http://www.policymic.com/articles/10642/twitter-revolution-how-the-arab-spring-was-helped-by-social-media>
<http://www.freenetfilm.org>
<http://sabinabresciani.com/2012/07/05/infographics-twitter-revolution-in-the-arab-world/>
<http://oglobo.globo.com/mundo/a-primavera-arabe-as-revolucoes-inacabadas-3331439>
<http://www.ans.gov.br/participacao-da-sociedade/consultas-publicas>
<http://elearningexamples.com/unrest-in-arab-countries/>
<http://www.ethanzuckerman.com/blog/2011/01/12/what-if-tunisia-had-a-revolution-but-nobody-watched/>
<http://www.dw.de/petição-popular-online-ajuda-a-fortalecer-democracia-alemã/a-16549918>
<http://revistacult.uol.com.br/home/tag/primavera-arabe/>
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18943/redes+sociais+foram+o+combustivel+para+as+revolucoes+no+mundo+arabe.shtml>
<http://www.estadao.com.br/especiais/a-revolucao-que-abalou-o-mundo-arabe,130095.htm>
<http://mashable.com/2012/06/08/arab-world-facebook-twitter/>
<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,maior-do-mundo-change-permite-peticoes-opostas-,1007158,0.htm>
<http://pesquisa.cmjornal.xl.pt/?q=%20mohamed%20bouazizi>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reddit>
<http://thereboot.org/tunisia/intro.html>
<http://www.theguardian.com/uk/interactive/2011/dec/07/london-riots-twitter>
http://en.wikipedia.org/wiki/Arab_Spring
<http://www.psmag.com/politics/the-cascading-effects-of-the-arab-spring-28575/>
<http://www.estadao.com.br/especiais/bandeiras-da-primavera-arabe,181510.htm>
<http://georedevam.blogspot.com.br/2012/03/infografico-da-primavera-arabe.html>
<https://www.change.org/organizations/avaaz>
<http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5gmg4rvAfz5HpVrBLnRRPpOxQUwvQ?docId=CNG.48f3fb2a5d4e5791795d8c3f3b8c5311.8e1>
<http://opinioenoticia.com.br/brasil/criadora-do-diario-de-classe-tem-casa-apedrejada/>

<http://www.bemparana.com.br/tictag/index.php/2012/09/29/diario-de-classe-blog-de-isadora-faber-encoraja-outros-alunos/>
<http://wp.clicrbs.com.br/conectadospelamudanca/facebook-para-mudanca-social-diario-de-classe-de-isadora-faber/>
<https://www.facebook.com/coletivodigital>
<http://www.acessasp.sp.gov.br/2012/11/software-livre-inspira-monitor-do-acessa-a-desenvolver-o-proprio-programa/>
<https://www.facebook.com/ProjetoMonitorVirtual>
<http://www.estadao.com.br/especiais/bandeiras-da-primavera-arabe,181510.htm>
<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/conheca-historia-isadora-faber-732527.shtml>
<http://gizmodo.uol.com.br/aaron-swartz-entrevista-ronaldo-lemos/>
<http://blogs.estadao.com.br/link/hacker-reu/>
http://www.vice.com/pt_br/read/a-tragica-batalha-de-aaron-swartz-contr-o-copyright
<http://blogs.estadao.com.br/tatiana-dias/nao-foi-em-vao-aaron-swartz/>
<http://blog.ccna.com.br/2008/04/24/o-que-sao-rfcs/>
<http://edemocracia.camara.gov.br/web/marco-civil-da-internet/wikilegis>
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI101754-15224,00.html>
<http://fndc.org.br/clipping/marco-civil-da-internet-vai-a-plenario-com-34-emendas-929704/>
<https://twitter.com/samadeu>
<http://www.conversaafiada.com.br/politica/2013/09/18/dilma-quer-a-neutralidade-da-rede-na-internet/>
<http://tiagomadeira.com/tags/request-for-comments/>
<https://twitter.com/MarceloBranco>
<http://alexandre-atheniense.jusbrasil.com.br/noticias/2135628/marco-civil-da-internet-porque-este-tema-interessa-a-todos-os-brasileiros>
<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-lino/a-reacao-internacional-do-apoio-de-dilma-ao-marco-civil-da-internet-8346.html>
http://en.wikipedia.org/wiki/Request_for_Comments
<http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=35003&sid=4#.UnEyZeD1tdZ>
<https://www.facebook.com/pages/Rede-Sustentabilidade/166283443520449>
<http://www.brasilemrede.com.br/>
<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2013/09/22/rede-sustentabilidade-concentra-esforcos-para-garantir-criacao-de-partido/>
<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,rede-sustentabilidade-lanca-campanha-online-para-pressionar-tribunal-eleitoral,1079107,0.htm>
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-02-16/marina-silva-lanca-embriao-de-um-novo-partido-politico>
<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/02/novo-partido-de-marina-silva-vai-se-chamar-rede-sustentabilidade.html>
<http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2013/09/25/registro-da-rede-e-direito-democratico-de-milhoes-de-eleitores-de-marina/>
<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/09/26/marina-silva-reafirma-ao-tse-que-rede-sustentabilidade-tem-assinaturas-para-obter-registro.htm#fotoNav=32>

<http://www.lixoeletronico.org/>
<http://www.wellhome.com/blog/wp-content/uploads/2011/05/e-waste2.png>
<http://onibushacker.org/>
<https://www.facebook.com/transparencia.hacker>
<http://www.acessasp.sp.gov.br/home-ponline/>
<http://www.cidadedemocratica.org.br/>
<http://digitalis.nwp.org/resource/3388>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Passe_Livre
<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contr-aumento-das-tarifas-do-transporte.html>
<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1964-1.pdf>
<http://www.urbame.com.br/blog/analise-de-redes-sociais-sobre-as-manifestacoes/>
<http://transamerica.tv.br/Brasil/a-midia-nas-manifestacoes-pelo-brasil.html>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_de_Jasmim
<http://socialeyez.files.wordpress.com>
<http://rt.com/usa/secret-service-files-swartz-investigation-464/>
<http://www.fastcolabs.com/3004769/my-email-exchange-aaron-swartz-shows-original-thinker>
<http://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2013/07/plataformas-se-especializam-em-crowdfunding-para-nichos.html>
<http://www.kickstarter.com>
<http://startups.ig.com.br/2012/quando-dinheiro-gira-no-crowdfunding-catar-se-completa-1-ano-e-abre-dados/>
<http://visual.ly/open-data-movement>
<http://dados.gov.br/sobre/>
<http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/Dados-Abertos>
http://www.w3c.br/pub/Materiais/PublicacoesW3C/Manual_Dados_Abertos_WEB.pdf
<http://blog.acessasp.sp.gov.br/>
<http://socialgoodbrasil.org.br/2012/cidade-democratica/>
http://www.cidadedemocratica.org.br/static_pages/como_funciona
<http://www.ted.com/>
<http://www.tedxvilamada.com.br/>
http://pt.wikipedia.org/wiki/Salman_Khan
<https://www.institutoclaro.org.br/ferramentas/khan-academy-ganha-canal-em-portugues-e-ja-conta-com-700-aulas-do-professor-salman-khan/>
<http://www.collaborate.so/education/>
<http://banyanbranch.com/social-blog/the-revolution-will-be-tweeted-occupy-wall-street/>
<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1150343-criador-do-occupy-wall-street-diz-que-a-magia-acabou.shtml>
<http://occupywallst.org/forum/first-official-release-from-occupy-wall-street/>
<http://www.movimiento15m.org>
<http://www.ndc.uff.br>
<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v36n1s1/v36n1s1a09.pdf>

7. ANEXOS

ANEXO I – Microcases

MICRO CASES

01 | Diário de Classe de Isadora

02 | Aaron Swartz & Direitos Autorais

03 | Monitor Virtual - Acessa SP

04 | Petições on-line: Avaaz & Change.org

05 | Blogueiros de plantão - Acessa SP

06 | Ônibus Hacker e Transparência Hacker

07 | Crowdfunding & Crowdsourcing



08 | Cidade Democrática e participação

09 | Inteligência Coletiva e Aberta: Rede
TedTalks; Salman Khan, Edex - Mooc's

10 | Dados Abertos & Hackathons

11 | Constituição da Islândia (via Facebook)

12 | Grupo Anonymous

13 | 15M, DRY

14 | Occupy Wall Street

Diário de Classe de Isadora

01



“ Eu Isadora Faber que tenho 13 anos, estou fazendo essa página sozinha, para mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero melhor não só pra mim, mas pra todos. ”

Diário de Classe de Isadora

A ideia de criar a página no Facebook surgiu **a partir do blog** de Martha Payne, uma escocesa de apenas 9 anos que postava fotos da comida que era servida em sua escola, com comentários e críticas sobre a qualidade da alimentação.

A página foi criada em julho de 2012 com a intenção de denunciar os problemas da escola Maria Tomázia Coelho, em Florianópolis, onde Isadora estuda. Postando fotos de maçanetas e bancos quebrados, fios expostos e paredes mal pintadas, ela cobrou as autoridades e deu resultado: a escola foi reformada.

O diário inspirou a criação de mais **100 outros diários** que denunciam a situação precária de outras escolas públicas brasileiras.



*dados coletados
em setembro de
2013

627.849 likes
1.864 talking about this

COMENTÁRIOS
FACEBOOK

> VÍDEO DISPARADOR



Deatris Moreira continue denunciando e também prestigiando em melhoria do ensino público de qualidade para todos
[See Translation](#)
 February 19 at 3:40pm

Gelson Lirio Assisti você e sua querida mamãe no Serginho, gostei quando o deputado e professor disse que gostou da sua pagina e comentou com a ministra a seu respeito, Isadora você esta colhendo os frutos da sua boa plantação, o reconhecimento da autoridades! Parabéns e que Deus proteja a você e todos os seus familiares.
[See Translation](#)
 March 5 at 11:25am · 1

George Souza Oi, Gostei Muito Da Sua Pagina e Queria Que Você Desse Uma Olhada Na Minha Que Eu Fiz Da Escola Que Eu Estudo, Estudo Na Escola "Estado Do Amazonas" Em Fortaleza-Ce – <http://www.facebook.com/.../159365957553561>
[See Translation](#)
 April 25 at 1:45pm

> POST DE SUSANA

Diário de Classe shared a link.
 June 19 near Florianópolis

Eu vi a Presidente Dilma dizer que "as vozes das ruas precisam ser ouvidas". Gostaria que ela tivesse dito "as vozes das ruas serão atendidas". Ouvir e não fazer nada não adianta Presidente. O que o povo quer é mudanças, por isso vou resumi... [See More](#)

[See Translation](#)

Descaso do governo Cabral leva médicos do estado ao desespero

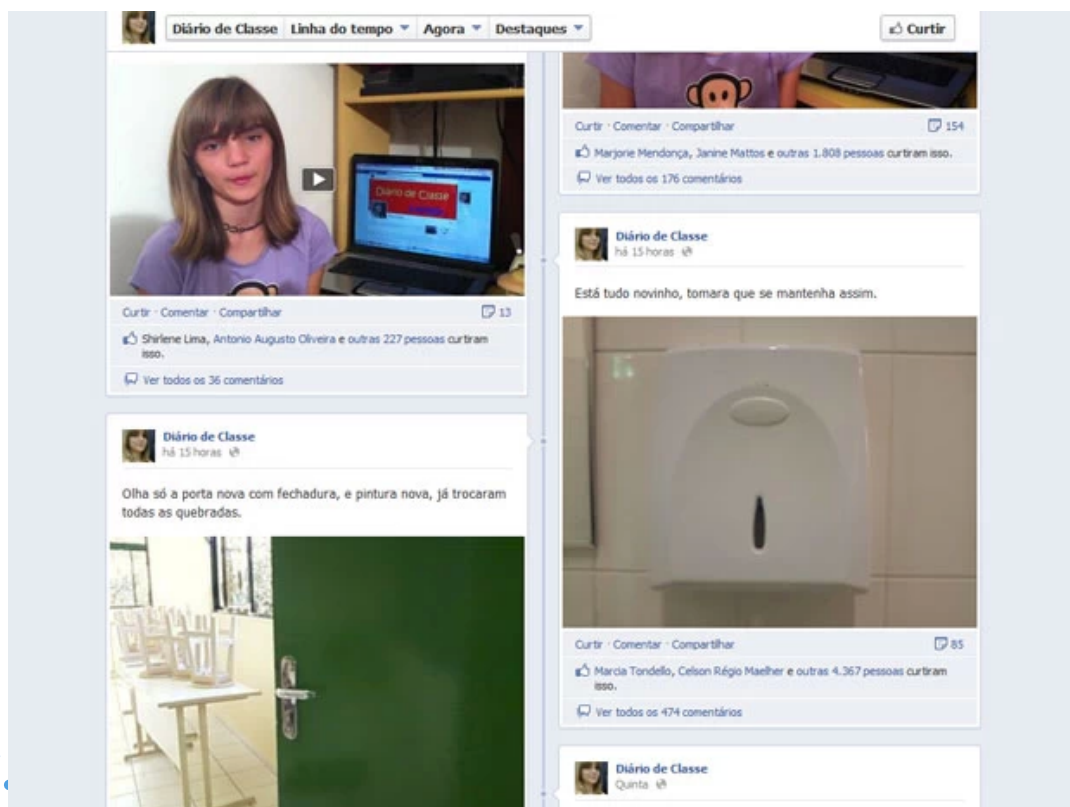
TV Record mostra desespero de médica do Hospital Rocha Faria por causa da falta de estrutura de trabalho e do descaso do governo

Like · Comment · Share

11,671 656 4,162

FACEBOOK:

Isadora mostra itens reformados, como a nova maçaneta, e pede que eles não voltem a ser danificados.



facebook



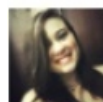
Diário de Classe — a verdade, de Isadora Faber, 13 anos. **220.286** curtiram

Escola Básica Municipal Maria Tomázia Coelho, Florianópolis. "Meu boletim só está sem nota em inglês, porque no início do ano o professor faleceu, então estávamos sem aulas."



Diário de Classe — de Maria Eduarda de Souza, 10 anos. **7** curtiram

Escola Municipal de Ensino Básico Professor Roberto Plínio Colacioppo, São Paulo (SP). "Diário de Classe é uma página que fala sobre os problemas comuns que alunos enfrentam na escola pública."



Diário de Classe — nada além da verdade, de Sâmia de Souza Araújo, 15 anos. **56** curtiram

Liceu de Humanidades de Campos, Campos dos Goytacazes (RJ). "...Queremos ventiladores decentes que funcionem e que vá na sala toda, não precisa ser ar condicionado. Quando outros alunos reclamam para a diretora, falando que só a nossa escola não tem ar condicionado e as outras têm, ela diz que nossa escola é histórica. Mas dentro da diretoria tem ar condicionado, muito legal né... na diretoria tem ar condicionado..."



Diário de Classe — a verdade, Rafael Novais, 22 anos. **25** curtiram

Escola Estadual Fernando Gaspariam, São Paulo (SP). "Agora me responde por favor se acontecer um incêndio onde iremos encontrar um equipamento de segurança para controlá-lo". (post junto à foto de suporte de extintor de incêndio vazio)

FANPAGES

Facebook
inspirados na
página de Isadora.

02

Aaron Swartz & Direitos Autorais

THERE IS NO JUSTICE IN FOLLOWING UNJUST LAWS

INTERNET FREEDOM ACTIVIST
AARON SWARTZ
1986-2013



Aaron Swartz & Direitos Autorais

O envolvimento de Swartz surgiu de um desejo de expandir os princípios do **acesso livre à informação** e de reformar o ensino superior, ao invés da predisposição a monetizar o que rapidamente se tornou uma fonte lucrativa de tráfego de referência pra publicações online.

Swartz é um dos responsáveis por criar a Open Library, biblioteca aberta que hoje está no Internet Archive, e o Watchdog.net, portal para fiscalizar os políticos dos Estados Unidos.

Em 2011 foi preso por baixar ilegalmente quatro milhões de documentos da biblioteca do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

O web.py, web framework criado por Swartz inspirou o desenvolvimento de elementos do FriendFeed, Google e Facebook.

“ Nós precisamos pegar a informação, independentemente de onde esteja, fazer nossas cópias e compartilhá-las com o mundo. Precisamos comprar bases de dados secretas e colocá-las na web. Precisamos baixar publicações científicas e colocá-las em redes de compartilhamento. ”





EUA vs. Aaron Swartz

Documento
do processo
mostra as
acusações
contra ele.

fonte: LINK
Estadão

UNITED STATES DISTRICT COURT DISTRICT OF MASSACHUSETTS

UNITED STATES OF AMERICA

v.

AARON SWARTZ,

Defendant

Crim. No.

VIOLATIONS:

18 U.S.C. § 1343 (Wire Fraud)

18 U.S.C. § 1030(a)(4) (Computer Fraud)

18 U.S.C. § 1030(a)(2), (c)(2)(B)(iii)
(Unlawfully Obtaining Information from a
Protected Computer)

18 U.S.C. § 1030(a)(5)(B), (c)(4)(A)(i)(I),(VI)
(Recklessly Damaging a Protected Computer)

18 U.S.C. § 2 (Aiding and Abetting)

18 U.S.C. § 981(a)(1)(C), 28 U.S.C. § 2461(c),
and 18 U.S.C. § 982(a)(2)(B) (Criminal
Forfeiture)

INDICTMENT

The Grand Jury charges that at all relevant times:

PARTIES

Quando eu tinha cerca de 12 anos, meu pai foi em uma viagem de negócios para o MIT e me levou junto. Passei um dia em uma aula de um professor do MIT, Philip Greenspun, que tentou explicar todos os princípios de construir aplicativos web. Eu estava tão animado com a aula que eu imediatamente fui para casa e tentei fazer alguma coisa. A primeira coisa que eu fiz foi uma enciclopédia online que qualquer pessoa poderia editar, mas na prática, só a minha mãe e meus amigos da escola editaram. Mas a segunda coisa que eu fiz foi um programa para pegar as notícias de todo site de notícias e combiná-las em uma página. Na época, isso era bem difícil – cada site de notícias tinha seu próprio formato e você tinha que escrever software para ler cada um individualmente – mas havia algumas pessoas falando sobre criar um padrão, de modo que não era apenas um só formato que você precisava ler. Naturalmente, eu comecei a conversar com essas pessoas. Claro que, como uma criança, eu tinha um monte de tempo livre, então eu acabei pegando mais e mais desse trabalho, e acabei sendo um dos editores da especificação que se tornou o RSS 1.0.

> DEPOIMENTO SWARTZ

fonte:
entrevista
CO.Labs





DIGITAIS Aaron Swartz

Documento de investigação do Serviço Secreto dos EUA, publicado a pedido do "Freedom of Information Act (FOIA)".

fonte:
<http://rt.com>

Subject: Fingerprints of *Aaron Swartz*
To: SAIC - Forensic Services Division



Em 2013, Aaron Swartz se **suicidou**, sendo encontrado enforcado em seu apartamento em Nova York, reacendendo os debates sobre a punição de crimes cometidos pela internet.

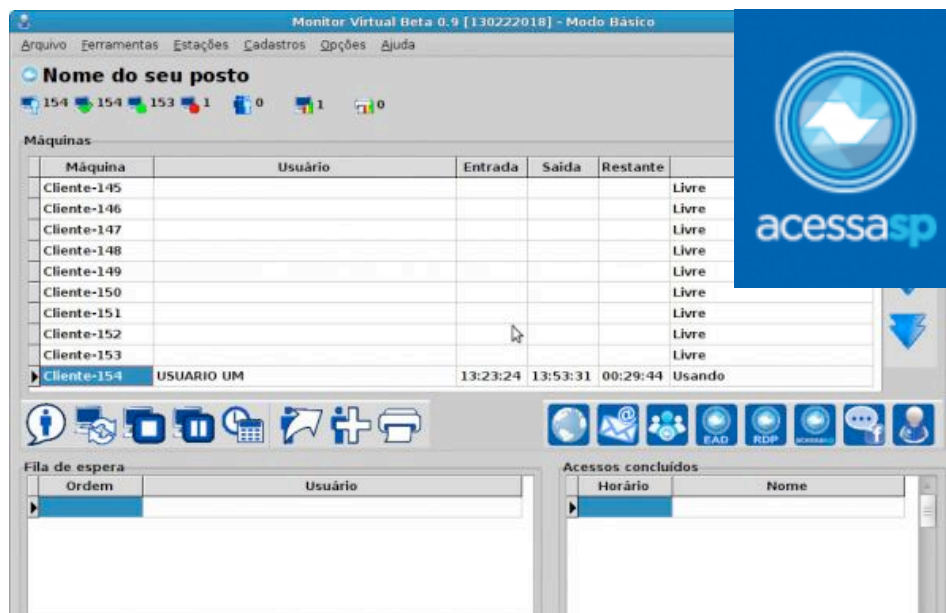


> LEI

Promotores federais acusaram Swartz de **duas** acusações de fraude eletrônica e **11 violações** de fraude informática e Lei de Abuso. Swartz poderia ter enfrentado **35 anos de prisão** e uma multa de um milhão de dólares.

Monitor Virtual Acessa SP

03



“ Na verdade vem desde de que comecei a trabalhar como monitor do Acessa. Logo de início percebi que algumas tarefas manuais poderiam ser automatizadas e por programação ser um hobby naturalmente idealizei esse projeto. ”

Monitor Virtual - Acessa SP

Monitor Virtual é o projeto de um programa de computador gratuito e livre, feito especialmente para os postos do Programa Acessa São Paulo.

Seu objetivo é se tornar um complemento para o sistema operacional Acessa Livre e funcionar como ferramenta de trabalho do monitor do Acessa SP.

Como é um software, é feito em linguagem de programação Pascal Orientado a Objetos usando a ferramenta gratuita multiplataforma chamada Lazarus, podendo o projeto ser desenvolvido independentemente de plataforma (sistema operacional)

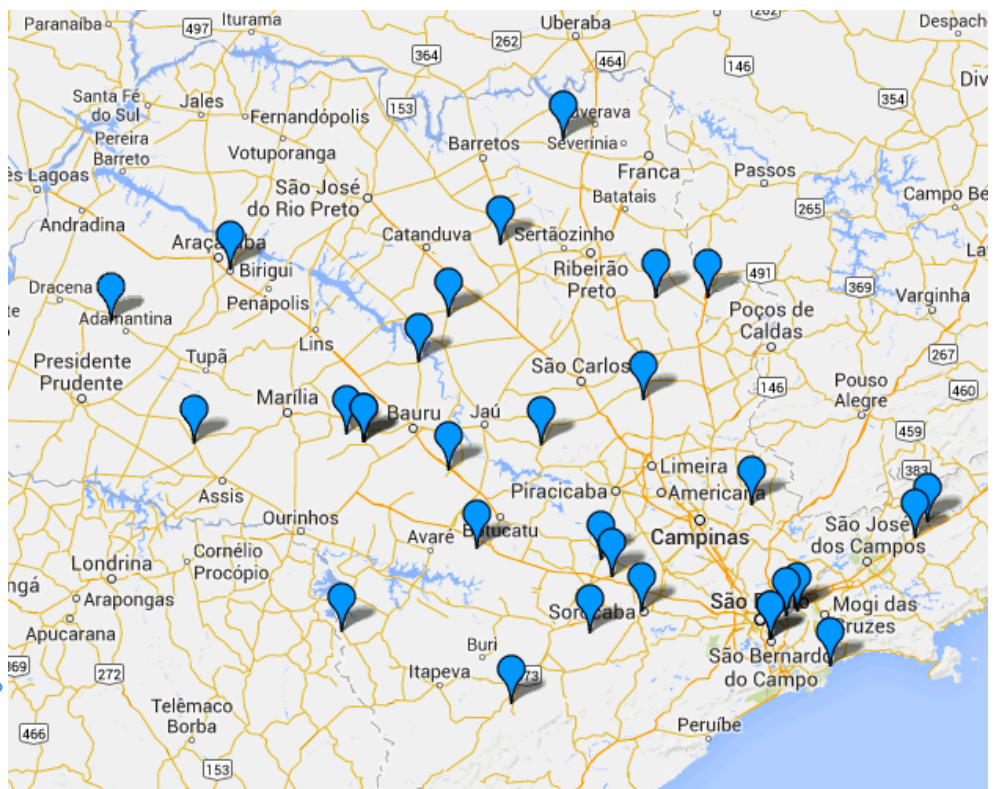
A possibilidade de conhecer o programa a partir da sua estrutura fez com que Edil pesquisasse sobre o assunto por conta própria. "Mesmo não sabendo nada de **Software Livre** no começo, e com muita dificuldade, insisti em aprender sobre o assunto. É uma área que gosto muito, principalmente a parte da programação. Sempre admirei as pessoas que divulgam seus trabalhos e permitem que outras pessoas, como eu, possam aprender com isso", disse.

*dados coletados
em setembro de
2013

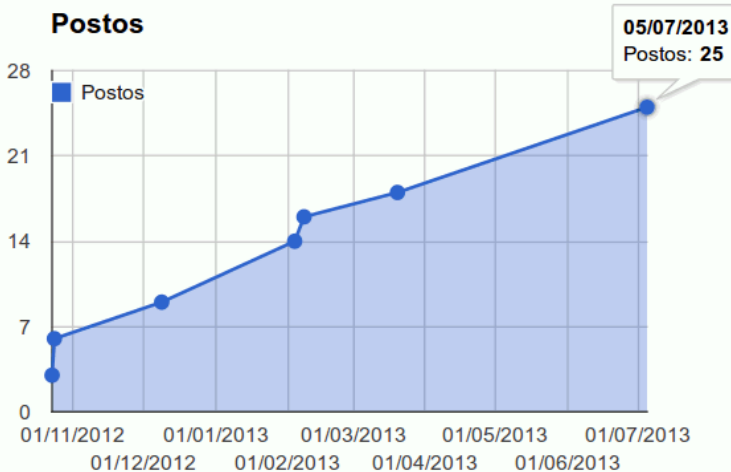


316 downloads

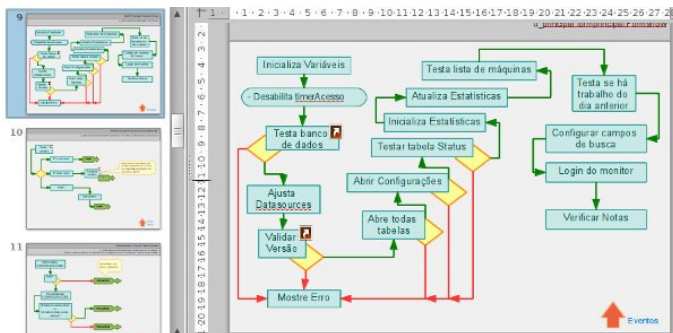
POSTOS DO
ACESSA SP
QUE ESTÃO
USANDO O
MONITOR



> GRÁFICO DE EXPANSÃO



**Edil Queiroz de
Araújo, de
Ribeirão Grande**



> FACEBOOK (enquetes, comentários, comunicação com monitores)



Projeto Monitor Virtual asked a question.
October 4, 2012

Enquanto o download não chega, gostaria de saber o que os monitores acham de poderem testar uma versão anterior e conhecer esse software, mesmo sabendo que se trata de uma versão desatualizada? Se sim, poderei disponibilizá-la a todos, permitindo assim que participem enviando comentários e dando sugestões, por exemplo. O que acham?

- ☒ **Sim, quero poder conhecer, mesmo sendo uma versão desatualizada** +2
- ☐ Não, prefiro esperar +2

Like · Comment · Share

Petições On-line (change.org & avaaz.org)

04



Petições On-line (Change.org & Avaaz.org)

Duas das principais plataformas de petições online do mundo, a Avaaz e a Change, já possuem versões em português e juntas contabilizam mais de **4,5 milhões de usuários no país**.

A Avaaz, vertida para o português em 2007 conta com 3,7 milhões de membros no Brasil. O país possui o maior número de usuários do site, à frente da França, Espanha e Estados Unidos.

O Change, que desembarcou no país em outubro de 2012, cresce a uma taxa mensal de 35%, segundo seus organizadores. No último mês, o país ultrapassou, em número de usuários, Índia, México e Rússia. São **800 mil** brasileiros cadastrados atualmente na plataforma.

Apesar de serem consideradas instrumentos de pressão popular, as petições virtuais não têm **valor jurídico**.



change.org 196 países | 226.463.458 assinaturas

avaaz.org 26,273,426 membros em todo mundo

Corrupção política



Mudanças climáticas e meio ambiente



Política econômica que beneficia o bem comum



Pobreza e desenvolvimento



Guerra e paz



Biodiversidade e conservação



Movimentos democráticos



Alimentos e saúde

Pesquisa de prioridades de temas segundo usuários da rede Avaaz (ano 2013)



"Para mim, Avaaz significa dar poder às pessoas para que elas moldem o futuro da maneira que elas desejam. É um Parlamento do mundo, mais forte e mais proativo que a ONU e que outras organizações internacionais juntas."

— Ibrahim Ceesay, Gâmbia
Membro da Avaaz

Facebook Avaaz:
882,616 likes



Brasil: Ficha Limpa

JULHO DE 2010

Os brasileiros tomaram um grande passo contra a corrupção criando **o maior movimento brasileiro online na história do país**. Pedidos pela Lei Ficha Limpa se tornaram **um dos tópicos mais populares no Twitter** (Abril 2010) e membros da Avaaz **fizeram com que o número de assinaturas pela votação no congresso subisse para mais de 2 milhões**.



Campanha Horta na Paulista: **3.628 apoiadores**

Algumas campanhas Change.org:

Não à PEC 01 em São Paulo!
Promotores de Justiça com poder de investigação!
(115.228 apoiadores)

@CocaCola_br: Indenize Wilson imediatamente e reconheça a contaminação pelo seu produto
(62.332 apoiadores)

Assine pela reforma do Teatro do Parque, patrimônio histórico do Recife
(20.050 apoiadores)

05

Blogueiros de plantão, Acessa SP Mococa



Blogueiros de plantão, Acessa SP Mococa

Blogueiros de Plantão é um projeto realizado no posto do Acessa-SP de Mococa, em parceria com o Depto. de Cultura e Turismo e o Conselho Municipal de Turismo da cidade, que têm por objetivo divulgar o Turismo, a Cultura e o trabalho realizado na cidade de Mococa e Região.

O projeto visa fomentar e sensibilizar a cidade para tudo que existe em relação a atrativos turísticos e produtos. Incluindo resgate histórico cultural, cidadania, meio ambiente, auto estima.

Vencedor do III Prêmio Acessa SP, o projeto realiza diversas ações como capacitação para criação de blogs e atualização do blog dos blogueiros de plantão, além de pesquisas nas ruas sobre acesso da população a internet.

"É uma cidade com muita demanda de turismo rural, são muitos casarões e fazendas históricas. Manter um blog atualizado na rede facilita a vida das pessoas que vêm nos visitar, afinal, eles têm a oportunidade de pesquisar e já montar um roteiro com aquilo que querem fazer".

Regina Buzo, criadora do projeto

Público

Atualizar

Agora

Dia

Semana

Mês

Tudo

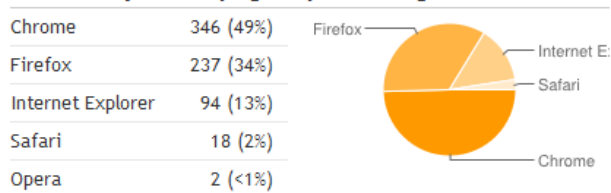
maio de 2008 - junho de 2012

Visualizações de página por país

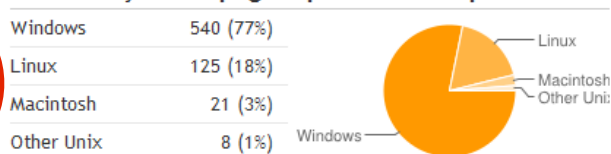


Brasil	662
Estados Unidos	16
Alemanha	8
Rússia	5
Índia	3
Irlanda	1

Visualizações de página por navegador



Visualizações de página por sistema operacional



FONTE: <http://blog.acessasp.sp.gov.br/>

SOBRE MOCOCA

Mococa é uma cidade situada a **nordeste do estado de São Paulo**, entre as bacias dos rios Pardo e Canoas. Sua população é de 75 mil habitantes e as principais atividades econômicas são a agropecuária, o comércio, a indústria e o turismo. Em 1842, foi implantada a primeira lavoura de café, e a cidade ficou por muito tempo conhecida como "a cidade do café com leite". Mococa foi uma das terras onde residiam os chamados “Barões do Café”, que deixaram uma herança cultura que ainda hoje se materializa na cidade.



Ônibus Hacker & Transparência Hacker



Ônibus Hacker & Transparência Hacker

O **Ônibus Hacker** é um laboratório sobre quatro rodas no qual hackers de toda sorte embarcam por um desejo comum: **ocupar cidades brasileiras com ações políticas**. Por política, entende-se toda apropriação tecnológica, toda gambiarra, todo questionamento e exercício de direitos. Por ação, entedemos a prática, o faça você mesmo uma antena de rádio, um projeto de lei, uma escola.

O projeto começou em junho de 2011, quando a **Transparência Hacker** lançou no **Catarse**, plataforma de financiamento coletivo. Em dois meses, 500 pessoas doaram 60 mil reais para a compra do ônibus, que iniciou suas atividades em 2012.



> 10 invasões do ônibus hacker foram realizadas por 100 pessoas de redes e áreas diversas para um público que chega a **10 mil pessoas**.

Tecnologia, Dados abertos

A comunidade **Transparência Hacker** é um espaço para que desenvolvedores web, jornalistas, designers, gestores públicos e outros indivíduos dos mais diferentes perfis proponham e articulem ideias e projetos que utilizem a **tecnologia para fins de interesse da sociedade**. Trabalham primariamente com dados governamentais abertos, promovendo ações que evidenciam a importância desses dados e fazendo pressão para que os organismos do governo brasileiro adotem a mesma medida de liberação de **dados públicos em formatos abertos**. Acima de tudo, provocam e buscam evidenciar questões sociais e políticas através da ressignificação de informações existentes, mas que ainda são de difícil acesso para a sociedade em geral.



Projeto Queremos Saber

899 pedidos e
5893 órgãos públicos



Inspirada no site inglês What do they know? ("o que eles sabem?", em português) da organização My Society, a plataforma foi criada pela comunidade Transparência Hacker e pela Open Knowledge Foundation Brasil. Na página eletrônica, interessados em **receber dados públicos** precisam apenas escolher o órgão ao qual desejam pedir informações e escrever um pedido. As perguntas e as respostas são automaticamente postadas em um banco de dados do site, que fica disponível aos internautas para evitar que sejam enviadas as mesmas perguntas mais de uma vez.



Crowdfunding & Crowdsourcing

O termo **crowdfunding** é utilizado quando há um esforço coletivo de angariar recursos para financiar e viabilizar a realização de sonhos e ideias (via projetos) de pessoas ou organizações.

Esse tipo de ação ocorre normalmente pela internet e não tem restrições de aplicação, já que pode ser usada para a realização de projetos em diversas áreas (ambiental, cultural, social, campanhas políticas, ajuda humanitária, desenvolvimento de softwares etc.).

Os primeiros portais de crowdfunding surgiram apenas no começo dos anos 2000 nos EUA.

Atualmente, já existem **500 plataformas de crowdfunding ativas e mais de 9 mil domain names** registrados relacionados ao crowdfunding, segundo Ryan Caldbeck (fonte: Forbes).



Kickstarter (criado em 2009, é uma das maiores plataformas dos EUA)

- > Com 4 anos de existência, já levantou mais de **600 milhões** de dólares
- > Taxa de sucesso entre seus projetos de **44%**
- > **45.229** projetos financiados com sucesso de **106.809** projetos lançados

fonte: <http://www.kickstarter.com>

Alguns Números

O Catarse, fundado em 2011 no Brasil já realizou 1.200 projetos com a ajuda de 76 mil pessoas, que contribuíram com **R\$ 8,8 milhões**.

Volume de capital movimentado em todo o mundo em projetos de crowdfunding chegou a US\$ 2,66 bilhões em 2012, comparado a US\$ 1,47 bilhão no ano anterior. A expectativa é que, em 2013, o setor alcance a marca de US\$ 5,1 bilhões.

FONTE: Dados de pesquisa da consultoria especializada em crowdsourcing Massolution em 2013

DADOS 2011



FONTE: infográfico criado pelo estúdio ZEBRABOLD

CROWDSOURCING

O **crowdsourcing** é um modelo de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários, geralmente espalhados pela Internet para resolver problemas, criar conteúdo e soluções ou desenvolver novas tecnologias, assim como também para gerar fluxo de informação.

Dois bons exemplos de produtos obtidos através do sistema são os sistema **operacional GNU/Linux** e o **navegador Firefox**, que foram criados por um exército de voluntários ao redor do mundo.





Cidade Democrática & Participação

O Cidade Democrática é um canal na internet para a **participação social**, onde todos podem gerar mobilização em torno de assuntos públicos. Alguém aponta um problema na sua cidade (ou comunidade), outra pessoa cria uma proposta para solucionar esse problema e elas recebem apoio, comentários, perguntas ou respostas.

Trata-se de uma ferramenta de participação cidadã que se aprimora de forma sistemática e que permite a você conhecer as principais questões propostas em uma determinada área (território, bairro, cidade) e relacionadas aos temas (tags) que você escolher. Além disso, o Cidade Democrática é, também, um espaço para você propor soluções, registrar problemas e construir diálogos colaborativos como instrumento de viabilização das questões, que, em sua opinião, são mais relevantes para o bem comum.



2 mil projetos cadastrados, cinco mil temas em pauta como saúde, mobilidade e educação e **40 mil** atividades registradas, entre comentários e apoio das propostas. (FONTE: <http://socialgoodbrasil.org.br> / out/2012)

Olá, Antônio | Minhas Opções | Logout

CIDADE DEMOCRÁTICA
Crie e apoie propostas para um mundo melhor

+ APONTE UM PROBLEMA

+ CRIE UMA PROPOSTA

Propostas e problemas | Pessoas e entidades | Meu observatório | Tour

Google Pesquisa Personalizada | Pesquisar

PARLAMENTAR **Antônio Rosalvo Batista Neto**



Membro há 1 ano

Homem, 32 anos em Lauro de Freitas, BA

Descrição
Advogado e Vereador Municipal (PSDB), presidente da Câmara Municipal de Lauro de Freitas, Bahia

Atividades recentes

Resumo | Propostas | Problemas | Comentários | Apoios | Seguindo

Listando 4 atividades recentes

+ Criou uma PROPOSTA
Implantação do metrô em toda a extensão da Estrada do Coco, até Portão, em Lauro de Freitas
há 2 meses.

✓ Respondeu, sobre a proposta "Divulgar o Cidade Democrática como ferramenta de participação popular" de Antônio Rosalvo Batista Neto:

Olá Felipe,

A equipe do Cidade Democrática contou que há experiências em outras cidades que usaram o vídeo em palestras e apresentações, fizeram folhetos e reuniões em bairros e na Câmara. De acordo com eles, foram pequenos

3 propostas e problemas

1 comentários

0 apoios

Tags principais

acessibilidade; mobilidade urbana; ciclovias; transporte; transporte não poluente;

CIDADÃO
Cleber
Jundiaí

2 TÓPICOS
132 COMENTÁRIOS
330 APOIOS

meio ambiente, qualidade de vida, urbanismo, parques, sustentabilidade, praças, alimentação

CIDADÃO
Mário Medina
Campo Limpo Paulista

71 TÓPICOS
53 COMENTÁRIOS
295 APOIOS

educação, saúde, transporte, cidadania, lixo, água, meio ambiente

CIDADÃO
Rodrigo Bandeira
São Paulo

16 TÓPICOS
104 COMENTÁRIOS
181 APOIOS

educação, saúde, pedestres, transporte, iluminação, assalto, barulho

PODER PÚBLICO
Várzea2022
Várzea Paulista

93 TÓPICOS
89 COMENTÁRIOS
18 APOIOS

educação, saúde, segurança, remédios, iluminação, participação, cidadania

ORGANIZAÇÃO
A Pompeia Que Se Quer

0 TÓPICOS
139 COMENTÁRIOS
0 APOIOS

CIDADÃO
Ademir J. Mota
Jundiaí

14 TÓPICOS
64 COMENTÁRIOS
177 APOIOS

ônibus, aposentados, carros, preservação, rodoviária, segurança, ponto

CIDADÃO
Rodolpho Mello
Cotia

34 TÓPICOS
94 COMENTÁRIOS

CIDADÃO
Thir Adenhauser
Louveira

6 TÓPICOS
76 COMENTÁRIOS

CIDADÃ
Patrícia Anette
Jundiaí

1 TÓPICOS
50 COMENTÁRIOS

14.595
usuários
cadastrados
(out/2013)



Inteligência Coletiva e Aberta: Rede TedTalks; Salman Khan, Edex



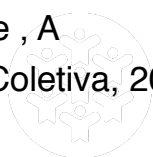
Inteligência Coletiva e Aberta: Rede TedTalks; Salman Khan, Edex

Inteligência Coletiva é uma inteligência distribuída, valorizada e coordenada em tempo real, resultando numa mobilização efetiva das competências.

As novas tecnologias de informação e comunicação têm permitido a produção de inovações no processo de ensino-aprendizagem.

[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências [...]

(LÉVY; pierre, A
Inteligência Coletiva, 2007)



[...] Novos meios de comunicação são frequentemente associados com a promoção e valorização da inteligência coletiva. A capacidade de novas mídias para armazenar e recuperar informações facilmente, principalmente em bases de dados e na Internet, permite que elas sejam compartilhadas sem dificuldade. Assim, através da interação com novas mídias, passam facilmente entre as fontes de conhecimento [...] (FLEW, 2008)

TedTalks

"TED quebrou o molde do que se espera de um discurso. Oradores não explicam como configurar um kit, nem porque um produto é superior ou inferior a outro. Em vez disso, eles tentam reconfigurar as mentes dos ouvintes".

FONTE: "The Economist", nov/2013



O TED é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1.984 nos EUA, com o objetivo de espalhar novas idéias. Surgiu como uma conferência anual na Califórnia reunindo pessoas de três áreas: Tecnologia, Entretenimento e Design, TED Conferences. O TEDx foi criado em 2009, com o mesmo espírito do TED: **"idéias que merecem ser difundidas"**.

TED Open Translation Project

Conteúdo TED traduzido por voluntários em todo o mundo.
10.649 VOLUNTÁRIOS

LÍNGUAS + TRADUZIDAS:

Inglês: 2.385 talks

Espanhol: 2.369

Francês: 2.045 talks

Hebrew: 2.021 talks

Português (Brasil): 1.979

Italiano: 1.895 talks

Russo: 1.644

Árabe: 1.615

Nuvem de palavras dos 304 tópicos usados para classificar 1.535 vídeos TED Talks



Removidos termos comuns do português. Fonte: <http://www.ted.com/topics> (acessado em 30/10/2013)

Salman Khan

Há quase sete anos, Khan ajudava uma prima de 12 anos que tinha dificuldade em Matemática. Ela estava em New Orleans, ele, em Boston. Nesse período, Khan chegou a criar um software de exercícios, mas depois descobriu que a melhor solução seria gravar vídeos e colocá-los no YouTube, pois poderia ensinar uma vez e ser visto várias vezes.

Em pouco tempo, suas aulas ficaram famosas na Internet, pela linguagem acessível e explicação clara. Salman Khan percebeu o potencial educativo que tinha nas mãos e começou a dedicar seu tempo para a produção de aulas de seu canal e assim surgiu a **Khan Academy**.



YouTube™

Canal You Tube
Khan Academy

1.426.524 assinantes

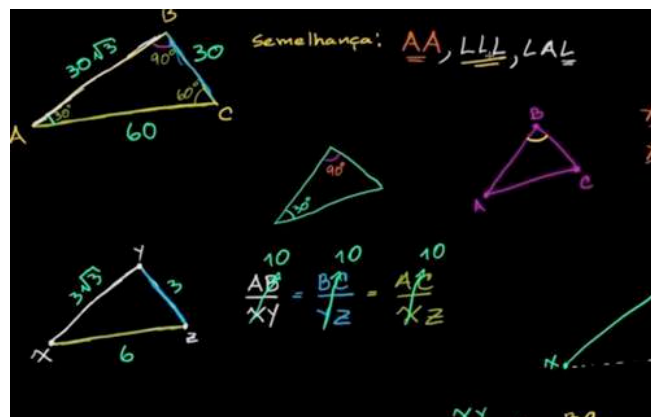
312.857.880 views

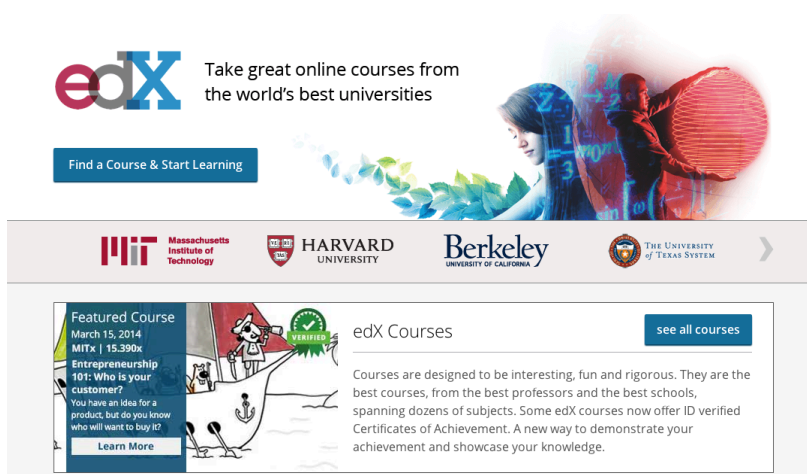
* canal criado em 2006



Khan grava as imagens diretamente da tela de um tablet, onde desenha e escreve com uma caneta digital. O educador chega a produzir dez vídeos por dia, e não edita o material, veiculando o conteúdo exatamente da mesma forma como ele é gravado. Os vídeos têm duração média de dez minutos

SOBRE: Salman Khan nasceu em Nova Orleans, Louisiana. Seu pai é de Bangladesh e sua mãe da Índia. Ele foi criado em New Orleans.





Curso Online Aberto e Massivo, do inglês Massive Open Online Course (**MOOC**), é um tipo de Curso Aberto através da web (por meio de AVA e/ou ferramentas das Web 2.0e/ou Redes Sociais) que visam oferecer para um grande número de alunos a oportunidade de ampliar seus conhecimentos num processo de co-produção.

O MOOC tem como raízes o movimento dos Recursos Educacionais Abertos e do Conectivismo. Mais recentemente, uma série de projetos de MOOC têm surgido de forma independente, como **Coursera**, **Udacity**, e **EDX**.

No Brasil, a primeira iniciativa MOOC foi lançada pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) em 2012.

Algumas características dos MOOC's: **acesso aberto e escalabilidade**, licenciamento aberto de conteúdo (Creative Commons), estrutura aberta e metas de aprendizagem, comunidade de prática.

Cursos abertos on-line em massa nos EUA

TOP 10, DE GRAÇA

Cursos on-line das melhores universidades do ranking Times Higher Education (2012-13)

-  **1 Caltech**
Oferece três disciplinas, entre elas Princípios de Economia para Cientistas
coursera.org
-  **2 Universidade Stanford**
Presente em quatro plataformas, reúne seus 22 cursos em um site próprio
online.stanford.edu/courses
-  **3 Universidade de Oxford**
Tem cerca de 2.000 arquivos, entre áudio e vídeo, disponíveis no app da Apple iTunes U*
-  **4 Universidade Harvard**
Um curso de ciência da computação e outro sobre pesquisa na área médica
edx.org
-  **5 Instituto de Tecnologia de Massachusetts**
Primeira instituição do edX, tem três cursos, todos de carreiras de exatas
edx.org
-  **6 Universidade Princeton**
Ao todo, oferece nove disciplinas completas, como Introdução à Sociologia
coursera.org
-  **7 Universidade de Cambridge**
Possui 50 palestras e seminários on-line, destaque para os da área de direito
[iTunes U](http://itunes.u)
-  **8 Imperial College**
Vídeos de sete carreiras, incluindo engenharia, matemática e administração
[iTunes U](http://itunes.u)
-  **9 Universidade da Califórnia em Berkeley**
Possui quatro cursos on-line: três sobre tópicos de computação e um sobre robótica
edx.org
-  **10 Universidade de Chicago**
Boa variedade nas áreas de humanas, principalmente filosofia e ciência política
[iTunes U](http://itunes.u)

*Todas as universidades da lista têm conteúdo no iTunes U, plataforma da Apple com vídeos de seminários e palestras

Dados Abertos & Hackathons

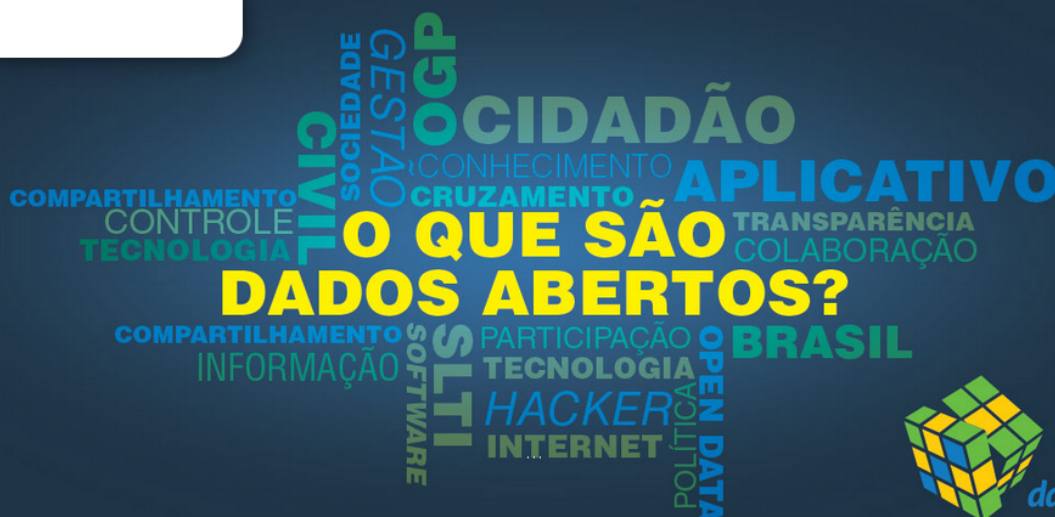
10



Dados Abertos & Hackathons

> **Dados abertos** (open data) correspondem à ideia de que certos dados devem estar disponíveis para que todos usem e publiquem, sem restrições de direitos autorais e patentes ou outros mecanismos de controle. Os objetivos do movimento de dados abertos são semelhantes aos de outros movimentos “abertos”, como o código aberto, conteúdo aberto e acesso livre. A filosofia por trás de dados abertos foi estabelecida há muito tempo, mas o termo “dados abertos” em si é recente, ganhando popularidade com o surgimento da Internet e World Wide Web.

> **Hackathon**, termo que resulta da combinação entre Hack + Marathon, consiste num evento onde programadores, designers e outros intervenientes no processo de desenvolvimento de um software, irão colaborar intensivamente para desenvolverem um projeto num curto tempo, em geral para promover o desenvolvimento de projetos que visem a transparência de informações públicas por meio de tecnologias digitais.



LEI DE ACESSO A INFORMAÇÃO

Levantamento realizado pela Controladoria-Geral da União (CGU) revela que, até o último dia 14 de junho de 2013, **105.024** informações em poder dos órgãos/entidades do Poder Executivo Federal deixaram de ter o acesso restrito em decorrência da Lei de Acesso à Informação (LAI). As informações “desclassificadas” nos últimos 12 meses estão publicadas no site de cada órgão/entidade com base no Decreto nº 7.724/2012, que regulamenta a LAI, segundo o qual, essa publicação deve ocorrer anualmente.

Ainda segundo o levantamento da CGU, o número total de informações “classificadas” (em toda a Administração Federal) chega a 102.949, sendo 97.069 reservadas (prazo de até 5 anos), 5.523 secretas (até 15 anos) e 357 ultrassecretas (até 25 anos).

fonte: <http://www.acessoainformacao.gov.br>



Constituição da Islândia (via Facebook)



Constituição da Islândia (via Facebook)

Em 2011, a rede social Facebook foi a principal plataforma escolhida pelos islandeses para recolher contribuições para a nova Constituição, sendo que a atual Constituição Islandesa é de 1944, quando o país se tornou independente da Dinamarca.

O processo foi mediado por um **conselho de 25 voluntários apartidários**, que postava os textos no **Facebook** depois de cada reunião para que o resto da população pudesse debater a respeito. As discussões se deram através de vídeos do **Youtube** em tempo real, que mostram os debates do Conselho; fotos no **Flickr**; pequenas frases no **Twitter**; no site oficial dos temas (em islandês e em inglês).

A Islândia ficou conhecida mundialmente por ter elaborado a primeira Constituição crowdsourced da história. O texto final passou por referendo e **foi aprovado por dois terços dos islandeses** em 2012. A ideia islandesa já foi copiada em países como Irlanda, Bélgica, Holanda, Canadá.

facebook

Email or Phone

☐ Keep me logged in

Password

Log In

[Forgot your password?](#)

Stjórnlagaráð
is on Facebook.

To connect with Stjórnlagaráð, sign up for Facebook today.

Sign Up

Log In



Stjórnlagaráð

6,071 likes · 6 talking about this · 105 were here

Government Organization · Organization

About

Photos

Likes

Map

Events

Highlights



Stjórnlagaráð
April 10, 2012

This interesting video was made for the Finnish parliament about the constitutional process in Iceland:

<http://www.youtube.com/watch?v=4uJOjh5QBgA&feature=youtu.be>

Like · Comment

19 2 11



Stjórnlagaráð changed their cover photo.
March 3, 2012



Recent Posts by Others on Stjórnlagaráð

See All



Dallas Hills

ok how is the economy doing and life after the bann...
September 4 at 4:42pm



Jorge D. F. Martinez

You're a fantastic example to the world. Greetings fro...
April 23 at 1:36pm



Anna Christodoulaki

GREECE NEEDS THIS LESSON!!!!!!!!!!!!BRAVO ICELAND!!!!...
April 20 at 3:14am



Pimohtewin Maskwa Iskewew

Canadians need to take a lesson or two from you!!! Gr...
April 11 at 4:13pm



Rainer María Hauser Molina

Dear people, This process of yours, is very significant...
March 25 at 8:46am

More Posts

"Estivemos esperando muito tempo, enquanto a tecnologia já existia, mas agora é a primeira vez que ela está desenvolvida e expandida o bastante para que realmente se possa usá-la (para a política)", Bergmann, idelizador da iniciativa. (fonte: <http://tecnologia.terra.com.br>)

Grupo Anonymous

12



Grupo Anonymous

Originado em 2003, o Anonymous representa o conceito de muitos usuários de comunidades online existindo simultaneamente como um cérebro global. Em outras palavras, um grupo descentralizado que atua de forma anônima. O grupo, em grande parte, é composto por usuários de vários imageboards e fóruns da Internet. Sem um líder definido, e partido político claro, os hackivistas se comunicam por esses meios para coordenar as próximas ações.

O grupo tem como uma de suas marcas uma **máscara** que transpõe certo ar de mistério, e que foi vista por muitos no filme “V de Vingança”. O filme dos irmãos Wachowsky é uma adaptação do romance homônimo “**V FOR VENDETTA**”, a graphic novel (romance gráfico) escrita por Alan Moore e desenhada por David Lloyd, e que foi publicada entre 1982 e 1988 no Reino Unido.

A história do romance se passa em um futuro utópico (1997 – agora passado futurista alternativo), onde um partido com fortes tendências totalitárias consegue chegar ao poder após uma guerra nuclear, e inicia um regime fascista sobre todo o Reino Unido. Neste cenário opressor, surge um homem vestido de preto e usando uma máscara estilizada de Guy Fawkes, que inicia várias ações anarquistas a fim de desestabilizar o governo.

ANONYMOUS NAS MANIFESTAÇÕES (BRASIL, 2013)

Os representantes do Anonymous no Brasil participaram amplamente dos protestos e se organizaram para maiores resultados. Começaram com **ataques hackers contra sites governamentais brasileiros**, o primeiro foi o site de educação de São Paulo no dia 13 de Junho. Logo depois, no site Anonymous Brasil, postaram vários textos mostrando como o reajuste de passagem por conta da economia é uma farsa e marcando horas e datas para protestos no Brasil. Continuaram divulgando textos mostrando como a corrupção tomou conta do Governo Brasileiro nos dias seguintes. No dia 17 de Junho, **hackearam o site oficial da copa na cidade de Cuiabá** mostrando um vídeo em que comprovavam os atos de violência da Polícia Militar do Brasil. Nessa mesma data foi marcado um novo protesto em todo o Brasil, onde centenas de milhares de pessoas foram as ruas em todo o país. No dia 18 de Junho **hackearam o site do Partido do Movimento Democrático Brasileiro** mostrando fotos dos protestos. No dia 19 de Junho, hackearam o twitter da revista Veja. No mesmo dia **hackearam o instagram da Presidente do Brasil, Dilma Rousseff** e postaram fotos apoiando os protestos. No dia 20 de junho, organizaram a manifestação onde um milhão de pessoas foram as ruas em dezenas de cidades no país, capitais e do interior, muitas pessoas aderiram a máscara do meme que representa o grupo.

fonte:

pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous



Algumas frases retiradas na página www.anonymousbrasil.com :

"Nós somos uma idéia. Uma idéia que não pode ser contida, perseguida nem aprisionada."

"Nós não somos uma organização e não temos líderes."

"Queremos um debate honesto com todos aqueles que, assim como nós, compartilham desse desejo de mudança."

"Nós somos os 99% da população que se levanta contra a tirania de 1% e estamos nos organizando mundialmente com este objetivo."



Anonymous Brasil

SÉRGIO CABRAL, CADÊ O AMARILDO ??

Amarildo Dias de Souza era pedreiro e ganhava meio salário mínimo, casado, pai de seis filhos que estão passando por dificuldades, está desaparecido desde que foi sequestrado na Rocinha por policiais da UPP. O Brasil está cheio de Amarildos em todo lugar. Em 2012 foram mais de 2000 desaparecidos de 2012 só no Rio de Janeiro! O Amarildo representa eles e muito mais!

Lutar pelo Amarildo é mostrar que está cansado dessa política inescrupulosa, cansado seja de qual partido for, PMDB, PSDB, PT!
De todos!! Por isso vamos continuar nas ruas e mostrar pra todos esses políticos o que queremos! E o que queremos?!

O Rio quer saber onde está o Amarildo!
O Brasil quer saber onde está o Amarildo!

O BRASIL QUER SABER, SENHOR GOVERNADOR, PARA ONDE A POLÍCIA MILITAR DO RIO DE JANEIRO LEVOU O AMARILDO!!!



anonySocial a rede social Anonymous, entre e compartilhe ideias.



Cadastre-se
Junte-se a nós.

*Nome Completo ou Apelido:

*E-mail:

Favor digite seu E-mail novamente

*Senha:

*Data de nascimento: Dia: / Mês: / Ano:

*Sexo: Seleccione:

Cadastre-se



ANONYSOCIAL REDE SOCIAL LANÇADA PELO GRUPO EM ABRIL DE 2013, PARA REUNIR ADEPTOS E APOIADORES DO GRUPO HACKER E ESCAPAR DAS CENSURAS DO FACEBOOK.

13

Occupy Wall Street



Occupy Wall Street

Movimento sem líderes que surgiu para protestar de forma não violenta contra o sistema capitalista, a corrupção e a favor da democracia e da liberdade. Foi convocado em julho de 2011, através da organização anticonsumista **Adbusters**, e reuniu milhares de pessoas nas proximidades de Wall Street, rua que é o coração financeiro dos Estados Unidos, em Nova York. O movimento tomou proporções maiores, gerando protestos em vários estados do país.

Em seus 55 dias, o movimento "Occupy Wall Street" inspirou mais de **4.4 milhões** de tweets, **419.000** posts em fóruns e **394.000** menções em blogs.

(FONTE: <http://banyanbranch.com>)



POSTERS (Estéticas do Movimento)



1.000 Edições destes cartazes em tamanho 18X24 foram impressos pela coleção “White Space Collection” com distribuição gratuita na Flórida.

CRONOLOGIA DO OCCUPY WALL STREET

Julho de 2011 - A edição de julho da revista Adbusters lança a primeira proposta de manifestação pacífica em Wall Street.

17 de setembro de 2011 - Primeiro dia oficial do movimento. Cerca de mil pessoas se reuniram em Zuccotti Park, parque urbano situado no sul de Manhattan, próximo a Wall Street.

20 de setembro de 2011 - Primeiras prisões, de manifestantes que usavam máscaras.

24 de setembro de 2011 - Cerca de **80 manifestantes** foram presos pela polícia de Nova York

25 de setembro de 2011 - O grupo de ativismo **hacker Anonymous** ameaça a tirar do ar o site da polícia de Nova York, em represália às prisões

1º de outubro de 2011 - Marcha pela ponte do Brooklyn reúne **15 mil pessoas**. Cerca de 700 manifestantes foram presos.

5 de outubro de 2011 - Sindicalistas, desempregados e representantes estudantis se juntaram aos manifestantes. Cerca de 200 tentaram transpor barreiras colocadas pela polícia, que prendeu aproximadamente 100 pessoas e usou spray de pimenta.

13 de outubro de 2011 - O prefeito de Nova York, **Michael Bloomberg**, pede a desocupação de Zuccotti Park para limpeza. Os manifestantes propõe que eles mesmos limpem o espaço. Foi quando a polícia proibiu os manifestantes de levar equipamento de acampamento para a praça.

15 de novembro de 2011 - Um dos dias mais violentos do movimento. A polícia abordou os manifestantes à 1h da manhã e esvaziou **Zuccotti Park**.

1º de maio de 2012 - Protestos em Oakland, Califórnia, são abafados pela polícia com gás lacrimogênio. Dezenas de pessoas foram presas.

Trechos do primeiro comunicado oficial do #occupywallstreet

*“Unidos como povo, reconhecemos a realidade: que o futuro da raça humana exige a cooperação de seus membros; que nosso **sistema** deve proteger nossos direitos e que, ante a corrupção desse sistema, resta aos indivíduos a proteção de seus próprios direitos e daquelas de seus vizinhos; que um governo **democrático** deriva seu justo poder do povo, mas as corporações não pedem permissão para extrair riqueza do povo e da Terra; e que nenhuma **democracia real** é atingível quando o processo é determinado pelo poder econômico. Nós nos aproximamos de vocês num momento em que as corporações, que colocam o lucro antes das pessoas, o interesse próprio antes da justiça, e a opressão antes da igualdade, controlam nosso governo. Nós nos reunimos aqui, pacificamente, em assembleia, como é de **direito** nosso, para tornar esses fatos públicos.*

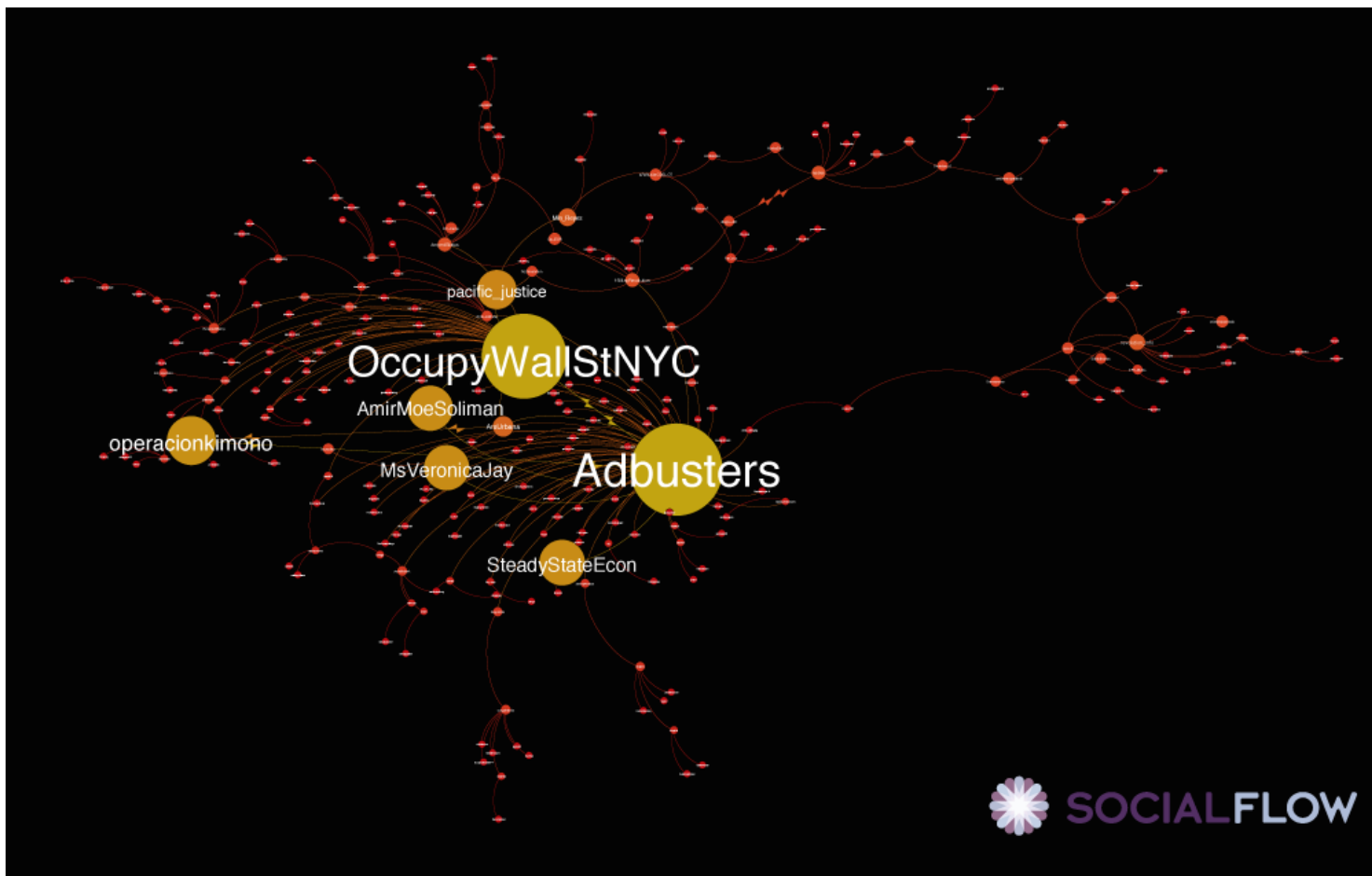
Publicado no blog do movimento: <http://occupywallst.org> em 29/set/2011



Gráfico Hashtag # OccupyWallStreet

Este gráfico de rede representa todos os tweets que incluíram a hashtag # OccupyWallStreet nos primeiros 10 dias desde que foi publicada pela Adbusters em 13 de julho de 2011. O tamanho e a cor dos nós representam sua importância na divulgação da palavra. Quanto mais claro e maior um nó, mais influente é, em termos de divulgação de informações.

fonte: <http://blog.socialflow.com>



Primeiros posts publicados com a hashtag **#OccupyWallStreet**:

@Adbusters: "Can we get 20,000 people to barricade Wall Street until their demand for real democracy is met? <http://bit.ly/re9ENL> #occupywallstreet"

@OccupyWallStNYC: "Can we get 100,000 invites on the Facebook #occupywallstreet page before Friday at Noon? <http://t.co/yeYdPJ2>"

@jnjcasper: "Is #tahrir coming to America? Call on Sept17 to #occupywallstreet. Interesting. Scary. So far, weak, but don't dismiss. <http://t.co/mTb73FZ>"

@GuyAitchison: "I wonder if this will catch on – a call to Occupy Wall Street on 17th September <http://bit.ly/re9ENL> via @adbusters #occupywallstreet"



OccupyWallStreet

You're working for capitalism. Is capitalism working for you?

[News](#)
[LiveStream](#)
[InfoTent](#)
[Action](#)
[Forum](#)
[Chat](#)
[Map](#)
[InterOcc](#)
[About](#)
[Donate](#)






Solidarity With All Hacktivists

Posted 1 day ago on Dec. 4, 2013, 11:21 a.m. EST by [occupyalerts](#)

Tags: [Jeremy Hammond](#), [political prisoner](#), [Anonymous](#)



Info Line: (516) 708-4777
General Inquiries:
general@occupywallst.org
Press Inquiries:
press@occupywallst.org
Emergency SMS Loop:
Text "@occupyalert" to 23559
Sign: [The Pledge to FIGHT BACK](#)
Watch: [The world we're building](#)
Read: [This call to action](#)

Please Join Our Mailing List

Occupy Wall Street is a leaderless resistance movement with people of many [colors](#), genders and political persuasions. The one thing we all have in common is that [We Are The 99%](#) that will no longer tolerate the greed and corruption of the 1%. We are using the revolutionary [Arab Spring](#) tactic to achieve our ends and encourage the use of nonviolence to maximize the safety of all participants.

the only solution is
WorldRevolution

15M, DRY
(Democracia Real Ya)

14



15M, DRY (Democracia Real Ya)

O movimento 15M surgiu após de uma passeata que aconteceu no dia **15 de maio de 2011** em todo o país, com objeto de reagir contra as políticas implementadas contra a crise econômica pelo governo espanhol - ditadas pelos poderes econômicos, destinadas a contentar os poderes econômicos acima dos interesses e necessidades da população. Essa passeata, preparada com meses de antecedência por vários coletivos e pessoas, foi um sucesso e foi reproduzida em todo o país, já que em todas as cidades aconteceu a sua manifestação.

Em Madrid, ao final da passeata, um pequeno grupo de pessoas acampou na praça principal da cidade, a “Puerta del Sol” com objeto de visibilizar o problema. No entanto foram despejados na manhã seguinte e como resposta inesperada, até pelas pessoas que participavam do movimento, milhares de pessoas começaram a chegar à praça e ficaram no local durante três semanas, criando um acampamento que crescia e reorganizava-se.

Tudo isso ocorreu nas vésperas das eleições locais e regionais (em 22/05), que ocuparam menos espaço nas manchetes do que o novo movimento que nascia, crescia e se espalhava por todo o país, mesmo com as tentativas de dissolução pelos poderes públicos.

Algumas frases do movimento 15M

"No nos representan"

"Toma la plaza"

"Cuando se apagan las farolas brilla Sol"

"Error del sistema"

"Juventud sin futuro"

"Error 404. Democracy not found"

"¡Indígnate!"

"¡Democracia Real YA!"

"Toma la calle"

fonte: www.movimiento15m.org

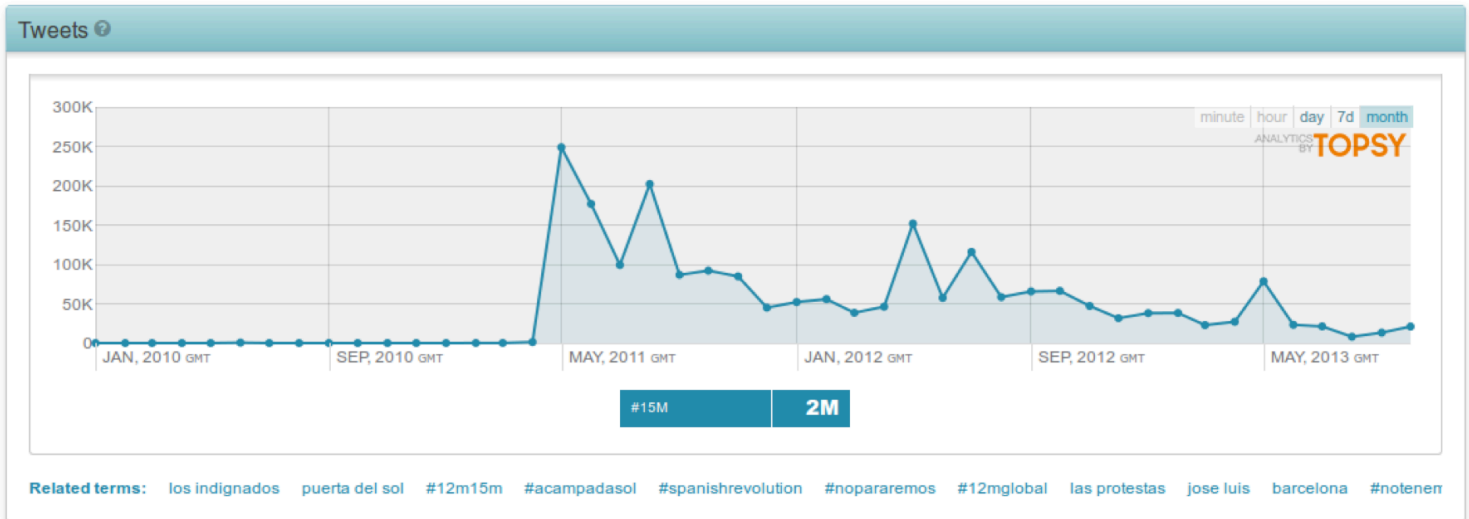


Em 17 de maio de 2011 a página de **¡Democracia Real Ya!**, propulsora da manifestação do dia 15,500 associações bastante diversas, mas seguia ignorando a colaboração de partidos políticos e sindicatos, defendendo a **independência** dos protestos de qualquer ideologia política institucionalizada.



Tweets #15M

Volume de tweets com a hashtag #15m, uma das hashtags usadas durante as manifestações políticas na Espanha.



Instagram - #15M #democraciarealya



Facebook Acampada Sol



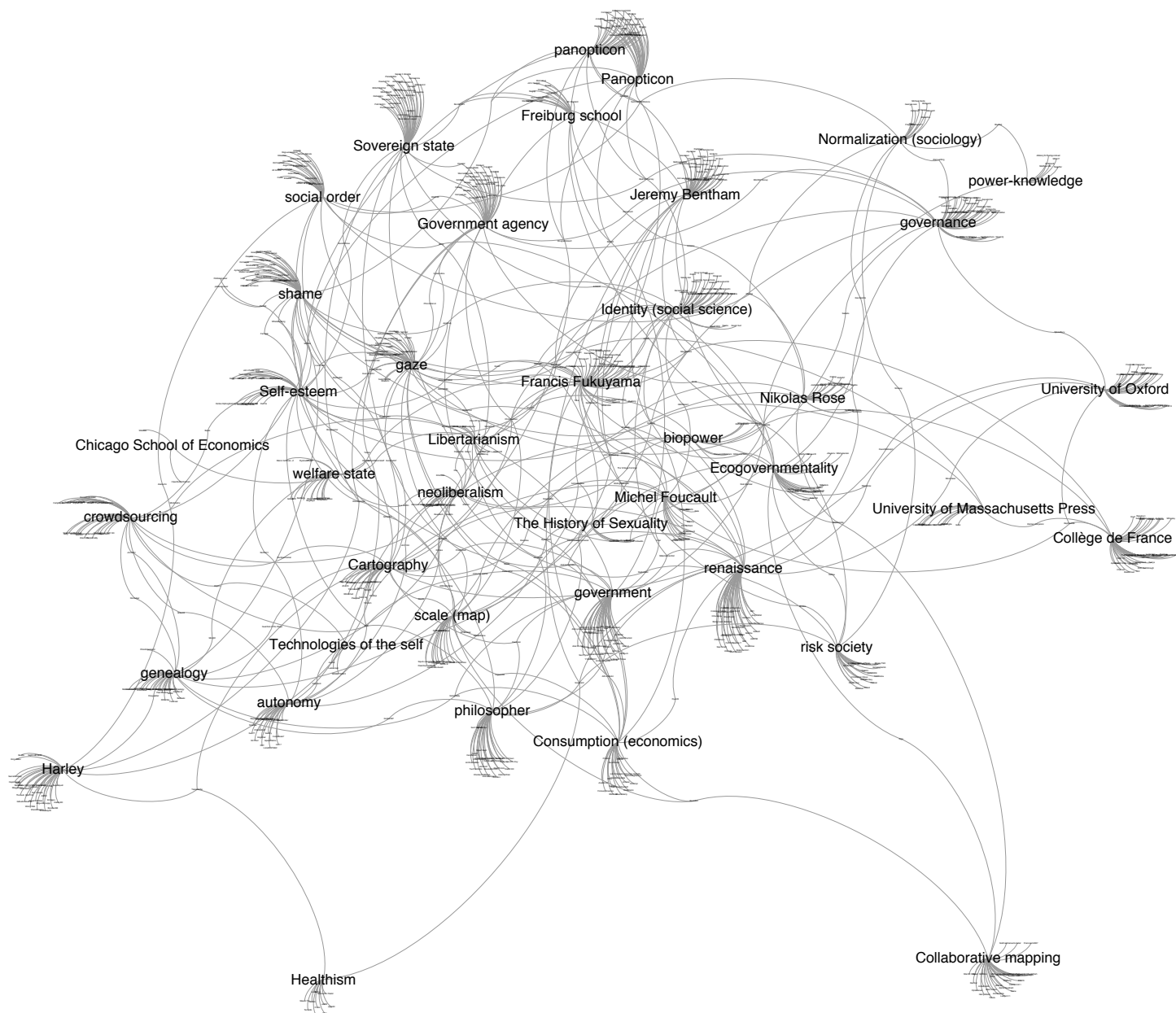
43K
likes



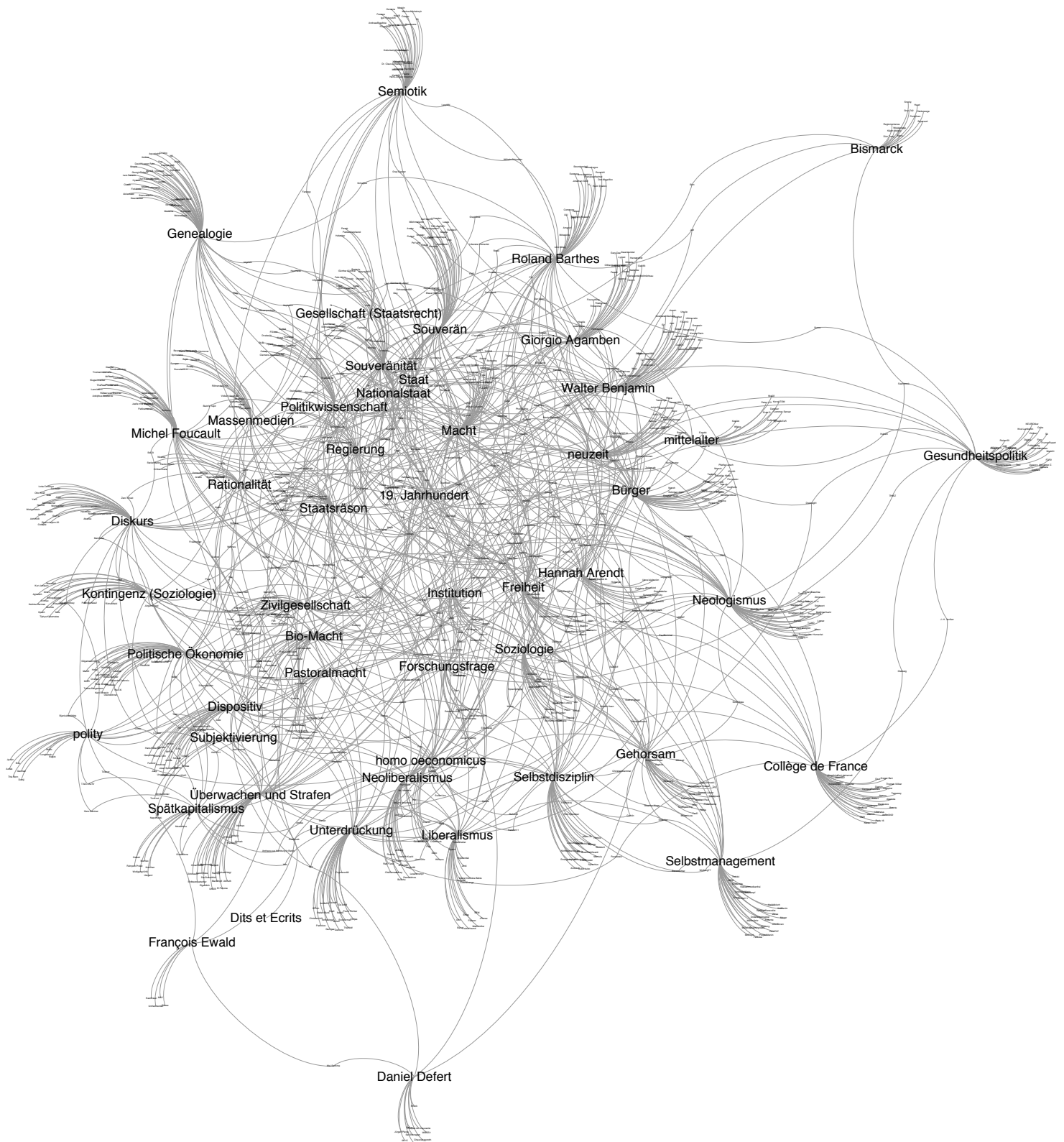
ANEXO II – Wikipédia

ANEXO II – WIKIPÉDIA

Termos e Colaboradores que Editaram o Termo *Governmentality* Wikipédia – Inglês



Termos e Colaboradores que Editaram o Termo *Gouvernementalität* Wikipédia - Alemão



**ANEXO III – Gráfica Autoridade, Hab e Ocupação #hashtags – Manifestações de Junho –
Brasil / 2013**

ANEXO 5 – GRÁFICOS AUTORIDADE E HUB – MANIFESTAÇÕES BRASIL

Evolução do ranking de “Autoridade” dos nós de rede no Facebook durante 6 manifestações de Junho convocadas pelo MPL



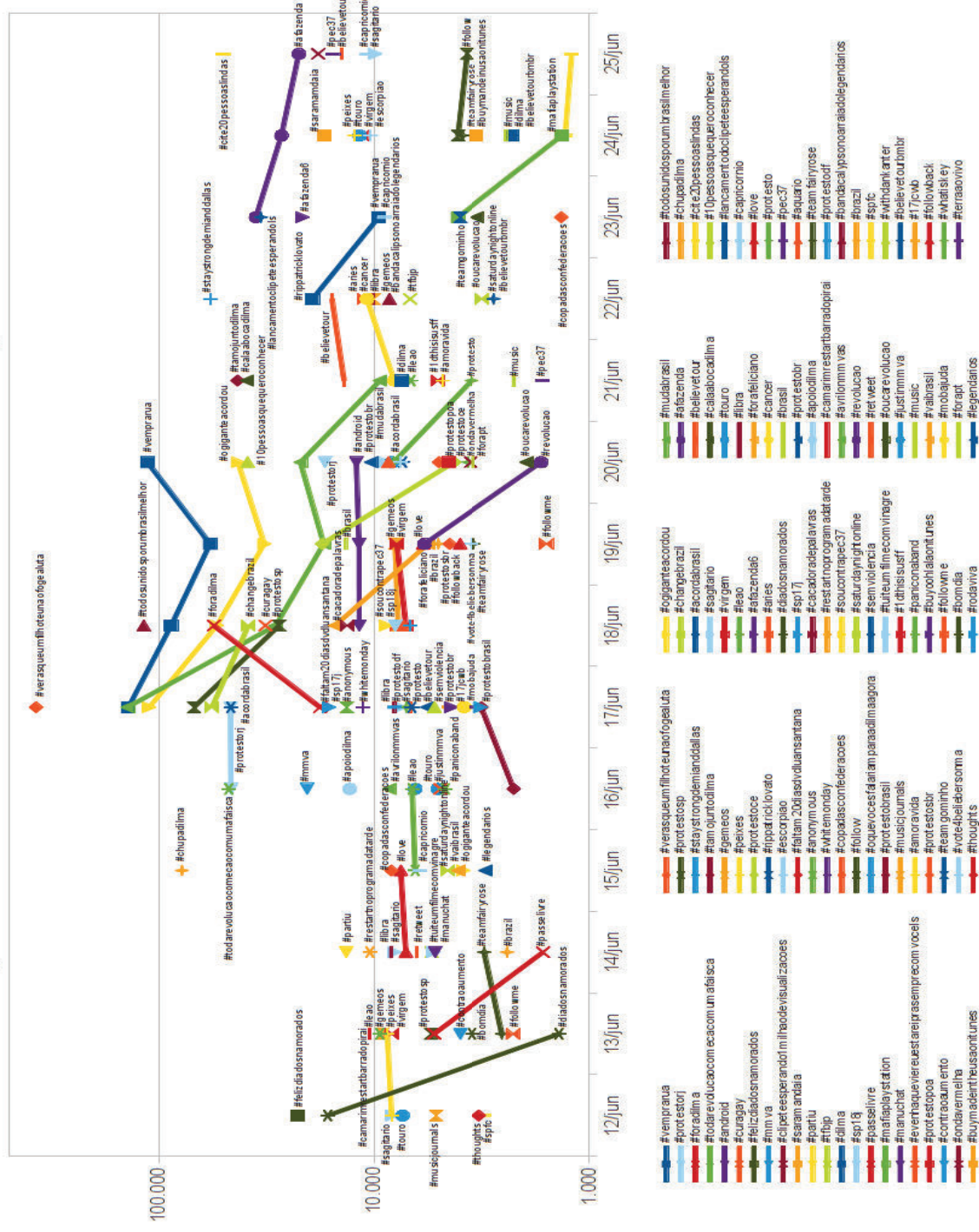
Fonte dos dados: <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>

Evolução do ranking de “Hub” dos nós de rede no Facebook durante 6 manifestações de Junho convocadas pelo MPL



Fonte dos dados: <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>

Hashtags mais usadas no Twitter no Brasil de 12 a 25 de junho de 2013



ANEXO IV – Mapa Conceitual

